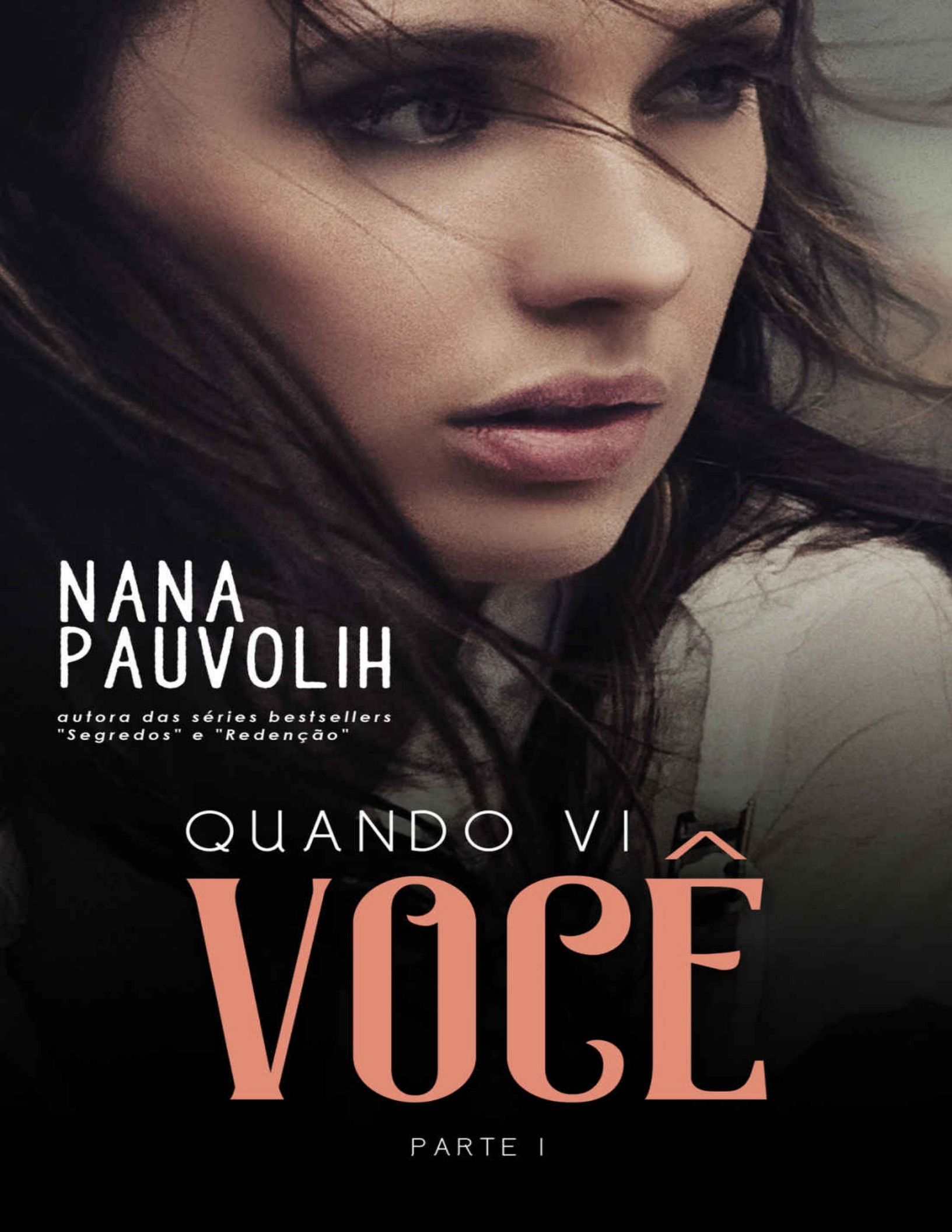




NANA
PAUVOLIH

*autora das séries bestsellers
"Segredos" e "Redenção"*

QUANDO VI
VOCE

PARTE I



PERIGOSAS NACIONAIS

NANA
PAUVOLIH

*autora das séries bestsellers
"Segredos" e "Redenção"*

QUANDO VI
VOCE

PARTE I

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018, Nana Pauvolih
Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610 de 19/02/1998.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico
sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

2^a Edição

Revisão :
Shirley Ramos
Elaine Cardoso

Capa :
Henrique Moraes

Diagramação :
Andreia DS

Querido leitor

Eu dedico este livro a você.

Ele foi construído capítulo a capítulo com todo amor e toda dedicação que sempre coloco no meu trabalho.

Esse romance começou a se escrito por volta de 2005 e completei em 2013, sendo tão bem recebido que acabou ganhando uma continuação.

Espero que você possa sonhar e se apaixonar com João Pedro e Ana Flor.

É só começar. Cada página aqui espera por você.

Abraços,

Nana Pauvolih.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CONTEÚDO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

Capítulo 1

O olhar

*Eu vi quando você me viu
Seus olhos pousaram nos meus
Num arrepio sutil
Eu vi... pois é, eu reparei
Você me tirou pra dançar
Sem nunca sair do lugar
Sem botar os pés no chão
Sem música pra acompanhar
Foi só por um segundo
Todo o tempo do mundo
E o mundo todo se perdeu
Eu vi quando você me viu
Seus olhos buscaram nos meus
O mesmo pecado febril
Eu vi... pois é, eu reparei
Você me tirou todo o ar
Pra que eu pudesse respirar
Eu sei que ninguém percebeu*

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi só você e eu.

(Cupido — Cláudio Lins)

PERIGOSAS ACHERON

ANA FLOR

Eu o vi pela primeira vez em uma foto.

Desde o primeiro momento em que o fitei naquela fotografia sobre o aparador da sala, senti que algo dentro de mim mudou. Foi estranho e intenso. Avassalador. Nenhum homem real havia me abalado tanto em meus vinte e dois anos de vida. Como uma foto sem vida ou movimento podia mexer tanto comigo? Seus olhos pareciam fixar os meus, tão intensos e profundos que senti a pele arrepiada e o coração acelerado. Tentei raciocinar com clareza. Mas tudo o que consegui fazer foi ficar parada, olhando para ele.

O pior de tudo foi que isso aconteceu no escritório da mansão em que meu noivo morava com os pais e que o homem da foto não era o meu noivo. Era o primo dele, de quem eu já ouvi muito falar, mas que estava fazendo doutorado na Alemanha e eu ainda não conhecia. Nunca o tinha visto, até aquele dia em que Vítor me deixou sozinha no escritório e saiu por um momento, e então meus olhos se fixaram naquela foto.

Isso já havia acontecido há uns dois meses, mas ainda me incomodava. E agora que Vítor estava em

meu apartamento, sentado confortavelmente no sofá, contando pra mim e para minha mãe que o primo chegaria naquele fim de semana, aquela foto parecia ainda mais vívida em minha mente.

Eu me remexi no sofá, incomodada e com sentimento de culpa, sem saber ao certo o que era tudo aquilo. Fitei minha mão, entrelaçada com a de Vítor em seu colo, e a linda aliança com um diamante solitário que brilhava em meu dedo anelar direito. Noiva. Meu Deus, eu ainda me assustava por ter concordado em ficar noiva tão rápido. Nós nos conhecíamos há apenas oito meses! E Vítor insistia em casamento. O mais rápido possível.

Ergui os olhos para o belo homem ao meu lado, que conversava animadamente com minha mãe, sem sequer imaginar tudo o que passava em minha mente. Vítor era o sonho de qualquer mulher. Alto, loiro, lindo, rico, bom caráter. Todas as minhas amigas me invejavam. Bem, todas não. Paola, minha melhor amiga, o achava pedante e mimado. Mas todas as outras, até a minha mãe, não se cansavam de falar que tirei a sorte grande quando um homem daqueles se apaixonou por mim e fez de tudo para me conquistar.

Eu mesma tentava me convencer de que eu era

uma sortuda. Por que então aquela dúvida me espezinhando? Por que eu fugia e não marcava a data do casamento? Por que aquele homem moreno de densos cabelos negros e olhar penetrante, que só vi na foto, era o rosto que eu via em minha mente todas as noites ao me deitar para dormir e ao me levantar?

Culpa dos malditos livros. Só podia ser. Minha mãe e Paola brigavam comigo porque eu era viciada em romances, daqueles bem açucarados, com amores intensos e eternos, nos quais o casal se apaixonava loucamente e vivia feliz para sempre. Elas implicavam tanto com aqueles livros “bobos”, “fora da realidade”, que cheguei ao ponto de ler escondido delas. Mas talvez tivessem razão. Eu tinha que parar de sonhar e viver a realidade. Aqueles romances de livro eram só ficção. Amores daquele tipo não existiam.

— O que você acha, Florzinha?

A voz bem modulada do meu noivo penetrou meu pensamento irrequieto. Olhei de imediato para ele, encontrando seus risonhos olhos castanhos fixos em mim.

Tive vontade de pedir mais uma vez para Vítor não me chamar de Florzinha, mas eu sabia que não

ia adiantar. Ele adorava, dizia combinar comigo. E como eu podia reclamar se minha mãe foi ter a criativa ideia de me dar o nome de Ana Flor?

Não respondi, pois não sabia do que ele falava, já que passei metade da conversa deles mergulhada em minhas próprias conjecturas. Sorri meio sem graça e falei:

— Sobre o quê?

Minha mãe suspirou e eu nem a olhei, pois sabia que ela odiava quando eu fazia isso de me desligar na conversa e me distrair com meus pensamentos.

— Quer ir ao aeroporto amanhã comigo e com os meus pais buscar o João?

— Não, eu tenho que trabalhar e...

— É à noite, querida.

— Acho melhor não. Tenho umas coisas a fazer... e talvez ele prefira ver só a família.

— Você é da família. Esqueceu que é minha noiva? Estou louco para te apresentar a ele. Sabe que o João é como um irmão para mim.

Sim, eu sabia. João Pedro Valente foi morar na casa de Vítor quando tinha doze anos e foi criado pelos tios até se formar em Medicina, começar a trabalhar e comprar seu próprio apartamento. Vítor falava muito dele. Era quase como se eu já o

conhecesse, embora eu sempre tivesse vontade de saber mais.

Freei aqueles pensamentos indesejados, já ansiosa demais por não conseguir controlá-los. Eu não devia pensar naquela foto ou no que Vítor me falava. Logo eu ia encontrar aquele homem e ver que tudo não passou de um encanto superficial por um homem lindo. Sim, pois ele era lindo de morrer. Pelo menos na foto.

Droga! Não pense! Reaja!

— Realmente prefiro não ir amanhã.

— Certo. Mas sábado faremos uma festa de boas-vindas para ele lá em casa e espero que vocês duas compareçam. — Iremos, com certeza. — Isabel, minha mãe, sorriu para ele. Ficava sempre maravilhada quando Vítor ia ali em casa, fazendo de tudo para agradá-lo e deixá-lo à vontade.

— Posso levar a Paola? — indaguei.

Vítor não fez uma cara das mais felizes, o que me fez dar uma risada. Ele e minha melhor amiga não simpatizavam muito um com o outro. Era até engraçado ver as caretas de nojo que um fazia para o outro.

— Se você insiste, Florzinha.

— Bom, tenho um monte de coisa pra fazer no

quarto e vou deixar os pombinhos namorando em paz. — Minha mãe se levantou, charmosa e elegante como sempre. Mesmo em casa ela vivia bem penteada e arrumada. Nunca era pega à vontade, desleixada ou mesmo suada. Eu sempre ficava impressionada com sua vaidade e seu cuidado com a aparência. — Depois nos falamos mais, Vítor.

— Claro, Isabel. — Ele sorriu.

Também sorri e depois que ela saiu, virei para meu noivo. Ele me observava com carinho, de um jeito especial que me fazia sentir querida e amada. Acho que por isso ficamos juntos, acabei namorando e concordando com aquele noivado tão rápido. Sempre tive dúvidas, mas ele me envolveu de um jeito que me deixava sem justificativas para dizer não.

— Estava com saudade de você — ele disse, como se não tivéssemos nos visto há menos de dois dias. A mão que não estava entrelaçada com a minha acariciou suavemente meu rosto.

Fitei seu belo rosto, emoldurado pelos cabelos ondulados e de um loiro escuro. Era lindo, com traços fortes, nariz reto e um sorriso aberto. Ninguém acreditou quando eu o recusei, na

primeira vez em que nos encontramos na balada. Ele fez de tudo pra ficar comigo, eu disse não e minhas amigas gritaram que eu era louca. Nas vezes seguintes que ele tentou, também neguei e elas quase me mataram. Mas, por fim, a insistência dele, seu bom humor e o fato de minha mãe e Paola insistirem que eu deveria parar de sonhar tanto e viver mais, me fizeram ficar com ele. Vítor insistiu mais e uma vez virou duas, duas viraram quatro e quando vi ele já me namorava em casa.

Tudo foi rápido demais. Ele dizia me amar, me enchia de beijos e de carinho, queria ser meu príncipe encantado. Fui sincera desde o início, disse que gostava dele, mas que também queria viver um grande amor, me apaixonar. No início ele riu, achou engraçado, mas quando me neguei terminantemente a dormir com ele, compreendeu que não era brincadeira. Tola ou sonhadora, eu realmente só me entregaria ao homem da minha vida. E não sabia se aquele homem podia ser ele.

Vítor ficou abismado por eu ser virgem aos vinte e dois anos. Por nunca ter namorado sério. E então fez de tudo para que eu me apaixonasse por ele. Chegou a me convencer de que com o tempo eu o amaria como ele me amava e daí por diante me

deixei levar pelos planos dele, gostando de ser mimada e querida, tentando realmente entender que o amor devia ser aquele carinho e companheirismo, aquela amizade e atração. Eu gostava dele, de seus beijos, de sua conversa. O que mais eu poderia desejar? Ficaria velha e encarquilhada esperando um amor de folhetim, deixando a vida passar?

Também acariciei seu rosto bronzeado e nos beijamos na boca. Ele era experiente, sabia beijar muito bem e me excitava. Algumas vezes pensei em arriscar, esquecer os sonhos tolos de só ir pra cama com um homem quando eu tivesse a certeza de o amar, e fazer amor com Vítor. Mas então eu sentia que ainda não queria realmente aquilo e decidia esperar um pouco mais.

Interrompi o beijo e recostei no sofá. Perguntei:

— Como vai ser essa festa no sábado?

— Nada muito grande. Minha mãe chamou alguns amigos mais próximos e parentes, contratou um buffet, um grupo musical, e vamos nos reunir no jardim e em volta da piscina. João não queria nada, mas você conhece a minha mãe. Nunca deixaria a volta dele passar em branco.

— Você está feliz porque ele está voltando, não é?

— Claro. Somos muito amigos. Talvez ele possa me ajudar a convencer você a se casar comigo. Ele sabe como foi um custo você aceitar esse anel de noivado.

Baixei os olhos novamente para o anel em meu dedo. Estava ali há pouco mais de dois meses. Realmente tive muitas dúvidas. Fitei-o novamente.

— Sabe, Vítor, acho que você me vê como um desafio. O fato de não nos relacionarmos sexualmente, de que relutei em noivar, faz com que você tenha pressa. Por que não vamos mais devagar e deixamos a coisa acontecer?

— Florzinha, já falamos disso um milhão de vezes! Tenho vinte e nove anos. Quero casar e ter filhos. Sou louco por você! Por que esperar? Tudo bem, você ainda vai fazer vinte e três anos, é a mulher mais romântica que já vi na vida e parece ter vindo do século passado! Mas tenho certeza de que vai entender que me ama e logo suas dúvidas vão se dissipar. — Ele acariciou meu cabelo, me olhando com adoração e piscando um olho. — Que tal nos casarmos no final do ano?

— Você não tem jeito. — Suspirei, fugindo de uma resposta direta.

— Certo, hoje não vou insistir. Mas conto mesmo

com os conselhos do João pra me ajudar nessa empreitada.

— Por quê? Ele é um bom conselheiro?

— Em assuntos de casamento, ele está fora. Duvido que ele sequer cogite essa ideia um dia. Só se ele se apaixonar louca e irrevogavelmente como eu, assim sem esperar. Mas o fato é que João é um homem muito centrado e decidido. Talvez ele me dê umas dicas eficientes de ataque.

— Parece que você vai pra uma guerra! — Tentei brincar.

— É uma guerra para conquistar seu coração, querida.

Eu ri de brincadeira, mas aquela conversa toda me incomodava. Também não queria falar de João Pedro Valente, mas toda vez que ele era citado em uma conversa eu me via bebendo sofregamente todas as palavras sobre ele.

Aquilo era muito louco. Eu me sentia louca. Assim, não via a hora de ver aquele homem pessoalmente e esquecer sua foto.

Por um momento, pensei acerca do que Vítor disse sobre o primo ser avesso ao casamento. Por quê? Alguns comentários me deram a impressão de que ele teve sérios problemas no passado, por isso

foi morar com os tios. Mas nunca perguntei nada e Vítor não me explicou. A curiosidade foi grande naquele momento e indaguei:

— Por que seu primo é assim tão contra o casamento?

— A vida do João é meio complicada. — Vítor pareceu pensativo, um tanto sem graça. Eu já ia dizer que não precisava contar nada, mas ele continuou: — Os pais eram meio doidos, viviam em farras e ele assistiu muita loucura. Meus pais ficavam cheios de preocupação e fizeram de tudo para ficar com a guarda dele, mas só conseguiram quando tinha doze anos. Muito estrago já tinha sido feito na cabeça dele. Felizmente, João deu a volta por cima. Mas aí conheceu uma mulher, bem mais tarde. Nem gosto de falar sobre isso, é pesado demais.

— Não precisa falar. — Disse rápido, embora querendo saber tudo sobre ele.

— Confio em você, Florzinha. Vou te contar depois com calma. O negócio é que não deu certo com essa mulher, acabou mal. E ele ficou um pouco desconfiado com as mulheres. Menos com a Fernanda.

— Quem é Fernanda?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amiga do João há um tempão. Ela estudou com a gente na mesma escola e os dois se tornaram unha e carne. Depois fizeram faculdade de Medicina juntos e ambos trabalham na Santa Casa, só que ela é dermatologista e ele neurocirurgião.

— Eles são namorados?

Vítor deu uma risada.

— Você não entenderia, meu amor.

— Por que não? — Estava curiosa.

— Eles transam e são amigos. E um pouco mais. Ah, droga, vou te falar! Olha isso aqui. — Vítor pegou sua carteira e tirou de dentro dois convites pequenos e negros, com letras em vermelho e chamadas ao fundo. Eu peguei um e li:

NOITE DO BAILE DE FANTASIA EXCLUSIVA PARA CLIENTES VIPS SOMENTE NO CLUBE VORAZ

E havia o endereço e data para dali a uma semana, no sábado, com horário marcado às 23h00 horas. Franzir o cenho.

— Mas o que é isso?

— Fernanda me deu. Ela é dona de uma parte desse clube e na verdade é o que mais gosta de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer. João costuma dizer que ela vai largar a Medicina e se dedicar só ao clube. É exclusivo, só entram sócios ou convidados dos donos. João é sócio. E ela me convidou. Posso levar uma acompanhante.

— Mas é um clube de quê?

Ele sorriu sem graça.

— De sexo.

Eu o olhei quieta. Pensei um pouco. João era sócio. Por fim, perguntei com cuidado:

— As pessoas vão lá para transar?

— Sim, entre outras coisas.

— Mas...

— Tem de tudo, querida. Mas o principal são as sessões de sadomasoquismo. Alguns vão apenas assistir. Outros participam.

— Você... já foi?

— Algumas vezes.

Fiquei um pouco chocada.

— Quer dizer que seu primo e a tal Fernanda são tarados? Gostam de bater e apanhar na frente de outras pessoas?

Vítor deu uma gargalhada e me abraçou, mas eu estava preocupada demais para retribuir. Por fim, acariciou minha mão e explicou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fernanda curte essas coisas e João a acompanha de vez em quando. Ele me disse que não é bem adepto do BDSM, mas curte. Aprendeu muitas coisas durante esse tempo todo com Fernanda. Ei, que carinha de decepcionada é essa? As pessoas tem seus desejos e taras, querida. Você ainda é virgem e muito pura, mas quando começar a sua vida sexual, vai descobrir vários outros desejos. E não se preocupe, até que sou bem tradicional! Já te falei que estou disposto a ter você como discípula a hora que quiser.

— Vítor...

— Tá, eu sei, não vou insistir. Mas vi que ficou curiosa. Quer ir comigo nesse clube?

Arregalei os olhos.

— Está louco?

— Não precisa fazer nada. É só olhar. Juro que não toco em você. Vamos, você pode até gostar. — Piscou para mim.

— Não — falei na hora. Mas só de imaginar João lá, eu me enchia de pensamentos malucos. Muito mais do que curiosidade. Como se sentisse que eu vacilava, Vítor enfiou os dois convites em minha mão. — Pra que isso?

— Guarde. Se mudar de ideia, é só me avisar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vou mudar.

— Só pode entrar em casal hétero ou homossexual. E não vou sem você. Se não quiser mesmo ver, só por curiosidade, dê para alguém. Aquela sua amiga maluca deve gostar.

— Não tenho amiga maluca — retruquei, sorrindo de leve.

— Sabe que falo da Paola, aquela que troca de homem mais do que de roupa. Aposto que vai adorar o lugar!

— Não provoque. Mas, Vítor...

— Fique aí, menina. Agora vem cá, meu bem. Estou louco pra te beijar de novo.

Fui para os braços dele e ficamos ali no sofá entre beijos, afagos e conversa. Tentei esquecer todas as minhas dúvidas e me concentrar só nele. Mas minha mente trabalhava a mil por hora. Principalmente sobre seu primo.

*

O dia da festa chegou e eu estava nervosa ao me aproximar da bela mansão em que Vítor morava no Alto da Boa Vista. Por mais que eu dissesse a mim mesma que era melhor conhecer logo João Valente

e tirá-lo de uma vez da mente, tinha medo de ficar frente a frente com ele, pois sua foto me abalou e eu não sabia ao certo como reagir sobre isso.

— Pare de roer a unha, Ana Flor! — minha mãe falou alto dentro do carro, e eu me assustei. — Já estava de novo divagando, menina?

Minha mãe dirigia seu próprio carro e eu estava sentada ao seu lado. Tirei o dedo da boca obedientemente e lancei um olhar para Paola, sentada no banco de trás, pelo espelho retrovisor. Paola revirou os olhos escuros, na certa debochando dos modos autoritários e implicantes da minha mãe. Tive vontade de rir, mas não me arrisquei.

Eu e Paola havíamos resolvido pegar carona com minha mãe, pois assim poderíamos beber. Minha mãe não tomava nada alcoólico.

— Você podia ter colocado aquele vestido rosa novo, que te dei de presente no mês passado — continuou minha mãe, com os olhos concentrados no trânsito. — Está simples demais.

— É uma festa esporte, à vontade — falei pacientemente, pois tinha horas que minha mãe era irritante sobre aquele lance de aparência. Como se não bastasse viver impecável, ela queria que eu

seguisse o mesmo caminho. Se eu deixasse, ela me vestiria como uma boneca, como fazia quando eu era criança.

— Esporte fino — ela retrucou friamente. Como uma deixa, lançou um breve olhar para minha calça preta e minha blusinha branca de renda. Olhou de novo pra estrada e então pelo espelho retrovisor para Paola, que vestia calça colada e uma blusa também colada e preta. A nós duas ela deixou claro seu olhar de desprezo. — Deviam lembrar que a família de Vítor é muito rica e a festa vai ser na mansão deles.

— Vítor deve até estar de jeans, mamãe.

— Duvido! Com o bom gosto e a classe que ele tem? Você deve se pôr no nível dele, Ana Flor. Eu canso de dizer, mas vocês, jovens de hoje em dia, acham que jeans é pra todo lugar. Nunca se sabe se estão com roupa de ficar em casa ou de sair.

Por sorte Paola resolveu ficar quieta. Ela adorava discordar da minha mãe só de implicância, e então elas ficavam medindo forças através de palavras. Era cansativo.

Preocupada, eu já ia roer a unha novamente, quando lembrei da bronca da minha mãe e pus de novo a mão no colo. Ela tinha praticamente me

obrigado a ir com ela no salão e agora minhas unhas estavam lindas e pintadas de rosa claro, meu cabelo comprido brilhava de tão bem escovado e uma suave maquiagem destacava meus melhores traços. Com tudo isso, fiquei horas no salão e perdi boa parte do meu sábado.

— Como é esse cara, Ana?

— Que cara? — Me remexi dentro do cinto de segurança e virei um pouco para olhar Paola.

— Esse primo do Vítor.

Dei de ombros.

— Não sei. Não o conheço também.

— Será que é como o primo? — A cara de nojo dela parecia dizer: *Chato e enjoado como o primo?*

Eu ri, pois achava engraçado a implicância infantil entre Paola e Vítor.

— Não faço a mínima ideia. Só sei que ele é neurocirurgião, tem trinta anos e ficou quase um ano na Alemanha fazendo doutorado e especialização em mecanização cerebral.

— Caralho! Deve ser um CDF.

— Olha a boca, Paola. Não admito palavrões em meu carro.

— Desculpe, Isabel — Paola disse docemente. Depois se voltou para mim e continuou: — Ele não

quis trabalhar com o tio e o primo nas empresas da família?

— Parece que seu sonho era ser médico.

— Hum. E já que ele é tão inteligente, deve ser meio feinho, não é?

— Feinho? Por que um homem não pode ser bonito e inteligente ao mesmo tempo? — perguntei, achando graça.

— Vítor é bonito e inteligente — disse minha mãe. — Duvido que o primo seja mais do que ele em ambas as coisas.

— É? — Paola ergueu uma de suas finas e arqueadas sobrancelhas pra mim.

Aquela foto de João Valente veio de imediato em minha mente. E pensei que nunca antes havia visto um homem impressionantemente bonito como ele.

— Eu não o conheço — repeti.

— Nem por foto? — insistiu Paola.

— Acho que é bonito. Não reparei bem.

Fiquei corada e tive medo que aparecesse um neon colorido na minha testa escrito “Mentirosa!”.

— Se não reparou bem deve ser uma boa merda.

— Paola! Já falei...

— Sim, Isabel, eu lembro. É que eu não sabia que merda também é palavrão. — Paola abriu um

grande sorriso debochado.

Minha mãe se limitou a franzir os lábios e erguer ainda mais seu nariz bem fino, obviamente desagradada com a presença de Paola em seu carro.

Felizmente chegamos logo à entrada da mansão e os seguranças do portão liberaram nossa passagem ao me reconhecer. Seguimos uma estradinha de pedras planas, rodeada de árvores enormes, até pararmos quase em frente ao casarão rosado e lindo. Era uma casa de sonhos e a primeira vez que fui ali fiquei encantada.

Alguns guardadores de carros contratados estavam por ali e um deles, uniformizado, veio se encarregar do carro de mamãe. Descemos e nos dirigimos a um caminho na lateral da casa, que estava iluminado e levava até os fundos, onde ocorreria a festa.

Minha mãe suspirou. Já havia me dito que uma casa assim era seu sonho de consumo. Sempre ficava maravilhada quando ia ali comigo.

Uma mulher de terninho escuro e de cabelos presos nos recepcionou, desejou boa festa e nos indicou o caminho, embora eu o conhecesse. Agradecemos e seguimos em frente, até dar em um enorme pátio gramado, bem iluminado, onde

cadeiras brancas e mesas com toalhas de linho branco se espalhavam em volta da enorme piscina olímpica. Garçons e convidados circulavam por ali, enquanto uma suave bossa nova era tocada por uma banda em uma pista de dança improvisada em um canto.

— Bela casa — murmurou Paola, que estava ali pela primeira vez.

— É maravilhosa. Ana Flor tirou ou não a sorte grande? — Minha mãe suspirou, toda satisfeita.

Tive vontade de dizer que a casa não era minha, que eu não sabia se queria casar com Vítor e que, mesmo que isso acontecesse, gostaria de morar em minha própria casa e não na casa dos pais dele. Mas estava nervosa demais olhando em volta e fiquei quieta.

Percebi que eu o procurava com o olhar, sentindo o estômago gelado e as mãos levemente trêmulas. Fiquei com vergonha de mim mesma ao notar que minha ansiedade era porque eu conheceria João Valente pessoalmente e não porque encontraria meu noivo.

— Droga! — reclamei em voz alta e só me dei conta quando Paola me lançou um olhar curioso.

— O que foi, Ana?

— Nada.

Vi os pais de Vítor ali perto, conversando com um casal. Felizmente muita gente estava à vontade com calça e roupas informais, embora a Laurinha, mãe de Vítor, estivesse elegante num vestido fino e joias, como minha mãe.

— Ana! — Bernardo, o pai de Vítor, sorriu amplamente ao me ver. Se despediu do casal e se aproximou de mim com Laurinha.

— Oi. — Sorri e os cumprimentei com beijinhos.

Bernardo era uma versão mais velha de Vítor, com os cabelos loiros cheios de fios brancos e um pouco mais robusto. Era muito agradável e simpático. Laurinha era mediana, levemente arredondada, com curtos cabelos claros e olhos castanhos vivazes. Elegante, usava roupas sóbrias e de bom gosto. Sempre me tratou bem, mas eu sentia uma reserva da parte dela. Era louca pelo filho e talvez não gostasse de perceber que comigo não acontecia o mesmo. Não sei bem.

— Vocês já conhecem minha mãe.

— Claro. Seja bem vinda, Isabel — disse Bernardo, beijando minha mãe na face.

— Obrigada. A festa está linda, Laurinha. — Minha mãe estava visivelmente satisfeita, toda

sorrisos, ao beijar a anfitriã.

— Queria ter feito uma festa maior, mas meu sobrinho não quis. O que vale é que os amigos vieram — disse Laurinha, sorrindo educadamente.

— Gostaria de apresentá-los à minha amiga Paola de Moraes. Estes são Bernardo e Laurinha Valente de Albuquerque, pais de Vítor.

— Como vão? — Paola e o casal se cumprimentaram com amabilidades.

— Onde está Vítor? — indaguei, lançando de novo um olhar à minha volta.

— Ele está por aí com o João. Os dois parecem ter um ano de conversa para colocar em dia. Mas fiquem à vontade, ocupem uma mesa. Se precisarem de algo, é só falar.

— Obrigada, Bernardo.

Seguimos para uma mesa desocupada sob os ramos frondosos de uma árvore. Mal nos acomodamos, um garçom veio com uma bandeja de vinho, champanhe e coquetel sem álcool.

— Tem cerveja? — perguntou Paola.

— Sim, senhora. Vou trazer.

— Pra mim também, por favor.

Minha mãe me olhou de cara feia.

— Cerveja? Vocês só bebem essa porcaria? Sabia

que cerveja deixa a barriga inchada e engorda?

— Sabia, mamãe. Mas vamos beber pouco. — Eu fiquei de pé e disse a elas: — Volto logo. Vou avisar ao Vítor que já cheguei.

Elas concordaram e eu me afastei. Andando devagar, fui prestando atenção nas pessoas, procurando meu noivo. Eu me sentia estranhamente irrequieta e queria voltar logo ao normal. Para isso, era melhor conhecer pessoalmente o primo dele de uma vez.

Não vi Vítor por ali. Parei perto de uma mesa com belíssimos arranjos florais, ao lado da piscina, e olhei em volta devagar. Pessoas iam e vinham, conversavam, riam, bebiam. Me distraí com a música que a banda tocava, cantarolando baixinho a letra de *Esse Seu Olhar*, da Nara Leão:

*Esse seu olhar
Quando encontra o meu
Fala de umas coisas
Que eu não posso acreditar
Doce é sonhar e pensar
Que você gosta de mim
Como eu de você
Mas a ilusão*

Quando...

(Esse Seu Olhar — Tom Jobim)

Eu me calei abruptamente quando o vi. Era ele. João Pedro Valente, a poucos metros de mim, conversando com um casal. Eu o reconheci de imediato.

Fiquei imóvel, olhando pra ele. Uma onda de sensações desconexas e desconhecidas me envolveu, como se tirasse o chão sob meus pés. Se a foto dele me abalou, nada havia me preparado para a sua presença verdadeira, real.

Meu coração passou a bater como um louco. Fiquei terrivelmente abalada, encantada, nocauteada por ele. Pensei, meio grogue, que aquilo existia mesmo. Atração ou amor à primeira vista, não sei, aquele abalo que uma pessoa sofria só de olhar para outra, como li diversas vezes nos romances açucarados que eu tanto gostava.

Não era sonho ou tolice. Não era loucura. Era real, meu corpo inteiro parecia se conectar à presença dele, irremediavelmente atraído. E minha mente... Meu Deus, eu nem conseguia pensar direito!

PERIGOSAS NACIONAIS

A música continuou. As pessoas passavam, a vida continuava igual. E eu ali, só olhando para ele.

Era lindo de morrer. A foto não fazia jus a ele. Engoli em seco, bebendo de sua imagem como se estivesse morta de sede.

Ele conversava com o casal, praticamente de frente pra mim. Usava jeans escuro, camisa branca com as mangas dobradas e o primeiro botão aberto e confortáveis sapatos de couro. Era bem alto e, embora esguio, era visivelmente musculoso. Tinha ombros largos e era um tipo grande, másculo, incrivelmente viril e charmoso, o que se notava só pelo jeito que falava e pela postura corporal. Seus cabelos eram densos, curtos, muito negros. O rosto anguloso possuía traços bem marcados, como o nariz reto, o maxilar quadrado e o queixo firme. Mas a boca era carnuda. Sobrancelhas grossas e negras emolduravam seus olhos penetrantes, que eu sabia ser de um azul bem escuro pela foto.

Embora sua aparência fosse viril e belíssima, havia algo mais atraente nele, que era inexplicável à primeira vista. Talvez fosse seu olhar muito atento e profundo, ou a maneira como o corpo dele parecia exalar força, graça, algo meio como de um animal selvagem, pronto para atacar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirei fundo, tentando me recuperar, percebendo que eu estava ali, completamente pasma por ele, abalada até a alma, e que precisava reagir. Procurei me acalmar. Foi então que ele olhou para mim.

Fiquei imóvel, como se seu olhar intenso me congelasse no lugar. Mas por dentro eu fervi, queimando por ele. Só por ele.

João Valente também ficou imóvel. Seu olhar até então relaxado foi se tornando lentamente sério, penetrante, como se escurecesse. Por um momento o casal que dizia algo a ele foi esquecido. A festa, a música, tudo foi esquecido. Era só ele e eu ali, ligados por uma força invisível, mas tão real como um cabo de aço. Dava para sentir a energia que vibrou entre nós, pura, soltando faíscas.

Arfei, pois já não conseguia respirar direito. Ele pareceu notar, porque reagiu com aquela aura selvagem que notei nele. Como se estivesse pronto pra a caça. Sem dizer nada ao casal, veio decidido em minha direção, sem afastar os olhos nem por um minuto dos meus.

Eu estava perdida.

PERIGOSAS ACHERON

JOÃO PEDRO

Os olhos dela eram dourados. Grandes, brilhantes e expressivos olhos castanho-claros como de criança. Nunca havia visto olhos tão doces e luminosos como os daquela moça.

Foi só olhar pra ela que senti um baque dentro de mim, como se tudo tivesse parado e então voltado a funcionar com vivacidade redobrada. Fui pego desprevenido e por um momento não tive ação. Meu pensamento, sempre tão controlado e racional, por um momento vacilou, perdido na doçura tão feminina e suave daquela mulher.

Quem era ela?

Eu havia me educado para controlar meus sentimentos. Mas estava ali confuso, abalado, totalmente envolvido por uma completa desconhecida. Sem saber o que pensar, notei que ela parecia também abalada e que nem por um momento desviou os olhos dos meus.

Minha primeira reação foi recuar. Sensações assim intensas e cruas me assustavam e me remetiam a épocas em que não tive controle da minha vida. Há anos eu aprendi a pisar somente em

terreno seguro e manter as rédeas sobre minha própria vida. E agora, bastou um olhar e eu me sentia inseguro, atraído, envolvido em emoções intensas e até mesmo desconhecidas.

Agi até mesmo antes de pensar sobre o que eu fazia. Andei até ela, decidido a saber quem era e porque me atraiu com tanta força. Estava convencido que havia uma explicação racional para o modo que eu me sentia, disposto a descobrir que talvez tudo não tenha passado de imaginação ou de uma troca de energia passageira, que se desvaneceria se eu falasse com ela.

Vi como ela arregalou os olhos ao me ver aproximando.

Era uma graça, parada ali perto de um belo arranjo de flores, com seus cabelos de um castanho reluzente cortados em camadas e espalhados por seus ombros e peito, bem longos. Uma franja displicente caía em sua testa, até as sobrancelhas escuras bem delineadas. Era linda, de um jeito doce e suave, mediana, esguia, mas com curvas nos lugares certos. E aqueles olhos como caramelo derretido...

Já vi mulheres mais lindas que ela. Mais exuberantes, sensuais, maravilhosas. Não podia ser

a sua aparência que me abalava daquele jeito. Então, o que era?

De repente, alguém entrou no meu campo de visão, escondendo a imagem dela. Parei abruptamente a alguns passos antes de alcançá-la, quando reconheci Vítor, que se dirigiu a ela, a abraçou e beijou, bem na minha frente.

Porra. Era a noiva dele.

Fiquei sem ação, olhando enquanto ele parecia feliz da vida com ela nos braços. Ela ficou imóvel, sem reagir, deixando que ele a abraçasse e dissesse palavras de carinho.

Não sei ao certo o que senti. Raiva, decepção, uma mistura incongruente de sentimentos. Então aquela era a famosa Florzinha por quem Vítor estava loucamente apaixonado, de quem falou milhares de vezes pelo telefone e pela internet. A garota maravilhosa que relutava em ficar com ele, mas que ele lutava com afinco para conquistar. Eu podia entendê-lo um pouco nesse momento, levando em consideração a maneira que ela mexeu comigo.

Pensei em dar meia volta e me afastar logo, mas não tive escolha quando Vítor a soltou e olhou para trás, como se seguisse seu olhar. Ele parecia

estranhar o jeito dela, mas seu rosto se abriu num sorriso ao me ver.

— João, vem aqui, cara. Quero te apresentar minha noiva! — Ele foi para o lado dela, todo satisfeito, abraçando-a pelo ombro.

Meu olhar encontrou com o dela. Seus olhos estavam bem abertos e ela mordeu o lábio nervosamente, ficando vermelha.

A raiva, um velho e conhecido sentimento meu, estranhamente me acalmou. A maravilhosa Florzinha, pudica e pura, vivia olhando para outros homens, encarando-os de maneira descarada quando o noivo não estava por perto.

Terminei de me aproximar e parei bem na frente dela, sem desviar o olhar de seu rosto. Corada, ela arfou um pouco, sem conseguir tirar os olhos dos meus. De perto era ainda mais bonita, com a pele branca macia e sem máculas e os lábios obscenamente carnudos e rosados. Era pequena também e sua cabeça chegava na altura dos meus ombros.

— Então, você é a famosa Florzinha. — Sorri friamente para ela.

Ela empalideceu e só então baixou o olhar. Depois fitou Vítor nervosa, quase sem se mexer.

Reparei como meu primo a abraçava protetoramente, como se não quisesse se separar nem por um momento dela.

— É ela mesmo! — Vítor nem parecia notar a energia vibrante entre mim e sua noiva. Estava radiante, mais feliz do que já o vi na vida. — Ana Flor, este é meu primo, meu irmão, João Pedro.

Ela fez um grande esforço para me olhar e sorrir. Era óbvio que estava nervosa. Talvez não soubesse que eu era o primo do noivo e agora estava sem graça por ter sido pega em flagrante me paquerando.

— É um prazer, Ana Flor. — Aparentemente, eu estava controlado, até frio. Mas sentia uma estranha raiva do que aquela mulher me fez sentir. Ainda sentia a enorme atração que ela despertava em mim, misturada com a decepção por ela ser uma garota qualquer, que nem respeitava o noivo na casa dele.

Estendi minha mão, que ela olhou como se estivesse com medo de tocar. Finalmente senti a pele macia de sua palma contra a minha e seus dedos finos estavam trêmulos, frios. Uma corrente pura de energia, de química, percorreu nossas mãos. Ela arregalou de novo os olhos e respirou

fundo, soltando logo o aperto e envolvendo os braços em torno da própria cintura.

— E então? — Vítor olhou de mim para ela, na expectativa. — Vocês não dizem nada?

Eu tinha muito a dizer, mas resolvi ver o que ela diria.

Ana Flor parecia muda. Por fim, abriu os lábios e falou baixo, com voz suave:

— Vítor fala muito de você. Como... Como foi sua viagem?

— Tranquila — respondi, encarando-a. — Melhor agora, que voltei para casa.

Ela forçou um sorriso, lançou um olhar a Vítor e se mexeu um pouco, incomodada. Ele riu e me disse:

— Não ligue, ela é um pouco tímida. Fique à vontade, meu bem. O João tem essa cara de mau, mas não morde. Não é, cara?

— Eu até mordo, mas não todo mundo. Pessoas doces e puras como você, segundo os elogios de Vítor, estão a salvo.

Vítor achou graça. Ela pareceu indecisa, sem saber se eu brincava ou não. Obviamente sentia que algo não ia bem. Resolvi ir mais além.

— Quer dizer que você conquistou meu primo. Já

marcaram a data do casamento?

— Bem que eu queria. — Vítor olhou pra ela, esperançoso, apertando de leve seu ombro. — Mas tem uma pessoa aqui que está indecisa, sabe. Não é, Florzinha?

Ana Flor apenas sorriu, sem graça. Suas bochechas estavam rosadas. Ela olhava pra todo lado, menos pra mim.

— Você é bem jovem, Ana Flor. Talvez queira aproveitar mais a vida antes de casar, certo?

— Eu... Não sei.

— Você pode aproveitar a vida comigo — emendou Vítor. Ele olhou pra mim. — Disse a ela que conto com você pra me ajudar a convencê-la a se casar comigo, João.

— Eu? Como posso fazer isso?

— Você é decidido e sabe o que fazer para conseguir o que quer. Dois contra um é mais fácil.

— Ele sorriu.

Era óbvio que Vítor estava apaixonado por ela, assim como estava claro que ela não correspondia. Parecia muito incomodada e mal olhava pra ele. Como ele não percebia aquilo? Por que ela estava com ele? Por que era bem apessoado e rico? E por que ficou olhando pra mim daquele jeito, na casa

dele?

Decidi que descobriria tudo aquilo. E se aquela mulher queria se dar bem em cima do meu primo, eu não deixaria. Vítor e meus tios eram as pessoas que eu mais amava na vida e faria de tudo para que eles não sofressem.

— Vou ajudar você, Vítor. A começar por agora.

Ela ergueu os olhos de imediato e encarou os meus. Parecia assustada, como se não soubesse o que esperar.

Senti de novo aquele baque dentro de mim, aquele sentimento estranho e desconhecido que não dependia da minha vontade. Isso me tornou mais decidido a afastar aquela mulher. Pelo jeito ela não afetava somente ao Vítor, mas a mim também.

— Dance comigo, Ana Flor. Vou convencer você das virtudes do meu primo.

— Não — ela falou baixo, quase apavorada.

— Vá, meu bem — disse Vítor bem-humorado — Ele já disse que não morde moças boazinhas como você.

— Não aceito recusa. — Aproveitei seu estado de completo nervosismo e segurei sua mão. Estava lá, aquela energia pura e quente entre nós. Não parei para analisar aquilo. Decidido, mantive sua mão

PERIGOSAS NACIONAIS

pequena firmemente na minha, sorri para Vítor e levei-a para a pista de dança, um tanto afastada dali.

Alguns casais dançavam e eu tentei me concentrar na música. Era lenta, gostosa, melodiosa. *Cupido*, de Maria Rita.

Parei no centro da pista, virei para ela e nos fitamos. Ela respirava irregularmente, com os lábios entreabertos e os olhos arregalados. Percebi que ela sentia também aquela química incontrolável entre nós. É por isso que ela me olhou tanto? Ficou tão nocauteada quanto eu? Ou costumava fazer aquilo, paquerar qualquer um? Por isso não queria casar ainda. Ou fingia não querer casar para envolver ainda mais Vítor e deixá-lo louco por ela.

Com raiva, puxei-a pela mão e nossos corpos quase se tocaram. Apoiei a outra mão em suas costas e senti seu cabelo sedoso nos meus dedos. O perfume ou o xampu dela era suave, algo com um toque de morango, bem gostoso. Comecei a dançar lentamente, sem deixar de olhar pra ela. E ela olhava pra mim, quase em pânico, arfante. Senti sua mão apertar a minha com força, como um reflexo, enquanto a outra se segurava em meu ombro. Ela tremia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem é você? — perguntei furioso.

Ela piscou, se esforçando para me acompanhar na dança. Murmurou:

— Como assim?

— Por que estava me encarando antes do Vítor chegar?

Ana Flor não parecia ter esperado que eu fosse tão direto. Ficou vermelha e visivelmente envergonhada. Na mesma hora baixou os olhos.

— Vamos deixar de joguinhos. Olhe pra mim e responda.

Ela ergueu os olhos na mesma hora, assustada.

— Eu não sei... — disse baixinho.

— Não sabe? Costuma fazer isso quando ele não está por perto?

— Fazer o quê?

— Paquerar outros homens.

— Não! — Seus olhos brilharam com aversão. — Eu não estava paquerando.

— Não? Estava fazendo o quê? Me comendo com os olhos?

Ela arregalou seus olhos, chocada, parando de dançar. Mas não deixei, me movi, obrigando-a a me acompanhar. Estávamos nos fitando, o mundo parecia esquecido. A raiva borbulhava dentro de

PERIGOSAS ACHERON

mim, permeada com a atração incontrolável que me envolvia. Eu a segurava com firmeza, pois ela parecia prestes a fugir. Resolvi deixar tudo claro de uma vez:

— Há meses Vítor fala de você pra mim. Mesmo na Alemanha, pude perceber o quanto você se tornou importante pra ele. Nunca o escutei falar em casamento e agora ele não fala de outra coisa. Confesso que fiquei curioso pra conhecer a famosa Florzinha, que parecia perfeita, sem espinhos, um anjo de mulher. E quando a conheço, ela está olhando pra mim com desejo. Quero que você me explique isso.

Ana Flor engoliu em seco. Continuou a dançar mecanicamente, mas olhou em volta, para disfarçar ou para se acalmar, não sei bem. Respirava com dificuldade e continuava trêmula. Não dei espaço para que ela tentasse fugir ou me distrair. Continuei a esperar, sem deixar de olhar seu rosto, que era muito expressivo.

Por fim, ela pareceu mais calma. Olhou nos meus olhos e disse suavemente:

— Não sou assim. Sei que pode parecer estranho, mas nem eu sei direito o que aconteceu. Não paquero outros homens. Não estava paquerando

você. Quero dizer, não era o que eu queria. Nunca aconteceu isso comigo. Eu vi você e... eu ainda não entendi. Desculpe.

Ela parecia prestes a chorar. Seu olhar era puro, confuso, sincero. Fiquei estarecido ao perceber que talvez ela estivesse dizendo a verdade. A atração que senti por ela à primeira vista podia ter sido recíproca. Mas eu tinha uma desconfiança natural com as mulheres, fruto do meu passado conturbado com duas delas. Não sabia até que ponto aquela ali era verdadeira.

— Não quero que o Vítor se magoe com você — falei friamente. — Ele é como um irmão pra mim. O que quer que tenha acontecido entre a gente deve ficar esquecido. Espero realmente que tenha sido um caso isolado, pois vou ficar de olho em você.

— Não precisa ficar de olho em mim, nem se preocupar. Também não tenho a intenção de magoar o Vítor. — Ela ergueu um pouco o queixo, chateada. — Acho melhor esquecermos tudo isso. Não sei o que aconteceu e nem quero saber. Tudo o que quero é ficar em paz.

— Tudo bem — concordei, pois o recado foi dado.

— Não quero dançar. Quero voltar para o meu

noivo.

Aquelas palavras me atingiram. De alguma forma, eu queria ficar mais tempo ali com ela entre os braços, sentindo seu suave cheiro de morango e seu cabelo macio roçando nos meus dedos. Mas o forte desejo só me fez perceber o quanto tudo aquilo era errado.

— É claro — concordei na hora, soltando-a.

Ela deu um passo para trás e me olhou. Seus olhos arredondados e caramelados brilhavam com uma emoção indescritível. No fundo de mim senti que ela também não queria se afastar. Fiquei bem sério e friamente lhe indiquei o caminho com o braço.

Ana Flor acenou de leve com a cabeça e voltou pelo mesmo caminho que viemos. Eu a segui, não conseguindo deixar de notar como o cabelo castanho, liso e pesado se esparramava em camadas até o meio de suas costas. Ou como a calça preta marcava seus quadris arredondados e sua bunda em forma de coração. Apesar de pequena e esguia, ela era curvilínea.

O desejo mais uma vez me engolfou e tive vontade de xingar um palavrão. Ela era a mulher errada. E mesmo que não fosse, eu nunca me

envolvia seriamente com as mulheres. Aprendi a manter sempre o controle. Ela era um perigo pra mim, sob todos os aspectos.

Decidi que eu a evitaria ao máximo.

Ana Flor não era mulher para mim. E eu desconfiava que também não era para Vítor.

ANA FLOR

Eu nunca me senti tão tensa e confusa como naquele instante. Todos os centros nervosos do meu corpo pareciam ter sofrido um curto circuito. O que aquele homem fez comigo?

Quase dei graças a Deus quando vi Vítor no mesmo lugar onde o tínhamos deixado, conversando animadamente com uma linda mulher alta e loira. Fui até ele ansiosa, abalada, com medo, tentando disfarçar tudo sob a aparência mais calma que consegui. Mas era difícil manter a calma com João tão perto de mim.

— E aí, está convencida? — Vítor brincou, estendendo a mão para mim.

Segurei sua mão e apenas sorri. João parou ao meu lado, mas nem ousei olhá-lo.

— Convencida do quê? — perguntou a loira,

fitando-me com claros olhos verdes, muito bem delineados e maquiados.

— João está me ajudando a convencer a Ana a se casar comigo — explicou Vítor.

— Ah, é? Essa é nova! Pensei que casamento fosse uma palavra que não fizesse parte do seu dicionário. — Ela brincou com João.

— Do meu dicionário não faz. Mas o casamento é pra ele — indicou o primo.

— Essa é Fernanda Linhares, amiga de João. E essa é minha noiva, Ana Flor Cândido.

— Ana Flor. Que nome encantador! Como vai?
— Fernanda estendeu sua mão e eu a apertei.

— É um prazer. — Sorri, notando o quanto ela era bonita e elegante. Devia ter por volta de trinta anos, era bem alta e seus cabelos eram lisos e em fio reto até quase os ombros. Estava ao lado de João e percebi, incomodada, que eles faziam um casal impressionante. Lembrei de tudo que Vítor me falara sobre eles, sobre serem amantes e sobre o clube de BDSM. Foi impossível não imaginá-los transando e me encher de um ciúme tão violento que até me assustei.

— Estava procurando você. — Fernanda o fitou com carinho. — Já que você está com espírito para

dançar, que tal me levar para a pista?

— Claro, madame. — João sorriu para ela, à vontade e lhe estendeu o braço.

Eu observei como ele parecia ainda mais lindo sem a cara de mau com que olhava pra mim.

— Com licença — João disse a Vítor e a mim. Antes de sair, ele fixou seus olhos profundos e de um belíssimo tom azul-escuro, quase violeta, nos meus. Senti meu coração falhar uma batida, pois seu olhar era quase uma despedida.

Eles se afastaram e por um momento tive o pensamento insano de tomar o lugar de Fernanda, pegá-lo para mim e fugir dali com ele. Então lembrei de Vítor ao meu lado e me enchi de vergonha. Eu era horrível! Por isso João achara que eu era uma garota fácil, que traía o meu noivo. Que vergonha, meu Deus!

— Você está tão calada. — Vítor me virou para ele e segurou minhas duas mãos. — O que houve?

— Nada. — Forcei um sorriso.

— Gostou do João?

— Sim.

— Que bom. Geralmente as mulheres ficam loucas por ele, mas sei que você não é assim.

Precisei de todo meu autocontrole para não

PERIGOSAS NACIONAIS

vacilar e me entregar. Mas Vítor continuou falando:

— E confio nele. Nunca daria em cima de uma namorada minha. Percebi que você ficou meio tímida com ele. É um cara fechado, até meio frio, mas depois que você o conhecer melhor vai se sentir mais à vontade.

— Eu sei. — Não sabia de nada, mas o que eu poderia falar?

— Fiquei feliz quando a Fernanda chegou. Pensei que ele não a convidaria.

— Por quê?

— Ele ficou um ano na Alemanha e eles se viram pouco todo esse tempo. — Vítor deu de ombros. — Sabe como é, amigos com privilégios. Já te falei, não é? João me disse uma vez que, se mudasse de ideia sobre se casar, Fernanda seria sua única opção.

— Eles devem se gostar — falei, com um incômodo bolo na garganta.

— É. Mas duvido que João se case.

— Por quê?

— Por tudo aquilo que te falei. — Vítor me olhou indeciso. — De qualquer forma, ele não se envolve seriamente com as mulheres. Quando o negócio esquenta, ele cai fora.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei quieta, mas estava louca para saber tudo sobre aquele homem que conseguiu se tornar o centro do meu universo em tão pouco tempo. Ele não saía da minha cabeça e eu ainda me sentia totalmente abalada por ele.

Tive vontade de ir embora, ficar sozinha em meu quarto, me acalmar e pensar. Parecia que um rolo compressor tinha acabado de passar em cima de mim. Eu só sabia que tudo havia mudado. Desde que pus os olhos em sua foto, eu recebi um aviso. Pensei que fosse besteira, que quando eu o visse tudo voltaria ao normal. Agora eu sabia que nunca mais voltaria ao normal. Ele virou meu mundo de pernas pro ar.

— Deixa pra lá. — Vítor sorriu e me puxou para seus braços. Me beijou de leve na boca e eu fiquei quieta, pela primeira vez com a certeza de que ali não era o meu lugar.

Durante oito meses tentei me convencer que Vítor era o homem certo pra mim. Todo mundo dizia isso, ele me cercava de carinho, satisfazia todas as minhas vontades. Lutei contra o meu íntimo romântico, que me avisava que não era ele, que me deixava sempre na dúvida. Tentei ser como todas as outras garotas, que namoravam e não se

importavam tanto se aquele era o único, o homem certo. Paola me disse que vários poderiam ser certos, que não existia aquilo de alma gêmea. E eu achei que os livros que eu lia estavam me influenciando negativamente, me fazendo deixar de viver para seguir um sonho tolo.

Agora eu sabia que meus sonhos não eram tolos. O que senti aquela noite por João foi o sentimento mais profundo e incontrollável que senti na minha vida. Ele me anulou para os outros homens, pois nada que senti até então me preparou para isso. E nem saber de seus desejos diferentes ou sua aversão a relacionamentos me impedia de sentir assim.

Lamentei que eu tivesse deixado meu relacionamento com Vítor chegar àquele ponto. Agora eu o magoaria, pois não poderia mais ficar com ele, me sentindo daquele jeito. Se eu tivesse acreditado em meus instintos desde cedo, não precisaria fazê-lo sofrer.

No dia seguinte, eu teria uma conversa com ele. Mesmo João tendo deixado claro que nunca teria nada comigo e sabendo por Vítor que ele era complicado e avesso a relacionamentos, eu não poderia mais continuar noiva.

Afastei-me dele com cuidado, segurando só as

suas mãos, e falei:

— Preciso voltar para minha mesa. Deixei minha mãe e Paola sozinhas desde a hora que cheguei.

— Vamos lá. — Ele caminhou comigo na direção da minha mesa. Franziu o cenho e indagou: — Aquela arrogante veio mesmo?

— Que arrogante? — Sorri. — Minha mãe?

— Engraçadinha. Sabe que estou falando daquela antipática que você chama de amiga.

— Minha amiga Paola é muito simpática.

— Ah, é. Muito!

Minha mãe ficou radiante ao ver que Vítor me acompanhava. Ela vivia sempre séria, reclamando das coisas. Mas, desde que fiquei noiva de Vítor, era só ele chegar que ela se abria em sorrisos e elogios. Quase gemi ao imaginar o inferno que seria a minha vida quando eu me separasse dele. Minha mãe nunca me perdoaria.

— Onde você se enfiou? — indagou Paola mal-humorada, pois minha mãe devia tê-la irritado como sempre fazia. Olhou com cara de poucos amigos para Vítor e os dois se cumprimentaram friamente com acenos de cabeça.

— Isabel! Você está linda!

Enquanto Vítor ia cumprimentar minha mãe,

sentei ao lado de Paola. Vi minha tulipa cheia de cerveja sobre a mesa e tomei um gole, sedenta.

— Isso deve estar quente — Paola avisou-me tardiamente.

Bebi assim mesmo, quase metade do conteúdo do copo. Deixei a tulipa na mesa e suspirei, um pouco mais controlada.

— O que houve, Ana?

Olhei para Paola, que me fitava com o cenho franzido.

— Nada. Por quê?

— Sei lá, você está esquisita.

— Estou bem.

Paola não se convenceu e continuou me encarando. Fiquei nervosa e fitei Vítor e minha mãe, que ainda trocavam amabilidades. Olhei de novo pra ela.

— O que é, Paola?

— Estou esperando você me contar.

— Como você me conhece tão bem?

— Esqueceu que somos amigas desde a sexta-série?

— Não. — Sorrimos uma para outra.

Éramos diferentes em tudo. Mas, desde que nos conhecemos na escola, nos tornamos amigas

inseparáveis. Agora morávamos em prédios vizinhos na mesma rua da Taquara, nos víamos quase todos os dias, saíamos juntas e sabíamos tudo uma da outra. Senti uma vontade enorme de desabafar com ela, dizer como eu me sentia, mas ali era impossível.

— Depois eu te falo.

— Tá. Mas deve ser sério. Você parece nervosa.

— Nem me diga!

— Estão sendo bem servidas? — Vítor perguntou, incluindo Paola por educação.

— Muito. Nada como uma festa de gente rica. Acredita que comi caviar pela primeira vez? — Paola sorriu docemente pra ele.

— Ah! É mesmo? — Ele fingiu interesse. — Por que não aproveitou e experimentou champanhe também?

— Prefiro cerveja. Combina mais comigo.

— Pode crer.

Eu sorri. Algumas coisas não mudavam. Mas até que eles se suportaram daquela vez melhor do que das outras.

Vítor ficou na nossa mesa conversando por um bom tempo, até que o pai o chamou para cumprimentar uns tios que haviam chegado. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

queria que eu fosse junto, mas disse que preferia ficar ali e ele se afastou prometendo que voltaria logo.

Quando minha mãe levantou para ir ao toalete, Paola se virou para mim, afastou os pesados e ondulados cabelos escuros para trás das orelhas, fixou seus olhos escuros, sempre delineados por lápis, em mim e me intimou:

— Agora fale.

Um garçom havia substituído minha cerveja quente por uma geladinha. Tomei um gole, ansiosa. Parecia que a coisa seria verdadeiramente real quando eu contasse pra ela.

— Depois a gente conversa em casa.

— Não vou aguentar esperar. Vamos, desembuche. Estamos sozinhas aqui.

— Paola, eu...

— Não enrole, Ana. E aí?

Suspirei e falei baixinho:

— Hoje conheci o homem da minha vida.

Paola, que nunca se surpreendia com nada, arregalou os olhos.

— Acho que não ouvi bem.

— Você ouviu, sim.

— Caralho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fale baixo!

— Mas... e o Vítor?

— Eu não posso... Não posso mais ficar com ele. Você sabe, sempre tive dúvidas. Você me disse várias vezes que era perda de tempo não namorar alguém para esperar um homem que talvez nem existisse, mas... Paola, ele existe.

— Caralho! — ela repetiu, erguendo as sobrancelhas. — Isso vai dar o que falar.

— É.

— Quem é ele? Como isso aconteceu? Você tem certeza que...

— Só sei que é ele, Paola. Estou confusa, nervosa, sem certeza de nada, a não ser que me apaixonei por ele à primeira vista.

— Ana. — Ela se debruçou sobre a mesa e apertou minha mão. — Você é sonhadora demais. Como pode ter se apaixonado nessa meia hora que saiu para procurar Vítor?

— Não foi nessa meia hora. Foi há dois meses. Hoje eu só tive a certeza.

— Não estou entendendo mais nada! — Ela franziu o cenho. — Dois meses? E não me falou nada? Quem é esse cara?

Eu apoiei os cotovelos na mesa e o queixo nas

PERIGOSAS ACHERON

mãos. Me sentia exausta, com vontade de sumir dali.

— Ana?

— Podemos falar disso depois? Aqui não é o melhor lugar.

— Mas agora que você me deixou nervosa também?

Naquele momento, minha mãe retornou e nós nos calamos.

— Laurinha me apresentou agora ao sobrinho dela, que chegou da Alemanha. — Ela se sentou elegantemente, voltando-se em nossa direção. — Um belo rapaz. Trinta anos e já é um neurocirurgião renomado. Você o conheceu, Ana Flor?

— Sim, mamãe.

— Laurinha disse que o criou desde os doze anos. É por isso que ele e Vítor são como irmãos.

— Eu sei.

— Ah, olha ele ali, conversando com aquela loira.

Eu o procurei de imediato com os olhos. Ao vê-lo, meu coração deu uma grande acelerada. Tirei os cotovelos da mesa e me recostei na cadeira, aproveitando que ele estava de pé ao lado de algumas mesas adiante, conversando com Fernanda

e uma senhora, para apreciá-lo mais uma vez.

— Qual deles é o primo do Vítor? — perguntou Paola.

— Aquele ali, a umas três mesas daqui — explicou minha mãe. — Moreno, de camisa branca.

— Uau! *Caral... amba!* — Paola olhou-o de cima a baixo com lascívia. — Que homem é esse?!

Animada, ela se virou para mim pronta para fazer mais comentários, mas parou e fitou meu rosto.

— Ah, não... — murmurou, entendendo tudo e me fazendo corar e olhar rápido para minha mãe. Mas ela não prestava atenção. Paola e eu nos encaramos novamente, nosso olhar dizendo tudo. Ela soletrou sem som: — *Que merda!*

Suspirei e me recusei a olhar na direção de João. Eu precisava me controlar e manter a calma. Aquela noite tinha sido intensa demais e eu não aguentava mais tanta emoção. Recostada na cadeira, mantive meu olhar de Paola para minha mãe.

Minha mãe puxou assunto e tentei me distrair. No entanto, estava consciente de que João estava por ali e que eu tinha vontade de olhá-lo só mais um pouquinho, mas me controlei. Paola não ajudava muito, pois parecia também ansiosa e curiosa,

PERIGOSAS NACIONAIS

como se estivesse louca para me encher de perguntas.

O resto da noite foi uma tortura. Fiz o possível para parecer normal. Foi mais difícil com Vítor, que, como sempre, queria ficar perto, me tocando, beijando, dançando. Inventei a desculpa de uma dor de cabeça e como eu dificilmente adoecia, ele ficou preocupado e até se ofereceu para me levar embora. Fiquei até o que pareceu um tempo razoável, mas, por fim, convenci minha mãe a ir embora. Paola, é claro, me ajudou.

Eu preferia sair de fininho, mas seria falta de educação. Vítor nos levou para nos despedir de seus pais e eu já tremia com a possibilidade de me ver frente a João novamente, fingindo estar tudo bem e trocando amabilidades, quando eu estaria a ponto de ter um infarto.

Foi sorte ele não estar em lugar nenhum. Vítor quis procurá-lo, mas consegui dizer que estava tudo bem e, por fim, fomos embora. Só quando me acomodei no carro da minha mãe, indo enfim para minha casa, é que pude respirar normalmente pela primeira vez naquela noite.

Paola mal aguentava sua vontade de fazer perguntas e no carro falou:

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que vou dormir na sua casa hoje, Ana.

Às vezes uma dormia na casa da outra, sobretudo quando queríamos conversar. Sabendo que ela não sossegaria até saber boa parte daquela história, eu concordei.

Minha mãe não parava de tecer elogios à festa, à mansão, a Vítor e sua família. Por fim, chegamos ao nosso prédio e depois ao nosso pequeno apartamento. Eu a beijei desejando boa noite e fui para meu quarto com Paola.

Ela se jogou em minha cama e foi só eu fechar a porta para ela me intimar:

— Vamos lá, diga tudo.

— Eu não queria falar nada agora. — Deixei a bolsa sobre a cômoda e me sentei cansadamente em uma poltrona para soltar as tiras de minhas sandálias. — Estou arrasada. Parece que um caminhão me atropelou.

— Que caminhão! Ana, que história é essa? O primo do Vítor? Não podia escolher alguém que não causasse tanto transtorno?

Suspirei, me recostando na poltrona e soprando a franja em minha testa. Olhei pra ela.

— Se eu pudesse escolher...

— Como isso aconteceu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, Paola. Olhei pra ele e fui nocauteada.

— Eu entendo. Ele é um Deus! Mas, querida, você precisa entender que isso não é amor à primeira vista. Às vezes isso acontece, essa química entre duas pessoas que acabam de se conhecer. Sabe como se resolve? Com beijos, amassos e, se for possível, uma boa foda. E aí passa.

— Pode ser. Mas sei que não é isso. — Descalça, apoiei os pés na poltrona e abracei meus joelhos. — Há dois meses vi a foto dele na casa do Vítor e me senti... abalada. Não consegui mais tirá-lo da mente. Achei que isso acabaria quando eu o conhecesse. Só que foi pior, Paola. Não consegui tirar os olhos dele. Me senti viva, em chamas, maravilhada. E quando ele me olhou... Meu Deus, pensei que eu fosse morrer sufocada com as emoções que me atacaram.

— Porra, Ana, só você mesma pra ser tão romântica!

— Ela sentou com as pernas dobradas embaixo do corpo, sem deixar de me encarar. — Vive falando em encontrar o amor de sua vida. Não queria nem namorar o Vítor pra esperar esse amor. Até ele sabe disso. E agora, depois de ver esse cara só uma vez, acha que está apaixonada por ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou — afirmei, pois sentia isso no mais íntimo de mim.

— Como? O que você sabe dele, da personalidade dele? Como alguém pode se apaixonar por uma pessoa sem saber se ele presta, se é um antipático, ou se gosta de arrotar e peidar na sua frente?

Eu ri, falando:

— Todo mundo peida e arrota. Você já cansou de fazer isso na minha frente.

— Ah, esquece. Você entendeu!

Sim, eu tinha entendido. Lembrei de Vítor falando dos desejos diferentes dele, seu relacionamento com Fernanda, seus problemas do passado. Havia muita coisa na vida dele que poderia me assustar, mas nada impedia aquele sentimento avassalador dentro de mim, que me consumia tão completamente que eu me sentia toda dele.

— Paola, não o conheço mesmo. Mas independentemente de qualquer coisa, sei o que estou sentindo. É a coisa mais intensa e absurda do mundo, mas eu duvido que eu sinta novamente por outro homem. — Mordi meus lábios, pois eu queria falar muito, mas nada poderia descrever os meus sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paola correu os dedos entre os cabelos quase negros.

— Você sabe onde está se metendo?

— Não estou me metendo em lugar nenhum. Vou terminar com o Vítor e ficar na minha. Sei que João não vai querer nada com a ex-namorada do primo. Eles se amam como irmãos. É tudo complicado demais e não sou eu que vou causar problemas pra eles. Mas sei o que sinto e sei que não posso mais ficar com Vítor me sentindo assim.

— Tá. E ele, o tal João? Ele percebeu alguma coisa?

— Ele não sabia que eu era noiva do Vítor. Viu que eu estava encarando-o e veio na minha direção. Mas aí o Vítor apareceu e nos apresentou.

— Que merda! E aí?

— Foi terrível! — Engoli em seco. — Ele ficou me olhando de um jeito quase acusador, com raiva mal disfarçada. Me chamou pra dançar e deixou claro que me achava uma garota à toa, que paquerava os homens pelas costas do noivo. Disse até que eu estava comendo-o com os olhos! Quase morri de vergonha!

Paola me fitava com olhos arregalados. Por fim, caiu na risada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus, que loucura! Você, a doce e tímida Ana Flor, comendo o primo do noivo com os olhos!

— Não sei onde está a graça — reclamei, encarando-a.

— O pior de tudo é que ele tinha razão. Só não sabia que era a primeira vez que eu fazia isso.

— Ah, Ana! Onde você foi se meter! Tem certeza que vai se separar do Vítor? Ele vai ficar arrasado!

— Pensei que você o achasse mimado e filhinho de mamãe. Que ia gostar quando eu me separasse dele.

— Eu acho isso mesmo. Mas o cara quer se casar com você. Fez de tudo pra te conquistar.

— Sei disso. Juro que não queria magoá-lo, Paola. Mas não posso levar isso adiante, entende?

— Sim. Acha que não tem mesmo uma chance com o João, talvez quando a poeira baixar?

— Ele me disse para esquecer o que quer que eu tenha sentido por ele e que nunca magoaria o primo. Talvez depois eu nem o veja mais. Isso já me faz sofrer agora, mas não quero me sentir assim. Foi muita coisa acontecendo de uma vez. Preciso agir com calma, para fazer tudo certo.

— É, querida, que enrascada! — Ela balançou a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe que pode contar comigo, não é?

— Sei. Vou precisar do seu ombro para chorar. —
Sorri pra ela. — Só guarde segredo por enquanto.
Minha mãe vai ficar revoltada quando souber que
me separei de Vítor.

— Revoltada é pouco. O sonho dela sempre foi te
ver casada com um partidão. Vítor era melhor do
que a encomenda. Ela não vai te perdoar.

— Não quero nem pensar nisso agora. — Eu me
levantei, cansada. — Preciso tomar um banho e
relaxar um pouco.

— Ana, só mais uma coisa. Pense bem no que vai
fazer. Esse seu jeito sonhador pode atrapalhar a sua
vida.

— Não é mais um sonho, Paola. Agora é
realidade

— afirmei com certeza. Pela primeira vez na vida,
eu me sentia realmente viva.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

UMA DECISÃO DIFÍCIL

*A vida tem sons
Que pra gente ouvir
Precisa entender
Que um amor de verdade
É como canção
Qualquer coisa assim
Que tem seu começo
Seu meio e seu fim*

(Começo, Meio e Fim — Tavito)

JOÃO PEDRO

Eu acabei dormindo na casa dos meus tios depois da festa, pois havia bebido e não estava bem para dirigir. Ocupei meu antigo quarto, que meus tios faziam questão de que sempre fosse meu. Se dependesse deles, eu nunca teria saído daquela casa.

Tomei café da manhã com eles, conversamos agradavelmente sobre a festa da noite anterior e Vítor se juntou a nós, ainda cheio de sono. Depois eu e ele resolvemos tomar um banho de piscina, pois tinha mais de um ano que eu não fazia isso naquela casa e sempre adorei nadar.

Estava um dia lindo. Depois de dar várias braçadas, nos acomodamos em espreguiçadeiras sob o sol e eu suspirei, satisfeito por estar de volta.

— É muito bom voltar ao Brasil, estar de novo aqui

— falei, colocando os óculos escuros e me esticando para que o sol secasse meu corpo.

— Devia ser bem solitário por lá.

— Eu quase não tinha tempo pra nada, a não ser minha especialização. Estudei como um condenado para terminar o doutorado logo e retornar para casa.

— E agora? Quando recomeça o trabalho no consultório e no hospital? — Vítor indagou, interessado.

— Preciso de um descanso. Daqui a uma ou duas semanas volto a trabalhar.

Vítor riu, me lançando um olhar.

— Cara, nem parece você falando! Acho que nunca te vi tirar férias! Se não está estudando como louco, está trabalhando como escravo naquele hospital. O que te deu?

— Estou realmente cansado. E não é tanto tempo assim. Logo volto à rotina. E como vão as coisas na empresa?

— Estressante, como sempre. Mas os negócios vão bem. Meu pai andou falando em se aposentar, mas felizmente adiou um pouco mais. Ainda não me sinto pronto para assumir mais responsabilidade. Quero aproveitar mais a vida!

— Está certo.

— Mas, mudando de assunto, o que você achou da minha noiva?

Continuei na mesma posição, mas fiquei feliz por estar de óculos escuros. Intimamente eu esperava aquela pergunta. Só não queria que Vítor percebesse o quanto aquela mulher me afetou e

PERIGOSAS NACIONAIS

todo disfarce era bem-vindo. Procurei palavras que não me comprometessem:

— Não deu para tirar muita conclusão de um só encontro.

Ele virou a cabeça e fixou os olhos castanhos em mim.

— Mas você deve ter achado alguma coisa.

— Ela é diferente do que eu imaginava.

— Por quê? O que você imaginava?

— Uma mulher mais chamativa, do tipo que você sempre namorou. Alta, malhada, sensual.

Vítor sorriu.

— É, a Florzinha não faz o tipo mulher fatal. Mas eu te falei que ela era diferente. Acho que foi isso que me encantou.

— Está mesmo apaixonado por ela, não é?

— Estou, cara. No início, quando a vi na balada, eu a achei engraçadinha. Sabe, ela frequenta quase toda sexta uma balada na Lapa, pois tem uma amiga que canta lá. Adora dançar e se acabava com as amigas na pista de dança. Dei uma cantada e ela mal me olhou. Meus companheiros caíram na minha pele e resolvi que era uma questão de orgulho ficar com ela. Naquela noite só tomei fora. E não consegui nada. Passei a voltar lá toda sexta.

PERIGOSAS ACHERON

Procurava por ela, que estava sempre rindo ou dançando. Insistia, conversava, e aos poucos ela passou a falar comigo. Foi um custo conquistá-la e quase não acreditei quando finalmente ela resolveu me dar bola. Depois de muita luta, ela ficou comigo. Achei que era só isso, mas quando vi eu continuava a ir lá e a querer mais. Por fim, começamos a namorar.

— Mas ela continuou sendo um desafio.

— Sim. Percebi que era muito reservada. Achei que era só timidez. Mas aí, João, fiquei curioso. Ela me abraçava, me beijava e só. Nada de amassos no carro e nem carícias. Quando quis aprofundar a coisa, sabe o que ela falou?

Olhei-o, esperando. Ele completou:

— Disse que era melhor a gente não se ver mais. Porque ela esperava o homem da sua vida e esse homem não era eu. Nem acreditei! Quem falava algo assim nos dias de hoje?

— E o que você fez?

— Quis ser o homem da sua vida. Cerquei-a de todos os lados. Passei a namorá-la, conheci sua mãe e seus amigos, trouxe-a aqui. Mas você acredita que ela ainda não disse que me ama? Como já te falei, ela faz jogo duro, cara. Tem dúvidas, não me

deixa ir muito longe nos carinhos e eu estou na maior seca. Sem transar há meses!

— Ela é virgem? — perguntei, um tanto surpreso.

— É. Nem nos seios deixa eu pegar! Passo o maior sufoco! Vai fazer vinte e três anos e parece uma freira. Tem uns pensamentos antigos, fora de moda. Uma vez perguntei se o sonho dela era casar virgem. Ela disse que não, mas que só queria se entregar quando realmente tivesse certeza de que está apaixonada.

— E por que ela está com você, se não sabe se o ama e pensa assim?

— Ana Flor gosta de mim. E eu faço tudo por ela, tento convencê-la que com o tempo ela pode me amar. E acredito mesmo nisso. Nós nos damos bem, somos amigos, nos divertimos. Isso não é amor?

— Você está perguntando pra pessoa errada. — Sorri secamente. Observei-o com atenção. — E você é feliz assim?

— Muito feliz.

— Mesmo na seca?

— Essa é a pior parte. No início não aguentei e saí com outras garotas só pra transar, mas agora não tenho mais coragem. Ana confia em mim e, pra

dizer a verdade, só penso nela. Cara, estou louco por ela. Por isso faço de tudo pra que ela se case comigo.

— Não acho saudável você ficar assim tão dependente de uma pessoa, ainda mais sabendo que ela ainda não retribui essa paixão toda. Aproveite sua vida e deixe as coisas acontecerem.

Vítor suspirou e passou a mão pelos cabelos molhados.

— Não consigo nem imaginar minha vida sem ela, João. Quero que Ana seja minha de uma vez por todas e não vou medir esforços para conseguir isso.

Fiquei calado, incomodado com tudo o que ele dissera. Primeiro porque me sentia culpado pela atração tão intensa que Ana Flor despertou em mim, mesmo contra minha vontade. Segundo, porque já fui amado daquela maneira quase obsessiva como Vítor amava a noiva e sabia que aquilo não acabava bem.

Pensei também sobre Ana, seu romantismo, o fato de só querer se entregar ao homem amado. Era tão diferente do meu estilo de vida que, mesmo que não fosse noiva de Vítor, possivelmente nada poderia acontecer entre a gente. Eu tinha prazeres

perversos, frequentava lugares que ela nem sonhava, fazia na cama muito mais do que apenas transar. Éramos como água e óleo. Se me visse bem de perto, minhas taras e desejos, se soubesse do meu passado, ela seria a primeira a sair correndo para o lado oposto.

Meus pais tinham sido loucos e acho que herdei aqueles genes também. Passei a vida lutando contra aquilo, mas, depois do que aconteceu entre mim e Angélica, da tragédia que veio para minha vida quando ela se matou, resolvi assumir de vez quem eu era. Porém, uma coisa tinha ficado: minha aversão a relacionamentos.

Vítor me lançou um olhar arrependido e falou, como se notasse como eu me sentia:

— Desculpa, João. Sei que você odeia quando uma pessoa fica obcecado por outra, mas não sou louco. Sei os meus limites.

— Ótimo. Não quero que você se magoe e nem que pare sua vida se isso tudo não der certo.

— Vai dar. Sinto que com paciência e carinho ela está cada vez mais próxima de mim. É só uma questão de tempo.

Lembrei do modo que Ana Flor me olhou na noite anterior e da atração entre nós que parecia uma

coisa viva. E das palavras dela enquanto dançávamos, que não sabia o que tinha acontecido, mas que não tinha conseguido parar de me olhar. Novamente tive dúvidas se ela era naturalmente paqueradora pelas costas de Vítor ou se tudo foi um caso isolado de atração entre duas pessoas, sem que elas pudessem controlar. Não sei qual das duas opções era pior. Só sei que eu faria de tudo para mantê-la longe e para enterrar aquele sentimento bem dentro de mim.

O assunto preferido de Vítor parecia ser ela, pois ele voltou a falar:

— Quando você a conhecer melhor, vai ver o quanto ela é legal, João. É carinhosa, doce, faz de tudo pra você se sentir bem. Acho que por isso as pessoas se aproveitam dela.

— Como assim?

— Por exemplo, Isabel, a mãe dela. Gosto muito da Isabel, mas já percebi que ela domina a Ana. Faz sempre com que ela se sinta culpada, para assim ter suas vontades satisfeitas. Parece que Isabel foi mãe solteira e deixou muitos sonhos de lado para criá-la. Nunca deixou faltar nada, incentivou seus estudos, cercou-a das melhores coisas. Mas faz as escolhas pela Ana. É um pouco chantagista, sabe?

— Entendo.

— Ana estudou Direito porque a mãe a perturbou. Ela nem sabia que curso queria seguir, então resolveu fazer Direito mesmo. Passou num concurso público federal do TRF e trabalha em um tribunal de segunda a sexta. Sei que ela não gosta, acha chato, mas continua porque era o que a mãe queria, é o que várias pessoas lutam para conseguir e lhe dá um bom salário. Uma vez perguntei o que ela realmente queria fazer. Sabe o quê? Casar, ter filhos, cuidar da casa e do marido. Ela até disse que se envergonhava disso, pois era bem pouco feminista querer ser uma dona de casa. Acredita nisso? Se ela se casasse comigo, ficaria feliz em tê-la em casa cuidando dos nossos filhos.

Tudo o que Vítor disse me fez pensar que aquela história não acabaria bem para ele. Ana Flor poderia ter seus sonhos realizados se aceitasse se casar com ele. Vítor era rico, bem apessoado e apaixonado. Se ela ainda não aceitou, talvez realmente tivesse sérias dúvidas. E talvez o magoasse.

— Isabel também é muito vaidosa. Trabalha como corretora de imóveis e está sempre elegante, com cabelos arrumados, maquiagem perfeita. Faz

ginástica e tratamentos para se manter magra. A casa delas parece um quartel, com hora pra tudo. E a Ana é totalmente o contrário. Adora comer doces. Você acredita que ela só come na rua, escondido da mãe? Se recusa a fazer ginástica, mas gosta de dançar e correr. Mantém a forma assim, mas Isabel sempre acha que Ana deve ser mais magra e de vez em quando elas discutem porque Ana não quer frequentar a academia. E é assim em tudo. Em relação às roupas, ao cabelo, aos amigos. Só tem duas coisas sobre as quais concordo com Isabel: ela é minha aliada, faz de tudo para que Ana fique comigo, e além disso implica com Paola, a melhor amiga de Ana e que eu não suporto.

Eu quase tive pena de Ana Flor. Doce, romântica e submissa. Quando ela fazia o que tinha vontade e não o que a mãe queria? Ou o que Vítor queria, pois pelo visto ainda estava com ele por pressão e não por realmente desejar.

Eu tinha experiência com mulheres submissas. Conhecia várias e geralmente elas eram assim na cama, na vida real costumavam ser mais decididas. Por tudo que Vítor falou, Ana devia ser submissa também na vida. Mas até que ponto?

Naquele momento o celular de Vítor, que estava

sobre a mesa ao lado, começou a tocar. Ele o pegou e seu rosto se abriu em uma grande sorriso, enquanto dizia:

— *É ela!* Oi, meu amor! Claro, já acordei um tempão. É, a festa foi até tarde. E a dor de cabeça, melhorou?

Ele ouviu um pouco, com o semblante sonhador. Eu me recostei melhor e fechei os olhos. Mas era impossível não ouvir a conversa.

— Sairmos para almoçar? Claro, aonde você quer ir? Tudo bem. Ei, o que houve? Sua voz está diferente. Tem certeza? Quer vir almoçar aqui? O João está aqui e acho que vai almoçar com a gente. Quer sair mesmo? Não, ele não se importa. Saio com você.

— Vou almoçar com Fernanda — avisei, sem abrir os olhos sob os óculos escuros.

— Viu, não tem problema. O João vai almoçar com Fernanda. Vamos sair, sim. Esse horário está ótimo. Eu pego você em casa. Mas por quê? Não precisa ir de carro, vai comigo. Se é assim... Então te encontro lá. Tudo bem mesmo? Tá. Beijos, meu amor.

Vítor pôs o celular de volta na mesa e disse com voz preocupada:

— Ela parecia estranha. Não quis vir almoçar aqui, queria sair e conversar. Será que... Puta merda!

Eu o fitei. Pensei por um momento se aquele almoço significava o fim daquele relacionamento. E se aquilo tinha algo a ver com a atração que sentimos um pelo outro. Fui engolfado pela culpa. Mas Vítor não pensava assim, pois sorria amplamente.

— Cara, será que ela vai aceitar meu pedido de casamento? — Ele levantou de um pulo. — João, preciso ir. Vou almoçar com a futura senhora Valente de Albuquerque! Reze por mim!

Ele saiu correndo como um garoto. Não tive coragem de alertá-lo, para que ele não se decepcionasse. Mas e se ele estivesse certo?

Suspirei e voltei a fechar os olhos, sentindo o corpo ficar quente sob o sol. Mas não estava mais relaxado. Mesmo contra vontade, pensei em Ana Flor e no que ela tinha a dizer a Vítor. Independente do que fosse, não me dizia respeito. No entanto, ela não saiu do meu pensamento.

ANA FLOR

Eu havia escolhido um lugar público para almoçar com Vítor e conversar com ele. Em casa minha mãe não me deixaria em paz. E eu precisava falar com ele, pois depois que eu tomava uma decisão não conseguia pensar em outra coisa até ter tudo resolvido.

A pressa em encontrar Vítor não era para eu ser logo livre e correr atrás de João. Eu não faria aquilo, embora fosse o meu desejo mais profundo. Só não queria mais me sentir culpada, como se eu estivesse enganando Vítor e atrapalhando sua vida. Me arrependia muito por ter dado tantas esperanças a ele e sabia que a conversa não seria fácil, mas estava decidida a resolver da melhor maneira possível.

O garçom se aproximou da minha mesa, para ver se eu queria mais um suco ou fazer o pedido. Disse que não, já preocupada com Vítor. Ele deveria ter chegado há muito tempo e não era de se atrasar. Não atendeu também o celular, quando liguei alguns minutos atrás.

Enrolei meu rabo de cavalo com o dedo, pensando se haveria algum engarrafamento entre o Alto da Boa Vista e aquele restaurante no Recreio, de frente para o mar. Talvez fosse isso.

Aproveitei que minha mãe não estava por perto e roí a unha do polegar, ansiosa. Meu estômago estava embrulhado e eu não sabia como poderia almoçar com tantas palavras que o magoariam entaladas na minha garganta. Nunca namorei e nunca precisei desmanchar um namoro. Antes mesmo de começar eu já queria terminar e correr para minha casa.

Fitei meu pequeno relógio de pulso e olhei em volta novamente, esperando que Vítor chegasse logo. Qual não foi a minha surpresa ao ver quem acabava de entrar no restaurante? Meu coração deu um salto e disparou como um louco. Arregalei os olhos, sem acreditar.

João estava na entrada, olhando ao redor com atenção. Alto, espetacular, com seus cabelos negros despenteados, ele me fez engolir em seco, prestes a ter um ataque cardíaco. Todo meu corpo reagiu, quase que entrando em combustão instantânea. Fiquei imóvel, sem conseguir tirar os olhos dele. Deus, o que ele estava fazendo ali?

Ele estava de tirar o fôlego usando uma calça jeans que marcava seus quadris estreitos e as coxas musculosas. A blusa num tom goiaba, de malha, marcava seu abdome definido, seu peito forte e os

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros largos. Moreno, com aquele rosto másculo e aqueles profundos olhos azuis, ele parecia um modelo de perfeição masculina e de sensualidade.

Seu olhar finalmente encontrou o meu. Me senti acuada, como uma presa imobilizada por seu caçador. Nem me mexi na cadeira. Nem respirei. Um frio esquisito inundou meu estômago quando ele caminhou decidido em minha direção.

João parou ao lado da minha mesa, sem tirar aqueles olhos quase violetas dos meus. Moveu de leve a cabeça e cumprimentou-me bem sério, com o semblante fechado:

— Ana Flor.

Engoli de novo, tentando me tornar coerente. Consegui balançar a cabeça de leve e murmurar:

— Oi.

Era estranho ele estar ali. Eu tinha que perguntar o porquê, mas minha língua parecia pesada, lenta.

Vítor. Lembrei que era Vítor quem deveria estar ali. Por fim, reagi:

— Aconteceu alguma coisa?

— Vítor não poderá vir e pediu que eu viesse te avisar. Ele ficou com medo de falar com você por telefone e te assustar.

— Assustar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João parecia muito controlado. Mas percebi que seu maxilar estava cerrado. Ele relaxou um pouco e falou com calma:

— Ele estava vindo pra cá e sofreu um acidente de carro.

— Meu Deus! — Levantei de supetão, empalidecendo, vacilando um pouco.

— Calma, ele está bem. Não foi nada. — João me amparou, segurando meu braço. Ficamos imóveis, pois uma corrente elétrica pareceu nos envolver. Respirei fundo:

— Jura? Ele não se machucou?

— Está com um galo na cabeça e um braço machucado, mas de resto está bem. Já estava saindo do hospital com seus pais e indo pra casa, quando vim pra cá.

— Certo. — Aliviada, fiquei mais firme e devagar ele me soltou. — Quero vê-lo.

— Levo você.

— Não, eu estou de carro.

— Mas não parece em condições de dirigir. Vítor estava com medo de dar a notícia para você por telefone, você ficar nervosa e dirigir assim. Por isso estou aqui. Depois trago-a de volta para buscar seu carro.

PERIGOSAS ACHERON

— Tá. — Virei para pegar minha bolsa. Antes que eu me adiantasse muito, João já chamava o garçom e se antecipava para pagar o meu suco. — Não, eu pago.

Ele nem me olhou. Resolveu com o garçom e voltou até mim. Parecia ainda mais alto naquele dia, talvez porque hoje eu estivesse usando sandálias rasteiras. Senti-me pequena ao seu lado.

— Vamos?

— Sim. Obrigada.

Saímos do restaurante e fomos em direção ao estacionamento. O carro dele era enorme, preto reluzente, um quatro por quatro importado, com vidro fumê, lindo. João abriu a porta pra mim e esperou que eu me acomodasse, então fechou a porta e deu a volta para o lugar do motorista. Pus a bolsa no colo e ateí o cinto de segurança automaticamente.

João sentou ao meu lado e bateu a porta. Enquanto ele colocava seu cinto, fiquei bem quieta, ciente de que estávamos sozinhos ali dentro. Cruzei os dedos no colo, pois eles tremiam.

— Tudo bem, Ana?

— Sim. — A voz dele, rouca e grossa, dizendo meu nome, fez um arrepio percorrer minha espinha.

Enquanto ele ligava o carro, o ar condicionado e saía dirigindo com atenção, eu tentei controlar meus sentimentos em polvorosa e pensar com clareza. Consegui perguntar quase que com aparente calma: — Como o acidente aconteceu?

— Foi culpa do Vítor. Disse que estava com pressa, se distraiu e passou o sinal vermelho. Um carro bateu na sua lateral, bem do lado dele. A sorte é que o outro motorista não estava correndo e conseguiu frear um pouco.

— Deus do céu!

— Poderia ter sido bem pior.

— Vítor costuma ser tão atento. — Incomodada, pensei se aquilo não teria a ver comigo. Talvez ele tenha percebido que algo não ia bem por minha voz no telefone.

Lancei um olhar preocupado a João, mas suas feições não me davam dica do que ele pensava. Ele estava atento dirigindo e olhei para frente. Mas estava muito consciente dele ao meu lado.

— Vítor não sofreu nada sério mesmo, não é?

— Não. A batida afetou só seu braço, mas também não foi sério. O médico mandou ficar de tipoia por uma semana apenas, nem precisou engessar. Fez exames e está tudo bem.

— E o outro motorista?

— Não sofreu nada.

— Ainda bem.

Fiquei bem quieta do meu lado, procurando respirar normalmente. Mas meu olhar foi atraído para as mãos dele sobre o volante. Eram grandes e fortes, com dedos longos e firmes de cirurgião. Seu pulso era grosso, com pelos negros que pareciam macios, subindo por seu antebraço musculoso, onde algumas veias se destacavam. Imaginei aquelas mãos abrindo a cabeça de uma pessoa, tentando salvar sua vida durante uma cirurgia. E então aquelas mãos na pele de uma mulher, acariciando-a, tocando-a.

Prendi a respiração por um momento, sentindo minha pele formigar. Um desejo quase violento de sentir as mãos dele em mim me engolfou. Imaginei que eu me virava, percorria meus dedos em seu braço, subia por seu ombro, tocava-o em todo lugar. Mordi os lábios para não gemer, tamanha vontade que me dominou.

— Vítor achou que você aceitaria hoje o seu pedido de casamento.

A voz grossa e dura de João penetrou em minhas fantasias. Deixei o ar escapar e olhei para ele, que

voltou seus olhos penetrantes para mim e depois tornou a se concentrar no trânsito. Fiquei surpresa com o que ele disse.

— Ele pensou isso? Acha... Acha que por isso sofreu o acidente?

— Pode ser. Saiu de casa como um louco.

— Eu não queria...

— Você não teve culpa de nada. Vítor é que se precipitou. Posso perguntar se ele tinha razão?

— Não — murmurei.

— Não o quê?

— Ele não tinha razão.

Ficamos em silêncio. A tensão e a atração física parecia tornar o carro mais apertado. Parecia faltar oxigênio ali dentro.

Pensei o porquê de ele querer saber se eu aceitaria ou não o pedido de casamento de Vítor. João não deixou claro na festa que nada aconteceria entre nós dois? Talvez ele não fosse tão imune a mim como tentava parecer.

Lembrei de seu olhar me consumindo, antes de ele saber que eu era noiva de Vítor. Algo aconteceu entre a gente e não foi só da minha parte. Tanto que ele havia vindo em minha direção, como se fosse me pegar, fazendo com que eu me sentisse perdida

por João Claro, as coisas mudaram. Mas talvez a atração ainda fosse recíproca.

Senti vergonha por estar pensando aquelas coisas. Eu ainda era noiva de Vítor. E mesmo depois que tudo terminasse, João não ia querer magoar o primo. Eu não o conhecia bem, mas tinha certeza de que ele não se aproximaria de mim.

Tristeza e raiva me dominaram. Passei toda minha vida esperando aquele homem e quando ele aparecia era proibido pra mim! Por que não ouvi meu coração e terminei com Vítor antes que as coisas se complicassem? E agora, eu deveria me conformar e esquecer? Ao menos tentar esquecer?

O trânsito estava livre e João dirigia bem, com segurança e rapidez, sem provocar medo. Ficamos quietos um longo tempo. Por fim, tentei diminuir a tensão entre nós puxando assunto:

— E seus tios? Devem ter ficado muito nervosos.

— Muito. Foi um desespero até chegarmos ao hospital, mas felizmente tudo terminou bem.

— É verdade. E você, também se desesperou?

— Claro. Vítor é como um irmão e não quero que nada de ruim aconteça com ele — falou secamente. Pensei se aquilo não seria também uma indireta pra mim. — Mas felizmente foi só um susto.

Ficamos novamente em silêncio e achei melhor. Já me sentia sobrecarregada com a presença dele tão perto e precisava de força e concentração para disfarçar, esconder ao máximo os meus sentimentos. Ele também não puxou assunto, mergulhado em seus próprios pensamentos. Mas nem por um segundo me distraí do fato de que ele estava ao meu lado. Com o rabo do olho, eu examinava seus movimentos, meus ouvidos estavam atentos a qualquer som que ele fazia ao dirigir e minhas narinas só conseguiam sentir o perfume delicioso dele, que parecia circular no ar entre nós.

Quando chegamos à mansão, João saiu e abriu a porta pra mim. Entramos juntos e seguimos calados e tensos até a enorme e aconchegante sala de estar. Vítor estava lá, sentado em um sofá, com Laurinha ao seu lado e Bernardo acomodado em uma poltrona, tomando um drinque.

Olhei preocupada para Vítor, que tinha o braço direito imobilizado em uma tipoia e um pequeno curativo na testa. Senti um misto de culpa e alívio, pois de resto ele parecia bem. Abriu um enorme sorriso ao me ver e falou:

— Está tudo legal, Florzinha. Estou quase inteiro.

Vem aqui. — E estendeu a mão esquerda.

Fui até ele, falando:

— Que susto, Vítor! Está mesmo bem?

— Claro, querida. — E me puxou para seu outro lado, ficando entre mim e sua mãe. Ele me beijou com paixão, mas fiquei vermelha e me afastei um pouco, apenas segurando sua mão e constatando com o olhar que ele estava bem. Suspirei então com alívio e só então cumprimentei os pais dele.

Inconscientemente busquei João com o olhar. Ele estava imóvel, ainda perto da porta, olhando pra mim. Então ele fitou Vítor e indagou bem sério:

— Está sentindo alguma coisa?

— Só um pouco de dor de cabeça, mas mamãe já me deu um remédio.

— O certo era ele ter ficado no hospital em observação

— retrucou Laurinha. — Mas quem segura esse menino?

Vítor riu e beijou de leve minha mão.

— Deve estar faminta, não é? Vamos almoçar todos juntos. Quer me dizer algo antes de irmos para a sala de jantar? — Ele ergueu uma sobrancelha, na expectativa.

— Hã? — Tentei ganhar tempo, mas sentia meu

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto esquentando. Balancei a cabeça rapidamente.
— Não, nada.

— Pelo telefone fiquei com a impressão de que você tinha urgência em falar comigo.

— Não. — Forcei um sorriso. — Só queria que almoçássemos juntos. Só isso.

— Tudo bem. — Ele pareceu um pouco decepcionado. Olhou para os pais e depois para o primo. — Desculpe, João. Acabei atrapalhando também o seu almoço com Fernanda.

— Sem problema.

— Ele vai almoçar conosco — disse Laurinha, sorrindo para João com carinho.

— Tia, preciso ir embora. Mal pisei no meu apartamento desde que voltei de viagem.

— Ah, mas só depois do almoço. — Ela fez um afago no cabelo do filho e se levantou. — Vou ver se já está tudo pronto. E o senhor não sai daqui sem comer. — Esticou-se e deu um beijo na bochecha de João ao passar por ele.

— No final, tudo terminou bem. — Bernardo também se levantou, levando seu copo de uísque. — Mas espero que tenha mais cuidado e atenção da próxima vez, rapaz.

— Pode deixar, papai.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou pegar mais um drinque.

— Vou com o senhor, tio. — João mal nos olhou e seguiu o tio para fora da sala.

— Enfim, sós. — Vítor puxou-me de novo para seus braços e me beijou apaixonadamente na boca.

Fiquei sem reação, sentindo a estranha sensação de que aquilo era muito errado, de que eu estava traindo meus sentimentos. Traindo o amor da minha vida. Não consegui corresponder ao beijo. Afastei-me sem brusquidão, mas mesmo assim ele estranhou e me fitou com o cenho franzido.

— O que foi, Ana?

— Desculpe. Acho que ainda estou assustada com tudo que aconteceu.

— Bobinha, estou bem. — Ele me abraçou.

Com a cabeça apoiada em seu ombro, fechei os olhos por um momento. Não poderia terminar o namoro ali, na casa dele, cercada pela família dele e pelo homem que eu desejava. Muito menos com Vítor tendo acabado de sofrer um acidente. Mas também não poderia esperar muito tempo, pois que outras desculpas eu daria para fugir dele?

— Tem certeza de que não ia me falar nada importante no almoço de hoje?

— Tenho, Vítor. Assim como tenho certeza de

que estou morta de fome. — Sorri e fugi do seu abraço. Levantei de um pulo e estendi a mão a ele. — Venha, vamos procurar comida.

— Tá certo! — Vítor pegou minha mão e se levantou bem-humorado. — Sabe que tem torta para sobremesa?

— Oh, meu Deus! Então ao menos uma coisa boa sobrou desse acidente! Ainda bem que minha mãe não está aqui.

— Foi o que pensei.

JOÃO PEDRO

A minha vontade era de ir embora dali.

Eu me sentia estranho, engolfado por sentimentos desconhecidos e intensos, que não faziam parte do meu dia a dia.

Acostumei-me a levar uma vida controlada, harmoniosa, sem grandes mudanças. Alcancei isso com luta, empenho e dedicação, principalmente depois que fui morar naquela casa com meus tios. Antes minha vida era um caos, que mexeu com minha cabeça, que afetou minhas ações e meu pensamento. Assim, eu fugia de emoções fortes e descontroladas. Dois acontecimentos, um antes dos

doze anos e outro aos vinte e três, me deixaram cascudo, preparado para identificar problemas e evitá-los.

Aquela mulher sentada à mesa de jantar, na minha frente, era problema na certa. Ela despertava em mim esses sentimentos incontrolláveis e impetuosos que me faziam ficar em alerta. E era ainda mais perigosa, pois esses sentimentos iam muito além do que eu já senti, porque eram desconhecidos.

Além de ser noiva do meu primo, portanto proibida para mim, ela também me assustava por despertar esses sentimentos. Por isso eu deveria evitá-la. Queria que minha vida continuasse exatamente do jeito que planejei, sob controle.

Estávamos todos almoçando e Vítor tentava brincar com o fato de não conseguir comer sozinho, já que estava com o braço direito imobilizado. Tia Laurinha e Ana Flor se ofereceram para lhe dar comida na boca, mas ele insistiu em comer com a mão esquerda. Toda hora a comida caía no prato e ele fazia piadas, causando risadas em todos.

Ana Flor sorria para Vítor ao seu lado e conversava, mas eu notava que ela estava nervosa. Evitava ao máximo erguer os olhos para mim e, quando isso acontecia, ela corava, arregalava um

pouco aqueles lindos e grandes olhos castanho-claros e parecia não saber bem o que fazer.

Eu a afetava da mesma maneira que ela a mim. Seu jeito meio tímido, doce e expressivo me deram a certeza de que ela não era uma garota que gostasse de paquerar pelas costas de Vítor. O que acontecera fora uma atração forte entre nós e ela não estava sabendo reagir bem quanto a isso. Como eu.

Pensei no Clube Voraz, onde Fernanda era uma das donas e eu um sócio há alguns anos. Lá eu havia conhecido muitas mulheres praticantes de práticas sadomasoquistas, que queriam ser submissas. Aprendi a treiná-las, prepará-las. Eu era um dominador naquele meio. E como tal, sentia imenso prazer quando conhecia uma submissa de verdade. E Ana Flor era uma. Aqueles olhos doces, aquela voz macia, a suavidade natural, fariam dela a submissa perfeita. Imaginei aqueles olhos para mim enquanto eu realizava com ela todos os meus desejos. A luxúria veio violenta e fiz de tudo para frear meus pensamentos.

Porra, eu tinha que parar de pensar coisas assim. Ana nunca seria minha. Era a mulher mais errada para mim no mundo, noiva do meu primo, virgem,

romântica e inocente. Proibida.

Comi e conversei, mais experiente do que ela em esconder meus sentimentos. Mas não via a hora de ir embora dali e fugir de toda aquela tensão que me envolvia quando ela estava perto.

Por mais que eu me controlasse, era difícil manter o olhar longe dela. Eu tentava intimamente entender o que ela tinha que chamou tanto a minha atenção.

Naquele dia, ela estava bem mais simples do que no dia da festa. Usava os longos cabelos de um castanho brilhante presos em um rabo de cavalo, com a franja lisa caindo sobre a testa. Sua camiseta era amarela, sem mangas, lisa. A calça jeans era justa, mas nada muito sensual. As sandálias eram rasteiras. O rosto estava limpo, sem qualquer maquiagem.

Ela não estava vestida para seduzir. Por que então eu não parava de sentir aquele cheiro suave de morango que não sabia se vinha de sua pele ou de seu cabelo? Por que eu reparara como os seios dela pareciam firmes e arredondados sob a blusa? Ou como os lábios carnudos eram deliciosamente rosados? E aquelas covinhas encantadoras e bem pronunciadas quando ela sorria?

Estava confuso. Mulheres mais lindas que ela passaram por minha vida. Por que nenhuma mexeu assim comigo? O que Ana Flor tinha? O que havia naquele olhar que atraía tanto o meu, mesmo que eu não quisesse aquilo?

— Bem que você poderia faltar ao trabalho amanhã e vir cuidar de mim, querida — Vítor cutucou Ana de brincadeira.

— Você tem sua mãe. — Ela sorriu para Laurinha. — E sabe que eu nunca falto ao trabalho.

— Pois é. Imagino se você amasse o seu trabalho! Viveria naquele tribunal!

— Por quê? — indagou Bernardo, fitando Ana. — Você não gosta do seu trabalho?

— Gosto. Claro. O Vítor é que fala demais — ela respondeu, sem deixar de sorrir, concentrada em cortar sua carne.

— Ela gosta mais ou menos. Vamos, lá, Florzinha, não é nenhum segredo.

— Todo mundo tem que trabalhar e não reclamo do meu. Passei em um concurso bem disputado e ganho um bom salário. Não sei que outra coisa gostaria de fazer. Então, está tudo bem.

— É, nem todo mundo tem certeza do que realmente gosta — concordou Laurinha e olhou pra

mim. — O João, por exemplo, sempre quis ser médico, não é? Bernardo e Vítor queriam que ele trabalhasse na empresa da família, mas ele seguiu um caminho diferente.

Ana ergueu os olhos pra mim. Pela primeira vez naquele almoço, pareceu ter coragem de conversar diretamente comigo:

— Deve ter sido muito difícil estudar Medicina e se tornar um cirurgião.

— É preciso ter dedicação e não se importar em perder horas de sono — respondi.

— Não é só isso — continuou minha tia. — João sempre foi muito inteligente e estudioso. Passou numa das melhores faculdades de Medicina do Brasil e se dedicou com afinco. É um neurocirurgião renomado e, com esse doutorado que fez agora na Alemanha, será um dos poucos no Brasil com essa especialização específica de mecanização cerebral. Os melhores hospitais fazem oferta de trabalho a ele. Já trabalha na Santa Casa e ainda tem seu próprio consultório. Pode trabalhar onde quiser.

Sorri do orgulho dela, mais uma vez agradecido por todo carinho que ela, meu tio e Vítor sempre me dedicaram de forma espontânea. A paciência

deles com o menino problemático que foi morar ali tinha modificado a minha vida.

— Se não fosse o apoio de vocês, eu não estaria hoje trabalhando no que sempre quis. — Reconheci com sinceridade e Laurinha sorriu, toda satisfeita.

Ana me olhava com um misto de admiração e desejo. Era tão puro e claro no rosto dela, que por um momento temi que as outras pessoas na mesa percebessem. Na mesma hora fiquei bem frio e desviei o olhar, mudando de assunto:

— E como vão os negócios na empresa, tio?

Enquanto eu me envolvia em uma conversa com Bernardo, fiz de tudo para ignorá-la. Mas mesmo assim percebia seus movimentos e sua conversa com minha tia e com Vítor.

O almoço acabou sendo torturante, pois não estava acostumado a me policiar tanto no meio da minha família. Se com as outras pessoas eu era um tanto fechado, ali relaxava e era eu mesmo, pois sabia que estava seguro, não corria risco. Mas agora Ana estava ali e aquela segurança sumia. Eu me sentia alerta o tempo todo.

Depois do almoço foi servida uma deliciosa torta de nozes com sorvete de creme. Vítor, meu tio e eu recusamos, preferindo tomar café. Minha tia e Ana

aceitaram.

Não pude deixar de reparar como Ana se deliciou com a sobremesa. Ela comia com prazer, saboreando cada bocado, a expressão de seu rosto demonstrando tanta satisfação, que fiquei quase que hipnotizado. Aquele olhar dourado brilhava de prazer, numa sensualidade latente. A doce e virginal garota tinha virado uma mulher sexy, cujos lábios carnudos acariciavam lentamente a colher.

Senti meu corpo reagir, enquanto descia os olhos por seu rosto, sua expressão de quase êxtase, sua boca tão sensual. Meu coração acelerou e meu sangue se tornou mais rápido e quente. Uma ereção incômoda apertou meu jeans e felizmente eu estava sentado.

Quase pude imaginá-la com aquela expressão embaixo de mim, em uma cama. E aquela boca tão carnuda na minha, em meu corpo, saboreando daquele jeito o meu pênis.

Cerrei os dentes, controlando minha respiração e freando meu pensamento. Lembrei que ela não era minha. E que era virgem. E eu nunca desejei as virgens. Não queria a responsabilidade de ser o primeiro, ou de gerar expectativas. Eu gostava de mulheres sensuais, experientes, que sabiam que

seria somente sexo. Mulheres fáceis de se livrar.

Vítor fez alguma brincadeira com ela sobre o doce e lembrei de ele dizendo que a mãe não deixava que doces entrassem em casa e que ela comia só na rua.

Mais controlado, consegui desviar o olhar. E encontrei os olhos de minha tia concentrados em mim. Fiquei imóvel. Ela parecia ligeiramente chocada, até preocupada. Desviei o olhar como se nada tivesse acontecido, mas tive certeza de que ela percebeu pelo menos parte do que senti por Ana.

Procurei me acalmar. Eu não daria mais um furo como aquele. Não queria que ela se preocupasse, pois nunca foi minha intenção me meter com a noiva de Vítor.

Terminei meu café, sem olhar mais para Ana. Por fim, acreditei que já poderia ir embora.

— Estava tudo uma delícia. Mas preciso ir.

— Fique mais um pouco. — Minha tia me fitou, agora com tranquilidade. — Você está de férias. Poderia passar um tempo aqui.

— Estou com saudade do meu apartamento, tia. E tenho alguns assuntos para resolver.

— Ah, cara, não vá agora. Pensei da gente jogar uma conversa fora! — insistiu Vítor.

— Volto amanhã, para ver como você está. E aí, de repente passo a noite.

— E você, Ana? — Vítor se virou pra ela. — Sei que João te trouxe para cá e você deixou seu carro no restaurante. O chofer hoje está de folga, mas se você quiser meu pai te leva mais tarde lá para pegar o carro. É caminho do João, já que ele mora na Barra, mas eu gostaria que você ficasse um pouco mais.

— Não tem problema, querida. Depois eu levo você — concordou Bernardo.

Ana olhou preocupada pra mim.

— Será que você me dá uma carona? Realmente não quero atrapalhar, mas preciso ir para casa. Preciso adiantar um monte de coisa para levar amanhã ao tribunal.

— Tudo bem — falei friamente, pois preferia ficar longe dela o mais rápido possível.

Ela corou sem graça, como se percebesse meu tom. Olhou para Vítor e de novo pra mim.

— Pensando bem, eu...

— O João te leva, Florzinha. Não tem problema. Sei que às vezes você traz trabalho para casa e que já está tarde. — Vítor acariciou a mão dela sobre a mesa. — Mas precisa prometer que amanhã passa

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui depois do trabalho para me ver.

— Claro que sim. — Ela sorriu, mas ainda parecia sem graça.

— Então, vamos. — Eu me levantei.

Nos despedimos de todo mundo e saí da sala antes dela, pois não queria ver ela e Vítor trocando beijos e carinhos. Eu já estava do lado de fora, abrindo o carro, quando Ana apareceu na varanda. Se aproximou em silêncio e segurei a porta do passageiro aberta para ela.

— Obrigada — murmurou, ao se acomodar.

Bati a porta e dei a volta. Não a olhei enquanto colocava o cinto e ligava o carro. Ela disse baixinho:

— Olha, se eu estiver incomodando... Acho melhor eu ficar e...

— Deixe de besteira — falei puto, mas lutando para controlar meu mau humor. Saí com o carro rapidamente pelo caminho de cascalho que levava até o portão de entrada, que se abriu quando liguei o controle remoto embutido no painel e fechou logo depois.

— Fiz alguma coisa errada? — A voz dela era mansa e indecisa.

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

Ela ficou muito quieta, como se não ousasse nem se mexer. Por fim, explicou baixinho:

— Não era uma desculpa para ficar sozinha com você. Eu preciso mesmo ir embora logo.

Lancei um olhar bem sério para ela, que se encolheu um pouco, fitando-me com olhos enormes.

— Eu não disse que era uma desculpa sua. Mas pensei que gostaria de ficar um pouco mais com o Vítor. Afinal ele é seu noivo e acabou de sofrer um acidente.

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar. Voltei a me concentrar na estrada, que sempre me acalmava por ser belíssima, rodeada dos dois lados por árvores centenárias. Mas naquele dia a paisagem passou despercebida.

Eu sentia raiva e era de mim mesmo. Mas inconscientemente a culpava por me deixar descontrolado daquele jeito. E por ter permitido que minha tia percebesse.

— Eu estava decidida a almoçar sozinha hoje com o Vítor para desmanchar o nosso namoro. — A voz dela preencheu o carro e penetrou dentro de mim, com todo significado de suas palavras. — Eu demoro a tomar uma decisão, mas, depois que isso

acontece, tenho que agir de imediato. Ou não consigo me comportar normalmente. O acidente de Vítor me impediu de tomar a decisão que eu queria. E não consigo disfarçar ou fingir que está tudo igual. Por isso resolvi vir logo embora e não ficar com ele mais tempo.

Segurei o volante com força, concentrado nas curvas sinuosas da estrada, praticamente vazia naquela hora. Mas todos os meus outros sentidos estavam voltados para ela.

Suas palavras não chegavam a ser uma surpresa pra mim. Hoje mais cedo cheguei a cogitar a hipótese de ela se separar de Vítor. Mas o que mais me chocou foi o sentimento genuíno de alívio que me envolveu com aquela notícia. Ela ficaria livre.

E então fiquei revoltado comigo mesmo. Vítor sofreria. E ela ficaria ainda mais distante, pois eu não teria mais que encontrá-la. Finalmente eu poderia me livrar daqueles sentimentos desconhecidos e preocupantes que só Ana despertava em mim. Eu poderia esquecê-la.

— Por que você está me dizendo isso?

— Porque você pensou que sou fria e não me importo com Vítor que se acidentou.

— Você não deveria se importar com minha

opinião.

Ana não retrucou. Resolvi não deixar margens a dúvidas:

— Espero que sua decisão não tenha tido relação com o fato de termos nos conhecido ontem. Não sou hipócrita em fingir que não houve atração. Houve, mas não faremos nada a respeito. Da minha parte, é um assunto encerrado.

Eu não a olhei para saber sua reação. Sei que ela não se mexeu e continuou olhando para frente. Ficou quieta um momento, como se pensasse sobre o assunto. Por fim, disse suavemente:

— Eu já sabia disso. Mas já tomei minha decisão, independente de qualquer coisa.

Reparei que ela não negou que sua decisão tinha tido relação com o fato de nos sentirmos atraídos um pelo outro. Mas, como tudo parecia esclarecido, não insisti no assunto. Com o tempo e a distância, tudo se resolveria.

Eu não queria que Vítor sofresse, mas se Ana não o amava era melhor que tudo acabasse antes que ele se envolvesse ainda mais. O tempo o curaria. Era o melhor remédio para tudo.

Seguimos todo o resto da viagem em silêncio. Mas nem por um momento deixei de notar sua

presença ao meu lado.

Quando parei o carro no estacionamento do restaurante do Recreio, ela já foi tirando o cinto e pegando a bolsa no colo. Ali estava cheio de carro.

— Obrigada pela carona e...

— Vou acompanhá-la até o seu carro.

— Não precisa.

Mas eu já saía e dava a volta para abrir a porta para ela. Ana saiu sem me olhar. Mexeu a cabeça, o rabo de cavalo caiu sobre um de seus ombros e o cheiro gostoso de morango me envolveu. Era do xampu dela e não de seu perfume.

— Onde deixou seu carro?

— Ali, à esquerda.

Eu andei ao seu lado. Paramos em frente a um Fox vermelho e ela já pegava a chave na bolsa. Abriu a porta do lado do motorista e então se voltou pra mim, erguendo o rosto para me fitar.

Fixei meus olhos nos dela. O alívio que eu havia sentido, pelo fato de que quando ela se separasse de Vítor eu não a veria mais e a esqueceria, havia desaparecido. Em seu lugar sentia um incômodo, um sentimento ruim de que realmente eu poderia não vê-la mais.

O desejo que senti de encostá-la no carro e beijá-

PERIGOSAS NACIONAIS

la quase chegou a doer. Por um instante insano tive vontade de jogar tudo para o alto e fazer o que queria. Esquecer tudo e me entregar ao que ela, e só ela, despertava em mim.

Ana parecia também afetada e respirava irregularmente. Seus olhos brilhavam com intensidade e ela abriu os lábios de leve, como se me convidasse inconscientemente a prová-los.

Dei um passo para trás, recorrendo ao resto de autocontrole que consegui juntar. Ela engoliu em seco, corando terrivelmente.

— Dirija com cuidado. Quer que a acompanhe com meu carro?

— Não... Não precisa. Obrigada.

— Adeus, Ana.

— Adeus, João.

Acho que era a primeira vez que ela dizia meu nome. E talvez fosse a última.

Movi minha cabeça em forma de cumprimento

Ela entrou no carro e fechou a porta. Só então voltei ao meu próprio carro. Esperei que ela se afastasse dirigindo e fiquei um tempo recostado, minhas mãos segurando o volante com força.

Talvez agora eu voltasse a ser o mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

ANA FLOR

Eu consegui evitar Vítor na segunda e na terça-feira, falando com ele só por telefone para saber como ele estava e inventando desculpas para não vê-lo. Na quarta-feira ele insistiu para nos encontrarmos e disse que o motorista o levaria em minha casa. Acabei prometendo que passaria na casa dele após o trabalho.

Saí às cinco da tarde e fui direto para a casa dele, pegando um trânsito terrível. Fiquei no engarrafamento roendo as unhas e pensando que eu gostaria de esperar ele tirar a tipoia e ficar completamente recuperado para terminar tudo. Mas sabia que não dava mais para inventar desculpas e nem ficar fugindo. Era melhor abrir o jogo com ele naquela noite.

Criei coragem por todo trajeto. Cheguei à mansão decidida, embora consciente que seria difícil.

Vítor já me esperava sentado em um confortável sofazinho na varanda iluminada e se levantou eufórico ao me ver. Mal entrei na varanda, já com o coração doendo pelo mal que eu lhe causaria, ele veio me abraçar com o braço esquerdo e me beijar na boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Retribuí seu abraço, mas virei o rosto de leve e ele beijou minha face.

— Ana? — Ele estranhou. — Não está com saudade?

— Claro. — Afastei-me um pouco, forçando um sorriso.

— Como você está?

— Melhor agora que você está aqui. — Fitou-me com atenção — Aconteceu alguma coisa?

— Por que nós não sentamos? — Fugi de seu olhar e me acomodei na poltrona ao lado do sofá, deixando minha bolsa no colo.

— Você está estranha, Florzinha. O que houve?
— Vítor se sentou no sofá, ansioso.

— Vítor, precisamos conversar.

Criei toda coragem do mundo e o olhei nos olhos, que ele apertou de leve. Ficou tenso, quieto. Eu sabia que precisava ser o mais direta possível:

— Tenho pensado muito sobre nós dois. Sempre fui sincera com você. Desde o início do nosso namoro tenho dúvidas. Acho que nos precipitamos ao ficarmos noivos...

— Ana...

— Por favor, Vítor, escute.

— Não estou gostando do seu tom. Nem dessa

PERIGOSAS ACHERON

conversa.

— Desculpe, mas preciso falar. Eu não amo você. Gosto demais de você, quero que seja feliz, mas não posso me casar com você. Nem esticar mais esse relacionamento. Juro que eu não queria que fosse assim, fiz de tudo pra que a gente desse certo, mas não consegui me apaixonar. Quero que sejamos apenas amigos.

Durante todo o tempo ele ficou imóvel, me encarando. Então reagiu, empalidecendo e se inclinando para frente. Disse baixo:

— Você não pode estar falando sério.

— Eu estou, Vítor. Por favor, me perdoe. — Vendo a dor no rosto dele, senti meus olhos enchendo de lágrimas. Mas tentei me controlar e me manter firme.

— Ana, escute, você está confusa, meu bem. Vamos fazer o seguinte: você fica um pouco longe de mim, pensa com calma...

— Já pensei. Não faço outra coisa desde que ficamos juntos. Tentei realmente que funcionasse, mas não dá mais. O que sinto não vai mudar.

— Você está jogando nosso futuro fora por sonhos bobos, infantis. Esse amor fora de série que você espera não existe, Ana. O que existe é o que

temos, essa amizade, esse carinho, essa cumplicidade. Podemos ser muito felizes juntos.

— Sim, como amigos.

Não podia dizer a ele que o amor fora de série com o qual eu sonhava existia sim e que já o encontrara. Independente se daria certo ou não, e eu sabia que não, ele anulava qualquer relação amorosa com outro homem que não fosse João.

— Não posso aceitar. — Vítor se levantou de repente e, com a mão que não estava imobilizada, segurou meu braço e me levantou. Seu rosto muito perto do meu demonstrava desespero. — Você não pode fazer isso comigo, meu amor. Eu posso te fazer feliz! Nos dê só mais uma chance!

— Vítor...

— O que você quer que eu faça?

— Que você aceite. — Tentei puxar meu braço de leve, mas ele me abraçou e encostou o rosto em meu cabelo. — Vítor, por favor. Não quero magoar você, mas nada vai me fazer voltar atrás. Você precisa entender. Por favor!

— Não, Ana. Vamos nos casar, você vai ver.

Consegui afastá-lo. Peguei sua mão, pus nela o anel de noivado que tinha me dado e dei dois passos para trás, arrasada por fazer aquilo com ele,

mas sabendo que não tinha outro jeito. Caminhei até a entrada da varanda, com o coração doendo. Respirei fundo e me virei para ele. Vítor estava transtornado.

— Não há mais nada a dizer. Desculpe, mas é isso. Pense com calma e aceite. Espero que você fique bem, Vítor. E que seja muito feliz.

— Ana, não vá...

— Por favor, não implore. Fique com Deus.

Eu não aguentava mais vê-lo daquele jeito. Virei e praticamente corri para meu carro, agradecendo por ele não correr atrás de mim e por me deixar ir.

*

Felizmente Paola não dava aula de ginástica aquela noite na academia em que trabalhava, porque dirigi direto para o apartamento dela na Taquara, que ficava na mesma rua em que eu morava. Mas eu estava nervosa e não podia ir para casa. Não aguentaria minha mãe naquela noite.

Paola abriu a porta para mim, de banho recém-tomado, usando um pijama curto de seda branca que valorizava o tom bem moreno de sua pele, seu cabelo molhado escorrido até os ombros.

— Entre, Ana. Pelo jeito ele não reagiu bem.

— Eu já esperava isso. — Ao passar por ela, beijei-a no rosto e segui para a sala pequena, que possuía apenas um sofá de três lugares, um rack com tv de led de 32 polegadas, som e *home theater*. Me joguei no sofá, largando a bolsa no chão.

— Mas terminou tudo mesmo?

— Sim. Com o tempo, ele vai aceitar e encontrar alguém que realmente o ame.

— Contou para Isabel?

— Ainda não. Deus que me ajude quando eu contar.

— Corri os dedos entre os cabelos, afastando a franja da testa e dando um suspiro cansado. Passei o dia todo trabalhando e ainda fui direto conversar com Vítor. Estava exausta, mais emocionalmente do que fisicamente.

— E o João?

Paola sentou ao meu lado e cruzou as pernas longas, malhadas e levemente musculosas. Ela tinha um corpo de arrasar, pois vivia dando aulas de ginástica e dança. Pensei por um momento como Vítor podia ter se interessado por mim na balada, com Paola ao meu lado. Os homens ficavam loucos por ela. Mas então lembrei que os dois se

detestaram desde o início.

— O que tem ele?

— E quando ele souber que você e Vítor não estão mais noivos?

— Não vai fazer nada. Simplesmente não vamos mais nos encontrar. Você sabe que ele deixou bem claro que não queria saber dessa atração entre a gente.

— Mas com o tempo, talvez. — Ela segurou minha mão e sorriu de leve. — Que azar, gostar logo do cara que é como irmão do Vítor!

— O que posso fazer?

— Não fique triste, Aninha. As coisas se resolvem quando a gente menos espera.

— Eu sei, Paola, mas é tão estranho. Penso nele o tempo todo. Desde que o conheci, minha vida mudou de cabeça pra baixo. Seria tão fácil se a gente pudesse mandar nos sentimentos! Mas não. Eu faço o Vítor sofrer e sofro pelo João. Fazer o quê?

— Erguer a cabeça e seguir em frente.

— É. Desculpe vir aqui desabafar de novo, mas precisava me acalmar primeiro antes de ir pra casa.

— Deixe de besteira! A casa é sua e sabe disso!

Ficamos conversando e acabei jantando com

PERIGOSAS NACIONAIS

Paola. Só voltei para casa depois das dez da noite e felizmente fugi do olhar vigilante da minha mãe.

Dormi muito mal e, ao acordar, me sentia ainda mais arrasada. Fiz tudo mecanicamente e quando saí minha mãe começava a se levantar. Eu sabia que ela perguntaria por Vítor, assim saí logo de casa.

Mal cheguei ao Tribunal e comecei a trabalhar, o meu celular tocou. Era Vítor. Pensei em não atender, mas estava preocupada com ele.

— Oi, Vítor.

— Ana. — A voz dele demonstrava tristeza, dor.

— Eu não consegui dormir. Preciso ver você, conversar.

— Eu estou trabalhando — falei suavemente. — Vítor, o melhor agora é a gente ficar um tempo afastado.

— Mas não consigo! Por favor, querida, você tem que me dar mais uma chance!

— Escute...

— Eu amo você, Ana. Quero me casar com você! Vou realizar todos os seus sonhos! Pode parar de trabalhar, ter quantos filhos quiser, sair pra dançar, comer todas os doces do mundo. O que você quiser eu faço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha, eu não quero magoar você. Lamento que esteja sofrendo. Mas acabou, Vítor. É definitivo.

— Mas foi tão de repente! O que aconteceu?

— Não foi de repente. Eu venho pensando há um longo tempo. Você sempre soube que eu tinha dúvidas.

— Eu estava acabando com suas dúvidas! Pelo amor de Deus, me diga a verdade! Você conheceu alguém, é isso? É alguém aí do trabalho? Da balada? — A voz dele estava cheia de raiva. — É o seu príncipe encantado, Ana? Ele apareceu?

Engoli em seco, apavorada. Neguei rapidamente:

— Não há ninguém, Vítor. É como eu disse antes. Venho pensando muito nisso. Não acho justo continuarmos juntos sem amor.

— Mas eu te amo! E posso fazer você me amar! Me dê mais uma chance, Florzinha! Só mais uma!

— Vítor, não adianta insistir. Por favor, aceite.

— Não posso aceitar isso! É loucura!

— É minha decisão. Nunca foi minha intenção magoar você.

— Mas está magoando! O que posso fazer, me diz?

— Só aceitar. Desculpe, preciso trabalhar, Vítor. Tente entender, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

— Não desligue!

— Vítor...

— Me escute! Vamos nos encontrar! Eu...

— Não. Desculpe. Fique com Deus.

Desliguei o celular e fiquei quieta, tentando me acalmar. A culpa me roía por dentro. O telefone tocou de novo e era ele. Pus no silencioso e deixei-o dentro da bolsa. Por fim, retornei ao trabalho. Mas passei o dia todo imersa na tristeza.

Qual não foi o meu susto ao chegar em casa e encontrar Vítor sentado no sofá da sala com minha mãe? Eu deveria ter esperado algo assim.

Terminei de fechar a porta e entrei, sentindo o olhar dos dois sobre mim. O de Vítor era desesperado, implorante. O de minha mãe estava gelado, mas demonstrava também uma raiva mal contida.

— Oi — falei baixo, me preparando para o pior. Parei de pé ao lado do sofá, segurando a bolsa com força.

Vítor se levantou, sem tirar os olhos de mim. Tive pena ao ver que estava angustiado, bem diferente do rapaz divertido e sorridente com quem eu me acostumara.

— Ana, eu tinha que falar com você

pessoalmente.

— Vítor, não quero mais conversar. Já falei o que era preciso e nada vai me fazer mudar de ideia.

— Você deve estar muito confusa, Ana Flor. — Minha mãe também se levantou e eu a encarei.

Para uma mulher de 45 anos, que vivia se alimentando frugalmente, cuidava do corpo e da pele, e estava sempre arrumada e maquiada, ela estava um tanto envelhecida para sua idade. Tudo devido à constante falta de sorriso, ao seu olhar quase sempre frio e meticuloso como de uma águia, ao seu humor ácido.

Eu a amava e agradecia constantemente por tudo o que fez por mim. Mas eu a temia também. Procurava não decepcioná-la desde pequena, para não ser alvo de sua gelidez e de seu desprezo, que podiam durar dias. Evitava confrontos, pois ela sempre dava um jeito de sair vitoriosa, não se importando se me magoava no decorrer do processo. Assim, aprendi a não contrariá-la, e ela aprendeu a esperar que eu sempre fizesse a sua vontade. Só que daquela vez ninguém me obrigaria a fazer o que ela queria. Nem, minha mãe, nem o Vítor.

Se ele estava ali e já tinha contado sobre o fim do

PERIGOSAS NACIONAIS

nosso namoro para minha mãe, na certa esperava encontrar nela uma aliada. Ele sabia como eu a deixava me dominar.

— Desculpe, mas não estou confusa. Estou cansada. — Olhei para ele com firmeza, magoada por sua jogada. — Não quero conversar agora. Vou repetir que não é minha intenção magoar você, mas não é por isso que vou ficar em sua companhia contra a vontade. Acabou. Uma boa noite para vocês.

— Ana... — Vítor começou, se desesperando.

— Ana, volte aqui. Vamos conversar como adultos! O seu noivo...

Eu já havia me virado e estava me dirigindo ao corredor da casa. Voltei-me por um momento e fui bem direta:

— Eu não tenho noivo. E se querem conversar, façam bom proveito. Eu vou descansar.

Deixei-os mudos, enquanto entrava em meu quarto e trancava a porta. Larguei a bolsa no chão e me joguei de bruços na cama, abafando o choro.

Eu me sentia horrível, má, um monstro. Mas não voltei atrás. Fiz o que era preciso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

CADA VEZ MAIS DIFÍCIL RESISTIR

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e
Vi sem me deixar sentir
Sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir.*

(Pra Você Guardei o Amor — Nando reis)

JOÃO PEDRO

Eu estava muito preocupado com Vítor.

Desde quarta-feira, quando Ana Flor desmanchou o noivado, ele estava desesperado, tonto, sem saber o que fazer ou como se portar. Meus tios tentavam alegrá-lo, confortá-lo com conselhos. Eu conversava com ele, levava-o para sair e se distrair, mas nada dava certo.

Na noite anterior ele chegou arrasado ao meu apartamento, levado por Carlos, o motorista da mansão. Confessou que tinha vindo da casa de Ana, que tinha ido lá tentar conversar, mas que ela não o ouviu. Tentara contar com a ajuda da mãe dela, porém parecia ter sido pior.

Deixei que ele desabafasse. Depois repeti o que já tínhamos conversado na noite anterior, quando ela terminou o noivado e ele me ligou sofrendo, querendo conselhos. Não havia o que fazer no momento, além de respeitar a vontade dela. Quanto mais Vítor a cercasse e insistisse, ia ser pior.

Mas Vítor não queria ouvir. Dizia que deveria haver um jeito e implorava para que eu o ajudasse, desse uma ideia. Nunca o vi tão perdido. Além de gostar muito dela, ele também não estava

acostumado a se ver privado do que queria. Nunca sofreu seriamente na vida e não estava preparado para aquilo. Não sabia nem como reagir.

No fundo me senti culpado por, mesmo que indiretamente, ter parte em seu sofrimento. Eu sabia que a atração forte entre mim e Ana contribuiu para a decisão dela. Não sei até que ponto, já que ela nunca teve certeza sobre o noivado. Mas de qualquer forma contribuiu.

Deixei que Vítor desabafasse e não dei mais conselhos, pois ele não queria ouvir a realidade naquele momento. Fiz com que comesse algo e o convenci a ficar no meu apartamento. Dispensei Carlos, avisei os meus tios e ficamos no terraço, em volta da piscina, tomando umas cervejas. Ele falou muito sobre Ana e eu escutei. Por fim, ficou exausto e foi dormir.

Fiquei um tempo do lado de fora, afetado por toda aquela história. Não queria nunca ver Vítor tão arrasado e gostaria de poder ajudá-lo, mas no momento não havia muito o que fazer. Ao mesmo tempo pensava em Ana, em como ela devia estar se sentindo. Principalmente com Vítor cercanda, sem aceitar o rompimento.

Eu me sentia muito incomodado, pois aquela

situação era uma velha conhecida minha. Senti profundamente na pele o que era ter alguém desesperado por você, fazendo loucuras para estar ao seu lado, criando um círculo vicioso e obsessivo que afetava a vida de todos os envolvidos.

Demorei anos para me recuperar daquilo, que afetou minha vida não apenas uma, mas duas vezes. Até hoje, depois de anos, eu ainda sonhava com aquelas duas mulheres, tinha pesadelos, pensava nelas. Mesmo após muita terapia, muita conversa com meus tios, eu ainda me sentia culpado. Minha mãe e minha namorada Angélica. Duas mulheres que morreram por minha causa.

Levantei e fui me deitar, tentando esquecer aquilo.

Vítor não era como elas. Ele viu como a obsessão por uma pessoa podia trazer estragos, acompanhou tudo ao meu lado. Não faria a mesma coisa com Ana. Logo ele aceitaria o rompimento e seguiria em frente. Era uma questão de tempo. E eu e meus tios estaríamos ao lado dele para ajudá-lo.

Pensei se a mãe de Ana ficaria ao lado dela. Provavelmente seria mais uma a tentar convencê-la a voltar com Vítor. E talvez conseguisse, se Ana fosse mesmo muito submissa e deixasse sua

vontade ser afetada pelas insistências da mãe e de Vítor. Mas isso não me dizia mais respeito.

De manhã, Vítor acordou ainda arrasado, reclamando de tudo, da tipoia que o incomodava e que ele talvez tirasse naquele dia ao ir ao médico, da saudade de Ana, da falta que sentia do trabalho, já que ganhou alguns dias do médico para ficar em casa. Tentei levá-lo à empresa do meu tio, para ver se ele se animava, mas meu primo preferiu ir para casa e eu o acompanhei.

Na mansão, eu e tia Laurinha fizemos de tudo para distraí-lo, mas o assunto dele era só sobre Ana. Após o almoço, voltei para casa, sem saber mais o que fazer.

Era sexta-feira à noite, eu saí para jantar com dois amigos médicos que trabalhavam comigo na Santa Casa. Era difícil nossas folgas coincidirem e desde que voltei da Alemanha não havíamos nos encontrado. Eu conversava animadamente com Eduardo e Paulo sobre as novidades daquele ano que fiquei fora, quando meu celular tocou. Era tia Laurinha.

— Tia, aconteceu alguma coisa?

— Oi, meu filho. Desculpe te incomodar a essa hora, mas o Vítor está me deixando louca! Saiu

daqui ainda há pouco de táxi, dizendo que ia atrás da Ana, parece que no bar que ela vai todas as sextas. Ele estava transtornado, João. Não foi ao médico hoje e ele mesmo tirou a tipoia. Tinha bebido bastante. Pelo menos não saiu dirigindo! Mas estou preocupada, pois não atende o celular! Nem levou o Carlos como motorista.

— Calma, tia. Ele me falou onde fica esse bar lá na Lapa. Vou buscá-lo.

— Você faz isso? O Bernardo fez uma viagem de negócios a São Paulo e nem o avisei, para não preocupá-lo à toa.

— Fez bem. Assim que eu tiver notícias, ligo pra senhora.

— Obrigada, João.

— Não se preocupe.

— Vá com Deus, meu filho.

Ela desligou. Inventei uma desculpa para meus amigos, paguei minha parte da conta e saí. Infelizmente eu estava em um restaurante da Barra da Tijuca, em uma sexta-feira à noite. Não seria muito rápido até chegar à Lapa. Lamentei ter ido ali de carro e não com a minha moto.

Xinguei Vítor mentalmente, pois ele estava agindo como um *criança*, mimado e imaturo. Nem

se preocupava com a mãe ou com o fato de ainda estar se recuperando de um acidente. Ele ouviria poucas e boas quando eu o encontrasse. Seu celular tocava, mas ele não respondia. Não perdi mais tempo tentando e dirigi para a Lapa.

Demorei quase quarenta minutos até parar meu carro no estacionamento lotado do Loretta. Era uma mistura de bar, restaurante e boate, em uma rua movimentada da Lapa, cheia de bares. Eu já havia ido umas duas vezes ao Loretta e o que atraía no lugar era a comida excelente, as cervejas sempre geladas e a boa música. Bandas sempre se apresentavam por lá, todas de alta qualidade.

Não era um lugar cheio de frescuras, mas animado, lotado de jovens e barulhento. Paguei minha entrada e, por fim, estava lá perto do bar, pensando como eu encontraria Vítor naquele lugar cheio de gente. Então ouvi uma música animada, tocando no intervalo da banda que se apresentava no palco, e lembrei de Vítor dizendo que Ana adorava ir ali para dançar com os amigos. Assim, segui na direção da enorme pista de dança banhada por jogos de luz.

Olhava em volta com atenção, procurando por Ana ou por Vítor em meio a toda aquela penumbra,

com luzes coloridas que se cruzavam, e todas aquelas pessoas dançando. Era difícil visualizar bem alguém ali, mas fiquei parado, observando todos que passavam à minha volta e os que dançavam.

Quase que por um milagre eu a vi.

Ana não estava muito distante e dançava sozinha em meio a um monte de gente. Estava com os braços pra cima, os olhos fechados e se remexia ao ritmo da música. Seus movimentos eram sinuosos, sensuais e ela parecia imersa em um mundo próprio, como se tudo se resumisse à música e ao ritmo, aos quais ela se entregava.

Senti a garganta seca. Eu nunca havia a visto tão bonita, seu cabelo longo descendo por seus ombros, por seus seios, os braços esguios balançando suavemente, seu quadril movendo-se como de uma sereia a seduzir quem pusesse os olhos nela. A franja suada colava-se em sua testa, assim como alguns fios em seu pescoço. Sua camiseta preta, de alças finas, marcava os seios empinados e a cintura fina. Ela usava uma leve saia estampada, que caía suavemente por seu quadril arredondado até um pouco acima dos joelhos.

Fiquei hipnotizado, parado ali como um tolo sem

conseguir me mover ou reagir. Tentei olhar em volta, ver se Vítor estava por ali, mas não consegui. Minha vontade era a de ir até ela e beijá-la até perder o fôlego, segurar aquele corpo esguio e curvilíneo contra o meu, saber se seu gosto era tão bom quanto o resto dela.

A música terminou e começou outra do Aerosmith, mas lenta, romântica. Ana desceu os braços e foi parando de dançar, enquanto abria os olhos pesados, como se saísse de um devaneio. Seu rosto era um misto de languidez e até certa tristeza. Ela moveu de leve a cabeça ao som da nova música, enquanto começava a sair da pista e vinha em minha direção, ainda sem me ver.

Parecia distraída, mergulhada em um mundo só seu ou no da música, pois já estava na minha frente e não parecia enxergar nada. Mas então seu olhar vagueou até o meu e parou. Pude notar o exato instante que seus olhos se focaram, agora extremamente alertas, fixos nos meus.

Ela parou de supetão, surpresa, muito quieta. Sua respiração tornou-se mais irregular. Seus lábios pararam levemente entreabertos. Ela e aquela música também me afetavam, como se tudo tivesse sido feito pra nós dois.

Então me dei conta do ridículo que era meu pensamento. Nunca fui romântico ou sonhador. Aquela melodia não tinha nada a ver conosco. E eu não estava ali por ela, mas por Vítor. Consegui me manter frio, esperando que ela terminasse de se aproximar. O que ela fez com mais alguns passos.

— João... — Parou incerta, parecendo um pouco tonta.

— Ana — cumprimentei-a com a cabeça. Praticamente líamos os lábios um do outro, pois o som era muito alto.

As pessoas passavam à nossa volta, esbarravam. Uma delas empurrou Ana para frente e ela apoiou as mãos em meu peito, seu corpo quase colado no meu. Fiquei imóvel, sentindo o desejo percorrer subitamente minha pele. Seus olhos ergueram-se para mim e ela não se afastou. Entreabriu os lábios e murmurou:

— Dança comigo.

Era possível sentir o álcool em seu hálito doce. Segurei seus braços com firmeza, afastando-a um pouco para que não sentisse a ereção incômoda em minha calça e para que eu pudesse reequilibrar meus sentimentos.

— Ana... — A música alta impedia que nos

ouvíssemos. Pessoas à nossa volta nos empurravam um para o outro.

— Venha comigo...

Comecei a levá-la para longe da pista de dança, segurando sua mão e trazendo-a atrás de mim. Contornamos o palco, fugindo da música alta. Havia um lugar menos movimentado ao final do bar, um pouco escuro, mas mais silencioso. Paramos ali e nos fitamos. Mantive uma distância segura dela, que falou logo:

— Está... procurando... Vítor?

— Ele está aqui?

— Saiu ainda há pouco.

Eu a observei com cuidado. A tristeza que notara em sua expressão ao dançar parecia mais latente agora. Parecia bem chateada.

— Ele falou com você?

— Sim, João.

— Vítor não tem facilitado as coisas.

— Não tem mesmo. Acho que ele tinha bebido. Foi difícil conversar com ele.

— Ele foi agressivo ou...

— Não. — Ela balançou a cabeça. Incomodada, olhou em volta e afastou o cabelo para trás dos ombros. Alguns fios continuaram colados em seu

pescoço suado. — Apenas não me dá espaço.

Parecia meio tonta e imaginei se não teria bebido um pouco mais por se sentir chateada, pressionada.

— Eu sei. Já conversamos com ele, mas está parecendo um garoto mimado que não gosta de ser contrariado — falei irritado.

Ana me olhou e acenou com a cabeça:

— Foi isso o que minha amiga Paola disse pra ele. Por fim, ele viu que eu não sairia para conversar e começou a discutir com Paola, que se meteu entre nós. Os dois nunca se entenderam muito bem. Aí ela ficou nervosa, disse que era melhor ele ir embora, mas Vítor estava sem carro, não podia dirigir. No final das contas, ela falou pra eu esperar aqui e foi levá-lo em casa.

Fiquei aliviado com aquela notícia.

— Que bom. Minha tia estava preocupada, pois ele saiu de táxi e alcoolizado. E Vítor não atende o celular.

— Não se preocupe. Paola é bem responsável, vai deixá-lo em casa. Vou ligar pra ela e perguntar onde eles estão.

Concordei com a cabeça. Enquanto ela pegava o celular e ligava, eu a observava. Naquela hora começou uma música lenta do Elton John, mas só

notei superficialmente. Meus sentidos estavam todos concentrados em Ana.

— Oi, Paola, sou eu. E o Vítor? Entendi. — Ana ouviu um pouco. — Certo. João, o primo dele, está aqui. Um momento. Quer falar com ela, João?

— Quero. — Ela me entregou o telefone. — Paola, obrigado por estar levando Vítor para casa.

— *Quando ele estiver sóbrio, vai ouvir poucas e boas de mim.* — Ela reclamou. — *Acredita que pegou no sono aqui no carro? A sorte é que fui sexta-feira na casa dele e sei o caminho.*

— Parece que ele vai ouvir de todo mundo amanhã.

— *Diga para sua tia lhe dar umas palmadas!* — Sua voz estava mais bem-humorada. — *Falando sério, Vítor precisa entender que o noivado acabou. A Ana está arrasada por magoá-lo, ela não quer fazer isso. Mas ele é um homem. Não pode ficar cercando-a, incomodando-a no trabalho, no lazer, na casa dela.*

— Sei disso.

— *Hoje ele só faltou agarrá-la aí no bar! Depois quase chorou. Ela já ia ligar para um táxi e levá-lo em casa. Mas achei melhor eu mesma fazer isso, assim ele entende mais rápido que não pode*

obrigá-la a fazer as suas vontades. — Paola suspirou.

— *Você está de carro?*

— Estou.

— *É porque o trânsito aqui está ruim e devo demorar até levar o Vítor e voltar. A Ana saiu comigo. Se ela quiser ir embora, pode lhe dar uma carona? Nossos amigos beberam e só saem mais tarde.*

Eu fitei Ana. Ela me olhava, prestando atenção. Depois se recostou na parede, pálida, parecendo cansada.

— Pode deixar, vou cuidar disso

— *Obrigada.*

— Obrigado a você, Paola.

Desliguei o celular e entreguei a Ana.

— Ele dormiu, não é?

— Sim — respondi. — Eu disse a ela que te levaria em casa. Quer ir agora?

— Você não precisa se preocupar comigo.

— É o mínimo que posso fazer. Se não quiser ir agora, eu espero.

— Não quero ir. E não precisa me esperar. — Lançou-me um olhar magoado, como se eu tivesse feito algo errado. — Não sou obrigação sua.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não disse isso. — Franzi o cenho.

— Cuide de Vítor. Eu sei me virar sozinha. Tchau, João.

Deu-me as costas e já ia se afastando. Segurei seu braço na hora e a virei, sem entender.

— O que houve? Por que está assim?

— Por quê? — Riu, sem vontade, lágrimas surgindo em seus olhos. — Só veio aqui atrás de Vítor, preocupado com o seu primo na companhia de uma desalmada como eu! Não é isso que todo mundo está pensando? Acha que não percebo que quer correr logo pra longe de mim como se eu fosse uma leprosa? Então não precisa fingir, tá? Eu tô bem. Vou embora com meus amigos.

— Não é nada disso. — Ana tentou puxar o braço, mas eu não podia deixá-la sair assim. Segurei o outro braço também e fitei seus olhos, revoltado por vê-la magoada comigo. — Ana, você também bebeu e Paola está preocupada. Só vou te levar para casa.

— Mas eu já disse que não quero! Pode me soltar?

Olhamos fixamente um para o outro, ambos irritados. Mas o desejo também estava lá, quente e denso, quase como uma energia viva entre a gente.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele canto mais escuro, era como se só existíssemos nós dois.

Quando ela entreabriu os lábios e arfou baixinho, senti a labareda da luxúria me lambar, quase incontrolável. Recorrendo a todo meu autocontrole, soltei seus braços, sabendo que o melhor era ficar longe dela mesmo. Mas Ana não se afastou. Surpreendendo-me, deu um passo para frente e disse com raiva:

— Estou cansada de ser boazinha!

Quando veio mais perto ainda, dei um passo para trás e senti a parede atrás de mim. Antes que pudesse reagir, Ana me abraçava forte pelo pescoço, ficava na ponta dos pés e colava o corpo ao meu. Seus lábios macios e carnudos beijaram os meus com paixão, como se tivesse enlouquecido.

Fui arrebatado por meu próprio desejo violento, pelas emoções intensas que borbulhavam dentro de mim desde que a conheci. Todo meu lado racional foi inibido pela paixão e quando vi eu a apertava contra mim, minha mão direita em suas costas, a esquerda na nuca, amparando sua cabeça enquanto enfiava minha língua em sua boca e a beijava faminto.

Meus dedos se perderam em seus cabelos sedosos

e apertei seu corpo macio contra o meu, puxando-a tanto como se a fundisse a mim. Seu gosto me deixou doido, seu cheiro de morango infiltrou-se em minhas narinas e envolvi minha língua na sua, lambendo-a, sugando-a. O desejo foi tão intenso que agradeci estar encostado na parede. Encaixei-a em mim, tão duro e excitado contra sua barriga, tão arrebatado que não conseguia mais soltá-la.

Ana gemeu como uma gatinha, agarrada em mim, suas mãos em meus cabelos, sua boca na minha. A paixão nos deixou dopados, tão descontrolados que o mundo todo deixou de existir. Era somente nossa pele queimando, nossas línguas se sentindo, nosso desejo se mesclando. Quando ela se roçou em mim, tentando ficar mais na ponta dos pés, meu pau endureceu ainda mais, como uma barra de ferro. Abri um pouco as pernas e a encaixei ali, gemendo rouco quando sua vagina se acomodou certinha de encontro ao meu pau.

O desejo avassalador de estar dentro dela me golpeou e a beijei tão ferozmente que meu coração disparou, a adrenalina percorrendo meu sangue. Minha razão tentava escapar de todo aquele descontrole, sabia que devia parar, mas não conseguia. Parecíamos feitos um para o outro,

perfeitos, completos, unidos. Mas no fundo algo me alertava. Eu devia parar. Eu devia lutar.

Descolei nossos lábios e ergui a cabeça, respirando pesadamente, buscando me controlar. Mas Ana beijou meu queixo, minha garganta, ronronou e mordiscou meu pescoço, entregue e apaixonada. Suas mãos percorreram meus ombros sobre a camisa, seu quadril roçou o meu. Segurei-a firme, meus dedos perdidos entre a maciez de seus fios castanhos espalhados pelas costas, tentando conter toda loucura que despertava em mim.

— Ana... Pare...

— Não... — Abriu minha camisa perto da gola com as duas mãos e lambeu o oco entre a clavícula, como se não pudesse se conter, parar de me beijar e tocar.

Fechei os olhos, lutei comigo mesmo, mas no fim soube que precisava parar. Eu não podia fazer aquilo com Vítor. Ele era mais do que um irmão para mim. Abri os olhos e lamentei internamente quando a segurei firme e afastei-a um pouco de mim. Meu corpo protestou, quase a puxei de volta, mas consegui fitar seus olhos pesados de tanto desejo e dizer baixo, mas firme:

— Não.

PERIGOSAS NACIONAIS

— João...

Fez menção de me abraçar de novo, seus lábios inchados e vermelhos me fazendo vacilar e queimar, mas a mantive longe e fui mais duro:

— Eu não quero, Ana. Não quero.

— Você quer... — Piscou, confusa, obviamente excitada, tudo nela gritando seu desejo por mim.

— Isso não devia ter acontecido. — Desencostei da parede. Soltei-a e a contornei, me afastando um pouco, passando a mão pelo cabelo num gesto nervoso.

— Mas aconteceu. João, escute... — Ela segurou meu braço, olhando-me suplicante. — Eu e Vítor acabamos. Eu esperava por você. Não é justo...

— Vítor é um irmão para mim. Sei como ama você, como queria se casar e está sofrendo com tudo isso. Eu não podia ter tocado em um fio de cabelo seu. — Tentei achar forças na raiva que senti de mim mesmo. Fitei-a bem dentro dos olhos, todo desejo arrebatador parecendo me consumir com força total, mas a lealdade a Vítor me contendo. — Como vou olhar para ele agora?

Ela deixou a mão cair, parecendo entender que estava decidido. Corou, piscou, mordeu o lábio. Disse baixinho:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também não quero magoá-lo, mas... Não é justo.

— Era quase possível tocar a paixão com a qual me olhava.

Em volta de nós a música continuava, pessoas passavam e se divertiam, o mundo andava normalmente. Mas naquele canto, depois de saber como nos fundimos tão bem, o quanto o beijo foi delicioso, o desejo parecia uma força viva, nos puxando e golpeando. No entanto ele não poderia crescer em meio a uma traição. Ana não estava mais com Vítor, mas eu sabia como ele estava sofrendo, como a amava. E não poderia traí-lo.

— Isso deve acabar aqui e agora — falei sério, decidido.

— Vou levar você para casa e ir embora. E não devemos nos ver mais.

Ana parecia derrotada, como se tivesse muitos argumentos, mas não pudesse usá-los. No fundo, sabia que ela entendia. Nos fitamos, querendo uma coisa e decidindo por outra. E ela sussurrou:

— Não precisa me levar.

— Não saio daqui sem você, Ana.

— Vou só até a mesa pegar minha bolsa e me despedir do pessoal. — Parecia cansada.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. Eu aguardo aqui.

Ela passou por mim sem me olhar. Fiquei imóvel, sabendo que tinha feito o certo. Nunca devia tê-la beijado. Mas Deus que me perdoasse, pois eu nunca esqueceria aquele beijo, a sensação de tê-la em meus braços e sentir seu gosto doce e único. Tentei me controlar, manter a cabeça fria. Era um homem ligado aos prazeres físicos e, não bastasse a atração que despertava em mim, Ana também mexera com algo mais fundo. Eu precisava de mais tempo para me reequilibrar.

Ela não demorou e logo saíamos juntos.

Depois que nos acomodamos no carro e seguimos pela rua movimentada, um silêncio tenso, pesado, se instalou entre nós.

— Eu e minha família não aprovamos nem um pouco esse comportamento do Vítor — falei baixo, tentando não tocar no que tinha acontecido entre nós. — Prometo que vamos ser mais duros com ele.

Ana apenas acenou com a cabeça, quieta, realmente abalada.

— E sua mãe? Como reagiu ao fim do namoro? — insisti, sem aguentar todo aquele silêncio. Minha vontade era de arrancar com o carro até meu apartamento, jogar Ana na cama, tirar suas roupas e

entrar nela, me faltar com seu corpo, amá-la a noite toda. Tentei afastar o pensamento tentador. E lembrei que ela era virgem. Devia manter tudo aquilo em mente e me controlar.

Ela suspirou, olhando pela janela.

— Muito mal. Eu só vou pra casa para dormir, pois não aguento mais os sermões dela sobre o quão idiota eu sou por me separar de Vítor.

— E você tem certeza de que tomou a decisão certa?

Com minha visão lateral, notei que virava e olhava para mim.

— Você sabe que sim, João.

— Então, mantenha seu ponto de vista e ignore o resto.

— É o que estou tentando fazer. Mas fica difícil ignorar o Vítor de um lado e a minha mãe do outro. Eles vão entender que não vou voltar atrás, mas até lá...

— Vai passar. Se o Vítor incomodar você de novo, eu mesmo vou me encarregar dele.

— Vai amarrá-lo ao pé da cama? — Ana sorriu lentamente.

— Se for preciso. — Acabei sorrindo também.

O clima entre nós aliviou um pouco, embora a

energia densa e quente continuasse.

— Em que lugar da Taquara você mora, Ana?

Ela explicou e seguiu em frente.

— Você já tinha ido antes ao Loretta? — perguntou de repente.

— Poucas vezes.

— Quando?

— Uns dois anos atrás.

— Eu sempre vou lá. É bem provável que eu estivesse no Loretta quando você foi lá.

— E?

— Nada. Só isso. — Ficou pensativa. Quase pude adivinhar seus pensamentos: poderíamos ter nos encontrado lá antes de ela conhecer Vítor. A atração entre nós bem provavelmente seria a mesma. Mas todo o resto seria bem diferente, sem o peso de Ana ter sido noiva do meu primo.

— O passado não pode ser mudado.

— Mas o presente sim — ela retrucou mansamente.

— É verdade. Você mudou o seu presente quando terminou o noivado.

— Eu gostaria de mudar ainda mais. — Fiquei quieto, com os olhos fixos na estrada. Mas ela não recuou: — Gostaria de ter conhecido você antes.

Ou que você não fosse primo de Vítor.

— Ana...

— Eu sei o que você vai dizer. Já deixou tudo claro. Mas posso falar só uma coisa, João?

Eu sentia que ela me olhava. Mas não a encarei. Precisava me manter firme, sem vacilar. Ana não esperou que eu respondesse e falou com suavidade e com emoção contida:

— Todo mundo diz que sou uma tola romântica. Tentei mudar e por isso fiquei com Vítor. Mas quando vi você naquela festa... Não sou de paquerar por aí, como você pensou. É que senti uma coisa diferente por você. E aí percebi que não dava mais para forçar outros sentimentos. Sei que Vítor é seu primo e que não tenho a mínima chance. Mas só queria dizer que se algum dia, daqui a um ou dez anos, você mudar de ideia, eu estarei te esperando.

Cerrei o maxilar, com suas palavras atingindo algum alvo escondido dentro de mim. Fiz o possível para manter meu pensamento lúcido, procurando não me envolver com o significado de tudo aquilo. Esperar por mim. Mesmo sem saber se ou quando eu a procuraria, sem pedir nada em troca. Dez anos!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vou mudar de ideia — disse o mais friamente que consegui, embora agarrasse o volante com força, minha vontade sendo outra.

Ela apenas olhou para frente, quieta, suas mãos imóveis em seu colo.

Nunca me senti tão afetado por uma mulher. A cada vez que eu a encontrava, ela parecia tomar um pouco mais de mim. Agora mesmo me sentia horrível, abalado, envolvido. O melhor a fazer era evitá-la, ficar o mais distante dela que fosse possível. Com sorte tudo voltaria ao normal, e para ela também.

Quando estacionei em frente ao prédio em que ela morava, em uma tranquila rua da Taquara, Ana já foi soltando o seu cinto de segurança.

— Eu a acompanho até o portão — avisei sem olhá-la.

Saí do carro, dei a volta e abri a porta pra ela. Ana desceu tirando o molho de chaves da bolsa, parecendo extremamente envergonhada. Caminhamos até o portão gradeado e esperei que ela o abrisse. Por fim, ela segurou o portão e ergueu seus olhos caramelados até fitar os meus.

— Obrigada por tudo, João. Seja feliz.

— Você também.

PERIGOSAS ACHERON

E ela entrou rápido, sem olhar para trás. Observei-a sumir dentro do prédio e só então voltei para o meu carro. Uma sensação pesada apertava meu peito. Percebi que já era a saudade.

ANA FLOR

Quase não dormi naquela noite. Rolei na cama febril, cheia de amor e desejo, sem poder tirar João da mente. Recordava milhares e milhares de vezes o seu cheiro, seu gosto, suas mãos, seu corpo. Gemia baixinho, agoniada. Tinha sido maravilhoso sentir seu corpo musculoso contra o meu, a língua em minha boca, seu membro duro e tão volumoso contra minha vulva encharcada dentro da calcinha.

Se João tivesse me pedido para fazer amor com ele, eu não vacilaria nem por um segundo. Faria tudo que ele quisesse. Agora eu podia entender porque às vezes as pessoas perdiam a cabeça quando estavam apaixonadas. Era uma loucura, tão arrebatador e *cegante*, tão intenso! Tão dolorido...

Ao mesmo tempo que me enchia de júbilo, feliz por ter tido aqueles momentos com ele, eu era atacada pelo desespero de saber que estaria privada de estar perto dele. Tudo porque não confiei em

PERIGOSAS NACIONAIS

meus instintos e namorei, fiquei noiva de Vítor, mesmo sabendo que não era o homem da minha vida. Se eu tivesse me mantido fiel aos meus sonhos e desejos, poderia encontrá-lo agora e seria livre. Estaria com João sem empecilhos.

De madrugada eu estava sobre os lençóis amarfanhados, ardendo, precisando tanto de um alívio para meu corpo febril, tão repleta de pensamentos pecaminosos com João, que quando vi me tocava, fechando os olhos, imaginando que era ele ali comigo, percorrendo seus dedos longos por minha pele, beijando minha boca.

Acaricieei meus seios sobre a camisola fina, gemendo, sentindo minha vagina ficar molhadinha. Não era imune ao desejo nem ao meu próprio corpo. Já tinha me masturbado antes, sabia qual era a sensação de ter um orgasmo. Mas sempre sozinha. Nunca permiti nada mais íntimo, pois não suportaria qualquer um me tocando daquele jeito. Mas agora sim eu queria outra pessoa comigo. João.

Quase podia sentir sua boca na minha. Entreabri os lábios, mergulhando os dedos dentro da minha calcinha, acariciando devagarzinho meu clitóris. Imagens eróticas de João ali encheram minha

PERIGOSAS ACHERON

mente e arquejei, fora de mim. Ondulei, queimando, desejando, querendo. Gozei assim, gemendo baixinho o nome dele, da maneira mais intensa que já tinha conseguido. E depois fiquei lá, deitada na penumbra, chorando baixinho. Por tudo que eu queria e tinha esperado. E que agora era tirado de mim. Só consegui dormir muito tempo depois.

Quando acordei, fiz tudo mecanicamente, João em cada um dos meus pensamentos.

Fiquei preocupada, pois não consegui mais falar com Paola desde a noite anterior no Loretta. Seu celular estava desligado e ela não atendia o telefone domiciliar.

No sábado de manhã resolvi esperar ficar um pouco mais tarde e ir ao apartamento dela, saber se estava tudo bem. Eu terminava de tomar meu café da manhã quando minha mãe entrou na cozinha, com olhar azedo em minha direção. Fingi não perceber e, notando que ela estava toda arrumada, mais do que o normal, perguntei:

— Vai sair?

— Minha amiga me indicou uma cartomante. Disse que é excelente.

— Cartomante? — Pus minha xícara de café com

leite no pires e olhei-a desconfiada. — Não sabia que a senhora ia em cartomantes.

— Já fui algumas vezes.

Ela se serviu de café puro e sentou na minha frente.

— Por que vai ler a sua sorte?

— Não vou para mim. É para você.

— Pra mim?

— Você não me explica nada e vive fazendo besteiras ultimamente. Quero saber por que e o que devo fazer.

— Não deve fazer nada, mamãe. A vida é minha e eu tomo minhas decisões.

— Decisões erradas!

— Para mim, não. E eu explico muito bem tudo. Já deixei claro um milhão de vezes que não amo Vítor! O que a senhora não entendeu?

— Amor! Você é tão bobinha! Olha o que o amor fez comigo! Me deixou grávida e sozinha, com uma filha para criar.

— E a senhora se saiu muito bem!

— Eu também pensava assim. Mas agora vejo a garota fraca e boba, cheia de minhocas na cabeça, que eu criei!

Fiquei quieta, magoada. Estava cansada daquele

estresse, de discutir com minha mãe toda vez que estávamos no mesmo local.

— Aonde você vai, Ana Flor? — ela perguntou com o nariz em pé, ao ver que eu me levantava.

— Sair.

— Pra onde?

— Vou encontrar Paola.

— Ah, aquela lá! Má influência! Sempre te avisei que essa daí não te leva pra lugar nenhum!

— Tá, mãe. — Já fui saindo. Passei rapidamente em meu quarto, peguei minha bolsa e fugi de casa antes que ela viesse falar mais coisas.

Caminhei até o prédio de Paola, perto do meu. Seu Zé, o porteiro que me conhecia há muito tempo, me deixou subir sem interfonar para ela. Quando toquei a campainha em sua porta, já era quase dez horas da manhã.

Não demorou muito e Paola abriu a porta. Fiquei surpresa ao vê-la com a maquiagem borrada, descalça e com a mesma roupa com que saíra na noite anterior.

— O que houve?

Ela ficou vermelha como um pimentão. Arregalei os olhos, pois eu nunca a tinha visto corar.

— Paola?

— Entre, Ana.

Caminhamos até o sofá e nos sentamos lado a lado. Ela parecia nervosa, evitando meu olhar.

— Não consegui falar com você desde ontem, quando foi levar Vítor em casa. O que aconteceu? Por que ainda está com essa roupa?

— Acabei de chegar.

— Onde você estava?

Ela passou a mão pelos cabelos, ajeitando-os atrás da orelha. Só então me encarou.

— Na casa do Vítor.

— Na casa do Vítor? — falei, muito surpresa. — Mas como isso aconteceu?

— Ele estava bêbado e dormiu no carro. Quando chegamos lá, a mãe dele estava muito preocupada e o acordou com uns esporros dignos de uma lavadeira do morro. Nós o acompanhamos até o quarto e ele ficou pedindo desculpas, até ela se acalmar. Quando vi que estava tudo bem, eu ia vir embora. Mas aí ele perguntou se eu não podia ficar e conversar com ele. A mãe dele saiu e eu fiquei.

Ela passou de novo a mão pelo cabelo e fechou os olhos por um momento.

— Olha, Ana, me desculpa, tá? Foi sem querer.

— O quê? — Franzi o cenho. Por fim, arregalei

os olhos.

— Não acredito!

— Que merda! — Ela enfiou o rosto nas mãos.

— Paola, você e Vítor...

— Nem sei como aconteceu! — Ela se virou pra mim e segurou minhas mãos, nervosa. — Ficamos sozinhos, ele me agradeceu, pediu desculpas, começou a falar de você, aí eu disse que ele era um babaca molengão... Esculachei com ele! Quando vi, a gente estava se agarrando em cima da cama. Ai, que merda!

Fiquei imóvel, encarando seus envergonhados olhos castanho-escuros. Por fim, caí para trás no sofá, rindo às gargalhadas.

— Ana?

Soltei suas mãos para segurar meu estômago, pois eu não conseguia parar de rir.

— Ana, você ficou louca? Ei!

— Ahhhh...

Cheguei a chorar de tanto rir.

— Pare com isso! — Paola começou a rir também. — Ana!

Ela se jogou em cima de mim. Nós nos abraçamos em meio às gargalhadas, até ficarmos exaustas.

— Meu Deus do céu! — murmurei, enxugando os

olhos.

— Você e Vítor! Quem podia imaginar!

— Ana, fiquei com medo que você...

— Pare de besteira! Não tenho mais nada com ele!

Sentamos direito no sofá e segurei novamente as suas mãos. Eu sorria para ela.

— Se você tivesse me dado uma pista que gostava dele.

— Eu não gostava. Quero dizer, já o tinha visto por aí antes de vocês namorarem e dava umas espiadas nele. Mas depois achei que ele era mesmo mimado, filhinho de papai. Agora ontem... Eu me aproveitei de um bêbado!

Comecei a rir novamente e ela me empurrou de leve.

— Porra, Ana! Pare com isso!

— Tá. — Respirei fundo. — Conte tudo, anda!

— A gente se beijou, caiu na cama e... Bom, o resto você já sabe.

— E depois?

— Acabei dormindo com ele. De manhã o clima ficou estranho. A gente ficou muito sem graça. E ele me pediu desculpas. Queria que eu jurasse que não ia contar pra você. Como se tivéssemos

PERIGOSAS NACIONAIS

segredos uma com a outra! — Balançou a cabeça, irritada. — Sabe o que o idiota disse? Que estava sem transar um tempão e, bêbado, sofrendo por você, perdeu a cabeça. Mas que aquilo nunca mais ia acontecer. Que ele a amava e morreria se você nunca mais voltasse para ele.

— Ah, que babaca! — exclamei, vendo que Paola estava chateada. — No final das contas, Vítor é mesmo bem infantil.

— Ana, você jura que não ficou chateada? Eu nunca me ofereci pra ele! Aconteceu e...

— Paola, eu nunca devia ter namorado o Vítor. Se ao menos desconfiasse que você gostava dele...

— Eu não gosto! Foi sexo! E se quer saber, é um babacão mesmo! Merece um belo chute na bunda!

— Fitou-me. — E com o João?

— Isso é outra conversa. — Suspirei, ainda feliz por ela.

— Não vai dar em nada mesmo. Ele acha que é uma traição com Vítor.

— Quem sabe agora...

— Não. Ele deixou claro, de novo, que não muda de ideia. Aliás, percebi que você pediu pra ele me dar uma carona só para que eu pudesse ficar um pouco mais perto dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso, mas também estava preocupada. Ontem você estava sem carro e estava de carona comigo. Viu que eu nem bebi. Não queria te deixar lá sozinha.

— Certo.

— Gostei dele pelo pouco que nos falamos ao telefone. Tem uma voz!

Sorrimos e ficamos em silêncio por um momento. Balancei a cabeça e acabei confessando:

— Ontem nós nos beijamos na boate.

— Sério? — Arregalou os olhos. — Então o negócio é melhor do que pensei! Como foi?

— Maravilhoso. — Suspirei, olhando para minhas mãos.

— Mas João disse que nunca mais vai acontecer.

— Não fique assim. Tudo acaba se ajeitando.

— Estou me sentindo mal, acho que sou uma desalmada, Paola. Porque, se João me quisesse, eu ficaria com ele, mesmo ele sendo quase um irmão de Vítor. — Ergui os olhos, agoniada. — A única pessoa que pode me impedir de correr atrás de João é ele mesmo.

— Você não é desalmada, pare de dizer besteira. Dê tempo ao tempo.

— É. E ainda mais agora. Sei lá, para Vítor acho

PERIGOSAS NACIONAIS

que sou apenas um desafio. — Encarei-a. — O fato de ter ficado com você demonstra isso. Ele não me ama de verdade. Mas essa insistência só atrasa a vida de todo mundo.

— Ana, os homens podem amar e transar com outras. Foi como ele disse, estava na seca e bêbado. Tenho consciência que o que rolou foi só sexo. E acho que gosta mesmo de você.

— Deu de ombros, como se não se importasse. Mas eu a conhecia bem demais para saber que, no fundo, estava magoada.

— Não sei. Essa implicância toda entre vocês dois. Talvez haja muito mais aí.

— Não tem nada. Vamos esquecer esse assunto. É tudo complicado demais!

Concordei com a cabeça. Mas, no fundo, eu pensava que Vítor podia seguir o caminho dele e entender que o que tinha tido entre a gente não ia dar em nada. Talvez assim pudesse ver como Paola era maravilhosa. Agora eu começava a desconfiar de que ela gostava dele e me xingava interiormente por não ter me dado conta por tanto tempo. E quanto a João, não queria desistir ainda. E sabia que se uma oportunidade aparecesse, eu a agarraria com unhas e dentes.

PERIGOSAS ACHERON

JOÃO PEDRO

Eu não acreditei no que minha tia me contava, no sábado quando cheguei à mansão para saber de Vítor. Eu e ela estávamos na sala, sentados lado a lado no sofá.

— Deixa ver se entendi. Vítor passou a noite com a amiga de Ana, que o trouxe para casa ontem? Aquela de quem ele não gostava?

— Isso mesmo. — Tia Laurinha acabou sorrindo. — Dá pra entender esse garoto? Passou dias desesperado pelo fim do noivado e bastou aquela moça bonita ficar no quarto sozinha com ele e os dois dormiram juntos. Agora está lá no escritório, pondo o trabalho em dia no computador, todo calado.

— Vou falar com ele.

— Vê se passa um pouco do seu juízo pra ele.

Sorri antes de sair da sala e ir até o escritório. Vítor estava à vontade em um sofá, recostado e com um notebook apoiado nas pernas.

— Posso entrar?

— João! Claro, cara. — Vítor se sentou direito,

fechou o notebook e o pôs na mesinha ao lado. Parecia abatido.

Sentei na poltrona em frente, já dizendo:

— Vim pra cá preocupado com você, mas tia Laurinha disse que a noite foi realmente boa.

Ele corou e passou a mão pelo cabelo claro e ondulado, um pouco sem graça.

— Cara, ontem foi um dia louco. Acabei bebendo e fui atrás da Ana lá na Lapa. Falei um monte de besteira. Acho que Paola ficou com pena e disse que me traria em casa. Já estava ligando para um táxi, quando a ela começou a me dar esporro. Tomou a frente de tudo e quase me arrastou pra fora do bar.

— Sei disso. Fui até lá atrás de você e a Ana me contou. Falei também com a Paola por telefone, quando ela estava trazendo você para casa.

— Pois é. João, estou dizendo, foi uma loucura. Ela me levou pro quarto com a minha mãe. As duas falaram muito e eu prometi que deixaria a Ana em paz. Mas eu precisava conversar e pedi pra Paola ficar um pouco. Na verdade, eu ainda queria arrumar um jeito de reconquistar a Ana e achei que ter Paola como aliada era a melhor saída.

Vítor se remexeu no sofá. Quando me olhou,

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia confuso:

— A Paola notou logo minha jogada e me chamou de idiota, molengão... Porra, me xingou de várias coisas. Ela estava exaltada, com o rosto perto do meu e, aí, não sei direito o que aconteceu. De repente fiquei bem consciente que ela tem uma boca linda, de que os seios dela quase encostavam em mim e quando vi eu a deixava muda com um beijo. Foi muito rápido. De súbito ela me agarrava e beijava também e... aconteceu.

Eu o observava. Estava cabisbaixo.

— Não parece muito feliz.

— E não tô mesmo. Aconteceu porque passei meses na seca com a Ana e estava bêbado. Mas não é a Paola que quero. E agora ela vai contar pra Ana e me ferrar de vez. — Ficou pálido. — Que merda que eu fiz!

Vítor se levantou, passando a mão no cabelo. Se dirigiu até o bar ali perto e pegou uma garrafinha de cerveja no frigobar.

— Quer uma?

— Quero.

Ele destampou duas, me deu uma e voltou a se sentar tomando um gole da sua. Então me olhou e tentou explicar:

PERIGOSAS ACHERON

— Depois que Paola foi embora, fiquei tentando entender tudo o que aconteceu. Cara, ela é um mulherão, do tipo que sempre gostei. Mas eu amo a Ana. Ela tem um jeitinho especial, doce, feminina, diferente de todas as mulheres que já conheci. Com ela eu me sinto bem, feliz, seguro. Não posso desistir do amor da minha vida assim.

— Mas se ela não quer, Vítor, você tem que aceitar.

— Não posso. Preciso fazer alguma coisa. Ainda mais agora, depois desse vacilo com Paola. — Recostou-se, arrasado.

Fiquei quieto e foi impossível não pensar na noite anterior, com Ana nos meus braços, a voz dela dizendo que me esperaria, nem que fosse por dez anos. E o desejo absurdo de jogar tudo para o alto e ficar com ela. Mas agora, vendo Vítor, me dava conta que agi certo. Ele ainda estava ligado demais nela para aguentar algo assim vindo de mim. Mesmo tendo transado com a melhor amiga dela na noite anterior.

— Cara, me dá uma ajuda. Fale com a Ana. — Vítor me encarou, como um garoto perdido.

— Ficou louco? — Eu me levantei. — A única

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa que posso fazer é dizer para você aceitar. Mas como sei que não vai adiantar, só peço que lembre o que uma obsessão pode fazer a uma pessoa. Minha mãe e Angélica eram assim comigo. E olha o que fizeram. Nunca acaba bem.

— Mas não sou como elas — se defendeu.

— Sempre achei que não. Mas cuidado para não passar dos limites. Vou lá, Vítor.

— Tá, cara, vou pensar em tudo.

— Faça isso.

E saí. Talvez fosse melhor ficar o mais distante possível daquela história.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

QUE TENTAÇÃO!

*Abro a porta, enfeito a casa
Deixo a luz entrar
Eu ainda te espero chegar
Escrevo versos
Rosas e incenso para perfumar
Eu ainda te espero chegar
Estar só é a própria escravidão
Ver você é ver na escuridão
E quando o sol sair
Tudo vai brilhar pra mim*

(O Amor Não Sabe Esperar - Herbert Vianna)

ANA FLOR

Eu não queria voltar para casa naquela sábado e fiquei com Paola. Sabia que minha mãe estaria lá pronta para brigar comigo, insistir mais uma vez que eu era uma tola e devia voltar para Vítor. Não me deixaria em paz até me convencer. O que ela não sabia era que nada me faria voltar para ele. Ainda mais agora.

Nossos amigos iam se reunir na praia naquele dia, para comemorar informalmente o aniversário de uma colega nossa em uma barraquinha, com direito à peixe e camarão, bebida à vontade e música ao vivo — dois amigos levariam violão e tocariam. Era um local onde gostávamos de ficar, em um espaço da praia em frente ao quiosque, sob a sombra de uma árvore gigantesca.

Eu até tinha esquecido daquela reunião, quando Sandra, a nossa amiga aniversariante, ligou para meu celular cobrando:

— Aninha, cadê você e a Paola? O povo todo já está aqui! Você vem, não é?

— Ah, claro! — falei rápido. — Parabéns, Sandra! Fique tranquila, já estamos chegando.

— Só quero ver!

PERIGOSAS NACIONAIS

Me despedi dela e saí correndo para contar a Paola. Como não quis voltar em casa, peguei com ela um biquíni de fundo branco com estampas florais e uma saída de praia emprestados. Ao me vestir, disse a ela:

— Paola, eu tô quase nua! Esse biquíni não cobre nada!

— Melhor do que aquelas coisas horríveis de velha que você usa, que mais parece uma sunga. — Ela sorriu, me vendo tentar cobrir os seios com a cortininha minúscula. — Você é linda, Ana. Tem que mostrar mesmo!

Vesti a saída de praia branca por cima e saímos às pressas no carro dela. No meio do caminho compramos presentes para Sandra e chegamos à praia pouco depois das onze horas. A farra já tinha começado e várias mesas e cadeiras do quiosque tinham sido ocupadas por nossos amigos, em frente ao posto 9, na praia da Barra. Abraçamos e beijamos Sandra, que estava feliz da vida. Armando e Luís já ensaiavam as primeiras notas no violão. Falamos com todo mundo, rimos, logo estávamos no meio da bagunça.

Eu adorava o mar e fui correndo dar um mergulho. Depois sentei a uma mesa com Paola e

PERIGOSAS ACHERON

mais três colegas, pedi uma cerveja e belisquei uns camarões. Sandra insistiu em pagar sozinha os petiscos, mas as bebidas nós racharíamos.

A praia estava bem cheia, mas aquele espaço ali era só nosso. Nem me preocupei em passar protetor, pois estava o tempo todo na sombra. Paola se levantou quando começaram a tocar rock nacional e foi dançar na areia com alguns de nossos amigos.

Usava um biquíni fio dental preto, seu corpo escultural atraindo todos os olhares. Além disso, era professora de dança e arrasou. Vi vários de nossos amigos babando por ela e sorri, imaginando-a com Vítor. Quem diria. A bela e independente Paola, que deixava um bando de apaixonados para trás, tendo sucumbido a meu ex-noivo. Haveria alguma chance para os dois? Depois daquela manhã, me sentia culpada por ter ficado com ele tanto tempo e não ter percebido que minha amiga sentia-se tão atraída, pois ficara claro que era mais do que ela dissera.

Bem que Vítor podia se tocar da mulher maravilhosa que ela Paola era e me deixar em paz. Todo mundo ficaria feliz.

Foi só pensar nele, que vi meu ex-noivo. Primeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

o notei pulando da calçada na areia e a primeira sensação que tive foi de dúvida. Esperava sinceramente que não estivesse ali por minha causa, mas por Paola. Ele seria um grandessíssimo babaca se fizesse isso na frente dela, depois do que havia acontecido entre eles.

Depois meu olhar seguiu para trás dele e meu coração deu um salto fenomenal no peito, até falhar uma batida e acelerar como um louco. João tinha acabado de surgir no meu campo de visão e, parado na beira do calçadão, tirava a blusa azul pela cabeça, segurando-a em uma das mãos e olhando em volta.

Senti a boca encher de água; admiração, desejo e amor me engolfando como uma onda. Meus olhos beberam sofregamente sua imagem máscula apenas naquela bermuda cinzenta baixa em seu quadril, deslizaram pela barriga sarada, o peito musculoso encoberto de pelos escuros, os ombros largos e braços fortes, até o queixo firme com covinha, o maxilar anguloso com sombra de barba e seus traços lindos, parando nos intensos olhos azuis. Fiquei nocauteada. Era a primeira vez que o via sem camisa e não estava preparada para tanta beleza e masculinidade.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo se tornou uma sombra para mim. Ricardo, meu colega que conversava comigo sentado ao meu lado, deixou de existir. Sua voz sumiu. Na praia eu só via João, pulando na areia, vindo até nós com o cenho franzido e o olhar atento. Quando aquele olhar encontrou o meu, senti um baque, como se levasse um soco. Todo meu corpo reagiu, meus sentidos se eriçaram, a adrenalina disparou. Fiquei imobilizada por seu olhar e por tudo que me fazia sentir.

João parou e vi a surpresa em seu rosto. Ficou claro que ele não esperava me ver ali e aquela química que havia entre nós, que nos ligava como uma energia viva, foi tão intensa que tive certeza que, como eu, ele sentiu.

— Ei, Ana! — Ricardo sacudiu meu ombro, movendo-me de meu deslumbramento. — Que foi? Pensei que você e Vítor tivessem terminado.

Naquele momento, Vítor entrou em meu campo de visão, na frente do primo, vindo em minha direção com olhos ansiosos, fixos em mim. Respirei fundo, tentei me recuperar, antes que mais alguém percebesse o que acontecia entre mim e João.

— Oi, Ana.

— Oi, Vítor. — Forcei um sorriso, sem saber ao certo como agir. Olhei rapidamente na direção em que Paola estivera dançando. Ela tinha parado e nos fitava, séria. Encontrou meu olhar, deu-me as costas como se não se importasse e continuou a dançar. Tive vontade de falar um palavrão.

— Posso me sentar? — Olhou para Ricardo, como se o convidasse a sair e lhe ceder o lugar ao meu lado. Nunca tinha gostado do meu amigo, dizia que tinha certeza que ele me paquerava. Naquele momento seu olhar arrogante não adiantou muito. Ricardo acomodou-se melhor e o encarou de volta.

— Preciso conversar com a Ana. Pode me dar licença, Ricardo?

— Ana? — O rapaz me fitou, esperando.

Meus olhos passaram dele para Paola, ainda de costas, fingindo mais animação do que eu sabia que era real. Eu podia jurar que estava chateada demais, vendo o cara que transou com ela na noite anterior vir direto a mim sem lhe dedicar um único olhar. Fiquei revoltada com a falta de discernimento de Vítor.

Rapidamente meus olhos foram na direção de João, que tinha sido cercado por três colegas

minhas que adoravam paquerar e que faziam de tudo para agradá-lo. Uma delas lhe entregava uma cerveja, a outra se apresentava e a terceira ria como uma hiena, parecendo querer engoli-lo inteiro. João sorriu e disse algo, educadamente. Minha raiva se completou com o ciúme. Encarei Vítor e disse, séria:

— Não temos o que conversar. Se veio para a festa de Sandra, bem-vindo. Mas não podemos falar agora.

— Por que não? — Me olhou, suplicante. Então passou as mãos pelo cabelo e correu os olhos em volta, até parar em Paola. Quando me encarou de novo, disse baixinho: — Não sei o que aconteceu. Eu estava bêbado ontem. Mas nada disso tem a ver com o que sinto por você, Florzinha.

Ricardo acompanhava a conversa, tomando um gole da sua cerveja. Me remexi, incomodada. Mas não desviei o olhar.

— Vítor, nada disso importa para mim. Por favor, podemos conversar em outra hora? Estou aqui para me divertir.

— Como posso me divertir agoniado desse jeito, sem saber se você me perdoa?

— Perdoar o quê? Não há o que perdoar. Somos

amigos agora. Por que não vai falar com o pessoal, relaxar um pouco?

— Ana, vim falar com você e não saio daqui até fazer isso — afirmou, decidido, quase com raiva. Eu suspirei, me sentindo em uma sinuca.

JOÃO PEDRO

Eu estava puto com Vítor. Já quase saía da sua casa naquela manhã quando insistiu para que viéssemos à praia. Eu morava ali perto e achei uma boa. Quando chegamos, eu ia deixar o carro na garagem do meu prédio e ir dar um mergulho no mar em frente, mas insistiu que seguisse de carro até o posto 9 e ficássemos exatamente naquele quiosque. Agora eu entendia por quê. Ele sabia que Ana estaria ali.

Enquanto as três moças me cercavam cheias de charme, só faltando me morder, se apresentando, oferecendo tudo, eu continuava atento a Ana sentada mais à frente. Ela estava com o rosto erguido para Vítor e dizia algo, bem séria. Ao seu lado, um rapaz também parecia um pouco irritado e encarava Vítor com cara de poucos amigos. Duas outras moças à mesa sussurravam entre si, lançando

olhares a eles.

Minha vontade foi a de largar Vítor ali e ir embora. Mas algo me alertava que o clima não estava bom. Meu primo tinha vindo calado, preocupado. Ana não parecia disposta a ceder. E o cara ao seu lado parecia a ponto de comprar briga.

Sem que eu pudesse evitar, meus olhos desceram pelos cabelos molhados e compridos de Ana, que caíam sobre os seios redondos dentro de um pequeno biquíni. Tinha a cintura bem fina, a barriga lisa, quadris deliciosamente arredondados e pernas bem feitas. Era naturalmente linda e aquelas duas peças pequenas de lycra pouco deixavam a imaginação. Senti o desejo me percorrer e lutei ferozmente contra ele.

— Quer dar um mergulho, João Pedro? — disse uma das meninas; uma morena bem fechada e linda, com cabelos pretos e corpão. Sorria sensualmente para mim, como se quisesse me oferecer outras coisas.

— Depois.

Naquele momento, uma morena escultural e alta, com longos cabelos castanhos, se aproximou de nós e me estendeu a mão. Seu olhar era decidido e direto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— João? É um prazer. Nos falamos ontem no telefone. Paola.

— Oi, Paola. Como vai? — Fitei-a, apertando sua mão. Era um mulherão, toda malhada, linda. O tipo que Vítor sempre gostou. O que explicava por que acabara na cama com ela.

— Tudo bem. Vem aqui para a mesa. Com licença, meninas. — Segurando ainda minha mão, levou-me até uma mesa vazia e encheu meu copo com cerveja. Sorriu, comentando: — Não sei se fiz bem, mas te salvei de três taradas chatinhas que não podem ver homem. Não parecia muito feliz ali com elas.

— Não estou feliz por ter caído aqui de paraquedas. Só vi aonde Vítor estava me trazendo quando foi tarde demais.

— Seu primo é um babaca.

— Você tem toda razão — concordei, lançando outro olhar para ele e Ana. Me preocupei, pois ele parecia exaltado.

— Que merda!

— Cara, ele tem que deixar a menina em paz! Ela não pode dar um passo que esse chato aparece no caminho. Vontade de ir lá dar uns sopapos nele! — desabafou Paola.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que vai ter que entrar na fila. — Vi Vítor se inclinar para Ana e pegá-la pelo braço. O rapaz ao lado dela levantou na hora e afastou a mão dele. Ana levantou-se também, um pouco assustada, mas os dois já se estranhavam. — Porra!

Furioso, fui logo até a mesa deles e Paola me acompanhou. A discussão dos dois já tinha chamado a atenção de todo mundo. Cheguei no exato momento em que Vítor ia partir para cima do rapaz e o agarrei por trás, imobilizando seus braços, dizendo muito puto:

— Que merda está fazendo? É pra isso que veio aqui?

— Cara, esse moleque *tá* me provocando! — Vítor parecia fora de si, tentando se soltar. — Vim conversar com a Florzinha e ele ficou se metendo! Sempre avisei a ela que esse puto *tava* a fim dela! Eu sabia!

— A garota não queria conversa — esclareceu o rapaz, nervoso, irritado, pronto para briga.

— João, tenho que falar com ela! — Olhou-a, parando de se debater, ansioso. — Ana, é só uma conversa! Preciso explicar que... que...

Calou-se ao dar com Paola, que o encarava friamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra, João, me larga! Já me acalmei!

Ana me olhou, quieta, nervosa. Tive vontade de largar meu primo e cuidar dela. Jogá-la nos ombros, deixar todo mundo para trás, e sumir dali. Mas soltei Vítor e disse friamente:

— Vamos embora agora. Chega de palhaçada, Vítor. A paciência de todo mundo com você já acabou há muito tempo.

— Mas... — Olhou-me, indeciso. — Só queria falar com ela...

— Você quer conversar com Vítor, Ana? — Encarei-a diretamente.

— Não. — Uma única palavra, firme, sem dúvidas.

Meu primo desabou. Olhou-a desolado e depois para Paola. Corou, na certa sentindo uma vergonha tardia do papelão que estava fazendo. Por fim, disse baixo:

— Desculpe a todos. Vamos, lá, João. — E se afastou.

As pessoas começaram a falar e cuidar da própria vida. Meu olhar encontrou o de Ana.

— Tudo bem?

— Tudo — murmurou.

Por um momento, apenas nos olhamos. Lembrei

PERIGOSAS ACHERON

do beijo na noite anterior, das sensações que despertou em mim e que estavam ali, sob minha pele, formigando. Fitei seus lábios e o desejo veio avassalador.

Sabia que uma palavra minha seria o suficiente para fazê-la vir para os meus braços. Mas o que eu podia fazer, com meu primo ali perto, arrasado? Nada, além de desejá-la com tudo de mim.

Acenei com a cabeça para ela, para Paola e, mesmo contra a vontade, me afastei. Mais uma vez. Mesmo que minha maior vontade fosse a de ficar. Encontrei Vítor encostado no carro e entrei sem dar uma palavra. O carro já corria pela rua beirando a praia quando ele disse, por fim:

— Desculpe, cara. Sei que vacilei.

— Tô cansado do mesmo papo sempre. — Apertei o volante, minha voz fria desmentindo a raiva que me consumia.

— Se quer fazer papel de idiota, faça sozinho. Não me meta no meio. Nem conte comigo para tirar você das suas enrascadas.

— Eu só queria me explicar com ela e...

— Não me interessa mais, porra! Aja como homem! Vai ficar chorando, se rastejando, enchendo o saco da menina?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá, sei que você tem razão. — Passou as mãos pelo cabelo, nervoso. — Todo mundo tá com raiva de mim. Você, a Ana, a Paola...

— Culpa de quem? Transou com a garota ontem e hoje corre atrás da amiga dela. Tá pensando que ela vai achar engraçado?

— Ana foi minha noiva. A Paola... Cara, foi só sexo!

— Não me interessa mais, Vítor. Me deixa fora disso tudo.

— João, olha, sei que vacilei feio. Tomei uma decisão agora e é sério. Preciso me afastar de tudo isso, aceitar os fatos, me acalmar. Vou conversar com meu pai e, se ele não se importar, vou fazer no lugar dele uma viagem de negócios para os EUA e ficar por lá um pouco mais, tirar umas férias. Aqui eu não estou conseguindo me controlar.

— Ainda bem que percebeu.

— Ele ia na segunda ou na terça. Vou no lugar dele. Talvez volte mais conformado.

Eu não falei nada e Vítor também ficou em silêncio. Mas achei que aquela era a melhor solução mesmo.

ANA FLOR

PERIGOSAS ACHERON

Depois que tudo se acalmou, eu e Paola demos um mergulho e sentamos sozinhas à mesa onde estavam nossas coisas, para conversarmos em paz. Torci o cabelo para tirar a água, dizendo a ela:

— Ficou chateada, não é?

— Com aquele palhaço? Aquele mimado? Claro que não!

Sua irritação só me provou o contrário. Suspirei. Eu estava chateada por toda a situação. Por saber que Vítor estava sofrendo, pela mágoa de Paola com o comportamento dele, por minha própria situação com João. Falei:

— Deixa pra lá. Acho que Vítor finalmente se deu conta da merda que fez. Saiu daqui parecendo arrasado. E envergonhado.

— Ele que se dane! — Paola deu de ombros. — Fiquei com mais pena de João. Coitado, estava puto, pois não sabia que a gente estava aqui.

— Disse isso?

— Foi, falou comigo. Ei, Ana... — Ela se inclinou pra frente, baixando a voz. — Notei o olhar que vocês trocaram! Caramba! Ele também está caidinho por você!

— Você acha?

— Tenho certeza! Vocês se olharam de um jeito, um parecia prestes a comer o outro!

— Paola!

Ela riu e acabei rindo também.

— Tadinhos! Doidos um pelo outro e aquele pulha no meio do caminho enchendo o saco! — desabafou.

— Bem que você gosta daquele pulha.

— Deus me livre! — Paola se benzeu. — Quero distância de Vítor! Se quer saber, *tava* a fim de sair hoje à noite e me acabar! Me divertir a valer! Vamos?

— Vamos. Tem ideia de onde?

— Nenhuma. Dê uma sugestão.

A minha sugestão era ir para qualquer lugar onde eu pudesse estar perto de João, nem que fosse para olhá-lo de longe. Eu só conseguia pensar nele, ali, apenas com aquela bermuda, seus olhos azuis nos meus, o desejo forte entre nós, o modo como foi, como se quisesse ficar. E naquele beijo que trocamos na noite anterior. O desejo me consumia, meu corpo ardia, eu sentia vontade de largar tudo e sair correndo atrás dele, me jogar a seus pés e implorar por migalhas.

Conscientemente sabia que era loucura, mas nada

podia me impedir de sonhar. E eu ficava recordando infinitas vezes a sensação de tocar nele, da textura do seu cabelo, do calor e firmeza de seu corpo grande e duro, do seu beijo maravilhoso. De sua pegada forte, o modo como me segurou firme e me prendeu em seu corpo, deixando que eu sentisse como me desejava. Ficava com as pernas bambas, agoniada, desesperada para vê-lo ainda mais, nem que fosse só um pouquinho, como se aquele dia na praia só tivesse servido para me instigar ainda mais.

Foi quando lembrei de algo. Meu coração disparou e abri rapidamente minha bolsa. Peguei dentro da minha carteira os dois convites negros, que estavam ali desde que Vítor tinha me dado. Olhei-a, ansiosa.

— Paola, veja isso.

— Que houve?

— Olha aqui.

Ela franziu o cenho, pegou e leu:

— Clube Voraz, festa temática hoje, às 23h00.

Que clube é esse?

— É um clube de sexo — murmurei, lançando olhares em volta.

Paola me encarou, surpresa. Ergueu uma sobrancelha e sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem te deu isso?

— João tem uma amiga, Fernanda, com quem se relaciona. Sexo. Ela é uma das donas do clube e deu esses ingressos ao Vítor. A gente namorava ainda e ele perguntou se eu queria ir, só para ver. É claro que não quis. Então ele disse que eu podia dar, inclusive para você. Estava aqui, guardado em minha bolsa.

— Está me dando? Mas o que rola exatamente aí?

— BDSM, sexo, sei lá. Parece que é um lugar para fetiches e só entra quem é sócio ou convidado dos donos. E somente casais. Pode participar ou só observar.

— Ah, tá. — Ficou pensativa. — Vou ver quem pode ir comigo.

— Não precisa.

— Por que não? Disse que só entra em casais.

— Você já tem companhia.

Ela me encarou e sorriu.

— Já tenho? Quem?

— Eu.

Paola riu.

— Tá brincando.

— Não estou não.

— Ana...

PERIGOSAS ACHERON

— Podemos entrar juntas. Para todos os efeitos, somos um casal de lésbicas.

Ao me ver falando sério, Paola riu ainda mais e se recostou. Entregou-me os convites.

— Ficou doida, Ana? Sabe o que é BDSM? O negócio é pesado.

— Fale baixo! Sei. Gosto de ler e já li sobre o assunto superficialmente.

— Já viu algum filme pornô? — Viu que eu ficava vermelha como um pimentão ao dizer que não com a cabeça.

— Foi o que pensei. Lá vai ver sexo ao vivo, querida, e não é apenas papai e mamãe. Sabe-se lá que sessões vão fazer.

— Já foi em um lugar assim?

— Já. Um namorado uma vez me levou, até que curti. Mas é muito pesado. Que loucura é essa em querer ir a esse clube de repente? Tá pensando em virar uma virgem sadomasoquista?

Acabei rindo com ela, mas continuava nervosa. Rolei os convites entre os dedos e confessei:

— Acho que João vai estar lá.

— Ah... Entendi.

— Sei que é loucura, mas eu preciso vê-lo. — Olhou-a rapidamente. — A festa é à fantasia, posso

ir disfarçada.

— Ana... — Pacientemente, Paola segurou minha mão e me fitou nos olhos. — João deve ser um cara experiente e, se frequenta esses lugares, gosta de coisas com as quais você não está acostumada. Sabe o que pode ver lá? Já imaginou as coisas que ele pode curtir? Talvez fique chocada e nunca mais queira nem olhar para ele!

— Eu duvido. Do jeito que me sinto, acho que se João fosse um assassino eu continuaria apaixonada. Mas pense comigo: se você estiver certa e eu presenciar algo que me faça ter nojo dele, não será bom? Assim eu o esqueço de vez e acaba esse desespero, essa saudade que está me deixando louca!

— O que eu faço com você?

— Diga que vai comigo. Se o negócio for pior do que pensamos, voltamos na hora. Mas preciso ver o João, saber do que gosta, o que faz... Quero saber tudo dele. Tudo.

— Está preparada para vê-lo transando com outras pessoas?

Senti um aperto terrível no peito.

— Sim. — Embora eu soubesse que não.

— E se ele estiver lá transando com um homem?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Paola!

— Ué, pode ser! Ou for um escravo sexual de alguma *dominatrix*? Se for humilhado na frente de todo mundo? São muitas opções.

— Por isso preciso ir e ver! Agora isso vai ficar na minha mente me perturbando. Por favor, vamos. É só ver e sair.

Paola suspirou.

— É uma loucura, Ana. E se João reconhecer você?

— Vou escolher uma fantasia com máscara. Por favor!

— Acho que vou me arrepender disso. — Suspirou. — Mas tudo bem.

— Obrigada. — Eu a abracei forte, excitada, nervosa.

— Se ficar traumatizada e nunca mais quiser olhar na cara de João ou transar na vida, não me culpe.

— Isso não vai acontecer — afirmei, com o coração disparado. — Temos que correr para arrumar as fantasias.

— Conheço um lugar que tem cada uma linda. Fica aberto hoje até a noite. E geralmente nesses lugares o traje é *dresscode*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é isso?

— As fantasias são fetichistas, com couro, vinyl, ou mesmo fantasias com fardas, enfermeiras, vitorianas, alguns ficam nus com o corpo pintado ou tatuado, são várias coisas. Mas não entra jeans ou roupa casual, por exemplo.

— Tá.

— Não se preocupe. Sei onde conseguimos as fantasias. Ana... — Paola pegou seu celular, fitando-me. — Sabe que sempre entendi seu lado romântico e sonhador, mas queria que fosse mais esperta, para não sofrer. Às vezes você é muito ingênua. Não quero me meter em sua vida, mas posso falar só um coisa antes que faça toda essa loucura?

— Claro, sabe que pode me dizer tudo que quiser.

— Esperei, atenta.

— Mesmo com o que aconteceu ontem entre mim e Vítor, ou levando em conta que eu o acho um babaca, tenho que admitir que ele era bom para você. É rico, bonito, bom caráter, normal na medida do possível. Ele pode realizar todos os seus sonhos de casar e ter filhos. Acho mesmo que pode te fazer feliz.

— Paola...

PERIGOSAS ACHERON

— Não, deixe eu terminar. João é lindo de morrer. Pode ter virado sua cabeça, deixando-a doida, mas o que sabe dele? O cara frequenta um clube de sadomasoquismo. Não quero dizer que por isso é louco ou tarado. Mas não sabemos. Além de ser quase um irmão de Vítor, o que já dificulta tudo para vocês, ainda é mais complicado. Romantismo e sadomasoquismo não combinam, meu bem.

Respirei fundo, a fitei nos olhos e fui sincera:

— Agradeço por se preocupar comigo. Mas não posso recuar agora, Paola. Sempre penso demais antes de agir, sou até medrosa. Mas agora quero pagar para ver. E como eu disse, João nem vai saber que estou lá. Só preciso ir e ver mais um pouco dele. Nem que seja para me decepcionar e desistir.

— Certo. Vamos lá então. — Ela capitulou.

Enquanto Paola ligava para a loja, encarei os convites em minhas mãos e respirei fundo. Eu sabia que aquilo era uma loucura. Mas acontece que desde que conheci João, eu não me sentia mais normal. Ia pagar para ver. Deus que me ajudasse pelo que me esperaria lá.

*

O casarão ficava em Cosme Velho, ao final de uma rua pouco movimentada, com casas antigas, algumas em desuso. Um enorme portão gradeado, cercado por muros imensos que protegiam a propriedade, estava resguardado por seguranças de terno. A cada carro que passava, eles pediam o convite e só então permitiam a entrada.

Quando o carro de Paola se aproximou, ela entregou os convites parecendo muito segura. Mas ao seu lado eu tremia, nervosa. Estávamos prestes a mergulhar em um mundo completamente desconhecido. E apesar de toda minha coragem e insistência, eu estava apavorada. Quando nos liberaram e o carro de Paola seguiu pelo caminho sinuoso até o casarão antigo, rodeado por plantas e árvores, eu soltei o ar dos pulmões, olhando a tudo muito curiosa.

Na porta do casarão havia quatro homens vestidos como carrascos, com manto e capuz marrom, mal dando para ver seus rostos. Nos receberam e tivemos que sair do carro, um deles ia estacionar e entregou um tíquete a Paola. Dois abriram as portas duplas e pesadas de madeira, indicando-nos o caminho. Percebi que tremia e na mesma hora

apertei a mão de Paola.

— Quer desistir? — ela sussurrou.

— Não.

Subimos os degraus cobertos por um tapete cor de vinho, até um hall espaçoso, onde um enorme lustre era destaque. Não havia nada sexual ali, apenas uma pequena recepção num canto, na qual duas moças usando coladas roupas de vinil pretas guardavam casacos e objetos. Uma delas nos cumprimentou de cabeça baixa e abriu uma outra pesada porta de madeira para nós. Quando passamos por esta, era como entrar em outra época. O salão enorme que nos recebeu, com paredes feitas de pedras, penumbra e iluminação imitando tochas, parecia ter saído dos tempos medievais. Cortinas de veludo cor de vinho, pesadas, escondiam as janelas; tapeçarias cobriam paredes. Uma música de fundo, dramática, gregoriana, tocava alto.

Engoli em seco, ainda de mãos dadas com Paola. Olhei em volta, entre assustada e curiosa, vendo as pessoas que passavam nas mais variadas fantasias, espalhando-se em sofás, mesas e cadeiras, encostadas em um palco de frente, ainda vazio. Lancei um olhar para Paola, linda em uma sexy

fantasia de Mulher-Gato. Parecia de acordo com as napas e vinis pretos que as pessoas usavam.

A minha não tinha um tema em si, mas escolhemos por esconder totalmente meu rosto em uma máscara belíssima, cheia de detalhes. No corpo uma blusa cigana preta de cetim, com um corpete por cima, amarrado na frente desde abaixo dos seios até os quadris. Dali descia uma calça colada e botas de cano alto, até quase os joelhos. Meu cabelo caía em uma trança grossa pelas costas.

— Quando quiser ir embora é só falar — sussurrou Paola, enquanto entrávamos mais no salão. — E não fique tão dura. Tente aparentar tranquilidade.

— Certo. — Respirei fundo e então passeamos no local.

Não estava muito cheio, mas o bastante para poder circular entre os outros sem levantar suspeitas. Devia ter ali entre cem e duzentas pessoas. Meus olhos, sob a máscara, olhavam tudo avidamente. Já tinha ouvido falar de BDSM, mas ver de perto, sentir o clima, era muito diferente de qualquer coisa que já experimentei.

Bem à nossa frente havia uma mulher com uma máscara de vinil que tapava toda sua cabeça e

cabelo, deixando de fora boca, nariz e olhos. Ela circulava com uma roupa colada e botas de salto, segurando a coleira de um homem que a seguia, com uma venda vermelha sobre os olhos, nu e descalço. Era bonito, jovem, com pele clara.

Sem que eu pudesse evitar, olhei-os avidamente, surpresa, sentindo o sangue correr mais rápido nas veias. Era a primeira vez que via pessoalmente um homem nu e meu olhar percorreu seu corpo. O pênis ereto e pequeno, os braços cruzados nas costas, a cabeça baixa enquanto seguia sua dona de forma submissa. A mulher nos lançou um olhar e seguiu em frente.

Pelo meio do salão, diversas cenas me atingiram de uma vez. E enquanto Paola me puxava em direção a um bar, olhei em volta tentando disfarçar meu espanto e algo mais, que se revolia dentro de mim, deixava todos os meus sentidos em alerta.

Contornamos um homem que estava de quatro no chão, no meio do salão, cercado por outro homem e uma mulher. Ele usava roupas de couro como roqueiro e ela parecia um anime japonesa, uma boneca. Ambos estavam com velas vermelhas e acesas nas mãos e pingavam a cera quente nas costas do rapaz no chão, que gemia e se mexia, seu

rosto espelhando puro prazer e dor.

Passamos por uma pista de dança como a que frequentávamos na Lapa, mas ali a coisa era bem diferente. Um homem se mexia ao som da música usando uma máscara contra gás lacrimogêneo e era tão musculoso que assustava. Outro tinha o rosto todo coberto por vinil, com buracos apenas para ver e respirar. Uma morena de viúva negra, com véu preto sobre os olhos, dançava com outra, que usava uma roupa de camponesa medieval, ambas animadas e sensuais.

Sentadas na beira do palco em frente, duas mulheres com fantasias de couro preto e vermelho estendiam seus pés e um escravo seminu, ajoelhado perante elas, que os beijava, chupava seus dedos, se fartava adorando-os. Uma delas sorria satisfeita, a outra parecia xingá-lo, chutando-o ocasionalmente.

Havia uma infinidade de fantasias ali, mas todas em estilo medieval ou de napa, couro e vinil, além de muitas máscaras. Paramos no bar e Paola foi pedindo logo duas cervejas em garrafinha. Sentei em um dos bancos, mas meu olhar circulava entre todas aquelas pessoas, buscando somente uma: João Pedro. Mas ele não estava em lugar nenhum.

— Novas aqui? — indagou o barman, com boina,

colete aberto e calça colada preta. Era bonitão, grande, com cabelos castanhos e lisos até os ombros.

— Sim, viemos como convidadas — esclareceu Paola com um sorriso.

— Espero que gostem. — Ele sorriu, simpático, enquanto retribuíamos. — O clube conta com sócios fixos, que devem ser uns duzentos e poucos. Mas os convidados são cada vez maiores, muitos vêm, gostam e se tornam sócios também. Atualmente este é o maior clube do Rio de Janeiro. Se continuar bombando assim, vai ultrapassar os de São Paulo e se tornar o maior do Brasil.

— É muito interessante — concordou Paola. — E tem outros ambientes?

— Claro! As salas de tortura, de jogos, de podolatria, de *voyerismo*, os quartos particulares, as celas e, é claro, a masmorra — explicou, se debruçando sobre o balcão, olhando de Paola para mim. — Vocês formam um casal?

— Sim, estamos tentando. Ela é minha submissa — disse Paola, com a maior cara de pau, tomando um gole da sua cerveja. Lancei um olhar a ela e tive vontade de rir, mas apenas baixei os olhos.

— Qual dos sócios convidou vocês? — ele

perguntou.

Fiquei sem ação. Mas Paola disse rapidamente:

— João Pedro.

— Ah, João, o doutor — ele concordou. Paola trocou um rápido olhar comigo, aproveitou a deixa e indagou:

— Será que ele já chegou?

— Não vi por aqui. Acho que estava na Alemanha e desde que voltou ainda não apareceu. Nem sei se vem hoje.

— Ele disse que viria — mentiu Paola.

— Então vem.

Uma mulher que estava sentada no bar ao nosso lado e que, aparentemente, escutara a conversa virou-se para nós e disse ansiosa:

— Ah, vocês o conhecem? Meu Deus, não sabia que ele tinha voltado de viagem! — Era pequena e bonita, usando cinta-liga, conjunto minúsculo de calcinha e sutiã vermelho, meia-calça da mesma cor e uma meia máscara púrpura. Seus cabelos claros caíam em cachos soltos — Sempre quis ser escrava dele.

— Verdade? — Na mesma hora Paola deu-lhe atenção.

— Por quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? — Ela arregalou os olhos escuros dentro da máscara. — Ele é demais! Fico aqui babando com as sessões dele! E é tão lindo! Quando usa aquele chicote... Ah...

— Chicote? — murmurei.

— Nunca viu? — Ela se aproximou mais, excitada, falando baixo. — Tem alguns dominadores aqui, mas não como ele. É tudo de bom! Com os chicotes e o *bondage*, não tem igual!

— É que só o conhecemos fora daqui, na vida baunilha — explicou Paola. — Nunca o vimos em ação!

— Nossa, vão ficar loucas! As submissas aqui fazem fila por ele. Muitas dariam tudo para ser sua escrava.

— Como assim, escrava? — Não me contive e Paola me deu uma cotovelada. A moça lançou um olhar duvidoso para nós duas, mas explicou:

— Escrava é quando o relacionamento se estende fora daqui, geralmente em 24/7. — Viu nossa ignorância e esclareceu: — Vinte e quatro horas por sete dias da semana. Escrava em tempo integral, inclusive com coleira. Mas ouvi dizer que o doutor não curte relacionamentos. É só aqui, com quem ele escolhe e pronto. Nunca fui escolhida.

PERIGOSAS ACHERON

Ela se lamentou. Como eu estava ansiosa para saber mais sobre ele, perguntei:

— Quer dizer que aqui ele não é submisso?

— Submisso? — Ela riu. — Não há uma célula submissa naquele corpo! Ele é um Dom! De primeira!

— Só com mulheres, né? — emendou Paola.

— Claro! — Parecia se divertir.

Paola virou-se para mim. Ergueu uma sobrancelha:

— Chicote? *Bondage*? Está pronta para isso?

Estremeci, entre horrorizada e excitada. Disfarcei e, só quando a garota falou com o barman, indaguei baixo:

— O que é *bondage*?

— É o uso de cordas para imobilização. Isso eu sei. Serve para imobilizar a pessoa, deixá-la vulnerável aos donos.

— Ah...

— Ana, você nunca teve uma experiência sexual. E agora... Um Dom! É demais, querida!

Não podia contar para ela, mas só de imaginar João me dominando, me amarrando e fazendo comigo o que quisesse, me deixava de pernas moles e com a calcinha molhadinha. Mordi os lábios,

cheia de lascívia, olhando em volta, ansiosa para vê-lo.

O clube começou a encher. Pessoas com as mais diversas fantasias, casais homossexuais, grupos, circulavam por ali. A música continuou, pesada e em estilo gregoriano. Mas no palco apareceu um DJ no canto, anunciando as atrações da noite. Quando anunciou que uma das donas do clube faria a abertura oficial da festa, uma bela loira com roupas de época entrou no palco carregando duas mulheres de quatro em coleiras. Eu a reconheci de imediato e disse baixo a Paola:

— Aquela é Fernanda, a amiga do João e uma das acionistas do clube.

— Bonita. Eles tem um caso ou o lance dela são as mulheres?

— Vítor disse que são amigos com privilégios. — Não podia evitar um pouco de ciúme.

Fernanda parou no meio do palco, em frente ao microfone, e as duas submissas ou escravas se ajoelharam no chão aos seus pés, uma de cada lado. Com voz rouca e linda, ela agradeceu a presença de todos, disse que o clube estava fazendo uma comemoração devido ao sucesso de anos, com cada vez mais adeptos e simpatizantes, e que a festa

temática iria favorecer a fantasia de cada um. Convidou a todos para conferir os cômodos do casarão; informou que em cada um teria um evento diferente e no palco seriam feitas apresentações.

Ela deu um passo para trás e as duas moças bem-vestidas com roupas também de época continuaram de joelhos, uma de costas para a outra. Fernanda segurou-as pelo pescoço, sorriu para a plateia e agradeceu. Quando soltou-as, ambas se ergueram de maneira graciosa e uma delas entregou à *domme* um objeto de borracha próprio para dar tapas. Foram até uma parede e ficaram de costas para a plateia, que aplaudia freneticamente enquanto Fernanda se retirava do palco e era seguida pelas duas moças silenciosas e obedientes.

— Gostei desse negócio de ser Dona, *Domme*, rainha, sei lá! — cochichou Paola. — Seria interessante deixar os homens aos meus pés, fazendo tudo que eu mandasse!

Eu sorri, sabendo que combinaria perfeitamente com ela.

No palco, subiram dois homens com máscaras que cobriam toda a cabeça, usando apenas uma sunga fio dental atrás e na frente tapa o sexo, feitas de vinil preto. Deitaram-se no chão do palco, um de

bruços, outro de barriga para cima. Duas mulheres subiram, com botas de salto altíssimos; uma negra magra, vestida de Zorro erótico, e uma loira oxigenada gordinha, de macacão de vinil vermelho com zíper na frente. Ambas traziam objetos de tortura nas mãos, a negra um chicote de tiras e a loira um cano fino.

Eu e Paola ficamos estáticas vendo como as duas torturaram e atormentaram os rapazes, usando o microfone para ofendê-los e humilhá-los com palavras pejorativas, batendo neles, pisando em partes de seus corpos. O público aplaudia, opinava, delirava. Mas eu estava assustada. Quando olhei para minha amiga, ela sorria.

— Gosta disso? — murmurei.

— Faria o mesmo com alguns caras que conheço, com o maior prazer.

Naquele momento, vi Fernanda passar pelo salão, seguida pelas duas moças, sendo cumprimentada pelas pessoas. A maioria a tratava como uma rainha, beijava suas mãos, abaixava a cabeça. Foi nesse momento que um homem entrou e se dirigiu a ela. Fernanda parou e um sorriso genuíno suavizou sua expressão.

Ele era alto e usava calça preta de couro, botas

pretas e um manto negro com capuz sobre a cabeça, que o escondia, ainda mais para nós. Mas algo fez meu coração disparar, talvez seu jeito de andar, sua postura, o corpo e a altura. Era João. Tive certeza disso. Minha pele ardeu, um frio varreu minha barriga, emoções fortes e alucinantes me bombardearam.

— Ele chegou — murmurei.

— Como sabe?

— Eu sei.

As duas submissas atrás de Fernanda caíram de joelhos no chão e se inclinaram, beijando as botas dele. Pude ver uma de suas mãos acariciar a cabeça de uma, enquanto parecia entretido em um assunto com Fernanda. Somente então as duas moças se ergueram e voltaram à posição atrás da médica, quietas e de cabeça respeitosamente baixa.

— Cara, isso é muito louco — sussurrou Paola.

Quando vi que os dois se encaminhavam ao bar, onde estávamos, fiquei trêmula, arrebatada, muito nervosa. A luz fraca e o capuz não permitiam que visse seu rosto, mas eu sabia que era ele. Sua presença me dominava por inteiro. Fiquei ali imóvel, sem tentar chamar a atenção. Mas quando parou e apoiou as mãos sobre o bar, olhei-as,

reconhecendo-as mesmo como as de João. Eu já parecia ter gravado cada pedaço dele que vi.

— Uma tequila, Lauro. — Sua voz grossa ecoou em cada terminação nervosa do meu corpo. Parte do corpo de Paola, de costas para ele, me encobria. Mas eu o espiava, muito consciente dele e do que causava em mim.

— Fiquei com medo que não viesse hoje. — Pude ouvir Fernanda, pois estava perto. As escravas continuavam silenciosamente atrás dela.

— E quase que não venho mesmo. Não vou demorar, Nanda. Hoje não estou com espírito para jogar.

— O que houve?

— Nada. Quer beber algo?

— Não. Vamos sentar.

Quando João pegou a tequila e se virou, vi parte de seu rosto nas sombras. Minha vontade foi a de cair aos seus pés como as escravas tinham feito ainda há pouco, não para beijar-los, mas para abraçar suas pernas e suplicar uma chance, um pingão de atenção.

Observei-o se afastar com Fernanda até uma parte mais isolada e alta do salão, como um ambiente privilegiado para ver o resto de nós. Por lá se

espalhavam cadeiras como de reis e rainhas, bem trabalhadas no encosto e nos braços, largas e com estofados de veludo negro. Tinham quatro ali. Uma estava ocupada por um homem de meia-idade com cara de mau e uma submissa nua a seus pés, na coleira. Fernanda e João o cumprimentaram e ocuparam outras duas, lado a lado. As duas escravas abaixaram-se sobre os joelhos nos degraus.

Do bar, eu os fitava, como súdita diante de tronos. Mas eu nem reparava direito nos outros. Percebia cada pequeno movimento de João, sentindo-me presa dos meus sentimentos por ele e da sua presença. Era exatamente como da primeira vez que o encontrei, como se estivesse diante de um animal selvagem, arisco. Ali, aquela sensação parecia ainda mais potente. Eu podia entender claramente por que era um dominador. Naquele local, não havia disfarces. Ele emanava poder e virilidade, um macho alfa em seu ambiente.

— Porra, Ana. Uma coisa tenho que admitir — Paola disse perto de mim. — Você tem bom gosto. Acho que toda mulher hétero aqui hoje está com a calcinha molhadinha.

— Até você? — Encarei-a.

— Não sou de ferro, amiga. — Deu de ombros, sorrindo para me provocar. Olhei em volta e constatee que tinha razão. Muitas das mulheres perto de nós cochichavam e lançavam olhares para a direção de João. Lembrei do que a menina do bar tinha dito e senti ciúme. Me dei conta de que, com a aparência dele, poderia ter qualquer mulher, escolher a mais linda, a melhor. E me senti um tanto incomodada ao pensar que não era nenhuma das duas coisas, no máximo uma bonitinha. Como podia ter a pretensão de ser importante para João como ele era para mim?

Eles não demoraram muito ali, só o bastante para conversarem um pouco e João terminar sua bebida. Então se levantaram e o observei atravessar o salão, seguido por Fernanda e pelas escravas. Passaram em frente ao palco e sumiram no corredor.

— Vamos lá ver onde estão indo. — Paola se ergueu de um pulo. Outras pessoas os seguiram e não fomos exceção.

Um corredor comprido com paredes de pedras e luz difusos levou até alguns cômodos que se espalhavam pelos dois lados. Nunca fiquei tão chocada com as coisas que vi ali. Parei na porta de um deles, com Paola ao lado, ao ver uma mulher no

PERIGOSAS NACIONAIS

chão, acorrentada como um cachorro, sentada com as mãos presas para trás e uma mordaca na boca. Algumas pessoas entravam ali, diziam coisas a ela, a humilhavam ou admiravam.

Seguimos adiante e passamos por outro, que era uma espécie de cela para cachorro, um canil. Lá três pessoas estavam seminuas e prisioneiras. Mais pessoas se reuniam ali para ver um Dom humilhando-os. Estremeci, sem acreditar naquele mundo tão diferente do meu.

Vimos muita coisa. Celas, quartos, pessoas amarradas em cama sendo torturadas com velas ou apanhando, homens submissos chupando os pés de sua rainha, quartos particulares com portas trancadas onde ocorriam sessões íntimas, e outros cômodos pelos quais passamos adiante. Então chegamos a um cômodo maior, onde se reuniam várias pessoas. Uma música assustadora, com gemidos, tocava nos amplificadores. E foi ali, a um canto, que eu e Paola paramos.

Meu coração disparava. Parecia uma masmorra medieval, desde a iluminação até a decoração sombria. Em um canto, havia uma cruz de madeira. Em outro, uma espécie de cavalo também de madeira. Depois, um estrado com algemas, cadeiras

PERIGOSAS ACHERON

cheias de amarras e outras correntes presas no chão, parede e teto. Ganchos também. Mas tudo aquilo notei de maneira superficial. Meus olhos estavam fixos em João, no centro do cômodo, com Fernanda ao seu lado. Na frente dele, uma bela moça com cabelos longos, castanho-claros, completamente nua. Era bem feita, a pele imaculada, a bunda empinada.

Encostei-me à parede, ansiosa, agoniada. Tentava me preparar psicologicamente para ver João em ação, saber um pouco mais dele. Medo e excitação me envolviam e pensava como eu, uma garota que até então não tinha deixado nenhum homem me tocar nem nos seios, estava ali, apaixonada por um homem que tinha prazeres muito mais perversos que os meus. Era chocante e ao mesmo tempo excitante ao extremo. Algo totalmente novo para mim.

O ciúme também vinha violento, ao imaginá-lo com aquela mulher ou qualquer outra. Mas tentava me controlar, me portar apenas como expectadora, observar. Ao meu lado, Paola permanecia quieta. Assim como as pessoas que se reuniam por ali para assistir. O silêncio era quebrado apenas pela música sinistra, profunda. Meu coração batia forte, a

respiração acelerada.

João estava de perfil para mim, mas o capuz do manto negro cobria seu rosto. Acho que entendi o conceito das fantasias ali. Tudo parecia mais real e dramático, naquele ambiente de masmorra, com aquelas roupas negras e cheias de suspense. Ele segurava uma corda bege, que envolvia os cotovelos da moça, juntos em suas costas. Suas mãos eram eficientes e firmes, como se tivesse muita prática no assunto. Eu o olhava, mal podendo puxar o ar para os pulmões.

Então amarrou os pulsos dela e começou um intrincado trabalho com as cordas, que passava pela frente do corpo dela, em volta da cintura e dos seios, dando nós, como se a vestisse toda só com cordas, dos ombros para baixo. Percebi que cabeça e pescoço ficaram livres, talvez para evitar asfixia, e também que estava firme, mas não apertado, como se acompanhasse o formato do corpo dela. Quando ficou toda amarrada, ela caiu de joelhos com as pernas abertas. E foi a vez de correntes descenderem do teto com ganchos, certamente acionadas por alguém.

João foi para trás dela e vi uma parte de seu rosto, duro e concentrado. Prendeu um gancho grande nas

PERIGOSAS NACIONAIS

cordas de suas costas e depois mais um, ao lado. Fez um sinal com a mão e a corrente começou a subir, içando a moça cada vez mais, até que ficou pendurada no ar. Fernanda foi até uma mesinha ali perto, pegou um chicote longo e fino e entregou a ele, indo para um lado.

Quando ele estalou o chicote no chão, fazendo um barulho de açoite, eu me assustei e quase gritei. Levei a mão à boca, nervosa, com olhos arregalados. Parecia um carrasco, um inquisidor, que faria sua vítima confessar todos os pecados sob tortura. Ao mesmo tempo que eu estremecia de medo, até mesmo de aversão, sentia cada terminação nervosa do meu corpo alerta, quente, eriçada. Precisava do apoio da parede para não perder o equilíbrio com minhas pernas bambas.

Quando João se posicionou e deu o primeiro golpe, envolvendo o chicote no corpo da moça como uma língua de serpente, mordi os lábios, arfante. Ela gemeu e abriu a boca, balançando. E daí começou. As chicotadas eram nas costas, cintura, quadris, bunda e pernas. Ela miava, se debatia nas cordas, mas ficava óbvio para todos como a dor a deixava excitada, seu rosto contorcido pelo prazer.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de umas nove ou dez chicotadas, João entregou o chicote a Fernanda. Aproximou-se da moça e o quadril dela estava na altura de sua cabeça. Segurou seu tornozelo com firmeza e abriu mais suas pernas. A moça fitou-o cheia de desejo e ronronou quando seus dedos tocaram em sua vulva depilada que brilhava de seus líquidos. Dois dedos a penetraram fortemente e ela soltou um gritinho agudo.

Perdi o ar, sentindo minha vagina convulsionar e arder tanto que chegou a doer. Algo quente e grosso desceu do meu ventre e escorreu para a calcinha. Imobilizada, eu olhava aquilo, seus dedos indo e vindo dentro da garota, que se balançava e abria mais as pernas, enquanto a outra mão masculina imobilizava seu tornozelo.

— Não goze. — Foi a única coisa que ouvi João dizer, uma ordem firme e com voz autoritária. Ela estremeceu e lutou para se manter quieta, cerrando os lábios fortemente, arquejando enquanto sentia os dedos dentro de si. Em sua pele clara, havia riscos avermelhados do chicote que a lambeu um pouco antes.

João tirou os dedos, largou-a, deu um passo para trás e fez um gesto com a mão. As correntes que a

sustentavam começaram a descer até que a moça pisou no chão e imediatamente abaixou a cabeça perante ele e caiu de joelhos. Então se deitou no chão de barriga para cima. Ele começou a prender um entrelaçado de corda sob seus joelhos, quadris e ombros e depois todos eles nos ganchos. Outro sinal e as correntes se ergueram. Aos poucos ela ficou na horizontal, suspensa, como se estivesse deitada no ar, as pernas dobradas e abertas, na altura dos quadris dele. João contornou-a e parou entre suas pernas. Seus dedos foram de novo dentro da vulva inchada e suspiros foram ouvidos da plateia, junto com os gemidos da moça, enquanto a penetrava duramente. Quando enterrou três dedos, deu uma palmada forte na bunda com a outra mão. Ela gritou, jogou a cabeça para trás, balançou, totalmente sob seu domínio.

Não podia tirar meus olhos daquela cena forte e pornográfica. Nada na vida poderia ter me preparado para algo assim e eu permanecia tensa, excessivamente cheia de luxúria. O choque, o medo e o desejo me engolfavam, como forças antagônicas brigando dentro de mim. Não podia acreditar que aquele homem dominador, que manipulava cordas e chicote, que enfiava os dedos

na mulher e batia em sua bunda, fosse o mesmo que conheci, que me beijou daquele jeito apaixonado na boate, que deixou claro mais de uma vez que não teria nada sério comigo. Um médico renomado, inteligente, com família. E um carrasco.

Era seu lado negro que eu via agora, seu lado mais perverso e, ao mesmo tempo, ainda mais sensual. Uma força bruta e selvagem, que ele soltava lentamente, mas ainda mantinha sob controle. E que me assustava na mesma dimensão que me encantava.

A garota gemia demais, vermelha, a ponto de gozar. João parou e foi para a frente dela. Vi quando afastou o manto para o lado e abriu a calça. Ela mantinha os olhos para trás, baixos, exatamente em seu zíper, claramente ansiosa pelo que veria. Quando João tirou o pênis de dentro da calça, de lado para onde eu estava, vi-o com perfeição. Meus olhos arregalados, surpreendidos, não deixaram aquela parte mais íntima dele, enorme e grossa, em uma ereção linda, cheio de veias, com a cabeça grande. Era muito bem dotado. Belíssimo, como todo o resto dele.

Quase tive uma convulsão. Respirei pesadamente, mordi os lábios, o coração batendo tão violento que

o sentia nas costelas. Quando segurou a cabeça da garota por trás e se aproximou, ela abriu a boca e pôs a língua para fora. A carne dura e grossa penetrou seus lábios e entrou fundo. João soltou sua cabeça, segurou nas cordas que a sustentavam e moveu lentamente os quadris para frente e para trás, enquanto ela engolia e chupava seu pênis.

— *Quê isso...* — Paola murmurou rouca ao meu lado.

Não tive coragem de olhá-la nem de me mexer. Por um momento tive o desejo absurdo de correr até eles e afastar João da mulher, gritar que era só meu, levá-lo para longe de toda aquela gente que babava e se excitava com o que assistia. Ao mesmo tempo, estava incontavelmente excitada. Quis ser a garota ali com ele, quis que fosse só meu. Confusa e arrebatada, não fiz nada. Fiquei lá, quente e ardendo, dopada pelos sentidos.

Fernanda pegou um objeto preto que parecia uma espécie de microfone e foi para o meio das pernas da moça. Ligou-o e um zumbido foi ouvido. Quando encostou no clitóris dela, a garota amarrada tentou se debater, mas estava irremediavelmente presa. Aproveitou e meteu um dedo em sua vagina, masturbando-a com o vibrador

no clitóris.

Ela mamou sofregamente no pau de João. Ele parou seus movimentos de quadril e deixou que ela movesse a cabeça e a boca, alucinada. Fernanda ordenou duramente:

— Faça-o gozar e engula tudo.

A moça se tornou mais frenética. Vi quando o corpo de João enrijeceu e a garganta da mulher sorveu seu esperma, engolindo, sugando-o. E então passou a gozar, o corpo a balançar nas amarras, o rosto vermelho. João tirou o pau de sua boca e ela lambeu os lábios, gemeu rouca, continuou em seu orgasmo. Ele acariciou suavemente seus cabelos suspensos e, quando acabou, Fernanda desligou o vibrador e se afastou dela. Veio até ele, caiu de joelhos a sua frente e, num gesto de adoração, a mulher dominadora se tornou submissa. Beijou o membro ainda ereto e, carinhosamente, colocou-o dentro da calça e fechou-a. Só então se ergueu, sorrindo para ele.

Não sei se João sorriu de volta, pois o capuz cobria seu rosto o tempo todo. Mas acariciou o rosto dela e voltou à moça, descendo-a até o chão e começando a desamarrá-la com destreza. Em questão de minutos estava livre e ele se ergueu. Na

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma hora a submissa se pôs de joelhos, beijou cada uma de suas botas e disse, pondo-se de cabeça baixa:

— Obrigada, Senhor.

— O prazer foi meu, Kátia. — E virou-se, dirigindo-se com passos firmes à saída da masmorra. Acompanhei-o o tempo todo, imobilizada. Foi quando Paola segurou meu braço.

— Caralho, Ana...

Consegui olhá-la. Minha amiga balançou a cabeça, impressionada.

— Que homem é esse... Desculpe, mas... Puta merda!

— Pare de falar palavrão — consegui dizer baixo, tentando me reestruturar, recuperar meu controle.

— Olha, Ana, se você não tivesse a fim dele, eu ia agora correndo pedir para me pôr naquelas cordas. Viu aquele pau? O que é aquilo?

Fiquei vermelha e desviei o olhar. Paola riu.

— Ei, não fique assim! Ciúme? Amiga, nunca daria em cima de João, fique tranquila. Mas que é uma coisa, isso é! Caralho!

— Melhor a gente sair daqui — falei, ao ver que preparavam uma nova sessão, agora usando a cruz.

— Vamos.

PERIGOSAS ACHERON

Eu a segui pelo corredor com as pernas trêmulas, a cabeça rodando, mil dúvidas na mente. Completamente perturbada por meus pensamentos.

JOÃO PEDRO

Eu estava um pouco perturbado naquela noite. Geralmente o clube me ajudava a espantar meus fantasmas, a me acalmar e novamente encontrar o equilíbrio. Mas eu continuava tenso, mesmo depois de ter gozado na boca de Kátia, uma de minhas submissas preferidas para jogar naquele local.

Fui ao bar e pedi mais uma dose de tequila. Só voltaria a trabalhar no hospital e na clínica na segunda-feira, quando então evitaria beber caso tivesse algum chamado de emergência. Sentei lá e tomei minha bebida em paz, ignorando de propósito os olhares que eram dirigidos a mim. Sempre podia escolher a submissa que quisesse, mas dificilmente deixava que se aproximassem muito de mim. Quem se arriscava era ignorada, por isso aprenderam a esperar que eu as escolhesse. Era um jogo de gato e rato e eu sempre era o gato.

Quando terminei a bebida, resolvi ir embora. Sabia que era noite de festa, que Fernanda esperava

que eu fizesse mais algumas apresentações e terminasse a noite com ela e suas duas escravas na cama, como tinha acontecido muitas vezes antes. Mas realmente não estava a fim de jogar, ansioso com algo, que não queria saber o que era. Embora soubesse. Ana.

Desde aquela manhã, quando a vi na praia de biquíni, ela não saía da minha cabeça. Para um homem como eu, acostumado a estar com mulheres por sexo ou divertimento, ser tão abalado assim por sentimentos desconhecidos era um problema. Ainda mais quando estava preso por valores morais, por amor ao meu primo, sem poder resolver da maneira que eu queria. Se a pegasse e transasse com ela, talvez tudo aquilo sumisse, passasse. Mas eu não podia.

Saí do bar disposto a me despedir de Fernanda. Ao pegar o corredor, duas moças vinham em minha direção, mas nem as olhei. Algo me chamou a atenção, quando a mais baixa deu uma parada, como se surpreendesse ao dar comigo. Mas segui em frente, ignorando-as. Ao passar por elas, um cheiro diferente e único me envolveu. Morango. Parei na mesma hora e virei. Elas seguiam lado a lado. Meus olhos fixaram-se na mulher mediana

com uma longa trança escura caindo pelas costas. Aquele cabelo era familiar. Assim como o modo de ela andar. Não podia ser...

Voltei, seguindo-as com passos largos. A mais alta olhou para trás e apressou a outra. Reconheci as duas e em segundos segurava o braço de Ana, virando-a bruscamente para mim. O cheiro de morango me envolveu e me vi fitando seus grandes olhos cor de mel, arregalados dentro da máscara perfeitamente trabalhada.

— O que está fazendo aqui, Ana? — indaguei furioso.

Ela engoliu em seco. Paola parou ao lado dela e soltou:

— Que merda!

— Como... Como me reconheceu? — Ana gaguejou, tremendo.

— Seu cheiro — falei baixo, o que a fez arregalar ainda mais os olhos. Soltei-a e ela de imediato desviou o olhar. — Há quanto tempo estão aqui?

— O bastante — ela respondeu.

O bastante. Vieram da direção da masmorra. Entendi tudo e murmurei um palavrão, ao me dar conta de que ela assistira minha sessão com Kátia e Fernanda. Minha raiva aumentou, junto com o

incômodo.

— Como entraram aqui?

— Eu... tinha dois convites.

— Como?

— Vítor tinha me dado há um tempo, para eu passar a algum amigo.

— Porra! — Afastei o capuz para trás e corri os dedos entre os cabelos, sem saber o que fazer.

— Olha, acho que vou deixar vocês dois a sós — disse Paola. — Ana, te espero na porta, perto da saída.

Antes que Ana dissesse alguma coisa, eu tomei uma decisão que poderia mudar minha vida, que com certeza traria muitos arrependimentos e culpa. Falei duro:

— Pode ir embora, Paola. Eu levo Ana em casa.

A moça vestida de Mulher-Gato me olhou, indecisa, depois para Ana, e tornou a me olhar. Ela me fitava boquiaberta, como se não tivesse acreditado no que eu disse.

— Olha, João, talvez... — começou Paola.

— Ana, fica comigo — afirmei, sem admitir recusas. Ela sentiu que o momento era crucial.

— Eu fico — disse baixinho.

— Jesus! — Paola balançou a cabeça. — João,

cuide bem dela.

Não falei nada. Paola ainda esperou um pouco, como se achasse que Ana voltaria atrás. Como não aconteceu, acariciou de leve o braço da amiga e se afastou. Ficamos sozinhos no corredor vazio e silencioso. Podia ver que ela tremia, nervosa, ansiosa.

— Sabe o que vai acontecer? — perguntei baixo, sem tirar os olhos dos dela.

— Sei.

— Viu como sou. Se ficar, é isso que terá.

— Eu fico.

— É temporário, Ana. Apenas sexo, puro e bruto como gosto. Não importa se é virgem, se é inocente. Vai ser à minha maneira. — Fui bem claro em tudo e dei um passo para frente. Ela se encostou na parede de pedras e arfou, nervosa, ansiosa. Apoiei uma das mãos na parede, ao lado da sua cabeça. A outra foi em sua garganta e a segurei ali, sem apertar. Mas queria que entendesse bem os meus termos. — Não tenho relacionamentos. Não caso. Não quero que Vítor ou meus tios saibam.

— João...

— Escute. Vítor vai ficar longe por um mês em uma viagem. É o tempo que teremos. Se espera me

conquistar, esqueça. Um mês e de acordo com minhas condições. É pegar ou largar.

— Eu pego — disse sem vacilar.

Apesar de minha certeza e firmeza ao falar, me sentia nervoso. Talvez estivesse fazendo a maior burrada da minha vida, mas tinha chegado a um ponto que não podia mais recuar. O mesmo desejo e a mesma necessidade que eu via em seus olhos me bombardeavam violentamente.

Sem soltar seu pescoço, abaixei um pouco a cabeça, o tempo todo fitando o fundo de seus olhos, sentindo seus tremores. Só fechei as pálpebras quando toquei seus lábios com os meus e ela abriu a boca sofregamente para receber minha língua. Penetrei-a ali, naquele recanto macio e úmido, quente e gostoso. E beijei-a com uma paixão avassaladora, que pareceu estalar e arder, nos envolver em sua violência.

Ana gemeu em minha boca baixinho, abraçando-me forte, puxando-me para ela. Encostei-a toda na parede, meu corpo contra o seu. Larguei sua garganta e segurei seus dois pulsos, prendendo-a contra as pedras, movendo minha boca e língua para beijá-la mais intimamente, movendo meu pau muito duro contra a junção de suas pernas. Quis

comê-la ali mesmo, rápido e furioso, mas consegui lembrar que era virgem. Antes que perdesse a cabeça de vez, soltei seus braços e fui para trás. Ela já ia reclamar, pesada, excitada, mas segurei seu braço e levei-a comigo pelo corredor.

Falei com voz engrossada pelo desejo:

— Vamos ao meu apartamento. Vou foder você.

E ela me seguiu quietinha.

Capítulo 5

A LUXÚRIA DOS AMANTES

*Eu só quero que você saiba
Que eu estou pensando em você
Agora e sempre mais
Eu só quero que você ouça
A canção que eu fiz pra dizer
Que te adoro cada vez mais
E que eu te quero sempre em paz*

(A Sua — Marisa Monte)

ANA FLOR

João morava na Barra. Não demoramos até ele estacionar e me levar em direção aos elevadores. Enquanto subíamos até a cobertura, eu me sentia tão nervosa que não conseguia dizer nada, só lançava olhares ocasionais em sua direção, sem poder ainda acreditar que estávamos ali. João apenas me observava sério, a expressão inescrutável, seu capuz caído nas costas. Quando saímos do elevador, abriu a pesada porta de madeira e me indicou que entrasse. Foi o que fiz, com o estômago gelado, algo se retorcendo dentro de mim. Tremia sem parar.

A sala era enorme e estava na penumbra. Visualizei belos móveis, uma decoração tradicional e de bom gosto, mas nem tive tempo para prestar atenção aos detalhes. Ele passou por mim, segurou minha mão e me levou pelo corredor até uma enorme suíte. O que mais me chamou a atenção ali foi a cama imensa, com dossel e quatro colunas entalhadas na madeira. Lençóis pretos com pequeninos detalhes em cinza cobriam o colchão.

Paramos ao lado dela. Ergui os olhos para ele. No carro eu tinha tirado a máscara e guardado na bolsa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus dedos longos tocaram meu rosto, em uma leve carícia. Tive vontade de beijá-lo até morrer. Mas esperei um primeiro passo dele. João disse baixo, com olhar penetrante:

— Vou te prender na cama e te foder, Ana. Vai doer, vai sangrar, mas depois disso será minha. E teremos que conversar.

— Tá — concordei num fio de voz, muito ansiosa.

Seus dedos desceram pelo meu rosto até o queixo e daí deslizaram pela garganta, arrepiando-me. Passaram pelo colo, entre os seios, até encontrarem o laço do corpete. Desfez e puxou, alargando os nós facilmente. Abriu-o completamente e ordenou:

— Erga os braços.

Assim fiz. Tirou o corpete e deixou-o no chão. Segurou a barra da blusa preta de cigana e livrou-se dela da mesma maneira. Fiquei apenas com o bustiê preto sem alças, a calça justa e as botas. Não podia me mover ou desviar os olhos dos dele, como se me hipnotizasse.

Suas mãos desceram lentamente por meus braços, arrepiando minha pele na carícia suave. Passaram por meus seios e foram até as costas, onde abriram o fecho do bustiê, tirando-o, largando no chão.

PERIGOSAS ACHERON

— Fique assim. — Puxou-me para frente segurando minha cintura e sentou-se na beira da cama, me fazendo parar entre suas pernas. Eu mal respirava, tremendo demais, o coração acelerado, um misto de vergonha e tesão me envolvendo.

Quando desceu o olhar aos meus seios nus, ambos os mamilos se retesaram na hora. Vi seu rosto ficar mais intenso, assim como a ruga entre as sobrancelhas. Deslizou os dedos longos para cima, sobre as costelas, até apertar suavemente ambos os seios. Desejo violento me fez ondular e arfar, principalmente quando esfregou as palmas sobre os mamilos duros. Mordi os lábios, meu peito subindo e descendo com a respiração pesada.

— Calma — disse baixinho, erguendo aqueles lindos olhos azuis para mim. Mas como eu podia me acalmar estando ali com ele, sentindo suas mãos em meus seios, prestes a realizar meu sonho de ser dele? Meus joelhos estavam a ponto de ceder com as emoções violentas que me invadiam.

Segurou os mamilos entre o polegar e o indicador e os puxou com firmeza, em um beliscão que me fez morder os lábios para não gritar. Olhou-os e aproximou a cabeça. Parou a centímetros do esquerdo, tirou os dedos deixando-o bicudo, e

fechou a boca sobre ele. Quando o mordiscou forte e chupou, estremei tão intensamente que meus braços quase desceram, mas os ergui rapidamente. Sensações deliciosas, alucinantes, me golpearam. João sugou meu mamilo firme, duro, enquanto suas mãos desciam até o cócs da calça e a abria. Enfiou as mãos dentro dela e desceu-as, fazendo-a escorregar até meus joelhos e ali parar.

Não aguentava mais ficar com os braços para cima e os descí, enfiando as mãos em seu cabelo, trazendo mais sua cabeça ao meu seio, gemendo cheia de lascívia. Mas João parou na hora, tirou o mamilo da boca e fitou meus olhos.

— Mandeí você baixar os braços? — Sua voz era calma, mas dura.

— Não, mas... — gaguejei, vermelha. Bastou seu olhar para eu tirar os dedos dos seus cabelos e erguer novamente os braços. Somente então segurou meus quadris, enrolou os dedos nas laterais da calcinha e enfiou outro mamilo na boca, chupando com força.

Minha vagina latejava, encharcada. Minha pele ardia. O sangue era bombeado cada vez mais forte pelas batidas alucinadas do coração. Eu era uma massa de sensações, de luxúria e tesão. Seus dedos

desceram a calcinha de uma vez e pararam com ela nos meus joelhos. Parou de chupar o mamilo, chegou a cabeça para trás e observou como ambos tinham ficado pontudos e vermelhos. Desceu mais o olhar pela barriga, cintura, quadris, até minha vulva. A mão direita subiu por minha coxa e sua palma se apertou sobre ela, sentindo-a.

— Ah... — gemi baixo, puxando o ar pesadamente, meus braços perdendo as forças, enquanto lutava para mantê-los erguidos.

E então um dedo longo mergulhou entre os lábios pequenos e molhados, entrando até a metade dentro de mim. Palpitei em seu dedo, quase como se tivesse um coração ali. João fitou meus olhos e murmurou com aquela voz grossa que quase me fazia gozar:

— Sem que eu soubesse, você estava lá me observando meter esses dedos dentro de outra mulher. Sentiu tesão?

— Sim... — Minha voz saiu num fio. O dedo entrava e saía só até a metade, se melando todo. Lembrei-me do ciúme também, mas não disse isso.

— E agora?

— Sim... Muito...

— Logo vai ter minha língua aqui. E meu pau,

todo enterrado dentro de você. — Agoniada, tremia sem parar, minhas pernas mal me sustentando. O dedo subiu mais, molhando meu clitóris, massageando-o até que eu latejava sem controle. Ele mordeu novamente o bico do seio. A mão livre acariciou meu bumbum. Supliquei, desequilibrada com tantas sensações que me atacavam:

— Por favor...

João afastou a boca, fitando-me, sem deixar de me tocar.

— Por favor o quê?

— Vou cair... Minhas pernas...

— Abaixе os braços. E vire-se. Quero ver a sua bunda.

Fiquei muito corada, sentindo o sangue voltar até minhas mãos, formigando. Envergonhada, esperei tirar a mão de mim e obedeci. Podia sentir seu olhar percorrendo meu corpo. E então suas mãos acariciaram minha bunda, enquanto dizia rouco:

— Como você é linda, Ana. Toda linda.

Desceu o fecho das botas e me ajudou a tirá-las, depois a calça e a calcinha, deixando-me completamente nua, ainda de costas para ele.

— Abra as pernas. — Não me tocava. — Ponha as mãos nos joelhos e incline-se para frente.

Mesmo muito corada e envergonhada, obedeci suas ordens.

— Agora segure a bunda e abra para mim.

Fechei os olhos, estremecendo. Era demais para mim. Pensei que me beijaria, acariciaria, faria amor comigo. No entanto, ao mesmo tempo, o tesão era tão violento, mais do que a vergonha, que obedeci. Segurei os dois globos redondos e os abri, minha trança caindo em direção ao chão, meu rosto contra uma das pernas. Podia sentir que olhava minhas partes mais íntimas. Mas nada me preparou para o prazer absoluto que me bombardeou quando João segurou meus quadris e lambeu minha vulva por trás. Ondulei e gemi, sem controle, arrebatada.

A língua sugou meu melado grosso, subiu até o ânus, moveu-se em volta do orifício minúsculo. Tremi tanto que, se não estivesse me segurando, cairia para frente. Então desceu de novo e me chupou com vontade.

— Ai, ai... João... — comecei a suplicar, fora de mim, ensandecida.

Mas não teve pena. Deixou meus lábios inchados, melados, entrou em mim, lambeu, mordiscou. Meus joelhos dobraram e só então ele parou, me segurando firme. Agarrou minha trança perto da

nuca e me levantou, fazendo o mesmo atrás de mim. Me fez virar e fitou meus olhos pesados, minha expressão de êxtase, seu olhar intenso quase me devorando. Soltou-me. Sua voz era autoritária, mas baixa:

— Tire a minha roupa.

Na mesma hora obedeci. Levei os dedos trêmulos até a frente do manto e soltei o cadarço em seu pescoço, deslizando-o até o chão. Uma camiseta preta o cobria. Segurei a barra e a ergui, puxando-a por seus braços. Olhei para o peito musculoso e não resisti, apalpei-o, deslizei entre os pelos, senti os músculos duros e bem feitos, percorri seus ombros largos com adoração, seus braços fortes, até suas mãos, entrelaçando meus dedos com os dele. Fitei-o nos olhos e disse, emocionada:

— Como desejei fazer isso... Sentir sua pele, cada pedacinho de você...

João apenas me olhava, calado, seus olhos escurecidos, o cenho tenso. Levei as mãos até sua calça, abri o botão, descii o zíper, nervosa, engolindo em seco. Não usava cueca. Puxei a calça para baixo, descendo-a pelas coxas musculosas, olhando abismada para seu pau grande e duro que se erguia em direção à sua barriga. Meu Deus,

como era lindo! Muito mais do que eu tinha sonhado. E assustador.

Antes que pudesse criar coragem e tocar nele, João disse firme:

— Não. Isso vai ser depois. Deite-se na cama. Preciso comer você agora, Ana.

Arquejei, fora de mim. Ansiosa, fui até a cama imensa e deitei de barriga para cima, desejando-o tanto que chegava a doer. Só quando João segurou meu tornozelo e o prendeu com uma algema de couro que saía de uma corrente, percebi que as quatro colunas da cama tinham aquilo. Puxou meu outro tornozelo e prendeu-o, deixando-me com as pernas abertas. Fiquei quieta, submissa, esperando.

Prendeu meu pulso esquerdo e o direito. Fiquei como em X na cama, imobilizada; medo e luxúria percorrendo minha pele, deixando meu coração como uma dinamite prestes a explodir. João então pegou uma venda preta na gaveta e, apenas me olhando, beijou suavemente meus lábios, como a me tranquilizar. E amarrou a venda em meus olhos, tirando-me toda a visão. Respirei fundo, tentando conter meus tremores, mas era impossível.

O medo só aumentou toda aquela excitação. Ali eu estava completamente vulnerável e João poderia

fazer qualquer coisa comigo. Dava a ele muito mais que meu corpo e meus sentimentos. Dava também minha confiança.

Senti o barulho dele rasgando algo, talvez um preservativo. E depois percebi seu peso no colchão, entre minhas pernas. Quando lambeu meu clitóris devagar, arfei e ondulei, quente, alucinada. Quis me mover, mas fiquei impossibilitada pelas amarras. Ergui um pouco os quadris e sua boca abriu-se na minha vagina, chupando-a gostosamente.

Tremi tanto que bati os dentes, mas não sentia frio. Meu corpo pagava fogo, se esticava, ficava a ponto de um gozo que só crescia, como uma onda sugando as energias, se formando imensa, pronta para varrer tudo. Um dedo longo penetrou meus lábios vaginais, enquanto continuava a me chupar mais duramente. Gemia e ronronava, perdida, virando a cabeça de um lado pra outro, enfiando as unhas nas palmas, com uma vontade louca de tocá-lo, agarrá-lo, ser dele.

João enterrou mais o dedo, que parou ao encontrar a barreira da virgindade. Então o moveu dentro de mim, rodou-o, forçou-o um pouco. Uma ligeira dor me percorreu, mas o prazer era tanto que se perdeu em meio a ele. Latejei sem controle,

meus músculos apertaram seu dedo, puxando-o para dentro. E aquela língua em mim, deixando-me louca!

Foi quando o orgasmo veio voraz, violentamente. Gritei e João meteu o dedo de uma vez, com força. Algo se rasgou dentro de mim, mas eu já estava perdida em ondas quentes e densas. Puxou o dedo para fora, ergueu-se e montou entre minhas pernas, enfiando seu pau com tudo enquanto eu gozava e gemia. Meu grito foi doloroso e prazeroso, quando o pau enorme pareceu me rasgar ao meio, enterrando-se até o fundo, colado e queimando. Na mesma hora ele retirou minha venda e seus olhos azuis penetrantes e intensos estavam nos meus, para que eu visse bem quem estava dentro de mim, movendo os quadris, me comendo.

— Ai, por favor... Por favor... — Nem eu sabia para que suplicava, se para que a dor diminuísse ou para que continuasse a meter aquele pau grande demais para mim, não interrompendo as ondas de gozo que me engasgavam e balançavam meu corpo.

— Continue a gozar — murmurou, até que beijou minha boca, montando-me como um garanhão feroso e bem dotado, sem pena, abrindo-me cada vez mais.

E eu gozei e chorei, sacudi pernas e braços, ergui os quadris despudoradamente, senti a vagina pegar fogo de dor e tesão, equilibrada precariamente entre um e outro. Suguei sua língua, busquei-o sofregamente, me perdi em meio a toda aquela loucura ímpar, alucinante.

— Ah, Ana... — Afastou a boca, fitou meus olhos, segurou meu rosto entre as mãos, comendo-me mais e mais fundo, seu rosto um misto de prazer e perdição. — Olha o que você faz comigo, mamando em meu pau, gozando com essa bocetinha quente e apertada...

E então se contorceu e gozou, gemendo rouco, seu rosto enterrando-se em meu pescoço, seus dentes cravando-se em meu ombro. Eu ainda latejava em resquícios do meu próprio gozo e fiquei maravilhada quando recebi o dele, seu pau todo dentro de mim, latejando, ondulando, deixando-me sentir cada contração que o percorria, até que ficamos ali colados, exaustos pelo prazer descomunal, unidos.

João apoiou as mãos na cama e se ergueu, saindo devagar. Ardeu muito e estremeci. Ajoelhado, soltou cada uma das amarras. Abracei-o na hora e ficamos lá, deitados juntos um ao lado do outro,

como um só. Fechei os olhos, sem poder acreditar que era verdade. Mas feliz ao me dar conta que nenhum sonho poderia ser tão bom.

JOÃO PEDRO

Eu a levei ao banheiro e a pus em minha banheira de hidromassagem com a água bem morna. Sabia que estava dolorida e ainda abalada. Duvidava que algum dia tenha feito parte de seus sonhos românticos imaginar que perderia a virgindade sendo amarrada em uma cama e fodida intensamente. Como nunca tinha feito parte dos meus pensamentos e desejos desvirginar uma garota. Acho que estávamos empatados.

Entrei na banheira com ela e a banhei. Passei esponja e sabonete em todo seu corpo, enxaguei, fiz com que recostasse as costas em meu peito e percorri minhas mãos em toda extensão de sua pele. Ana apoiou a cabeça em meu ombro e se entregou, deixando que fizesse o que tinha vontade. Aquela submissão silenciosa era tão excitante quanto o resto dela, deixando-me novamente de pau duro, louco para fodê-la de novo. Eram tantas ideias pornográficas em minha mente, que ficava difícil

me concentrar em uma. Mas acabei me controlando, pois sabia que ela precisava de um tempo.

— É tão gostoso... — murmurou rouca, enquanto eu colocava suas pernas sobre as minhas e deslizava as mãos sob a água em suas coxas até a virilha, lentamente. Olhava seus seios acima do nível da água, os mamilos rosados e inchadinhos, o formato arredondado e firme. Não resisti e subi uma das mãos até eles, acariciando-os. — Ai, João...

— Estou tentando ser tardiamente cuidadoso com você, levar em conta que está dolorida e ainda é novata em tudo, mas está difícil, Ana. — Fui absolutamente sincero e meu pau pressionou o final de suas costas. Seus mamilos intumesceram e apertei um deles, puxei-o, até que arquejou, fechando os olhos. — Gosta disso?

— Sim, eu... Nem consigo acreditar que estou aqui com você... Que está fazendo tudo isso, que me tornou mulher... Desejei tanto e foi tão bom, tão além do que tudo que pensei...

— Não está assustada?

— Estou — confessou baixinho.

Eu queria olhar em seus olhos enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

conversávamos. Naquela posição era impossível. Assim, a virei, colocando-a atravessada em meu colo, sua bunda em minha coxa, a cabeça sobre meu braço apoiado na borda da banheira. Podia fitar seu rosto e seus seios, que eu continuava a acariciar.

— Quer voltar para casa? Desistir?

— Nunca! — Sorriu suavemente para mim, lânguida, seus olhos brilhando. O cabelo molhado grudava-se em meu braço.

— Ana... — Quis ser o mais sincero possível com ela. Me sentia fora de mim, excitado, quase eufórico, mas também abalado, culpado, preocupado. Subi a mão até seu pescoço e seu rosto, deixando-a ali. Ela virou e beijou a palma. Depois me olhou de novo.

— Sim, João?

— Temos que deixar algumas coisas bem claras.

— Eu já entendi. Não quer que as outras pessoas saibam da gente, por causa de Vítor. E o que temos tem tempo contado para terminar: um mês.

— Isso e mais. Me viu com o chicote e as cordas hoje. Sabe o que sou?

— Sei.

— Tem medo?

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho.

Sua sinceridade me deixou pensando por que ainda não tinha saído correndo dali. Ana desceu os olhos até minha boca, com tanto desejo que era impossível não notar. Disse bem baixinho, ao encontrar de novo meus olhos:

— Sempre me guardei para o homem que eu sabia que encontraria e mexeria comigo, mudaria minha vida. Meu maior erro foi ignorar meus instintos e me deixar levar pelo que os outros diziam. Por isso fiquei com Vítor. Mas foi só ver você, há dois meses, para saber que era o homem dos meus sonhos, João.

— Dois meses? — Não entendi.

Ela lambeu os lábios e acenou com a cabeça.

— Há dois meses vi uma foto sua no escritório do seu tio. E você não saiu mais da minha cabeça. Disse a mim mesma que era loucura, mas naquela festa, quando fitei seus olhos... Me perdi de vez.

Fiquei imóvel, prestando atenção em suas palavras. Por fim, indaguei:

— Uma foto?

— Sim, parece loucura, mas foi o que aconteceu. Eu me apaixonei por sua foto.

— Ana, sei que é romântica, mas não crie ilusões

PERIGOSAS NACIONAIS

a meu respeito. — Minha mão amparou firme seu rosto, meus olhos penetrando os dela. — Sou o homem menos romântico que poderia encontrar no caminho. Vou querer tudo de você, menos seus sentimentos. E estou sendo bem sincero.

— Eu sei. Mas não posso fingir que não sinto nada por você — falou docemente.

— Escute. — Meus dedos enfiaram-se entre os fios molhados dos seus cabelos e segurei-os firme, mantendo-a imóvel. — Por anos fugi de quem sou, mas isso não acontece mais. Vou querer de você possivelmente mais do que pode me dar. Por isso quero deixar tudo bem claro e combinar algumas coisas.

— Tá, tudo bem.

— Não quero nenhum tipo de relacionamento ou amarras. O que temos é sexo. Só. — Era um absurdo eu dizer aquelas coisas na maior cara dura, sabendo o quanto Ana mexia comigo. Mas nem eu queria admitir aquilo. Na verdade sentia medo de me envolver com ela mais do que pretendia. Por tudo: pelo meu passado, por Vítor, pelo homem que eu era hoje. — Isso deve ficar bem claro.

Ela concordou com a cabeça, quietinha me olhando.

PERIGOSAS ACHERON

— Quando acabar, quero que prometa que vai aceitar. Que não vai me procurar. Isso é fundamental para mim.

— Mas... Não poderemos nem ser amigos? Ou...

— Não. Vamos parar de nos ver.

Senti que isso a desestruturou. Sabia que no fundo devia pensar que talvez depois de um mês eu poderia mudar de ideia. Por isso, reafirmei:

— Um mês. É isso ou nada. Odeio o que Vítor está fazendo com você, insistindo e cercando-a. Não quero que faça isso comigo.

— Nunca faria isso — disse com firmeza. — Eu entendo e concordo.

Era difícil ficar ali conversando enquanto seu corpo nu me tentava. Meus olhos passeavam todo o tempo pelos seios lindos, sentia a bunda macia na minha coxa, meu pau roçava seu quadril, tão duro que doía. Engoli o desejo, as depravações que passavam na minha mente, tentando me concentrar. Precisava deixar tudo claro primeiro, para depois não ouvir que não tinha sido avisada.

— Você quer dizer algo? Algum pedido? — indaguei.

— Não. — Sorriu e veio mais para perto de mim, suas mãos deslizando em meu peito, onde beijou e

lambeu, subindo até o pescoço, mordendo-o de modo meio tímido, mas cheia de desejo. — Só quero ficar com você o máximo que eu puder.

— Ainda não terminei, Ana. Agora vem as regras.

— Regras? — Ergueu a cabeça, bem perto.

Acaricieei suas costas macias sob o cabelo e segurei sua nuca com firmeza. Meus olhos deslizaram por seus lábios até ao olhos dourados e grandes, tão inocentes ainda. Falei baixo, áspero pela luxúria que tomava conta de mim:

— Poucas pessoas sabem o que sou. Vítor, Fernanda, um punhado de conhecidos que frequentam o mesmo ambiente que eu. Meus tios nem desconfiam que sou sócio de um clube como Voraz. Tenho duas vidas. A de médico, que a maioria conhece. E a minha particular de dominador. Sei fazer sexo baunilha, mas não gosto. Preciso da sensação de poder, de saber que alguém se entrega a mim sem restrições, da liberdade de ir muito além do que as pessoas “normais” vão. Faço isso há mais de oito anos.

Ana me olhava, hipnotizada, mal parecendo respirar. Continuei no mesmo tom:

— Vou continuar indo ao clube. E você vai continuar com a sua vida. Quando quiser me ver,

PERIGOSAS NACIONAIS

pode me ligar, saber se estou disponível. Mas quando eu chamar você, quero que venha, sempre pronta para mim. Para o que quiser fazer com você.

Senti-a estremecer. Lambeu os lábios nervosamente, suas mãos apertaram de leve o meu peito.

— Posso ser bem sincera?

— Claro, para isso estamos conversando.

— Não entendo muito esse negócio de dominador, mas vi o que fez lá no clube, como as pessoas tratavam você, senti a aura de poder e dominação e confesso que fiquei muito excitada. Aqui eu... Meu Deus, eu nunca pensei que pudesse ser assim, tão intenso e lindo, tão maravilhoso... Quero ser sua, João, pelo tempo que me quiser. Mas tem duas coisas que me preocupam.

— Pode falar.

— Sempre tive medo de sentir dor. Não sei até onde posso ir. Aquele chicote... Vai me bater com aquilo?

— Possivelmente.

— Eu vou estar presa e... Se não quiser? Se pedir para parar?

— Eu paro.

— Mas para mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que sim. Na mesma hora. Você terá uma palavra segura. Toda vez que a disser, significa que não está à vontade ou com prazer. E não é isso que quero. Você deve ter tanto prazer em se submeter a mim quanto eu em te dominar. Deve ser consensual. Por isso a importância de uma boa conversa.

— Tá bom.

— Qual a segunda coisa?

Seus olhos grandes fixaram-se nos meus.

— Você disse que vai continuar indo ao clube. Lá... Quero dizer... — Respirou fundo, incomodada. — Vai transar com as outras submissas?

— Quando eu quiser, sim.

Baixou os olhos. Segurei seu queixo e fiz com que me olhasse de novo.

— Isso incomoda você?

— Muito. Pelo menos enquanto estamos juntos, pelo tempo curto de apenas um mês, gostaria de... de...

— De ser exclusiva.

— Sim.

— Tenho muitos desejos, Ana. Às vezes preciso de coisas mais pesadas, que talvez sejam demais

PERIGOSAS NACIONAIS

para você. Era virgem até hoje à noite.

— Mas se eu fizer o que quer, não precisa das outras.

— Não quero que faça algo por minha causa, contra a sua vontade.

— Eu posso querer fazer. É só me perguntar antes. Se eu não fizer, aí procura as outras.

Eu a observei por um momento, calado. Ana segurou meu olhar, tentando demonstrar que aguentaria realmente minhas perversões. Mas continuei sendo bem franco:

— Podemos combinar isso, mas haverá uma exceção.

— Qual?

— Fernanda.

Ana piscou e mordeu o lábio. Senti seu incômodo.

— Nós nos conhecemos há anos, desde a adolescência. É minha melhor amiga e eu a amo. — Ela baixou os olhos. — Olhe para mim. Não desvie seus olhos quando falar comigo, a menos que eu mande que os baixe.

Fitou-me na mesma hora, um pouco assustada com meu tom duro. Suas íris douradas estavam bem abertas. Fiquei ainda mais excitado pela maneira rápida que obedeceu ao meu comando.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda segurando-a pela nuca com a mão direita, envolvi o braço esquerdo em sua cintura fina e a fiz sentar diretamente sobre o meu pau. Entreabriu os olhos, nervosa, visivelmente excitada. Continuei a falar, baixo:

— Passei algumas coisas ruins na vida e Fernanda também. Um nunca deixou de apoiar o outro. Desenvolvemos uma relação de amizade mais forte do que todo o resto. Pessoas vão e vem na vida dela. Mulheres vão e vem na minha. Mas permanecemos juntos. Temos coisas que um gosta e só faz com o outro. E disso não abro mão, Ana. Pode ser que nesse um mês eu não a procure nem ela a mim, mas se um de nós quiser, vai acontecer.

— Quer dizer que... Pode deixar as outras por um mês, se nos dermos bem. Mas não a Fernanda.

— Exato.

Vi-a pensando, obviamente chateada, até enciumada. Mas não disse mais nada. Teria que tomar suas próprias decisões, embora eu não soubesse como aguentaria se resolvesse ir embora. O desejo latejava dentro de mim. Já pensava em tê-la de novo, nas coisas que faria com ela, nas sensações únicas que me fazia sentir. Mas continuei frio, como se por dentro um vulcão não estivesse

próximo de entrar em erupção.

— Você não abre mão disso, João? Nem por um mês?

— perguntou baixinho, ansiosa.

— Se ela precisar de mim, ou eu dela, não.

— Então... Tenho que aceitar. Se eu sair daqui hoje, do jeito que me sinto, não vou aguentar. Preciso ter mais de você. Preciso de tempo para aceitar que vai acabar. — Seus olhos eram puros, agoniados, dolorosamente sinceros.

Senti alívio. Eu duvidava que precisasse de outra mulher tendo-a comigo. Mas meu acordo com Fernanda era realmente especial. Nem Ana poderia ir contra os anos e a amizade que tínhamos em comum. Ela era como eu, dura, pervertida, solitária. A única pessoa que me entendia realmente. E a que ficava.

Desci a mão por seu ombro, deslizando na pele macia cheia de gotas de água, até um dos seios. Segurei seu olhar com o meu, sem admitir que o desviasse enquanto apalpava um dos seios e a via arfar, abrindo os lábios, as pálpebras pesadas. Quando apertei seu mamilo, ela estremeceu e a água ondulou com o movimento do seu corpo.

— Diga uma palavra segura.

Girei o mamilo rosado e intumescido entre dois dedos, cada vez com mais força. Ana apertou meus ombros, sua bunda moveu-se sobre o meu pau. Senti uma chama me lamber, em um desejo premente, escuro, intenso. Arfou, arregalando os olhos brilhantes, suas faces coradas.

— Eu... não sei...

— Agora, Ana. — Apertei mais, belisquei o brotinho. Ela arquejou, quase enterrando as unhas em minha pele. Doía e ardia. Mas também era possível perceber o tesão que a engolfava.

— Foto.

Franzi o cenho.

— Tem certeza?

— Sim, a primeira vez que vi você foi em uma foto. Não vou esquecer.

— Use a palavra quando estiver demais para você. Eu paro na hora. — Soltei o mamilo, deixando-o vermelho como uma frutinha. Fui ao outro e foi a vez de apertá-lo, puxá-lo, esfregá-lo. Ana se contorceu, gemendo baixinho. Observei-a e de propósito apertei mais, para ver se dizia a palavra.

Jogou a cabeça para trás, seus cabelos pendurados para fora da banheira, seu quadril se erguendo,

tremores a percorrendo. Fiquei cheio de tesão. Bruto, soltei o mamilo e a virei, de modo que ficou com o peito na borda da banheira, ajoelhada, com água até a cintura. Fui para trás dela, também de joelhos. Segurei seu cabelo comprido na nuca, puxei sua cabeça em minha direção e murmurei perto de sua orelha:

— Está dolorida?

— Sim... — sussurrou. Podia sentir seus tremores.

— Quero mais de você, Ana...

— Sim, João... — Sua mansidão, sua entrega, me deixaram ainda mais excitado. Forcei sua cabeça para frente, assim como seu tronco para fora da banheira, deixando seu quadril apoiado ali, sua bunda de fora, a água na altura de sua coxa. Ela segurou-se na borda, equilibrando-se.

Por um momento fiquei imóvel, apenas olhando-a, meus olhos deslizando pelas costas bem feitas, o contorno bem marcado da coluna, a cintura fina, a bunda firme e redondinha em um formato de coração. Pensei que aquela mulher ali, nas minhas mãos, era a mesma que vi na festa, com quem dancei, quem beijei na boate e vi de manhã na praia. A mesma que desejei desde a primeira vez em que pus meus olhos nela. E que estava disposto

a ignorar, pois era proibida, igualmente desejada por meu primo.

Agora ela estava ali. Tinha me dado seu corpo, sua virgindade, se entregado sem reservas. E estava disposta a me dar mais. Sua vontade, sua submissão, seu amor. Senti-me abalado. Deslizei minha mão pela linha de sua coluna, da nuca para baixo, estranhamente emocionado, ligado a ela. E decidido a ter tudo que Ana queria me dar. Mas só por um mês.

Afastei o sentimento de culpa que me engolfou ao lembrar do desespero de Vítor ao perdê-la, da confiança que tinha em mim. Senti-me um canalha, mas o que sentia por Ana era quase uma obsessão. Não tinha mais volta. Acabaríamos com o que quer que houvesse entre nós e ele não saberia de nada. Com o tempo eu esqueceria e me perdoaria pela traição. Mas primeiro precisava arrancá-la de dentro de mim.

Quando cheguei ao final da coluna, parei a mão e disse baixo:

— Empine a bunda e segure-se.

Ela obedeceu e pude ver sua vagina inchadinha entre suas pernas, dois gomos deliciosos que fizeram meu pau enrijecer dolorosamente. Era

pequena, mas carnuda. Abri de leve sua bunda e o buraquinho minúsculo do ânus terminou de me deixar excitado ao extremo, fazendo meu pau soltar um líquido lubrificante. Estava pronto para entrar nela bem duro e forte, mas me contive, cerrando o maxilar, apertando meus dedos em sua nuca, um punhado grosso de cabelo entre eles. Estava sem preservativos e sua vagina dolorida. Seu ânus não tinha sido devidamente preparado para me receber. Deslizei a outra mão sobre a carne rechonchuda de sua e falei rouco:

— Quando me desobedecer, for uma má menina, vai apanhar como castigo. Pode ser com minha mão, um chinelo, chicote, cinto ou palmatória. Vou escolher e você vai ficar quietinha. Entendeu?

— Sim... — arquejou, o cabelo molhado caindo em seu rosto, os músculos das costas marcados pelo esforço que fazia para se segurar, tensa, esticada.

— Outras vezes vou simplesmente bater em você porque eu quero. Porque posso e você é minha. — Na mesma hora dei uma palmada bem firme em seu globo direito. Ana gritou surpreendida e de dor, pois foi bem pesado e não estava esperando. Estremeceu e desequilibrou-se um momento, mas a manteve no lugar pela nuca e logo se segurou,

respirando irregularmente. — Como agora. Sabe o que vou fazer com você, Ana?

— Não... — sussurrou num fio de voz. Na bunda branca minha mão ficou marcada, vermelha.

Dei o segundo tapa do outro lado, mais forte ainda. Gritou, choramingou, balançou. Tremia sem parar. Bati de novo, abaixo da marca no lado direito, em tapas secos e estalados, firmes.

— Vou bater na sua bunda. Lamber sua bocetinha que agora está pronta para o meu pau. E seu cuzinho, que em breve vai ser meu.

— Ah... — Tremia tanto que seus braços pareciam não suportá-la. Mas eu a mantinha sob controle pela nuca. Dei outro tapa. Gritou, fez a água sair um pouco da borda, jogou a cabeça para trás e empinou-se instintivamente, como se pedisse por mais.

Vi os gomos de sua vulva brilhando com seu mel e fiquei louco. Abaixei a cabeça e os lambi, minha língua puxando sua lubrificação para dentro da boca, deliciando-me com seu gosto, metendo a língua nela. Ana gritou, latejou, ondulou os quadris.

— Ai, João... Ai...

Fechei os lábios sobre o clitóris e o chupei. Ela tirou os joelhos do fundo da banheira, erguendo

mais os quadris, abrindo as pernas, tremendo enquanto eu sugava o brotinho duro que inchava na minha boca e chupava-o forte, em uma sucção contínua. Começou a choramingar sem controle e um orgasmo a varreu na mesma hora. Gemeu rouca e gozou muito forte, fora de si, pressionando a vagina toda melada em meus lábios e língua.

Deixei que gozasse tudo. Quando acabou e desabou com os joelhos de volta na banheira, arquejando, estremecendo, afastei-me um pouco, firmando sua nuca. Bem atrás dela, meti um dedo em sua vulva que ainda palpitava, deixando-o cheio de seu creme. Subi esse dedo até o ânus e rodeei com a ponta, lubrificando-o. Aproximei a boca de sua orelha, meu peito em suas costas, meu pau pressionando sua bunda, meu dedo entrando até a primeira falange em seu buraquinho.

— Eu disse que você podia gozar?

— João... — suplicou, levemente amedrontada, ainda abalada pelo gozo. Rodei o dedo e empurrei-o mais no buraquinho apertado. Ela choramingou, tentou fugir, mas manteve-a firme.

— Eu disse, Ana?

— Não. — arquejou baixinho.

— Só pode gozar quando eu permitir. Entendeu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, eu... Eu entendi...

— Fique bem quietinha agora enquanto meto o dedo no seu cuzinho.

— Ai, ai...

Mordi sua orelha. Chupei o lóbulo devagar e Ana gemeu, toda arrepiada, virando um pouco o rosto para mim para que eu tivesse um melhor acesso. Vi suas bochechas coradas, os cílios longos fazendo sombra na pele com os olhos fechados, os lábios entreabertos, a expressão de êxtase. Aquilo aumentou ainda mais o meu desejo. Meti o dedo até o fundo e esfreguei meu pau na pele lisa e vermelha de sua bunda.

Ela ficou louca quando passei a penetrá-la com o dedo. O lubrificante natural e sua excitação ajudaram a alargar o orifício. Minha língua foi em seu ouvido e Ana ficou mole, totalmente entregue ao que eu quisesse fazer com ela. Tirei o dedo todo, molhei o indicador e o do meio no seu melado fora da vagina e forcei agora dois, espalhando o creme, indo lentamente. E assim enfiei os dois, dilatando-a para mim.

— Está doendo... — choramingou, mas continuava a gemer, mais líquido saindo de sua vagina, escorrendo para as coxas. Enfiei mais,

PERIGOSAS ACHERON

rodando, lubrificando-a. Tirava até a ponta e metia de novo, até que duas falanges estavam dentro dela.

— Fique quietinha. Ainda não terminei com você.

— Deslizei os dentes e os lábios em seu pescoço, até sua nuca, mordiscando-a. Ela estremeceu toda, excitada, e assim fui mais fundo, até ter os dois dedos em seu interior. — Boa menina.

E a fodi ali sem pena, até que os dedos já entravam com facilidade, enquanto mordida seu pescoço e ombro, segurava em sua garganta, mantendo-a imobilizada naquela banheira para que me servisse como eu queria. Meu pau babava, tão espesso e ereto que doía.

Precisava de um alívio ou ejaculária ali sobre ela. Foi com pena que puxei os dedos para fora e me levantei. Saí da banheira, já segurando-a e puxando-a para fora. Ana me olhou levemente bamba, olhos pesados pelo gozo e pelo tesão. Nunca a vi tão bonita, corada, lábios vermelhos de tanto mordê-los, cheia de paixão. Peguei uma toalha para mim e outra para ela. Foi só para secar o excesso de água, pois logo a pegava no colo e ia para o quarto.

— João! — Deu uma risada, sem esperar, segurando-se em mim.

Parei ao lado da cama, no quarto com o ar condicionado ligado, na penumbra. Ao notar meu semblante carregado, sua risada sumiu e arregalou os olhos, assustada. O desejo era avassalador e depus meus pés no chão, dizendo duramente:

— Meus planos eram de acostumar você aos poucos. Mas preciso te comer, Ana. Te devorar. Agora.

Ela engoliu em seco, assustada, mas excitada também.

— Ajoelhe-se.

Pude quase tocar todas as emoções que passavam por seu corpo. Ela caiu de joelhos no carpete e seus olhos varreram meu corpo nu, do peito, passando pelo pênis, descendo por minhas coxas. Vi como olhou meu pau, ansiosa, trêmula.

— Já chupou um homem antes?

— Não.

— Segure meu pau com as duas mãos, pela base.

Ana não vacilou. Obedeceu na hora, seus dedos finos fechando-se juntos em volta do meu pau. Olhou-o e lambeu os lábios. Contive um gemido, antecipando aquela boca carnuda em volta do meu membro. Era uma sensação única saber que eu seria o primeiro em tantas coisas e que ela se entregava

tão docemente a mim, depois de se guardar tanto. Fiquei com medo de gozar tão logo começasse a me chupar, pois estava dominado pelos desejos absurdos que me aguilhoavam.

— Comece. — Foi tudo o que consegui dizer, cerrando o maxilar.

Ana ficou bem ereta, quando se aproximou. Entreabriu os lábios, tremendo, olhos abertos. Ao lambe devagarzinho a cabeça do meu pau, fez a excitação percorrer minha pele como uma labareda, incontrolável. Mantive-me firme, compenetrado em me controlar, mesmo quando passou a chupar docemente a cabeça do meu pau, suavemente, ingenuamente, como se temesse me machucar. Mas foi tão gostoso, tão excepcional vê-la ali de joelhos fazendo seu primeiro boquete em mim, que a falta de experiência não importou. Pré-sêmen deslizava em sua língua enquanto mamava lentamente e fiz um esforço sobre humano para não gozar.

Meus demônios violentos e pervertidos vieram à tona. Nem deixei que continuasse. Afastei-me dela e disse roucamente:

— Fique aí.

Fui até o closet e voltei com uma caixa, que abri sobre a cama. Sentia seus olhos em mim, a

ansiedade que a consumia, enquanto pegava uma corda, camisinhas, um gel lubrificante e uma palmatória preta e flexível, de material leve, com furinhos na ponta retangular. Quando a fitei, estava com os olhos caramelados enormes para mim. Segurei a corda curta e fui até ela.

— Junte os pulsos e estique os braços para frente.

Era notório o medo dela, dava até para sentir. Esperei para ver se reclamaria, mas simplesmente obedeceu. Amarrei seus pulsos juntos, com firmeza, mas sem machucar a pele ou conter o fluxo sanguíneo. Uma das vantagens em ser médico naquele meio era meu conhecimento do corpo humano. Sabia bem onde e como bater para doer, mas não ferir ou pôr em risco a outra pessoa. Contornei-a, comandando:

— Fique de quatro, com os cotovelos no chão.

Enquanto Ana obedecia, seus cabelos molhados caíam sobre seu rosto, pingando no chão.

Peguei as outras coisas e pus um preservativo no meu pau dolorido. Um fogo crescendo vinha do meu interior, me consumindo, causando um desejo avassalador, incontrollável.

— Não se mexa e não fuja. — Peguei uma venda de couro preta e pus sobre seus olhos, amarrando

atrás. Ela arfou, quietinha, apenas os tremores fazendo-a tiritar. Passei lubrificante sobre o pau e caí de joelhos atrás dela, fitando-a consumido pela luxúria, pela dureza dos meus instintos animais aflorados. Com os dedos lubrificados, fui direto em seu ânus, informando secamente: — Hoje meu pau tirou a virgindade da sua boceta e da sua boca. Agora é a vez do seu cuzinho.

Ana continuou ali, submissa. Vi os arrepios em sua pele, não sei se pelo ar condicionado que gelava o quarto e ela estava ainda úmida, ou pelo tesão. Mas tremia também, amedrontada. Sabia que era muito para ela, que devia ser mais carinhoso e calmo, deixar aquilo para depois. Mas meu pau latejava, meu sangue corria acelerado, o coração parecia uma máquina alucinada. Eu precisava tanto daquilo como respirar. Era como um vício, percorrendo-me todo, deixando-me fora de mim. E com Ana ali tudo parecia mais intenso e incontrolável do que já foi um dia. Dominado pelos meus instintos mais baixos e animais, eu a preparei.

ANA FLOR

PERIGOSAS NACIONAIS

Ali no chão, nua e úmida, meu cabelo pingando e escorrendo água pelo rosto, apoiada em meus joelhos e cotovelos, com os pulsos amarrados e os olhos vendados, eu era uma massa pura de sensações desconcertantes e avassaladoras. Nunca tinha sentido emoções tão violentas e contraditórias, que abalavam minhas estruturas, mudavam totalmente o que eu pensava ou queria. Eu me transformava em alguém ainda desconhecido para mim mesma, ardente e corajosa, ansiosa por mais daquelas sensações tão vorazes e intensas.

Senti os dedos de João em meu ânus, lubrificando-o, deixando-me cheia de tesão e medo, arrebatada, enlevada, extasiada. Quando me penetrou ali com o dedo do meio, não doeu, mas era tão diferente e intenso que fiquei sem saber se aqueles arrepios que me percorriam eram de prazer ou pânico. Minha vagina latejava, quente como uma fornalha, toda encharcada. Mas bem dolorida. Não sabia se queria correr e me esconder em um canto, até me acalmar, ou se me empinava e pedia por mais. Parecia fora de mim mesma, muito além do que estava acostumada a ser.

Gemi, a venda impedindo minha visão, parecendo

PERIGOSAS ACHERON

deixar os outros sentidos ainda mais amplificados. Meus seios doíam pesados, inchados pela excitação intensa, meu corpo todo reagia muito vivo, incontrolável. Um prazer perverso espalhou-se em cada recanto dentro e fora de mim quando senti aquele dedo indo tão fundo, em locais desconhecidos, íntimos, que ninguém nunca tinha tocado.

Era gostoso, quente, proibido. E só de me dar conta que era João que estava ali, que fazia todas aquelas coisas assustadoras e maravilhosas comigo, que me fazia ser toda e inexoravelmente dele, os sentimentos se tornavam ainda mais fora de controle, impossíveis de explicar ou entender. Eu só sabia que não podia e não queria fugir, completamente abalada, dominada por ele.

Seu gosto, seu cheiro e seu olhar não saíam da minha mente, mesmo naquele momento, em que não podia vê-lo e a única coisa que sentia dele era seu dedo. Estava inebriada demais e quando me penetrou com dois dedos, bem mais apertado e ardente, eu estremeci da cabeça aos pés e mordi a corda em meu pulso. Não doía, estava bem lubrificada, mas era impossível não sentir cada polegada que entrava e saía de mim, causando uma

sensação explicitamente pornográfica.

A outra mão dele percorreu minhas costas, subindo pela linha da coluna e descendo pela lateral, até acariciar um dos meus seios sensualmente. Gemi muito excitada e os dois dedos se enterraram fundo. Perdi a noção das coisas, movi meus quadris automaticamente de encontro a ele, necessitando de algo que nem eu sabia o que era, mas precisava com desespero.

João tirou os dedos e senti o gel gelado por fora do ânus, deixando-me toda melada, E então o pau dele estava lá, a cabeça encostada em meu orifício, firme e quente em relação ao frio anterior. Prendi a respiração, verdadeiramente apavorada agora, sem saber como algo tão grande e longo caberia dentro de mim. Mas não fugi, não pensei em dizer minha palavra segura. Porque o desejo e a loucura que sentia por ele eram maiores que tudo.

— Vai doer, Ana. Não se contraia. Espere se acostumar comigo.

Sua voz grossa e erótica percorreu meus terminais nervosos. Fiquei quietinha ele enquanto segurava meu quadril com firmeza. Tremi e então senti muita pressão a força e seu membro abrindo caminho dentro de mim. Gritei quando entrou, da ardência

absurda, da sensação de estar cheia em demasia, muito mais do que podia suportar. Seus dedos se enterraram em minha carne e não me deixaram fugir. Moveu-se, entrando mais, deslizando em meu canal apertado e extremamente sensível, tomando o que queria.

— Não, João... Não... — supliquei, arrebatada pela dor, pelo desconforto, pelo estímulo altamente erótico e lascivo.

— Quietinha... Deixa eu te foder...

E eu deixei, mordendo os lábios, lágrimas descendo sob a venda, meu corpo todo tremendo sem controle. João penetrou até o fundo e gemeu rouco. Então deslizou devagar para fora e quase suspirei de alívio, pensando que amenizaria a pressão, mas parou só com a cabeça do pau dentro e mergulhou de novo em mim. Gritei rouca, sacudi a cabeça, tentei fugir. Mas ele me pegou firme e me comeu duramente, indo e vindo sem vacilar, mantendo-me cativa na posição que queria para melhor me penetrar.

— Agora você me pertence, Ana. É toda minha.

Sua voz pecaminosa fez as sensações se tornarem ainda mais volumosas e intensas. A dor lutava ferozmente com o prazer que começava a se

espalhar pelo meu corpo, além de qualquer controle. Parecia ter me dilatado e, apesar de continuar sentindo seu pau todo me enchendo demais, as terminações nervosas em volta pareciam gritar, estalar, se ampliar.

— Isso, relaxe. Sinta meu pau todo dentro de você, te comendo. É tão gostosa, Ana! Porra...

Meu coração batia loucamente. Eu tremia e ondulava. Condenada pelo desejo avassalador, por suas palavras, por seu corpo dominando o meu, comecei a me mover de encontro a ele, até que ficava fora de mim, gemendo sem parar, empinando-me mais. Fui engolfada por um tesão incontrollável, que pareceu estalar algo dentro de mim. Minha vagina palpitava, líquidos desciam dela, quentes e grossos, meu clitóris parecia duro e inchado.

— Tem mais um pouco para você, Ana. — Sua voz parecia infinitamente viril, autoritária. Eu achava que não poderia suportar mais nada, mas então senti algo bater firme na lateral da minha bunda esquerda, estalando, ardendo. Lembrei da palmatória preta e gritei, assustada e temerosa, sem aguentar tantas sensações que me consumiam ao mesmo tempo. Quando bateu de novo, o calor veio

avassalador, unindo-se aos sentidos já ampliados. Ao mesmo tempo meteu forte e fundo em mim, a mão escorregando por minha barriga, espalmando-se na vagina inchada e latejante. Quando roçou o clitóris, comecei a chorar, sem suportar tanta agonia, tanto desejo e luxúria, tanta intensidade.

João largou a palmatória, segurou meu cabelo, puxou um pouco para trás e colou-se às minhas costas, murmurando em meu ouvido enquanto metia seu pau duramente e me masturbava:

— Goze para mim. Agora.

Estalei e o gozo explodiu violentamente em algum ponto bem fundo em meu ventre, espalhando-se rápido por todo meu corpo. Gemi descontrolada, choraminguei, o orgasmo tão voraz que tremores me envolveram como ondas sem fim, uma mais forte que a outra.

— Mais, Ana. Quero mais — exigiu rouco, penetrando-me forte, seus dedos esfregando o clitóris até me deixar esgotada de tanto gozar, gemendo e murmurando seu nome em uma súplica. Somente então gemeu também, rosnou em meu ouvido e gozou também, seu pau latejando dentro de mim.

Desabei no chão, sem forças, completamente

alquebrada pelo prazer. João ficou deitado em cima de mim, seu pau ainda bem enterrado no meu ânus, sua mão agora percorrendo minha pele, meu cabelo, meus ombros e pescoço. Beijou suavemente minha orelha, meu pescoço e rosto. Tirou a venda com cuidado e passou o dedo pela face molhada de lágrimas.

— Foi muito para você?

— Sim... — disse num murmúrio quase nulo, exausta, acabada.

— Coitadinha. — E beijou de novo meu rosto, com carinho. Apoiou-se nos braços e se ergueu, seu pau deslizando dentro do meu canal dolorido, ainda cheio de sensibilidade. Gemeu rouco, como se lamentasse sair dali. Mas foi o que fez.

Foi para minha frente e desamarrou minhas mãos. Me pegou no colo como se fosse uma boneca e me levou de volta ao banheiro. Consegui abrir os olhos pesados e fitei seu olhos azuis atentos em mim, observadores, intensos. Senti vontade de dizer tanta coisa, mas não tinha forças para mais nada além de olhá-lo. Mas às vezes um olhar dizia tudo. E o nosso deixava bem claro o quanto nos sentíamos ligados um ao outro, aquela energia quase viva pulsando entre nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

João me lavou no boxe com imenso cuidado. Depois me enxugou e me levou ao quarto. Fiquei abismada com ele, com a força e luxúria sem fim com as quais me fez dele, e agora com a doçura e o carinho comigo. Enfiou-se na cama ao meu lado sob o edredom, puxou-me para seus braços, beijou suavemente minha testa, pálpebras, face e lábios, segurou minha coxa e me fez apoiar a perna sobre seu quadril, percorrendo a mão grande sobre ela.

— Judiei muito de você, Ana?

— Muito. — Consegui sorrir. Sua expressão aliviou um pouco.

— Por que ainda não saiu correndo?

— Porque estou louca por você — murmurei.

— Ana...

— Sei o que vai dizer, mas não posso mentir. E também... Meu Deus, o que fez comigo? — Levei minha mão ao seu rosto, emocionada, e acariciei a barba que começava a despontar e espetar. — Nunca pensei que pudesse ser assim, essa loucura e intensidade toda... Nem posso acreditar que é tudo verdade mesmo.

— Prometa-me que vai dizer se for demais para você.

— Eu prometo.

PERIGOSAS ACHERON

— Certo. Agora durma. Está por um fio. — Sorriu e fitei maravilhada seu rosto lindo. Emoções violentas fizeram meu coração disparar e um frio envolveu minha barriga. Abracei-o forte, apreciando seu corpo, seu cheiro, seu calor. Beije seu peito e fechei os olhos, sentindo os pelos roçarem meu nariz.

Senti as lágrimas querendo sair, mas me controlei ao máximo. Como eu poderia deixá-lo depois de um mês? Foi pensando nisso que acabei adormecendo.

JOÃO PEDRO

Eu acordei com o sol iluminando o quarto. Abri os olhos sonolentos e na mesma hora fui invadido por uma sensação de que havia algo importante naquele dia. Quase que imediatamente lembrei da noite anterior e busquei Ana na cama. Quando meus olhos deram com ela, senti um baque por dentro e fiquei imóvel, apenas olhando-a.

Deitada de bruços, com os cabelos longos e castanhos espalhados pelas costas nuas, ela estava com o rosto virado para o outro lado, uma perna esticada e a outra dobrada, O lençol tinha descido

até os quadris e dava para ver o início de sua bunda redondinha e macia.

A ereção com a qual acordava toda manhã ficou ainda mais dura. Sensações quentes, lascivas, percorreram meu corpo. Fui engolfado pelo desejo, mas também por sentimentos que iam além; sentia júbilo e alegria, simplesmente pelo fato dela estar ali. Flashes da noite anterior vieram à minha mente, o modo como seu corpo recebeu o meu, como me senti ao estar dentro dela, a textura de sua pele e cabelo, seu cheiro delicioso de morango que parecia impregnado em mim.

Fiquei assustado com a intensidade dos meus sentimentos. Por isso lutei contra a vontade de puxá-la para mim, abrir suas pernas e penetrá-la como eu queria, até me esvair todo dentro dela. Pulei da cama, ansioso, nervoso. Desde o início eu sabia que Ana era perigosa para mim. Agora aquilo só se tornava ainda mais patente.

Tomei uma chuveirada rápida, vesti um roupão branco e voltava descalço ao quarto, lutando para me controlar, quando a campainha tocou. Parei estático. Ana acordou e se moveu na cama, olhando em volta, se virando. Quando me viu, seus olhos se arregalaram e brilharam. Tardamente se deu conta

dos seios nus e puxou o lençol para cima, ficando corada, sorrindo um pouco tímida.

A campainha tocou de novo e respirei fundo, pois poucas pessoas eram liberadas pela recepção para subir direto. E nenhuma delas eu queria que visse Ana ali. Fiquei com medo que pudesse ser Vítor. Culpa me engolfou, mas não perdi tempo com aquilo. Falei baixo:

— Fique aqui, Ana.

— Tá — ela concordou com a cabeça, linda e pura. Tive vontade de ignorar quem quer que fosse e ir beijá-la. Mas respirei fundo e saí do quarto.

Quando cheguei até a porta da frente, olhei pelo olho mágico e dei com Fernanda. Porra. Suspirei e abri a porta.

— Oi, querido. Já tomou café da manhã? — Deu-me um beijo nos lábios e entrou no apartamento, mostrando-me duas sacolas. — Trouxe delícias dessa padaria que tem aqui perto!

Sorriu para mim, linda e jovial em jeans, os cabelos soltos pelos ombros, os olhos verdes brilhando. Só então fechei a porta. Quando a encarei em silêncio, seu sorriso diminuiu e indagou:

— Ei, aconteceu alguma coisa? Desde ontem

você está esquisito. Quando saiu sem se despedir, fiquei preocupada. João?

— Estou acompanhado, Nanda.

— O quê? — Ela arregalou um pouco os olhos, surpresa.

— Aqui?

— É, aqui.

— Mas... Você não traz ninguém aqui! Nenhuma mulher.

— Essa eu trouxe.

— Meu Deus. Não sei nem o que falar. — Parecia pálida, realmente surpresa. Franziu o cenho. — Pensei que... Bom, desculpe aparecer assim. É que não tem esse negócio de avisar entre nós dois.

— Claro que não. — Passei a mão pelo cabelo úmido, tanto ela quanto eu desconfortáveis. Fernanda lançou um olhar em direção ao corredor, onde ficava o quarto.

— Por isso estava estranho. Conheceu alguém. E deve ser importante, ou ela não estaria aqui.

Entre nós não havia ciúmes ou cobranças. Por isso me senti mais à vontade, mesmo sabendo que Fernanda tinha razão e que a única mulher com quem eu transava que deixava frequentar meu apartamento era ela, por nossa relação antiga e de

amizade sincera. Sabíamos tudo um do outro e percebi seu incômodo, relacionando-o mais ao fato de não ter lhe contado nada do que por ciúme.

— É complicado, Nanda.

— Imagino. — Fitou-me atentamente. — É uma submissa?

— Mais ou menos.

— Como assim?

— Eu a iniciei ontem.

— Complicado mesmo. Baunilha. Deve ser mesmo importante. Posso saber quem é ou é um segredo? — Mantive-me em silêncio, pensativo. Confiava cegamente em Fernanda, mas algo me travava. Por enquanto não queria expor Ana. E havia Vítor. Ainda me sentia um traidor. — Tudo bem, não precisa dizer nada. Vou indo.

Ia se dirigir à porta, mas passou por mim e segurei seu braço. Vi que estava magoada e acabei abrindo o jogo:

— Eu ia contar a você. É que ainda não entendo bem o que aconteceu. Ela é a ex-noiva do Vítor.

Fernanda franziu o cenho, estática.

— Fala sério? E ele sabe?

— Não pode nem sonhar.

— João, o que deu em você? É louco por seu

primo, sua família... E sabe que Vítor está desesperado por causa dela.

Soltei seu braço, irritado por me fazer sentir pior. Fernanda se arrependeu de imediato e me abraçou.

— Desculpe. Só tomei um susto. É que não esperava isso.

— Nem eu, Nanda. Mas aconteceu.

— Agora tô preocupada. — Acariciou meu rosto e deu um passo para trás. — Você não é de agir sem pensar. Posso fazer alguma coisa?

— Não.

— Ah, João... Meu amigo, cuidado. Olha lá onde está se metendo!

— É temporário. E está tudo sob controle. Não se preocupe.

— Certo. Cuide-se, tá bom? E se precisar de mim, sabe onde me encontrar. — Estendeu-me as sacolas. — Toma, divida o café da manhã com ela.

Eu me senti tão culpado, que por um momento tive raiva por ficar com a Ana e ver Fernanda sair dali bem diferente do que tinha entrado. Ela era importante demais para mim.

— Não. Esse café era nosso. Prometo recompensá-la logo.

— Eu insisto. — Deixou as sacolas sobre o

aparador do hall e suspirou. — Depois a gente se fala.

— Procuro você ainda hoje.

— Não esquento. — Beijou meu rosto e abriu a porta.

— Fernanda...

— Sim? — Virou, quieta, sem sorrir.

— É temporário.

— Eu sei. Sempre é. — Soprou-me um beijo e saiu.

A culpa que senti foi ainda mais forte naquela manhã. Se eu me sentia assim perto de Fernanda, como seria ao encarar Vítor?

Capítulo 6

DÚVIDAS E PAIXÃO

*Olhos fechados
Pra te encontrar
Não estou ao seu lado
Mas posso sonhar
Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar*

(Aonde Quer Que Eu Vá - Herbert Vianna)

ANA FLOR

— Onde você passou a noite, Ana Flor? — Minha mãe estava sentada na sala naquele domingo de manhã e se levantou assim que entrei. Olhou-me de cima a baixo e fez uma careta.

— Que roupa é essa?

Eu tinha deixado a máscara dentro da bolsa, mas ainda usava a roupa preta com que fui ao clube. Não consegui encará-la, um tanto cabisbaixa, chateada, louca para ir ao meu quarto e ficar sozinha. Mas me forcei a explicar:

— Fui a um baile a fantasia com Paola e dormi lá. Deixei recado, mamãe.

— Está com uma cara!

— Cansaço. Preciso de um banho.

Antes que eu saísse da sala, ela me chamou, um tanto irritada:

— Ana Flor, você está diferente! O que é? — Analisou-me criticamente e suspirei. Antes que pudesse dizer algo, veio para perto de mim e continuou a falar: — Queria tanto que pusesse sua cabeça no lugar, minha filha! Olha só! Deixar um rapaz como Vítor, louco por você, que te daria o mundo, para ficar para cima e para baixo com

aquela desbocada! Você precisa...

— Mãe, por favor, hoje não...

— Ele vai acabar arrumando outra moça e aí você vai se arrepender!

Eu a encarei e fui firme:

— Tomara que aconteça de Vítor encontrar outra moça, pois não volto para ele e isso é definitivo. Acabou. Desculpe, mas preciso descansar e organizar minhas coisas para trabalhar amanhã. — Sem esperar mais, afastei-me pelo corredor.

Entrei em meu quarto, tranquei a porta e larguei a bolsa em uma cadeira. Desabei na cama, olhando o teto, abalada, confusa, com raiva, eufórica, triste, tudo ao mesmo tempo. Estava dolorida, partes do meu corpo sensíveis, músculos que nem sabia que tinha doendo, como se tivesse feito muita ginástica. E com João preenchendo cada pensamento meu.

Fechei os olhos por um momento e fui invadida por sensações e sentimentos fortes, intensos, cheios de luxúria e amor. Meu Deus, eu tinha transado com João! Tinha me entregado a ele como nunca pensei que fosse possível! Ele esteve dentro de mim, me tocou e beijou, fez tudo o que quis comigo e deixei, alucinada e entregue, aproveitando cada momento, mesmo aqueles em

que tive medo.

Podia ainda sentir sua boca na minha, sua língua, seu gosto. O corpo musculoso sobre o meu, investindo em mim, penetrando-me daquele jeito profundo e duro, seu olhar me devorando, cada parte dele tomando conta de mim, até que me perdi de tanto prazer e tanto amor... Pensei que fosse estalar com todo aquele desejo absurdo, abissal. Ainda estava estonteada, sem poder crer que vivi tanta coisa ao mesmo tempo. Tinha sido assustador e maravilhoso! Além de qualquer coisa que sequer um dia sonhei.

Mas lágrimas vieram aos meus olhos ao lembrar daquela manhã, desde que acordei. Quando abri os olhos e vi João naquele roupão branco, olhando para mim como se quisesse me comer inteira, tinha tremido e sentido o estômago gelado de antecipação. Mesmo toda dolorida, tinha desejado ardentemente que viesse até a cama e me pegasse. Queria abraçá-lo, beijá-lo, tocá-lo, falar com ele, ouvir sua voz, passar o dia todo em sua companhia. Mas aquela visita tinha estragado tudo. Fernanda.

Quando João saiu para atender e me mandou ficar no quarto, eu estava apertada para fazer xixi e fui ao banheiro silenciosamente, fechando a porta. Fiz

também a higiene matinal, lavei o rosto e escovei os dentes com uma escova fechada que tinha na gaveta. Voltei ao quarto, ansiosa, dolorida, com medo que a visita fosse Vítor.

Não demorou muito e João voltou diferente, fechado, frio, mal me olhando. Indaguei, um tanto sem graça, sem saber como me portar depois de tudo que tinha acontecido entre a gente:

— Era o Vítor?

— Não. — Foi seco. Entrou em seu closet e eu aguardei, segurando o lençol sobre o peito, ansiosa, mordendo os lábios. Quando voltou, usava uma calça jeans que se moldava em cada músculo do seu corpo, deixando-o lindo demais. Ainda mais sem camisa. Deixou um par de tênis no chão e sentou-se na poltrona em frente, calçando um de cada vez, ignorando-me.

Fui para a beira da cama e pus os pés para fora, ainda segurando o lençol no corpo, incomodada, nervosa, abalada por sua presença, pelo desejo de estar perto dele novamente, mas sem saber como me portar ou o que dizer. Olhei-o e meu coração disparou. Senti o amor me envolver com tanta força que até estremeci. Como uma pessoa podia ter tanto poder assim sobre a outra, sem nem precisar tocar?

João estava meio de perfil para mim, um tanto pensativo, uma ruga de preocupação na testa. Seus cabelos úmidos caíam despenteados sobre a testa. Observei cada traço dele, desde as sobrancelhas grossas, passando pelos olhos azuis penetrantes, pelo nariz fino, os lábios bem marcados, o queixo firme com covinha, a sombra de barba no maxilar anguloso, até seus ombros largos e peito forte.

— João... — chamei-o num fio de voz, cheia de paixão mal contida, ardendo por ele.

Seus olhos voltaram-se para mim. Por um momento vi que a atração que tínhamos um pelo outro falou mais alto. Fiquei sem ar com o desejo com que me fitou. Esqueci de tudo. Tremi e arfei um pouco, ignorando meu corpo dolorido, louca para tê-lo de novo junto a mim. Imaginei-me jogando o lençol para o lado e indo nua até ele, implorando para me beijar e tocar, me fazer dele. Mas então João piscou, respirou fundo e se levantou, quebrando a energia que pulsava. Deu-me as costas, pegou uma camisa azul e começou a se vestir, dizendo baixo:

— Vou levar você em casa, Ana.

Engoli em seco, querendo saber o que havia de errado. Indaguei:

— Quem era a visita?

Pensei que não responderia. Mas me olhou, agora mais frio, abotoando a camisa.

— Fernanda.

O ciúme veio tão forte que quase chorei. Tentei me controlar, entendendo por que ele estava assim. Lembrei da noite anterior, quando disse que amava Fernanda e não abriria mão dela naquele mês por mim. E de Vítor me dizendo uma vez que João contara a ele que, se um dia decidisse se casar, seria com ela.

Fiquei tão abalada, tão sem saber o que fazer, que quando João saiu do quarto dizendo que me esperaria na sala, não tive coragem de dizer nada, com medo de não me controlar e chorar. Vesti-me como um robô, peguei minhas coisas e o segui. Não aceitei café da manhã, pois João ofereceu como se estivesse com pressa de se livrar de mim. Saímos e fizemos a viagem de carro até meu prédio em silêncio.

Eu me sentia horrível, arrasada, abandonada. Tinha perdido minha virgindade com um homem dominador, que manipulava prazer e dor com a mesma intimidade, que tinha me elevado a desejos e sentimentos nunca antes sentidos, para então me

desprezar assim pela manhã, como se eu tivesse sido só uma foda a mais, sem importância. Como se estivesse louco para me ver pelas costas e correr logo para os braços de Fernanda. A dor que me dominava era absurda e eu não podia fazer nada mais que sofrer em silêncio, pois João nunca me prometeu nada. Apenas um mês.

Quando ele parou em frente ao meu prédio, desceu logo enquanto eu tirava o cinto de segurança e abriu a porta para mim. Não tive coragem de olhá-lo e desci, quieta. Somente quando bateu a porta, eu murmurei:

— Tchau, João.

Foi quando segurou meu braço e me encostou ao carro. Ergui os olhos de imediato e meu coração disparou ao dar com seus olhos azuis e penetrantes nos meus, tão cheios de intensidade e sentimentos

— Ana... Olha, hoje não sou boa companhia. Não é nada com você. Só preciso de um tempo e acho que você também. Foi tudo rápido demais.

Eu não consegui dizer nada. Sabia que o ciúme me embargava, pois João estava assim porque Fernanda tinha aparecido. Preferia estar com ela do que comigo. Tinha certeza de que a procuraria tão logo saísse dali e aquilo me deixava arrasada. Só de

imaginá-lo transando com ela, beijando-a, fazendo muito mais do que fizera comigo, eu tinha vontade de morrer.

Acariciou meu rosto, olhando-me de um jeito tão dominador e único, que parecia querer me devorar ali, e não a ela. Mas se fosse verdade, teria ficado comigo. Não me traria em casa.

— Você está bem?

— Sim — menti.

— Sente dor?

— Um pouco dolorida.

— Cuide-se, Ana. Eu... Adorei cada minuto que passei com você. Nunca quis ser o primeiro de ninguém, mas não me arrependo de nada. Vou procurá-la logo. — Tirou o celular do bolso. — Fale o seu número.

Eu falei e ele gravou. Depois me fitou de novo, deslizando os olhos até minha boca, a energia viva nos rondando, a atração ali presente. Pensei que me beijaria, mas me soltou e deu um passo para trás, muito sério. Soube que era a hora de ir, mas vacilei. Parecia que nunca mais o veria e quase supliquei. Porém, no último minuto, acenei com a cabeça e, sem condições de dizer mais nada, corri para entrar em meu prédio, sem olhar para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora eu estava ali, sozinha, sem saber o que pensar ou o que esperar, entendendo que não viveria um conto de fadas como tantas vezes sonhei, mas uma história cheia de emoções intensas e contraditórias, com um homem duro, que poderia me elevar nos prazeres mais absurdos, mas também na pior das dores.

Meu celular tocou e o tirei do bolso, ansiosa, pensando se poderia ser ele. Mas não era.

— Oi, Paola.

— Está em casa?

— Sim.

— Tô chegando aí.

— Paola... — Mas ela já desligava. Sabia que ia me espremer até saber tudo. Criando coragem, fui para o banheiro tomar banho e me trocar. Quando saí com o cabelo molhado, usando short e camiseta, ela já estava sentada em minha cama, olhando-me preocupada de cima a baixo, como se esperasse me ver sem algum pedaço.

— Ai, Aninha, estava tão preocupada! Chegou há muito tempo?

— Ainda há pouco. — Sentei ao seu lado, começando a desembaraçar o cabelo com um pente largo. Fugi de seu olhar atento, perscrutador.

PERIGOSAS ACHERON

— Para quem passou a noite com o homem da sua vida, você parece triste demais, querida. Droga, ele te machucou?

— Não. Quero dizer, mais ou menos.

— Ah, meu Deus! Usou aquele chicote em você? Na sua primeira vez? — Parecia horrorizada.

— Paola, João não usou o chicote. Só... — calei-me, muito vermelha, sem coragem de olhá-la.

— Só o quê?

— É coisa nossa.

— Coisa nossa uma ova! Pode contar tudo! Agora!

Suspirei e a encarei. Vi que estava nervosa e preocupada. Segurei sua mão com carinho e acabei sorrindo. Um tanto sem graça, confessei:

— Gozei três vezes ontem, Paola. E de maneiras que nunca imaginei que fossem possíveis.

— Três vezes? — Arregalou os olhos. — Caralho, a minha primeira vez foi horrível! Tive raiva do cara, que só me machucou e você... Porra, Ana!

— Você é doida. — Sacudi a cabeça, sorrindo, deixando o pente de lado.

— Mas se foi assim, quer dizer que João... Bem, ele não te bateu nem nada assim, não é? — Viu

minha cara e respirou fundo. — Desgraçado! Olha, tô preocupada com isso. Você sempre foi romântica, até boba. E ele... Ele é muito tarado!

— Paola, pare com isso.

— Mas, querida, como pode uma coisa dessas?

— Eu sabia como seria, fui avisada, quis assim mesmo. E vou falar a verdade, foi maravilhoso. Faria tudo de novo. Nunca imaginei que existisse um homem como João, Paola. Acontece que...

— O quê?

— Hoje de manhã, quando acordamos, tivemos uma visita.

— Merda! O Vítor! Puta que pariu!

— Ei, calma! Não foi o Vítor. Foi a Fernanda.

— A loira das escravas?

— É.

— E aí?

— Não sei. Fiquei no quarto, ele foi falar com Fernanda e voltou todo esquisito. Mal me olhou e me trouxe logo embora. Parecia que queria se ver logo livre de mim e correr para ela.

— Sem que pudesse me controlar, senti os olhos cheios de lágrimas.

— Aninha... — Paola me abraçou e comecei a chorar, por tudo. Pela maneira intensa e dura como

inicieei minha vida sexual, mesmo tendo me dado prazer, pelo desprezo de João depois, pelo ciúme louco que eu sentia agora. — Os homens são uns canalhas! Vê se pode isso! Depois que conseguem o que querem, se comportam como uns filhos da puta!

— Desculpe. — Me afastei, enxugando os olhos. — O pior de tudo foi que João me avisou. Deixou claro que não a deixaria por mim.

— Não a deixaria? Mas eles tem compromisso?

— São amigos e amantes. Tem uma cumplicidade muito forte, estão juntos há anos. — Funguei e consegui olhá-la, mais controlada. — Disse que tiveram problemas sérios na vida e um sempre esteve com o outro. Se ela precisar dele, não vai vacilar em me deixar e vai para os braços dela. Como posso concorrer com isso, Paola?

— E você aceitou?

— Estou louca por ele. Aceitaria qualquer coisa!

— Para ficar sofrendo assim, Ana?

— Longe de João vai ser pior. E meu tempo é curto.

— Como assim? — Franziu o cenho.

— Vamos ficar juntos só por um mês. Vítor decidiu viajar e ficar fora nesse período. E João não

PERIGOSAS NACIONAIS

quer que ninguém saiba da gente, por causa dele. Será nosso segredo, com tempo certo para começar e terminar.

— Poxa, Ana... — Ela suspirou. — Amiga, onde você foi se meter! Tá caidinha por ele. E depois de um mês, já pensou como vai ficar?

— É melhor do que nada.

Paola ficou quieta, evidentemente preocupada e pensativa. Eu forcei um sorriso e cutuquei-a com o ombro.

— São escolhas minhas. Estou arriscando.

— É que parece tão confuso! João é complicado demais. Desde que conheço você por gente, sonha com seu príncipe encantado, um cara lindo e apaixonado que a faria muito feliz. Conheceu esse cara, era o Vítor. Ele te daria o mundo, Ana. E o deixou para viver essa montanha-russa com João, um dominador sadomasoquista com aquele encosto loiro do lado... Tudo bem, lindo de morrer, com aquele pau... Desculpe, mas não teve como não reparar... Bem, o cara é furada na certa! É puro sofrimento, querida.

— Não amo Vítor. Amo o João. E se tenho um mês, é o tempo que vou usar para tentar conquistá-lo, Paola.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como? Fazendo as vontades dele? Sendo espancada?

— Não é assim.

— É assim! Olha quantas regras você tem que seguir. E ele? — Estava irritada. — Está fazendo um favor a você, brincando com a ingênua ex-noiva do primo?

Fiquei magoada e me senti um nada, uma pobre coitada burra e usada. Paola notou na hora e segurou minhas mãos.

— Desculpe, perdi a cabeça. É que sei o quanto você é especial, eu te amo como minha irmã. Não quero ver ninguém te tratando menos do que você merece. João é um babaca como o primo dele, se não percebe isso! — Respirou fundo, encarando-me. — Só me prometa uma coisa, Ana. Não faça nada que não queira só por ele.

— Não farei. Engraçado, João me pediu a mesma coisa. Sabe, fiquei arrasada por não passar hoje o dia com ele, mas agora acho que foi bom. Vou ter um tempo para pensar, me reequilibrar, ver as coisas como realmente são.

— Isso mesmo. E sabe que pode me contar tudo, não é? Vou sempre tentar olhar pelo que for melhor para você.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, meu bem. — Abracei-a, emocionada, sensível. Tinha sido muita coisa ao mesmo tempo, tudo muito intenso e novo.

Agora eu precisava de tempo. Quando encontrasse João de novo, tentaria ser mais forte, agir mais com a cabeça do que com o coração. O problema seria conseguir.

JOÃO PEDRO

Na segunda-feira retomei meu trabalho no hospital e dei um pulo à minha clínica particular na Barra, em sociedade com dois médicos amigos, um neurologista como eu e o outro psiquiatra. Minha secretária reabriu minha agenda para consultas e estabeleci para mim um horário praticamente estável, de segunda a sexta. Só trabalharia nos finais de semana em caso de alguma cirurgia de emergência.

No meio da manhã, Vítor me ligou dizendo que no início daquela noite partiria para os Estados Unidos e para saber se eu não queria ir com meus tios fazer as despedidas no aeroporto. Concordei e segui direto da clínica para encontrá-los lá por volta das sete horas.

Tentei agir o mais naturalmente possível, mas foi difícil. Mal avistei Vítor e ele veio apertar minha mão sorrindo, fui engolfado por um sentimento horrível de culpa e vergonha. Conversamos banalidades, meus tios participaram do assunto, tomamos um café juntos enquanto esperávamos a chamada para embarque, mas o tempo todo eu estava consciente da minha traição com ele.

Muita coisa passava por minha cabeça. O fato de Vítor estar sofrendo e indo embora para tentar se recuperar, a expressão de Fernanda na manhã anterior ao sair do meu apartamento, mas principalmente Ana. Ela não saía do meu pensamento nem por um minuto. Racionalmente sabia que o melhor para evitar o sofrimento de todo mundo seria eu e ela nunca termos ficado juntos. Mas agora não dava mais para voltar atrás. E nem eu podia evitar o que sentia por ela. Pesando tudo, eu ainda a queria. Muito.

No domingo não procurei Fernanda. Preferi ficar sozinho, pondo minhas idéias em ordem, tentando achar um ponto de equilíbrio em meio àquele caos. Mas o tempo todo Ana esteve comigo. Revi inúmeras vezes a sensação de estar dentro dela, do seu cheiro de morango, da percepção quase cármica

que tinha sido ser seu primeiro homem, em tudo. Ao mesmo tempo, senti remorso pelo modo como a iniciei. Eu tinha deixado meus instintos mais baixos e animalescos me dominarem quando a amarrei na cama e fodi daquele jeito bruto, ou quando a comi por trás no chão. Bati nela. Na sua primeira vez. Mesmo sabendo por Vítor que Ana esperava o homem da sua vida para se entregar, que era romântica e ingênua, eu fiz questão de que conhecesse quem eu era logo, sem máscaras, meu lado pervertido que às vezes até me assustava.

Talvez na hora tenha agido mais por instinto, mas agora, friamente, tinha certeza de que a razão estivera presente o tempo todo, como se fosse uma proteção. Para acabar com as ilusões dela, para que nunca me acusasse de enganá-la, para provar que eu era aquele dominador do clube, não o homem da foto que de alguma maneira idealizara. No entanto, sabia que tinha pegado pesado demais com ela. Não sabia como Ana tinha conseguido continuar sem querer fugir. Era mais corajosa ou mais ingênua do que pensei. O que só aumentava a sensação de que fui um escroto. De uma só tacada eu consegui vacilar com três pessoas: Vítor, Fernanda e Ana.

Uma coisa que aprendi sobre mim mesmo na vida

foi que nasci daquele jeito. Acho que nascemos com certas características e com um caráter, que com a criação, a vida familiar, a educação e a cultura, acaba sendo lapidado e moldado, para melhor ou para pior. Além de ter herdado geneticamente aqueles genes dos meus pais, possivelmente se tornaram mais fortes em mim por tudo que vi em minha casa enquanto crescia, pelo modo em que enxerguei minha sexualidade desde muito cedo.

Meu pai era irmão caçula de tia Laurinha e era dono de parte das empresas da família, tinha dinheiro próprio de herança e vivia do lucro das empresas, sem nunca ter trabalhado na vida. Minha mãe, a mesma coisa. Juntos, passaram seus dias em festas, farras, bebidas, comemorações dionisiacas. Eu fui um acidente em toda aquela orgia. Não sei como não nasci com problemas de saúde, pois soube que até na gravidez minha mãe bebeu e fumou. As drogas só vieram um pouco depois.

Lembro que nunca encostaram a mão em mim, brigaram comigo ou me criticaram. Pelo contrário, deixavam eu fazer tudo que queria, se divertiam com minhas birras, me arrastavam com eles para onde quer que fossem. Apesar de ter residência fixa

PERIGOSAS NACIONAIS

no Rio de Janeiro, de repente decidiam viajar e lá íamos nós. Quantas vezes perdi a escola, pois antes de terminar o ano letivo arrumavam as malas e íamos para algum lugar do Brasil ou de outro país. A vida era uma eterna comemoração.

Deixavam que eu circulasse nas festas até determinado momento. Com oito anos, eu já tinha provado bebida alcoólica e cigarro, oferecidos por eles, que achavam graça. Às vezes, de propósito, meu pai me mandava acender seu cigarro ou charuto e dizia: “Dê uma tragada, filho”, todo satisfeito quando eu fazia direitinho. Depois, quando a coisa esquentava, me mandavam para o quarto.

A curiosidade me fez descer a primeira vez e nas seguintes, sempre escondido, observando o que acontecia com meus pais e seus convidados. Mais tarde entendi que eram orgias. Muito sexo, sempre com novidades. Todos participavam ativamente, fosse com troca de casais, apresentações sadomasoquistas ou homossexuais. Vi meu pai com outros homens e minha mãe com outras mulheres. Tudo sempre regado a drogas, bebidas e música. E risadas. Muitas risadas. Uma vez ou outra acabava em confusão, mas resolviam entre eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De tudo aquilo, sempre o sexo mais violento do BDSM chamava minha atenção. Às vezes ficava escondido a noite toda só esperando aqueles momentos e, quando começava, meu coração disparava, eu não desviava mais os olhos, todo meu corpo reagia, desde pequeno, a tudo aquilo. Eram sensações únicas, embriagantes, diferentes de tudo que já senti na vida. Quando fiquei mais velho, por volta dos onze anos, até gozava só assistindo determinadas cenas.

Meus tios se preocupavam demais comigo. Meus únicos momentos de normalidade na vida eram quando passava algum período com eles. Estranhava, pois tinham horário para tudo, desde comer até dormir, me cobravam lições de casa, ficavam inconformados por eu estar atrasado na escola sendo tão inteligente, por conta das viagens loucas dos meus pais que me arrancavam da escola e me faziam perder o ano letivo. Outra coisa era o modo como me olhavam e conversavam comigo, realmente interessados no que eu tinha a dizer. Meus pais sempre me trataram bem, mas superficialmente, como se eu fosse um mascote ou um filhote engraçadinho. Minha opinião nunca importou muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tia Laurinha e tio Bernardo insistiam para que eu fosse morar com eles. Conversaram com meus pais, pediram, mas eles não aceitaram por nada. Eu me sentia dividido. Amava aos dois casais, Vítor era meu melhor amigo e, por um lado queria a segurança e o afeto genuíno que meus tios ofereciam, por outro desejava a liberdade e os prazeres clandestinos que meus pais me proporcionavam.

As coisas mudaram quando tinha onze anos. Numa daquelas festas loucas, meu pai exagerou nas drogas e na bebida e teve uma overdose. Quando a ambulância chegou, já estava morto. Eu, que via a festa como sempre do meu canto, fiquei aterrado, quis ir junto com minha mãe ao hospital, criei o maior escândalo. Polícia foi envolvida, Conselho Tutelar e acabei parando na casa dos meus tios, ou seria mandado para uma instituição. Sofria muito pela morte do meu pai, que eu amava. Foi uma fase difícil, na qual senti ódio de todo mundo e acabei culpando minha mãe e aquelas festas. Quis ficar de vez com meus tios.

Quando as coisas se acalmaram um pouco, ela conseguiu na justiça minha guarda de volta. Estava tão triste e desesperada, que desejei ficar com ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus tios respeitaram minha vontade, embora preocupados, deixando claro que estavam de braços abertos esperando por mim.

Foi um ano difícil. Minha mãe se agarrou em mim como uma tábua de salvação, como se eu pudesse ocupar o lugar do meu pai em sua vida. Aos poucos as festas voltaram, cada vez mais descontroladas e até violentas. Eu temia por ela, reclamava, mas acabava sempre como um expectador. Lembro uma vez em que uma das convidadas, uma jovem linda, foi colocada nua em uma Cruz de Saint Andrew, em forma de X. Ali foi usada, humilhada, açoitada, enquanto gozava e gemia a noite toda. Aquilo nunca mais saiu da minha cabeça, nem o orgasmo mais forte que tive até então, como se naquele momento me tornasse homem aos doze anos e soubesse que eram prazeres como aquele que queria para minha vida.

Vivi na época uma relação de ódio e amor com minha mãe. Ficava com ela, pois me sugava, me queria o tempo todo ao seu lado para não ficar sozinha. E pelas festas, das quais tinha ficado viciado. Mas via Vítor estudando, sendo bem cuidado pelos pais e sabia que poderia ter o mesmo, porque meus tios sempre estavam comigo me

PERIGOSAS ACHERON

cercando de carinho e amor, deixando claro que fariam por mim o mesmo que por Vítor, me aconselhando sobre o valor de estudar, tentando me inculcar valores.

Tentei recuperar o tempo perdido na escola, lia demais e me dedicava aos estudos. Queria muito ser médico e sabia que devia ser exemplar nos estudos para seguir uma profissão de neurocirurgião. Quando minha mãe inventou a primeira viagem desde a morte do meu pai, no meio do ano, eu me recusei a ir e perder dias letivos. Ela chorou, implorou, teve uma crise de depressão. Mas me mantive firme. Foi quando começaram as chantagens e acusações. De que eu não a amava mais, que preferia meus tios, que estava ficando chato e careta como eles. Passamos a discutir. A cada dia eu me sentia mais sufocado e menos compreendido. Até que veio a maldita última festa que assisti. O ponto final na minha vida errante e de voyeur. E o fato que fez meus tios entrarem de vez na justiça com o pedido da minha guarda.

Enquanto minha mãe bebia, ria, se drogava e transava com os outros, eu permanecia sentado no alto da escada, observando, esperando as sessões de

BDSM. Nisso um dos convidados circulou pela casa e me viu. Era um homem alto e forte, por volta dos quarenta anos, bem vestido, com um copo de uísque na mão. Foi educado e simpático, puxou conversa e, quando vi, já estava nos degraus sentado ao meu lado. Me deu atenção como meu tio fazia, parecendo realmente interessado no que eu dizia, cheio de perguntas sobre a minha vida.

Quando as perguntas se tornaram mais íntimas, sobre se eu tinha namoradas, se gostava daquelas festas, se tinha curiosidade em participar, comecei a ficar incomodado. Algo me alertou. Educadamente me levantei e disse que estava com sono. Me despedi e fui para o meu quarto. Nunca imaginei que me seguiria. Só me dei conta quando fui agarrado por trás e jogado na cama de bruços. Rasgou minha roupa, tentou me imobilizar, dizendo o tempo todo que me faria ser a mulherzinha dele.

Fui engolfado pelo medo e pelo nojo. Mas o ódio foi maior que tudo. Desde cedo era decidido, firme, até duro. Meus pais diziam que eu era um dominadorzinho. Fazia lutas para extravasar todos aqueles sentimentos ambíguos e minha agressividade natural. Era alto e com músculos bem definidos para minha idade. Não facilitei para ele.

Lutei com todo empenho, usando cada golpe conhecido, desde cabeçada a cotovelada. No final, eu com doze anos tinha recebido uns socos, estava machucado, mas não deixei que me estuprasse. Com um golpe certo na glote do homem, que o fez perder o ar e cair no chão, eu o enchi de socos, chutes, pisões, até deixá-lo gemendo de dor no chão. E foi ali, cheio de ódio, a ponto de matar o desgraçado, que tomei uma decisão.

Troquei de roupa, liguei para meus tios e saí de casa, deixando um bilhete para minha mãe. Meu tio veio me buscar e eu o esperava no portão. Dali me levou direto ao hospital, onde levei uma sutura no supercílio aberto que sangrava e fui examinado, mas felizmente não havia nada quebrado. Quando me levou para a casa dele, minha tia me esperava desesperada. Perguntei a ambos se podia ficar com eles e é claro que aceitaram.

Minha mãe só sentiu minha falta no final da tarde seguinte. Veio correndo me buscar e informei que não voltaria mais. Ela chorou, implorou, fez ameaças de se matar, mas me mantive firme. Um processo judicial se iniciou. Eu aceitava suas visitas, tratava-a com o mesmo amor. Nunca a acusei pelo fato daquele homem quase ter me

estuprado. Aquilo se tornou uma página virada em minha vida. Dediquei-me aos estudos e em me tornar um homem digno, como meu tio.

Foram meses difíceis. Minha mãe tentou de tudo e, quando notou minha determinação, passou a beber mais e ficar depressiva. Eu não a abandonei. Ia visitá-la, tentava animá-la, mas não voltava para casa de jeito nenhum. Nem quando chorava dizendo que sem meu pai e sem mim não tinha razão de viver. Numa dessas vezes, pouco antes de eu fazer treze anos, ela foi encontrada morta em seu quarto, depois de consumir um vidro de comprimidos junto com vodka. Ao seu lado, apenas um bilhete dizendo o quanto me amava. Um bilhete que eu guardava até hoje.

Precisei de muita ajuda e terapia para enfrentar aquela fase. A culpa foi minha fiel companheira, embora conscientemente eu soubesse que era quase uma criança e ela uma adulta, que a culpa não era minha, mesmo assim a senti de forma profunda e dolorida.

Nunca dei trabalho aos meus tios. Dediquei-me com afinco aos estudos e recuperei o tempo perdido, sendo sempre o melhor da turma, lendo muito, aprendendo. Fui educado, cuidado e amado

por eles. Vítor se tornou meu melhor amigo, meu irmão. Ali decidi ser um homem de bem, responsável e digno. E usei meu temperamento agressivo e autoritário para crescer como pessoa e na vida profissional, focalizando ali minhas energias, ajudando a gastá-las em esportes radicais e lutas.

Comecei a sair com garotas e sempre havia um bando perto de mim. Aprendi que minha aparência as atraía, mas era meu jeito fechado, duro, que as encantava mais. Transei com várias, experimentei com elas meus desejos secretos, mas sempre tive medo de libertar a fera dentro de mim e ficar como meus pais, dependente dela. Contive a maior parte desses desejos de dominação. Era duro, forte, mas sempre controlado. Uma parte minha, que ficava naquelas festas aguardando os momentos mais pesados, passou a ser um segredo meu. Que crescia, mas eu tentava conter. Até conhecer Fernanda.

Eu tinha dezessete anos quando ela entrou na escola e foi da minha sala no último ano letivo. No primeiro dia se aproximou de mim e puxou conversa. No segundo dia já estávamos juntos descobrindo que ambos queríamos fazer Medicina. Nosso temperamento e gosto eram parecidos. No

PERIGOSAS NACIONAIS

terceiro dia saímos da escola e ela me levou em sua casa, quando os pais estavam trabalhando. Fizemos sexo em sua cama. Foi delicioso, quente, suado e agressivo. E, quando ela ficou de quatro e me pediu para bater em sua bunda, vi toda a fera contida dentro de mim sair sem controle.

Espanquei sua bunda e ela pediu, implorou por mais. Gozamos juntos quando eu a comia com violência e dava tapas em sua cara. Dali por diante foi sempre assim. Ficamos viciados naquilo. Quando tínhamos oportunidade, estávamos transando ou jogando. Das palmadas passei a chineladas e cintadas. Eu a amarrava e amordaçava. Ela pedia para ser minha escrava. Gostava de humilhação e submissão, mas também possuía um lado agressivo e, enquanto na cama era minha para que eu fizesse tudo que sentisse vontade, fora dali era decidida, com espírito de liderança, dominando as outras pessoas, fossem homens ou mulheres. Descobriu mais tarde que era ao mesmo tempo uma dominadora e uma submissa. Curtia ambas as coisas. Comigo era sempre o último, pois no meu corpo não havia nenhuma célula submissa. E assim nos tornamos unha e carne.

Passamos para a melhor faculdade de Medicina

PERIGOSAS ACHERON

do país. Moramos juntos um tempo, mas não deu muito certo. No início se tornou possessiva comigo, ciumenta, quando ambos tínhamos combinado em ter liberdade. Eu explorava minha vida sexual com outras mulheres, e ela com ambos os sexos. Apesar do sexo ser fantástico entre nós, a amizade era ainda mais. Foi a única pessoa fora da minha família a quem contei minha vida. E fui o único a saber que tinha sido molestada por um tio com onze anos, perdido a virgindade com ele, seduzida e iniciada em um sexo violento e sujo. Nem os pais sabiam. Transou com ele até ter quinze anos, quando ela e os pais saíram de São Paulo e vieram morar no Rio de Janeiro. Dizia saber que sua perversão vinha daí, mas dizia gostar daqueles prazeres. Acho que éramos dois doentes juntos.

Resolvi morar sozinho, para não brigarmos mais e não perdermos nossa amizade e aquele estranho laço que nos unia. E assim ficamos, livres, mas sempre um perto do outro. Nunca a vi se apaixonar por alguém ou pensar em acabar com o acordo e a comunhão que tínhamos. Eu também nunca me apaixonei. Gostava de outras mulheres, saía com elas, transava e me divertia. Porém, sempre acabava. Algumas insistiam, outras iam, mas eu

continuava em frente, satisfeito com a vida que tinha. Sem deixar de estudar, me dedicar aos estudos. Três coisas eram importantes demais na minha vida e eu valorizava mais do que tudo: minha família, Fernanda e a Medicina. E enquanto isso me descobria cada vez mais sexualmente.

Aos vinte e um anos conheci Angélica. E as coisas realmente se complicaram para mim. Toda vez que pensava nela e no que tinha feito, uma dor absurda me dominava. Mesmo depois de muita ajuda psiquiátrica, de apoio dos meus tios, de Vítor e de Fernanda, aquela última cena de Angélica não saía da minha mente. Às vezes acordava em pesadelos com aquilo, outras só o fato de relembrar trazia uma dor absurda, pela covardia que cometeu, por ter me tirado algo que desejei tanto, que aprendi a amar mais do que tudo, mas que foi arrancado de mim antes que se concretizasse. Eu suava frio só de lembrar. E fiz de tudo para espantar aquele pensamento e me concentrar no presente, enterrando-o junto às lembranças dolorosas e ruins que tinha.

Quando anunciaram o voo de Vítor, eu já me concentrava nele e naquela realidade. Se despediu dos pais e depois de mim. Nos abraçamos e, antes

de se afastar, disse me fitando nos olhos:

— Vou tentar esquecer a Florzinha, João. Reconstruir minha vida. Mas já estou morrendo de saudades dela. Se a encontrar, diga que mandei um beijo. Quase liguei pra ela hoje, mas tive medo de ouvir sua voz e desistir da viagem. Faz isso por mim?

A raiva de mim mesmo dobrou. O que eu podia fazer, além de concordar com a cabeça?

— Boa viagem, camarada. — Dei um tapa em seu ombro, tentando esconder meu remorso.

Depois que ele se foi e me despedi dos meus tios, voltei dirigindo ao meu apartamento ao som de uma música da Maria Bethânia, de uma coleção que eu tinha. A música acabou me lembrando Ana, como se estivesse ali.

“Depois de ter você...” Percebi que depois de ter tido a Ana, nem minha culpa, raiva ou remorso me impediriam de procurá-la de novo. Já sentia sua falta. Devia a ela um pedido de desculpas ou uma explicação, mas talvez não fizesse nenhuma das duas coisas, pois no fundo era uma maneira de mantê-la um pouco mais afastada de mim. De ter o controle.

Porque estava perdido naquela história. De todas

as mulheres que tive, e foram muitas, nem Fernanda ou Angélica mexeram comigo como Ana. Não era só sexo. Foi um sentimento mais forte primeiro, aquela atração descomunal desde o instante em que a olhei. E agora, depois de transar com ela, tudo parecia ainda maior, fora de controle. E eu odiava aquela sensação desconfortante, aquela impotência diante dos meus próprios sentimentos.

No dia seguinte, na terça, fui trabalhar e fiz duas cirurgias. Quando terminei já passava das quatro da tarde e resolvi tomar um café na sala dos médicos. Foi quando liguei para ela. Tinha me segurado ao máximo, mas o desejo e a saudade acabaram vencendo e num impulso, cansei de resistir. Ana atendeu no terceiro toque.

— Alô?

— Oi, Ana. Sou eu.

Ela ficou muda um instante. Mas então disse suavemente:

— Oi, João.

— Está no trabalho?

— Sim.

— Quer jantar hoje comigo?

— Jantar? — Parecia surpresa. — Mas você não disse que devíamos ficar em segredo, que Vítor...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele viajou. E se alguém nos vir, estaremos apenas jantando juntos. Quer ou não?

— Eu quero.

— Passe a noite comigo. Traga uma muda de roupa e amanhã pode sair daqui direto para o trabalho — falei, sereno. Embora por dentro um estranho nervosismo me consumisse.

— Tudo bem.

— Pegó você às oito e meia, em frente ao seu prédio.

— Não, é melhor eu ir com meu carro. Vai facilitar amanhã quando for trabalhar. Onde fica o restaurante?

Pensei em insistir em buscá-la, mas estava certa. Sem contar que ficaria estranho se algum conhecido me visse em frente ao seu prédio. Dei o endereço do restaurante. Era um que eu gostava, mas onde só ia de vez em quando e nunca vi um conhecido por lá. Por fim indaguei, baixo, excitado só em ouvir sua voz:

— Como você está?

— Bem. E você?

— Tudo certo. Não posso demorar, acabei uma cirurgia e preciso ver o paciente. Espero você, Ana.

— Estarei lá.

PERIGOSAS ACHERON

— Tchau.

— Tchau, João.

Quando desliguei, recostei no sofá e fechei os olhos. Eu estava fodido.

ANA FLOR

Entrei no restaurante ansiosa, tremendo, com o coração disparado. Usando um vestido preto que se moldava em meu corpo, com os cabelos presos de modo displicente, uma maquiagem que valorizava meus olhos e sapatos de salto, eu tinha me arrumado pensando só em agradar João. Tinha pesquisado o restaurante na internet e descobri que era luxuoso, usava-se traje fino. E quando vi João a uma mesa perto da janela, lindíssimo em um terno escuro, não me arrependi da produção.

Parei por um momento, tentando me acalmar, mas todos as terminações nervosas do meu corpo gritavam descontroladamente ao fitá-lo. Saudade, amor, ansiedade, dúvida, desejo, tudo se revolia loucamente dentro de mim. João estava distraído, falando algo com o garçom e aproveitei para apreciá-lo, notando como o terno caía nele perfeitamente, o cabelo bem penteado, a barba

PERIGOSAS NACIONAIS

feita, aqueles traços que pareciam gravados ininterruptamente em minha mente e seus olhos azuis, que eu amava.

Respirei fundo e forcei minhas pernas trêmulas a irem até ele, minha saudade falando mais alto que tudo. O garçom se afastou e João me viu. Estremeci sob o impacto do seu olhar. Hipnotizada, percebi como se tornou mais intenso ao me ver, suas pálpebras pesando, suas sobrancelhas formando um vinco no meio. Levantou-se, elegante, quando me aproximei.

— Ana. — Sua mão foi em meu braço, ao mesmo tempo terna e segura. Beijou suavemente meu rosto perto dos lábios e estremeci, arfando de leve, embriagada por seu perfume delicioso, quase me jogando em seus braços. Emocionada, forcei um sorriso quando se afastou e agradei baixinho ao puxar uma cadeira para mim. — Tudo bem?

— Sim, tudo. — Sentei, escondendo minhas mãos trêmulas no colo, fitando-o com olhos bem abertos, finalmente feliz e sem a angústia daqueles últimos dias, por não saber se ia me procurar ou não.

— Você está linda — disse baixo, seu olhar me apreciando devagar.

— Obrigada. Você também. — Sorri.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigado. — Retribuiu o sorriso, recostando-se na cadeira, mas aquela aura viril ainda muito intensa para dizer que estava relaxado. Tinha dentes brancos, bem feitos como todo resto dele. Pensei se teria algum defeito físico, mas não vi nenhum.

— Pedi vinho para nós dois. Importa-se?

— Não, adoro vinho. — Fiquei feliz por ter perguntado. Não sabia bem se aquela relação de dominação e submissão se estendia também fora da cama. Para mim, João era naturalmente um dominador, nos mínimos gestos. Mas provavelmente para o mundo mostrava apenas uma parte disso.

Senti seu olhar em meu colo, subindo pelo pescoço, deslizando nas minhas orelhas, cabelo e rosto, até encontrar meus olhos. Fiquei parada, aproveitando aquela carícia sem toque, esquecendo do mundo à minha volta. Foi quando pôs a mão sobre a mesa e fez deslizar algo em minha direção. Baixei o olhar e retirou a mão, mostrando uma caixa retangular de veludo negro. Ergui rapidamente os olhos e João disse baixo:

— Para você.

Mordi os lábios, surpresa, nervosa, feliz. Sorri.

— Para mim? Mas... Não precisava.

— É seu, Ana.

Segurei a caixa e a abri com cuidado, meus dedos trêmulos. Havia um lindíssimo colar de ouro fino, com um pingente arredondado cravejado de rubis naturais. Acompanhando, um par de brincos pendurados, no mesmo modelo, belíssimo. Olhei-o, emocionada.

— Eu... Obrigada. É lindo demais.

— Você gostou?

— Adorei!

— Tire seus brincos. Vou pôr em você. Comprei pensando que combinariam com seus lábios. — Quando João se levantou, eu já era uma massa ansiosa de sentimentos exaltados, como meu coração muito acelerado. Tirei meus brincos e ele parou atrás de mim, deslizando o colar em meu pescoço, prendendo na nuca. Fiquei arrepiada ao sentir a ponta de seus dedos em minha pele.

Quando terminou de pôr o cordão, acariciou suavemente minha nuca e pescoço. Fui invadida por um desejo avassalador, meu corpo todo ardendo, reagindo. Voltou à sua cadeira e seu olhar intenso, que parecia me devorar, só me abalou ainda mais. Tentando não tremer muito, pus meus

brincos novos e deixei que me admirasse.

— E então? — indaguei baixinho.

— Linda. Quando usá-los, pense em mim.

— Eu já penso em você todo o tempo — murmurei.

— Ana... — João ia dizer mais alguma coisa, sua voz num timbre rouco, duro, mas naquele momento o garçom se aproximou trazendo o vinho e nos servindo.

Apenas nos olhamos. Eu me sentia feliz e excitada. Não por ter ganhado jóias caras, mas por ele ter tido a preocupação de comprar algo para mim e a gentileza de me presentear. Se fosse uma flor, eu já ficaria feliz. Ainda mais sabendo que escolheu os rubis pensando em meus lábios, como tinha dito.

— Vamos pedir agora? — indagou, abrindo o cardápio e indicando o meu, à minha frente.

— Pode escolher por mim?

— Claro. Tem alguma preferência de carne?

— Não. Como de tudo.

João fez o pedido e provamos o vinho tinto delicioso.

— Como foram os últimos dias para você? — perguntou, sem deixar de me observar.

— Mais ou menos. — Fui sincera. Tentei não prestar tanta atenção ao desejo claro entre nós, que tornava o ambiente mais pesado e quente. — E os seus?

— Comuns.

— Voltou a trabalhar?

— Sim, no hospital e na clínica.

Meus olhos desceram à sua mão em volta da taça, aos dedos longos e bem feitos. Lembrei daqueles dedos em mim e estremeci, muito excitada, ansiosa. Mas me forcei a empurrar tudo aquilo a um canto e aproveitar a companhia dele.

— É incrível imaginar que pode abrir a cabeça de uma pessoa, curá-la de alguma doença, salvar uma vida.

— Nem sempre isso é possível, Ana. Infelizmente algumas cirurgias fracassam.

Fitei seus olhos.

— Eu sei. Mas a maioria dá certo, não é? Isso é tão... Maravilhoso! — Suspirei e João sorriu.

Acabamos conversando sobre banalidades, gostos, música, livros, lugares. Fui relaxando aos poucos, tomei mais uma taça de vinho, apreciei a comida deliciosa e a ótima companhia. João também pareceu mais relaxado, apesar do desejo

que nos envolvia não ter diminuído nem um pouco. Apenas esperava a hora certa.

Pedi uma torta de chocolate amargo para mim e se recostou na cadeira, seus olhos fixos enquanto eu a saboreava. Cheguei a ficar inibida com seu olhar tão quente e indaguei, após provar o último bocado:

— O que foi?

— Nunca vi alguém provar um doce desse jeito.

— Que jeito?

— Sensual. Pedi o doce só para ver isso. Aquela vez, na casa dos meus tios, quando comeu a torta, me deixou louco, excitado. E agora não foi diferente.

Senti meu rosto pegar fogo e sorri sem graça, sem saber o que dizer. João deu uma risada, apreciandome, como se gostasse do modo que me deixou. Por fim pagou a conta e me acompanhou para fora do restaurante, suas mãos em minhas costas, enquanto eu andava cheia de ansiedade e lascívia, antecipando o momento em que ficaríamos nus, em que poderia beijá-lo, desejando que daquela vez deixasse minhas mãos livres para acariciá-lo do jeito que eu queria.

— Merda, esqueci que viemos em carros separados

— disse baixo, ao entregarmos nosso tíquetes aos guardadores do restaurante, que foram buscar nossos automóveis.

— Felizmente moro aqui perto. Mantenha-se atrás de mim e me siga até o prédio. Tenho mais de uma vaga na garagem.

— Tá, pode deixar.

Acariciou meu rosto e foi para seu carro, que chegou primeiro. Eu o observei colocar o cinto e recebi seu olhar antes de dirigir até a entrada do restaurante a aguardar ali, enquanto meu carro chegava.

Depois que entrei e o pus em movimento, seu automóvel negro e importado estava na rua e o segui de perto. A realidade de que ia transar com João ainda aquela noite me deixava nervosa, um misto de medo e excitação, sem saber o que estaria preparando para mim. Quando parou na garagem de seu prédio, estacionei ao seu lado. Saiu do carro primeiro e abriu minha porta. Desci e deixei que a trancasse.

Então João voltou aqueles lindos olhos azuis para mim e me encostou na porta, seus braços em volta de mim, suas mãos em minha cintura, encostando a testa na minha, quase sem piscar. Eu o fitava,

PERIGOSAS NACIONAIS

ansiosa, sentindo sua respiração se mesclar com a minha, seu corpo forte contra o meu. Arfei, muito abalada, ansiando por mais, querendo-o tanto que doía.

Ele inclinou um pouco a cabeça e seus lábios tocaram suavemente os meus, saboreando-os, mordiscando-os. Quando sua língua penetrou minha boca e buscou a minha, eu me entreguei por inteiro, tremendo, ansiando, sentindo todo meu corpo corresponder ao beijo, quente, lânguido, sôfrego.

Foi delicioso e profundo, cheio de sentimentos, de paixão, de nós. Nunca me senti tão dele como naquele momento, mais até do que quando estive dentro de mim. Algo nos ligava, nos puxava, passava de mim para ele e voltava, em uma troca de emoções e fluidos, uma troca de sentimentos.

João me abraçou e deslizou os lábios em minha face, até minha orelha, têmpora e testa, parando-os no alto da minha cabeça, muito quieto. Sentia seu corpo todo contra o meu, sua ereção contra minha barriga, enquanto passava as mãos em suas costas dentro do paletó, sobre a camisa macia. Ficamos assim um tempo, só nos sentindo, respirando pesadamente.

PERIGOSAS ACHERON

Por fim, deu um passo para trás, seus olhos me consumindo, sua mão entrelaçando na minha. Sem uma palavra me levou com ele até os elevadores. Subimos em silêncio, de mãos dadas, olhando-nos. Eu me sentia envolvida, arrebatada, cheia de avidez, ânsia e libido. Somente esperando, o desejo se avolumando, o amor extravasando por cada poro.

Era muito mais do que um dia sonhei ou imaginei. O que sentia por João ia além de qualquer coisa que conheci na vida. Como poderia me contentar com menos, depois de ter vivido tudo aquilo? O que faria com o resto da minha vida depois daquele mês de outubro com ele? Júbilo, medo e ansiedade me envolviam, pois ainda tinha seu lado dominador, o desconhecido, o que ainda me aguardava, que nem sabia se poderia gostar ou suportar. Era como estar na corda bamba, sem chão.

Chegamos à cobertura e ele abriu a porta, me indicando que entrasse, como um lobo à espreita. Assim o fiz, trêmula, olhando em volta da sala quando acendeu a luz. Era a primeira vez que tinha tempo e cabeça para realmente olhar em volta, reparar como era a sua casa. Fiquei abismada pelo tamanho da sala, monumental, dividida em sala de

PERIGOSAS NACIONAIS

estar e de jantar ao mesmo tempo, em uma linda decoração em tons claros de branco e creme, a parede da frente toda de vidro com persianas levantadas, dando em um terraço.

— Quer conhecer meu apartamento?

— Eu quero.

João me levou por um tour. O terraço não era muito grande, mas lindo, com uma piscina em um lugar mais alto, com vista linda para a praia em frente.

A cozinha era enorme e moderna, havia dois quartos de hóspedes belíssimos, dois banheiros e uma grande sala de jogos com uma mesa de sinuca que adorei, além da sua suíte. Todos os cômodos eram amplos, bem decorados, impecáveis.

— Adoro sinuca! — exclamei ao voltarmos pelo corredor.

— Depois podemos jogar uma partida. Valendo alguma coisa. — Lançou-me um olhar cheio de segundas intenções e ri nervosamente, sabendo que seria algo erótico.

— Só vou avisando que ninguém me ganha na sinuca

— provoquei.

— Vamos ver. — Sorriu malicioso.

PERIGOSAS ACHERON

Parou em frente à porta de seu quarto e abriu-a, seus olhos azuis queimando os meus:

— O melhor cômodo da casa.

Prendi o ar e entrei, olhando para o quarto fracamente iluminado, a cama enorme de quatro colunas atraindo logo meu olhar. Estremeci, bombardeada pelas lembranças, sabendo que fora ali que me tornara dele pela primeira vez. Um arrepio percorreu minha coluna, a respiração se tornou irregular, meu corpo todo ardeu. Parei no meio do quarto e João parou exatamente atrás de mim. Fiquei sem coragem de me mexer, esperando para ver o que faria comigo.

— Está com medo, Ana? — Ouvi sua voz perto do meu ouvido. Mordi os lábios, murmurando:

— Tenho um pouco de medo sim.

— Lembre-se, não é obrigada a fazer nada. Use sua palavra. Lembra-se dela?

— Lembro. Foto.

— Exatamente. — Seus lábios tocaram suavemente o meu pescoço, excitando-me. Suas mãos estavam na parte detrás do vestido, descendo o zíper todo. Fiquei quieta, enquanto ele abria minha roupa e a deslizava para fora dos meus ombros, descendo-o pelos meus braços, até cair em

um amontoado de tecido aos meus pés. — Sua pele é tão macia... Imaculada, branca... Qualquer toque mais brusco e fica vermelha. Linda.

Fechei os olhos um momento, muito abalada, meu coração batendo forte contra as costelas, as pernas parecendo gelatina. João desabotoou o sutiã e largou-o no chão. Suas mãos fecharam-se em meus seios, roçando as palmas nos mamilos que enrijeceram na hora, acariciando-os lentamente. Mordiscou meu pescoço e arrepios varreram minha pele, me fizeram arfar.

Beijou-me desde abaixo da orelha até o ombro, bem devagar, como se não tivesse a mínima pressa. Recostei-me em seu peito amplo, totalmente entregue, sentindo-me adorada, acarinhada. Minhas emoções davam piruetas, deixando-me atordoada.

As mãos desceram por meu estômago e barriga, suaves, ternas, até o cóis da calcinha. Enfiaram-se dentro dela e sua voz veio grossa em meu ouvido:

— Abra as pernas para mim, Ana.

Eu arquejei, respirando com dificuldade, obedecendo. As duas mãos deslizaram até minha vulva, juntas, espalmando-se nela, esfregando-a suavemente. Ondulei, bamba.

— Xiiiiii... Quietinha... — O dedo do meio desceu

por meus pelos e me encontrou úmida, penetrando-me enquanto continuava baixinho: — A partir de hoje, quero que deixe essa bocetinha toda depilada, lisinha para eu lambar.

Passou a penetrar o dedo dentro de mim até que virei uma massa escaldante, tremente, sôfrega, encostada nele para não cair. A outra mão desceu minha calcinha, até que parou aos meus pés. Eu usava apenas os sapatos e as jóias que tinha me dado, minha pele arrepiada, meu corpo todo arrebatado pela luxúria.

Subiu o dedo molhado até meu clitóris e o rodeou, arrancando suspiros do meu peito, palpitações de minha vagina. E então me soltou. Mas continuou atrás de mim, tirando sua gravata. Abri os olhos pesados e fitei a cama a poucos passos, ansiosa por deitar ali e tê-lo dentro de mim. Mas João tinha outros planos. Não desfez o nó da gravata, só alargou-a. E passou-a por minha cabeça, colocando-a em volta do meu pescoço.

Quando beijou a lateral do meu rosto, sussurrou:

— Sabe o que é uma escrava, Ana?

— Acho... Acho que sim.

— Diga-me.

— É aquela que pertence a um Dom e... e faz

todas as suas vontades.

— A diferença de uma escrava para uma submissa é que essa última é ocasional. A escrava tem um relacionamento com seu Dominante. Assim como você e eu, durante um mês. Entendeu?

— Sim. Mas... Você não têm escravas. — Virei o rosto e encontrei seu olhar escurecido. — Uma moça disse isso no clube.

— Não tinha. Agora tenho. — João segurou meus ombros e me virou para ele, ainda todo vestido. Seus olhos desceram por meu corpo nu, cheios de lascívia. Quando subiram e se fixaram nos meus, pareciam mais duros, autoritários, suas narinas se dilatando levemente. — Adoro esse seu cheiro de morango. Eu a reconheceria a quilômetros de distância só pelo cheiro.

— Posso tocar em você? — perguntei baixinho. — Tirar sua roupa?

João apenas acenou de leve com a cabeça, muito concentrado em me observar. Mordi os lábios e tirei seu paletó. Tremia ao abrir os botões de sua camisa, deixando à mostra o peito musculoso encoberto de pelos escuros. Deslizei a camisa aberta para fora de seus ombros, beijando docemente sua pele, respirando fundo seu perfume

delicioso misturado ao cheiro dele. Larguei a camisa e passei as mãos pelos bíceps cheios de músculos, inebriada, indo com a boca até um de seus mamilos pequenos e mordendo-o devagar. Senti sua pele arrepiar, seu corpo se esticar. João segurou minha cabeça na nuca e deixou que eu sugasse lentamente seu mamilo.

Abri sua calça, baixando-a com a cueca, um tanto trêmula ao levar minhas mãos até sua ereção longa e grossa, dura, mas revestida pela pele aveludada do seu pau. Acariciei-o timidamente, mas ficando muito excitada em tocá-lo. Subi a boca por seu peito, até a clavícula e comecei a beijar a coluna do seu pescoço, apaixonada.

— Ainda não estou despido, Ana. — Sua voz ressoou grossa em meus ouvidos. Afastei um pouco a cabeça e fitei seus olhos. Estavam mais escurecidos e pesados que o normal. Baixei o olhar e vi a calça e a cueca acumuladas em seus tornozelos, juntas às suas meias e aos sapatos que ainda calçava.

João segurou a ponta da gravata e entendi o que devia fazer. Fiquei de joelhos e a gravata parecia uma espécie de coleira em meu pescoço. Fui envolvida por um misto de vergonha e excitação.

Trêmula, me dediquei a desamarrar seu sapato. Ele ergueu um pé e o tirei, junto com a meia e o resto da roupa. Fiz o mesmo com o outro pé, até que ficou nu. Percebi que até seus pés eram bonitos, grandes, mas bem feitos, com unhas curtas. Somente então subi meu olhar, aproveitando para apreciar as pernas musculosas e com pelos escuros, as coxas poderosas, o pau grande e grosso, bem na frente do meu rosto.

— Venha comigo, Ana, do jeito que está.

E João andou até a cama, esticando a gravata. Assustada, com o coração disparado, eu o segui de joelhos no piso liso de tábuas corridas, um tanto envergonhada, mas estranhamente ainda mais excitada com aquela situação. Sentia minhas coxas cremosas ao se roçarem, do líquido espesso que descia da minha vulva e se espalhava entre elas. O sangue corria veloz em minhas veias, meus seios estavam muito duros, todo meu corpo parecia seguir o comando do dele.

João sentou-se na beira do colchão com as pernas abertas e me puxou entre elas pela gravata. Fitei seus olhos dominadores, penetrantes, e então seu membro pesado, enrijecido, com testículos arredondados e lisos. Pelos escuros, bem aparados,

serviam de moldura para aquela parte mais viril do seu corpo.

— Sabe o que quero agora?

Fiz que sim com a cabeça e me aproximei mais, depositando as mãos em suas coxas. Estava tímida, nervosa, excitada. Sabia que era inexperiente, mas sentia vontade de fazer aquilo. Eu queria lambê-lo todinho, beijá-lo, mordê-lo. Mas comecei apenas abrindo os lábios e beijando a cabeça grande de seu pênis. Quando a lambi, senti-me realmente como uma escrava, agradando o seu amo. Pura lascívia me fez estremecer, com água na boca, apreciando aquele falo diante de mim, querendo mais dele. E então o chupei docemente.

— Ana... — João arfou, rouco. Seu pau pareceu crescer ainda mais. Acariciou meu cabelo perto da orelha, olhando atentamente enquanto eu o colocava mais e mais dentro da boca.

— Assim... Está me deixando cheio de tesão com essa boquinha macia...

E segurou meu cabelo na nuca com as duas mãos, orientando meus movimentos, fazendo-me enfiar mais dele na boca, preenchendo-me até quase a garganta. Comecei a pegar o ritmo, a controlar a respiração e babar o pau dele até a metade onde eu

chupava, sugando-o mais e mais forte.

— Porra, que gostoso... — João gemeu rouco, suas pálpebras pesadas, seu olhar lascivo e escuro. — Está linda com essa expressão de prazer, a mesma quando saboreou aquela torta. Toda vez que vir você comendo um doce, vou imaginar essa boca deliciosa no meu pau...

Estremeci, arrebatada por sua voz cheia de luxúria, pela delícia que era chupá-lo. Engolia a lubrificação que saía da ponta, lambia, sugava. Então João tirou o pau da minha boca e me puxou para seu colo, beijando-me na boca, virando-me na cama e vindo para cima de mim.

Eu o abracei forte, cheia de tesão ao tê-lo pesando sobre mim, sua língua na minha, seu gosto delicioso me embriagando, todo meu corpo necessitando desesperadamente dele. Pegou-me firme, erguendo-me até os travesseiros macios, abrindo meus joelhos para os lados, esfregando o comprimento do seu pau em toda minha vulva encharcada, melada.

— Porra, preciso entrar nessa bocetinha — disse rouco, esticando-se até a mesinha ao lado da cama, pegando um preservativo e rasgando. Ergueu-se de joelhos para colocar no pau e eu me enchi com sua

visão espetacular todo nu, minha vagina palpitando, minha pele queimando.

— João... — supliquei, precisando dele, correndo os dedos em seu peito, puxando-o para mim. E ele veio, olhos acesos, respiração pesada. Ajeitou a cabeça do pau na minha entrada e começou a me penetrar, me abrir e esticar, me tirando o ar e a fala. E estocou dentro de mim, forte, bruto, grosso. Arquejei, abraçando-o, enterrando as unhas em suas costas, alucinada, toda cheia. Não havia mais nenhuma dor, só um prazer extasiante. Entrou bem fundo, até sua ponta empurrar meu útero, saiu quase todo e voltou de novo.

João segurou uma de minhas pernas, abrindo-a bem, erguendo-a. A outra envolvi em sua cintura, ficando arreganhada para que metesse seu pau à vontade dentro de mim, fundo e forte, gruindo rouco e me olhando como um animal feroz, fora de si, tomando o que queria. Foi ao ver aquele olhar que quebrei em um orgasmo violento e gritei fora de mim, palpitando, ondulando, estremecendo, quente, apertando seu pau dentro de mim, completamente delirante.

Ele me olhava cheio de tesão, não perdendo nada do meu gozo, continuando a meter mais e mais

rápido, voraz, decidido. E eu continuava a gozar e choramingar, tremendo, sem poder desviar os olhos dos dele. Então João estremeceu e gozou também, rouco, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos, erguendo um pouco o peito, totalmente entregue, dando-me seu prazer.

Quando acabou, arfou pesadamente, voltando a me olhar, beijando com suavidade a minha boca, seu pau todo enterrado em minha vulva sensível, apertada, cremosa, ainda tendo leves espasmos.

Sorri maravilhada e o abracei forte. João observou meu sorriso. Seus olhos estavam mais claros, infinitamente azuis. Parecia relaxado, satisfeito como um tigre após se alimentar. Deslizei minha mãos em suas costas, mas parei quando ele falou baixo, num tom calmo, mas firme:

— Você tem um castigo em sua conta, Ana.

— O quê? — murmurei, confusa. E então me toquei tardiamente, arregalando um pouco os olhos. Não podia gozar até que permitisse. Tentei explicar: — É difícil resistir. Não aguento quando me pega assim e... e...

— E o quê? — Seus lábios ergueram-se um pouco para cima. Moveu-se lentamente e o pau deslizou dentro da minha vulva hiper sensível,

PERIGOSAS NACIONAIS

tirando-me o ar.

— E faz isso... — arquejei. — Dentro de mim.

— Ana. Vou fazer isso sempre. Para que você não aguente. E para que eu tenha o meu motivo.

— Ah... Mas... Como vai me castigar?

— Você vai ver. — Mordiscou meu lábio inferior, comendo-me suavemente, arrepiando-me toda.

— Agora?

— Daqui a pouco. Hum... Que gostoso.

E já arrebatada novamente, fechei os olhos e me entreguei.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

CIÚMES E CASTIGO

*Vem que eu estou tão só
Vamos fazer amor
Vem me trazer o sol
Vem me livrar do abandono
Meu coração não tem dono
Vem me aquecer nesse outono
Deixa o sol entrar
Pode abrir a janela
Noites com sol são mais belas
Certas canções são eternas
Deixa o sol entrar*

*(Noites Com Sol - Flávio Venturini / Ronaldo
Bastos)*

JOÃO PEDRO

Eu estava andando pelo corredor da Santa Casa, discutindo com um médico residente o tratamento mais adequado para um paciente após uma intervenção cirúrgica a fim de tratar uma lesão vascular intracraniana causada por aneurisma, quando vi Fernanda vir na minha direção, do setor de Dermatologia, onde atendia. Nem sempre nossos horários coincidiam e tínhamos ficado a semana toda sem nos ver.

— Depois continuamos — avisei ao rapaz, ávido por aprender sempre mais e que tinha me acompanhado naquela cirurgia em questão. Despedi-me dele e parei em frente a Fernanda, beijando seu rosto. — E aí, tudo bem?

— Tudo ok, João. — Com os cabelos presos e o rosto maquiado, sempre impecável, sorriu para mim. — E você? Senti saudade.

— Eu também.

— Vai ao clube hoje? Pensei que pudéssemos nos encontrar lá.

Eu fiquei calado, incomodado. Era sexta-feira e desde quarta pela manhã, quando Ana foi trabalhar, eu não a via. Tinha planejado procurá-la hoje à

noite, passar o sábado com ela. Como me conhecia bem, Fernanda observou-me com atenção e completou:

— Deixa pra lá. Já vi que tem compromisso.

— Foi uma semana corrida, Nanda.

— Ainda está se encontrando com ela? — perguntou diretamente. Parecia serena, até fria. Mas eu a conhecia bem demais para perceber que estava um pouco magoada por ser deixada de lado uma segunda vez.

— Sim, estou.

— Certo.

— Nanda...

— João, não tô cobrando nada. Foi só uma pergunta.

— Analisou-me e então sorriu. — Você não vai virar baunilha, não é?

— Acha que isso é possível? — Ergui uma sobrancelha.

— Nunca! Se a está iniciando, por que não a leva no clube e me apresenta devidamente? Quem sabe podemos nos divertir juntos. Sabe que algumas de suas subs bem que gostaram.

Sim, algumas mulheres tinham ido para a cama comigo e com Fernanda. Mas, por algum motivo,

pensar aquilo com Ana parecia quase um sacrilégio e me incomodou demais. Eu me sentia estranhamente possessivo com ela. No entanto, para não chatear minha amiga ainda mais, fui evasivo:

— Vamos ver como as coisas ficam primeiro. Tudo é novidade para ela.

— Imagino. Vítor é bem tradicional, na cama deve ser a mesma coisa. E você não tem nada de tradicional. Já até vejo como está, primeiro assustada, depois viciada em você, como elas sempre ficam. Quem manda ser gostoso?

— Pare de besteira.

— Mas é verdade. Ela transou com Vítor por quanto tempo?

Passei a mão pelo cabelo. Sempre contei tudo a Nanda. Não tínhamos segredos. Mas Ana era diferente. Sentia quase uma necessidade de mantê-la só para mim, até o que se referia a ela. Porém, novamente não podia dizer aquilo a Fernanda. Ela não entenderia. E estava acostumado demais a ser sincero com ela para começar e mentir agora.

— Eles não transavam.

— Não? — Analisou-me, surpresa. — Não eram noivos?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eram.

— Mas por que não? — Arregalou os olhos. — Não acredito! Virgem?

— Sim.

— E você... Você foi o primeiro? — Fernanda parecia chocada, até empalideceu. — João... Sempre disse que virgens não eram para você. Fugia delas. O que...

— Ficamos atraídos e aconteceu, Nanda.

— Já estou ficando preocupada com essa história. Você está diferente. — Aproximou-se mais, buscando meu olhar. — Tá a fim dela?

— Claro que estou, ou não transaria com ela. — Fui seco.

— Entende o que digo, não se faça de bobo. Sempre disse que não se apaixonaria, mas agora...

— Não estou apaixonado. É sexo, tesão. Sabe o que é isso.

— Levou-a ao seu apartamento. Tirou a virgindade dela. Mesmo sabendo que foi noiva de Vítor e sei o quanto o adora como um irmão. Não faria tudo isso só por tesão. Tesão pode ter por qualquer mulher gostosa — falou friamente, mas com os olhos verdes brilhando.

— Já falei que é só isso. — Olhei em volta do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corredor, irritado. Pessoas passavam à nossa volta. Encarei-a de novo.

— Aqui não é lugar para discutirmos isso.

— Ah, então há o que ser discutido?

— Quer me provocar? Tá a fim de arrumar briga?

— Não, só quero entender. Fiquei chocada agora! Nem pela Angélica vi você assim!

— Assim como? — Odiava quando insistia em um assunto até me tirar do sério.

— João, não minta para mim.

— Não tô mentindo, porra! — Baixei o tom de voz, exasperado.

— Então é só sexo? Certo. Se é assim, leve-a no clube hoje. Use-a lá, como fez com as outras.

— Não preciso provar nada.

— Eu sabia. — Deu um passo para trás, pálida, chateada.

— Pensei que não houvesse esse tipo de coisa entre a gente.

— Pare de drama, Fernanda.

— Tchau. Tenha um bom dia. — Passou por mim e se afastou pisando duro. Não a chamei nem a segui, embora também não quisesse vê-la magoada daquele jeito. Mas estava irritado e tinha me sentido cobrado por ela, posto contra a parede.

PERIGOSAS ACHERON

Segui meu caminho, suas palavras perturbando-me o resto do dia.

Eu não estava apaixonado por Ana. Tinha sim me sentido atraído por ela desde o primeiro momento. Mexeu comigo mais do que as outras, mas era só isso. Um tesão, uma atração muito forte. Que acabaria conforme eu a tivesse. Talvez em menos de um mês. Então cada um seguiria seu caminho.

Mas continuei perturbado. Eu não a levava ao clube agora, pois não era experiente como as outras mulheres que tive. Há uma semana ainda era virgem. Já a tinha iniciado na vida sexual de maneira bruta e até tentei amenizar na terça-feira, para não assustá-la tanto. Me preocupar com aquilo queria dizer apenas que não era um completo insensível.

Lembrei de terça, quando passou a noite comigo. Depois da primeira transa, fizemos de novo, bem baunilha. Ana ficou ansiosa, esperando o castigo que prometi. Naquele caso, usei mais uma dominação psicológica do que física. Não bati nela, não a vendei, nem castiguei. Dormiu nos meus braços e acordou comigo chupando sua bocetinha, até deixá-la a ponto de gozar. Então sentei recostado na cama e a fiz ficar por cima,

cavalgando em meu pau. O tempo todo senti seu olhar levemente surpreso, como se esperasse uma mudança brusca de repente. Chupei seus mamilos, disse pornografias em seu ouvido e a segurei firme enquanto a comia. Nem um tapa na bunda. Depois que gozamos, tomamos banho juntos, entre carícias e afagos, num clima quente e gostoso.

Já estávamos prontos para sair para o trabalho, tomando café juntos, quando Ana indagou:

— Você não disse que não faz sexo baunilha?

— E não faço.

— Mas ontem, tirando a parte da gravata, e hoje...

Recostei-me na cadeira e sorri, observando-a. Era uma graça, com aquele jeitinho meio tímido e suave, a pele macia, os olhos grandes e expressivos. Gostava muito de ficar olhando para ela.

— Mesmo quando foi aparentemente baunilha, você sabia que eu estava transando com você assim porque eu queria. Podia a qualquer momento amarrar você, bater na sua bunda ou outra coisa. Muitos dominadores acham que precisam gritar, dar ordens e bater na submissa para mostrar seu poder. Alguns não admitem de jeito nenhum uma mulher por cima. Não sou assim. Primeiro, acho que deve ser consensual e prazeroso para ambos.

Segundo, pode ser algo mais sutil. Psicológico. Você nunca vai saber como vou agir. E a dúvida, a espera, deixa-a mais acesa, mais excitada. É um jogo, Ana.

Ela arregalou mais os olhos e concordou com a cabeça.

— Agora entendo. — Já que estávamos conversando e ainda tínhamos tempo, resolveu saber mais: — Vi algumas coisas naquele clube que me deixaram surpresas. Uma mulher presa no chão e amordaçada como um cão, algumas pessoas em gaiolas, homens sendo pisoteados. Você faz essas coisas também?

— Não. Tem gente que gosta de coisas mais pesadas, tanto de fazer com os outros quanto que façam com eles. Acidentes sérios às vezes acontecem aí. Duas vezes precisaram de mim como médico no clube. Uma foi quando um dominador cortou sua escrava com uma lâmina. Ambos gostavam de sangue e jogavam em um dos quartos particulares. Mas ele exagerou e acertou uma artéria.

— Meu Deus! — Ana estava assustada, fitando-me com horror. — O que aconteceu?

— Estanquei a hemorragia e ela precisou ficar

internada.

— Mas como pode algo assim?

— Você ainda não viu nada.

— E o outro caso?

— Asfixia. Fui chamado correndo pois um Dom amarrou a sub, mas não teve cuidado de evitar o pescoço. Quando a ergueu na corda, quase a enforcou. Acabou dando tempo de socorrer, mas muitas pessoas se entregam nas mãos de pessoas inexperientes e tudo pode acontecer. Se eu fosse contar aqui os absurdos que fazem, Ana, você ficaria traumatizada.

Ela escutava com atenção, esquecendo até de seu café.

— Já aconteceu algum acidente com você?

— Não. Há uma diferença básica entre BDSM como erotismo, sendo consensual e tendo uma palavra segura, do BDSM chamado de TPE ou Total Troca de Poder. Neste o dominador ou dominadora, chamado de Top, tem poder absoluto sobre a pessoa que se submete e não há palavra segura. O Top faz tudo o que quiser, não apenas na hora da transa, mas em todos os momentos.

— E isso acontece mesmo?

— Eu acho muito difícil conseguir manter tal

controle, mas muita gente tenta. Acho também perigoso. Quando há uma palavra segura, significa que há um limite, Ana. Lembra quando disse para não esquecer sua palavra e usá-la quando não quisesse algo? É uma troca. Você confia em mim e tem o direito de dar um basta, a hora em que quiser. — Olhei-a com firmeza. — Uma pessoa que se deixa amarrar e amordaçar por outra, sem confiar, corre um sério risco de encontrar um verdadeiro sádico no caminho, que não vai respeitar a palavra segura e que vai se satisfazer não com o sexo em si, mas com a quantidade de dor e tortura que provoca.

— É tudo tão estranho. Quero dizer, você não é dominador só entre quatro paredes. Já percebi que seu jeito é assim. Acho que mesmo que fosse baunilha, ia ser dominador.

— Com certeza. É uma característica minha desde criança, que foi alimentada. Gosto desse tipo de sexo mais agressivo, mas não sou exatamente sádico ou masoquista. Mesmo com o chicote ou com o cinto, sei o quanto o outro quer ou suporta. Não bato para ferir realmente. E as mulheres que aceitam isso têm uma escolha. Mas tem cada coisa que não dá para acreditar. Com agulhas, urina, fezes, sangue, surras que deixam sequelas, torturas,

mumificação, proibição de ingerir alimentos ou outras inúmeras coisas.

— Nossa...

E agora Fernanda vinha falar em levar Ana ao clube. Ela talvez até fosse, por minha causa, mas tenho certeza que não se sentiria à vontade. Eu a queria lá sim. Ficava com tesão só de imaginar fazer meus jogos com ela nas cordas e em tudo mais. No entanto, não me sentia preparado para dividi-la, nem mesmo com Fernanda. Eu a queria só para mim.

Quando saí do hospital naquela sexta, resolvi fazer uma surpresa e aparecer no Loretta, que ela frequentava na Lapa. É claro que lá não poderia tocá-la, o local era cheio de conhecidos. Mas poderia aproveitar para apreciá-la, jogar um pouco, antes de trazê-la para meu apartamento.

ANA FLOR

Na sexta-feira eu entrava em meu apartamento depois de chegar do trabalho, quando Paola me ligou. O apartamento estava vazio e quase suspirei de alívio. Como sempre minha mãe insistia sobre Vítor, fazia acusações, não me deixava em paz.

Ficou meio desconfiada quando disse que dormiria na terça na casa de Paola, geralmente só fazia aquilo no final de semana. Mas não insistiu no assunto.

— Oi, Paola.

— Já chegou?

— Sim, entrei agora.

Fui para meu quarto, já me desfazendo dos sapatos e deixando a bolsa sobre a poltrona.

— Vamos ao Loretta hoje?

Sentei na ponta da poltrona, um tanto indecisa.

— Ana?

— Não sei. E se o João me procurar hoje?

— Você vai agora ficar sentada em casa, perto do telefone, esperando ele te chamar? — indagou, irritada. — Pelo amor de Deus, Ana! Desde quarta que nem ao menos te ligou! E se hoje estiver com aquela loira barra pesada? Não acredito nisso!

— Mas ele é médico, deve ter ficado ocupado durante a semana.

— Ah, Ana, me poupe! Você tem uma vida, sabia? Ou virou uma escrava de João Pedro?

— Calma, Paola, eu só...

— Vai ou não?

Suspirei, pois sabia que ela tinha razão. Não podia

parar minha vida para viver em função de quando João me procuraria ou não.

— Vou. Mesmo horário de sempre?

— Isso aí! — Se animou rapidinho. — Olha, quero tomar umas geladas hoje e quero companhia. Podemos pegar um táxi, que ‘cê acha? Assim não nos preocupamos.

— Tudo bem. Vou me aprontar e passo aí.

— Te espero. E Ana...

— Oi?

— Fique linda e animada! Nada de ficar lá olhando o celular esperando esse filho da mãe bonito pra caralho te ligar!

— Tá, Paola. Beijos. — Desliguei com um sorriso. Por isso, minha mãe implicava com Paola. Era mesmo uma desbocada.

Estava desanimada sim, pois passei aqueles dois dias esperando por João com ansiedade. Estava completamente viciada nele, cheia de saudade, contando os dias. Eu só tinha um mês! O tempo voava, enquanto eu queria que passasse lentamente.

Tinha sido maravilhoso ficar com ele na terça-feira. Recostei na poltrona e fechei os olhos, suspirando, lembrando de cada detalhe ao seu lado. Tinha sido perfeito, desde o momento em que o vi

no restaurante até quando nos despedimos na manhã seguinte. Cada palavra, cada sorriso, cada gesto pareciam gravados em minha mente.

Fui bombardeada por sensações deliciosas e intensas ao recordar o modo como fez amor comigo. Enquanto da primeira vez foi agressivo, dominador, daquela vez, apesar do domínio continuar presente em seu olhar, em sua voz, na maneira firme que me pegava, foi muito mais atencioso e terno. Delicioso seria pouco para descrever o sexo entre nós. Mas para ser sincera comigo mesma, tinha ficado o tempo inteiro esperando que de uma hora para outra mudasse, me usasse na cama como uma submissa dependente da sua vontade.

Eu me sentia confusa, sem saber de que modo gostava mais. O medo, de alguma maneira, parecia deixar tudo mais vivo e extasiante. Mas também daquele jeito mais tradicional, o carinho me deixara alucinada. E aquela dúvida, a sensação de que nunca sabia o que faria, era extremamente excitante. Eu me via querendo tudo, desde que fosse com João.

Lembrei das coisas que me explicou na manhã seguinte, sobre BDSM. Durante aqueles dias,

também pesquisara mais na internet e tinha visto coisas que me deixaram horrorizadas e outras que espalharam lascívia em meu corpo. Não conhecia bem meus desejos e limites. Tudo era novo, alarmante, apaixonante. Só sabia que queria mais, muito mais do que João quisesse fazer comigo.

Abri os olhos, sabendo que devia logo me cuidar e partir com Paola, mas sentindo uma vontade absurda de ligar para João, para o número dele gravado em meu celular. Mas e se estivesse no clube ou com Fernanda? Se me desprezasse? Se me fizesse sofrer. Respirei fundo e levantei. Não adiantava ficar ali me remoendo. Paola estava certa, precisava continuar com minha vida normalmente.

JOÃO PEDRO

Eu cheguei no Loretta depois das dez horas da noite. Se Ana não estivesse ali, eu ligaria para ela. A música estava alta, animada, tocando no intervalo da banda, que só começava mais tarde. O local estava completamente lotado, gente circulando para todo lado, rindo, bebendo, se divertindo. Andei por ali, atento, mas tendo uma idéia de onde a encontraria. Na pista de dança.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lá as luzes eram coloridas e rápidas. As pessoas pulavam, se remexiam loucamente, se acabavam. Não a encontrei em lugar nenhum e comecei a achar que não estava ali. Havia um piso superior, com vista para a pista e a parte com mesas e cadeiras. Acabei indo para lá, onde teria uma visão mais privilegiada.

Algumas garotas se metiam em meu caminho, dançavam, jogavam cantadas. Eu apenas sorri, achando graça, seguindo em frente. Consegui um espaço na murada, onde apoiei as mãos, meu olhar percorrendo o mar de gente embaixo. Seria quase impossível achar Ana ali. Mas, como se eu tivesse um radar para ela, a vi num canto do lado direito, em uma mesa bem em frente à pista. Na mesma hora fixei-a e não desviei mais o olhar.

A mesa dela estava cheia de rapazes e moças. Sentada entre Paola e o amigo com quem estivera na praia e com quem Vítor quase brigara e acusara de ser apaixonado por ela, Ana se mexia no ritmo da música e tomava uma tulipa de cerveja. O rapaz falava algo em seu ouvido, para ser ouvido em meio à música alta. E então ela ria, se inclinava para dizer algo no ouvido dele, os dois muito juntos e à vontade.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei imobilizado olhando aquela cena. Um sentimento ruim na mesma hora deslizou dentro de mim. Me vi apertando a beira da mureta com força, com um sabor amargo na boca. Sempre fui um homem possessivo. Mas naquele momento fui totalmente possuído pela raiva, pela vontade de arrancar aquele cara de perto dela e tirá-la dali, atravessá-la no colo e enchê-la de palmadas. Cerrei o maxilar, quieto, observando.

Paola puxou-a e Ana se levantou, animada. Usava uma blusinha rosa que modelava seu corpo, com alças finas amarradas no pescoço e saia branca; os cabelos caíam castanhos e brilhantes pelos ombros e costas, a franja na testa, linda e reluzente como um ponto de luz naquele salão. As duas correram para a pista de dança e começaram a se mexer ao som da música. Acompanhei cada movimento dela, ao mesmo tempo jovial, inocente e sensual. Jogava os cabelos, remexia os quadris, se divertia, balançava os braços.

Uns rapazes ali perto as cercaram. Já completamente furioso, vi um deles se aproximar de Ana cheio de charme, dizendo algo perto de seu ouvido, segurando seu braço. Ela o olhou, fez que não com a cabeça e se afastou, indo mais para perto

de Paola. Mas a amiga também estava sendo chavecada por outro. O rapaz seguiu Ana, sorrindo, insistindo, falando mais coisas. Ela o ignorou e continuou a dançar. No entanto, o cara continuou lá, sem desistir. Por fim se virou, disse algo e ele se inclinou para ouvir. Retrucou, cheio de charme, mas ela fez que não.

Minha vontade era de descer e tirá-la dali. Mas me controlei, respirei fundo, querendo ver até onde ia tudo aquilo. Ana se afastou dele e voltou à mesa de seus amigos. Ficou de pé perto deles, dançando ali. Se acabou, graciosa e linda. Algo nela era extremamente atraente, cativante. Vi o tal de seu amigo se levantar, seco nela, ir dançar ao seu lado. Para ele, Ana sorriu e dançou ainda mais. Reparei que um grupo de rapazes perto dela a olhavam e cochichavam. Um se adiantou e ficou dançando perto, atrás, mas Ana nem se deu conta.

— E aí, gato, quer companhia? Estava esperando por mim? — Uma voz feminina disse ao meu lado. Senti um corpo próximo do meu, mas nem a olhei. Ignorei-a completamente. Mal piscava, olhando para Ana.

O sentimento de posse era absurdo. Percebi, revoltado, que estava morrendo de ciúmes. Uma

raiva estranha me corroía por dentro. Sem nem saber quem falara comigo, saí dali e me dirigi às escadas. Desci, sabendo bem para onde ia.

Passei pelas pessoas, sem ver ninguém. Ao chegar perto da mesa de Ana, parei imóvel, olhando-a com cenho franzido, um vulcão parecendo prestes a explodir dentro de mim. O tal atrás dela colocou a mão em seu ombro e ela olhou-o. De imediato fez que não com a cabeça, amenizando a recusa com um sorriso, que só me deixou mais furioso, mais ciumento. O amigo ao seu lado olhou para o outro cara com expressão fechada, de posse, chegando mais para perto de Ana, quase se colando nela. Inclinou-se, disse algo em seu ouvido e ela riu. Foi naquele momento que seu olhar encontrou o meu. Na mesma hora parou de dançar, como se estivesse congelada. Permaneci no mesmo lugar, meus olhos fixos nela.

Ana transformou-se. Suas bochechas ficaram coradas, ela arfou visivelmente, o sorriso foi sumindo e sendo substituído por uma expressão de júbilo. Seus olhos brilharam, lambeu os lábios, quase sem piscar. Ficamos ali em meio ao caos, ao barulho, à loucura, apenas nos olhando. Como se estivesse hipnotizada, engoliu em seco, sua

respiração mais pesada, ignorando os outros, até o amigo que falava com ela e depois seguia seu olhar até dar comigo.

Não precisei dizer nada. Deu um passo em minha direção e veio, desviando-se das pessoas, cada vez mais perto, seus olhos castanhos claros flamejando, muito abertos. Quando chegou à minha frente, parou, visivelmente ansiosa, feliz. Murmurou e só pude ver o formato da palavra em seus lábios:

— João...

Nunca me senti tão possessivo e furioso na vida por ciúme. Saber que tinha o poder de me provocar aquele sentimento, aquele descontrole, só me irritava mais. Segurei seu braço e a aproximei ainda mais de mim, quase colando-a ao meu corpo. Ana arquejou e na mesma hora aquela atração intensa, aquele desejo insano, nos engolfou. Não falei nada. Simplesmente saí dali, levando-a junto.

Ela não opôs resistência. Veio calada, submissa. Passamos por muita gente, pelo local onde tínhamos trocado nosso primeiro beijo e que estava lotado naquela noite, seguimos para a saída. O ar frio da noite nos recebeu, assim como o estranho silêncio depois daquela música infernal lá dentro. Não a olhei enquanto ia até meu carro e abria a

porta. Só então a fitei. Mordendo os lábios, entrou e sentou-se. Bati a porta, dei a volta, ocupei meu lugar. Antes que pudesse dizer algo ou colocar o cinto, virei e agarrei seu cabelo na nuca, imobilizando sua cabeça, surpreendendo-a. Ana arregalou os olhos, assustada, parecendo um animal acuado.

Eu estava realmente além de mim, fora de qualquer normalidade. Ciúme, raiva e desejo, todos em doses extremas, me fizeram tornar ainda mais possessivo e dominador, querendo dobrá-la, atingi-la, castigá-la.

— A quem você pertence? — Minha voz saiu baixa e fria, desmentindo a maneira como me sentia.

— João, o que...

— Não vou perguntar de novo.

— A você... — murmurou, respirando irregularmente. Estava assustada, mas eu podia sentir também o cheiro de sua excitação. O ambiente dentro do carro todo fechado com vidro fumê era denso e pesado.

Com a mão livre, abri o porta-luvas e peguei uma corda curta. Ordenei secamente, soltando seu cabelo:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vire para a porta, braços para trás.

Ana tremeu, mas obedeceu na hora. Juntei seus pulsos nas costas e os amarrei rapidamente. Voltei a segurar seu cabelo e a fiz se voltar para mim. Arfava, receosa, sobressaltada, os olhos cheios de alarme, mas a respiração entrecortada. Desci a mão em seu pescoço e puxei o laço da blusa amarrada ali. Ela ficou imóvel, enquanto deixava as alças caírem e o tecido escorregava para baixo, até sua cintura, seus seios nus. Prendeu o ar, sem tirar os olhos de mim. Quando fitei seus seios, os mamilos ficaram intumescidos na hora.

O desejo dentro de mim parecia uma fera, rasgando para sair. Meu pau ficou muito duro. Encostei-a no banco e abaixei a cabeça, pondo um mamilo na boca, chupando-o.

— Ah... — Ana gemeu estarrecida, estremecendo, arfando.

Eu suguei com força, mamando com vontade, minha mãos firmes em sua cintura, deslizando pelo quadril, até as laterais das coxas. Fui para o outro seio, mordiscando o mamilo, deixando-a no limite entre dor e prazer. Subi as mãos pelas pernas, dentro da saia. Gemendo baixinho, Ana abriu as coxas, como se fosse uma oferenda para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurei a calcinha, que não passava de um pedacinho de nada fino, rasgando-a bruscamente.

— João... Ai, João... — suplicou, tremendo, quando minha mão foi entre suas pernas. O tesão ficou ainda mais violento ao sentir sua vulva lisinha, toda depilada. O sangue latejou na cabeça do meu pau, meu coração disparou. Meti o dedo nela e entrou no canal quente, apertado e molhado. Ana fremiu, abrindo mais as pernas, mexendo os quadris e tomando mais do meu dedo em seu interior. Suguei o mamilo fortemente e senti seu canal latejar.

Puxei o dedo para fora e voltei ao meu banco. Seus olhos arregalados e pesados estavam fixos em mim, a respiração entrecortada fazendo os seios moverem-se, os mamilos vermelhos como duas pequenas cerejas. Alterado pelo desejo voraz, pelo ciúme ainda latente e pela reação dela, eu abri minha calça, baixei a cueca e segurei meu pau duro, onde saíam gotas de pré-sêmen da ponta. Minha voz saiu rascante:

— Qualquer homem hoje nesse lugar podia ter puxado esse laço da sua blusa e visto seus seios. Era isso que queria?

— Não... — A voz quase não saiu.

PERIGOSAS ACHERON

Enfieei os dedos entre os fios sedosos do seu cabelo e forcei sua cabeça para baixo. Com os braços amarrados para trás, os seios nus, a saia erguida mostrando quase tudo, caiu em meu colo, já com os lábios abertos. Não resistiu ou tentou lutar. Enfiou meu pau na boquinha molhada, deslizando-a sobre ele. Parecia gostar do castigo, emitindo sons roucos e abafados, chupando-me daquele modo inexperiente e doce que tanto me excitava.

— Safada... Isso, chupa meu pau. Vou gozar na sua boca. E você vai engolir tudo. — Forcei mais sua cabeça e engasgou, parando um pouco, respirando, voltando logo depois. Não dei trégua, controlando seus movimentos, forçando-a até seu limite, fodendo sua boca do jeito que eu queria. Desvairado, senti o orgasmo se formando e vindo, avassalador, poderoso, quente.

— Porra, Ana... Porra...

E ejaculei em sua boca, gemendo rouco. Ela engoliu como mandei, mamando tudo, seus lábios grudados em volta do pau, sem tirá-los dali um segundo sequer. Estremeci, alucinado, tão fora de mim que por um momento esqueci até meu nome, tudo o que sabia era que Ana estava ali, tomando

PERIGOSAS NACIONAIS

meu prazer como se fosse dela, entregue e obediente. Quando a última ondulação me percorreu, passou a lambar todo meu comprimento, como se me saboreasse.

Puxei sua cabeça, fazendo-a se sentar ereta. Os cabelos caíam como uma moldura sedosa em volta de seu rosto corado e dos lábios vermelhos, entreabertos. Respirava de modo irregular, obviamente cheia de tesão. Tentei me acalmar, recuperar meu autocontrole, mas continuava enciumado demais, precisando de muito ainda para voltar ao normal. Ajeitei o pau dentro da cueca e fechei a calça.

Naquele momento um grupo de jovens passou ao lado do carro, fazendo algazarra. Ana arregalou os olhos, nervosa, olhando rapidamente para seu estado, seminua e amarrada. Suplicou:

— João, por favor...

Os vidros impediam que nos vissem lá dentro, mas não falei nada. Inclinei para ela e senti seu alívio, pensando que ia soltá-la. Apenas peguei o cinto de segurança e passei por seu peito, prendendo-a ainda mais, sem poder escapar. Seus lábios tremiam.

— Eles vão me ver... João, me solte.

PERIGOSAS ACHERON

Era uma visão estonteante, ali com o cinto entre os belos seios nus, os cabelos espalhados, os olhos maiores do que alguma vez já estiveram. E na boca o gosto do meu esperma. Olhei para frente, tentei ignorá-la e liguei o carro. Quando o pus na rua, pensei que diria sua palavra de segurança, tamanho o seu temor em ser vista ali daquele jeito. Mas continuei a dirigir e Ana se manteve quieta, talvez debatendo-se consigo mesma se dizia e desistia de tudo ou continuava naquele jogo no qual eu ditava as regras.

Dirigi, sem poder olhar em sua direção para não me distrair. E assim seguimos até estacionar o carro na garagem do meu prédio. Quando saí do carro e dei a volta, abrindo a porta para ela, suplicou, muito nervosa:

— Ajeite minha roupa. Vão me ver nua.

Talvez não soubesse, mas minhas duas vagas davam logo de cara com o meu elevador particular, que dava direto na cobertura. A garagem estava vazia. Mas não a informei sobre aquilo. Tirei seu cinto e a ajudei a descer. Tremia. A voz saiu fraca:

— Não faz isso...

Bati a porta. Levei-a pelo braço até o elevador. Entramos. Ele começou a subir. Só então a olhei.

Arfava, linda, envergonhada, amedrontada. Subi o olhar dos seios aos seus olhos marejados, fitando-a firme, quase convocando-a a dizer a palavra segura. Mas Ana não disse. Segurou meu olhar o quanto pôde, depois baixou-os, rendendo-se.

Quando entramos em meu apartamento, deixei-a na sala e disse baixo:

— Fique aqui.

Fui ao quarto. Peguei o que queria e voltei à sala, já levando-a até o sofá. Fiz com que se deitasse de bruços. Estava dominado pela luxúria, pela vontade de dobrá-la, soltar minhas taras, meus desejos mais perversos. Ela olhou para trás assustada, mordendo os lábios, indagando baixinho:

— O que vai fazer?

— Castigar você.

— Por quê?

— Ainda pergunta? Diga-me por quê. — Ergui sua saia até a cintura, expondo sua bunda redonda e nua. Tesão me engolfou na hora, mas cerrei o maxilar, tentando me controlar.

— Eu não sei. — Tremia visivelmente, nervosa, seus olhos indo de mim para a caixa ao meu lado. Tirei de lá mais uma corda. Juntei seus pés e amarrei os tornozelos um no outro. Agora estava

totalmente ao meu dispor.

Deixei-a sentir isso, perceber que estava presa, sozinha comigo naquele apartamento. E que eu parecia pronto para levá-la ao seu limite. Somente então tirei da caixa um par de chinelos ainda na sacola, nunca usados. Peguei apenas um. Seus olhos se arregalaram.

— Não, João, eu não quero...

— Aqui não importa o que você quer e sim o que eu quero. Vamos refrescar a sua memória. Por que vai ser castigada?

— Eu... Porque gozei naquele dia, na terça, sem permissão — disse sem tirar os olhos do chinelo de borracha que eu segurava, sentado na beira do sofá. Quando ergui o chinelo, o pânico a dominou: — Não... Pare... João, eu não quero...

Olhando-a fixamente, estalei o chinelo sobre o globo direito e redondo da bunda, bem no meio. Ana gritou, rouca, se debatendo. Apoiei a mão livre sobre suas costas, muito excitado, a voz autoritária:

— Por que está apanhando?

— Eu não sei... — choramingou, tremendo. — Pare com isso...

Dei uma chinelada no lado esquerdo agora e seu corpo estremeceu. Podia ver sua luta, talvez sem

saber se gostava ou não daquilo, sem estar acostumada e assustada. Disse rapidamente:

— Porque fui hoje no Loretta sem você!

— Quase. Está perto. — E mais uma chinelada. Gritou rouca e lágrimas pularam de seus olhos. Olhei as marcas avermelhadas e senti um desejo absurdo de beijá-las, de abraçá-la, confortá-la. Mas ao mesmo tempo aquele jogo de poder e dominação fazia meu sangue se tornar mais espesso, meu pau ficar completamente ereto, o desejo aflorar em seu auge.

— Não sei por que... João, eu... Por que alguns rapazes deram em cima de mim? — murmurou, trêmula, virando o rosto para me olhar. As lágrimas me comoveram e excitaram. Larguei o chinelo e me levantei.

— Viu como você sabe?

— Mas não fiz nada...

— Deixou que tocassem em você, que falassem em seu ouvido, sorriu para eles. — Comecei a tirar sua blusa e saia pelos quadris e pernas, enquanto me olhava quietinha, os cabelos caindo sobre ela, a bunda redonda e vermelha, quente. — E você é minha, Ana. Só minha.

Vi como estremeceu, abalada, ansiosa, mordendo

os lábios. E sob seu olhar, deixei-a completamente nua.

ANA FLOR

Eu sentia um misto de humilhação, medo e desejo, excitada e apavorada como nunca fiquei na vida, sem saber o que queria mais. Pensei em mais de um momento em dizer minha palavra de segurança, mas no fundo não quis. Porque, apesar da sensação de impotência, de me ver dominada e atacada, a luxúria me engolfava pesada e o desejo por João era completamente avassalador, arrasando todos os outros.

Nua, com a bunda quente e ardendo, os nervos descontrolados, o corpo uma massa de sensações, dei um grito abafado quando João me ergueu como se eu não pesasse nada e se sentou em uma cadeira, deitando-me de bruços, atravessada em seu colo. Meus cabelos vieram ao meu rosto e arrastaram no chão, minha pele se arrepiou toda, me senti impotente ali, amarrada, subjugada. Sem saber o que faria.

Seus dedos deslizaram em minhas costas, fizeram o contorno da minha bunda, escorregaram até meus

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios vaginais, que independentes da minha vontade estavam inchados e melados. Acariciou-os delicadamente, dizendo rouco:

— Está lisinha... E pronta para mim.

Enfiou dois dedos longos em minha vulva e ondulei, extasiada, alucinada. Tentei me mover, mas as pernas amarradas juntas pelos tornozelos não permitiam. Gritei, palpitei contra seus dedos, me senti a ponto de gozar. O prazer era escaldante, a sensação de servi-lo, de ser uma escrava sexual mexendo com minha libido, enquanto penetrava mais e mais os dedos em mim.

— Sua putinha... Você gosta. Quem diria que a doce e tímida Ana Flor gosta de apanhar, de ser dominada e fodida dessa maneira?

Sua voz pornográfica deixou-me mais desvairada. Meteu os dedos e os girou, parando-os, sentindo como minha vulva latejava em volta deles e gotejava. Mais uma arremetida e eu gozaria. Implorei baixinho:

— Me deixe gozar... Por favor...

— Não.

Estremeci, prendendo o ar, tentando conter toda aquela loucura, mas minha vulva não parava de palpitar, escaldante.

PERIGOSAS ACHERON

Então João tirou os dedos melados e fiquei o mais quieta que consegui, mas pronta para o orgasmo, à beira dele. Arfei quando o dedo circulou meu ânus, molhando-o, entrando nele lentamente, apertado, me abrindo.

— Ai, meu Deus... — choraminguei, fechando os olhos, mordendo o lábio inferior com força.

— Empine a bunda para mim, Ana.

E eu fiz, sentindo o dedo entrar todo, bem fundo. O seu outro braço rodeou minha cintura e me ergueu, sem tirar o dedo de mim. Assim, me deitou de bruços no sofá, sentado sobre as minhas pernas por trás. Voltou a tirar e meter o dedo, abrindo-me mais, me acostumando com ele. Ouvi que abria sua calça e descia um pouco. Depois pegou um preservativo na caixa sobre a mesinha de centro, rasgou-o e colocou-o no pau. Continuou a me comer só com seu dedo do meio.

— Vou foder você, Ana. Na boceta, até quando eu quiser. E vou gozar dentro de seu cuzinho.

— João... Por favor, eu vou gozar... Eu...

— Só depois de mim — avisou bruto, e eu sabia que seria impossível.

Enterrou o dedo todo, abriu minha bunda com a mão livre e senti a cabeça gorda e pesada do seu

pau contra meus lábios vaginais. Empurrou com firmeza e me penetrou duramente, entrando de uma vez. Gritei ensandecida, erguendo a cabeça, puxando o ar para os pulmões, estremecendo da cabeça aos pés. Meteu e tirou o pau, bem justo e grande, ao mesmo tempo que movia o dedo.

— Isso, Ana. Toma meu pau nessa bocetinha gostosa e apertada.

— Por favor... Por favor...

Meu clitóris duro e inchado roçava o sofá a cada arremetida dele. Minhas pernas unidas pareciam dificultar mais a penetração e eu sentia cada milímetro de seu pau duro entrando e saindo de mim, o dedo rápido e forte em meu ânus, que também parecia melado, lubrificado. Meu corpo todo queimava, esticava, implorava por um alívio. Eu tentava me conter, tremia, gemia, choramingava. Mas então João meteu bem fundo e explodi em uma orgasmo delirante, arrebatador, insano.

— Ah... João... João...

Ele se tornou mais bruto e estalei, meu gozo triplicando, crescendo, a ponto de não aguentar e gritar rouca, fora de mim. Puxou o pau para fora, abriu minha bunda com as duas mãos e meteu o

pau dentro dela, firme e fundo. Gritei mais, com a ardência, toda cheia de repente, assustada.

— Goze mais. Mais!

E me penetrou com movimentos brutos, selvagens. Foi cruel, feroz, ríspido. Doeu e ardeu, mas estalei de novo e de novo, tão intensa em meu gozo que senti meu ânus se abrir, sugá-lo para dentro, latejar. Gozei demais, meu clitóris em seu limite, minha vagina despejando líquidos abundantes entre as minhas pernas, meu corpo todo contraído. Chorei, fora de controle.

João agarrou meus cabelos com as duas mãos, puxou minha cabeça para trás e disse baixo, grosso, sem deixar de me comer:

— Quem é seu dono?

— Você... — soltei em um sussurro extasiado.

— Ana... — Seu pau se enterrou todo e latejou. Ondas o percorreram e João gozou fortemente dentro de mim. Eu não aguentava mais, queria parar, mas os orgasmos múltiplos continuavam, até que desabei no sofá exausta e senti João terminar.

Continuou lá, todo dentro de mim. Então se inclinou e beijou minhas costas, minha nuca, minha orelha. Afastou os cabelos do meu rosto e beijou minha face molhada de lágrimas, o canto da minha

boca, meu ombro. Deslizou as mãos pelos meus braços e começou a desamarrar meus pulsos. Eu mal tinha forças para respirar.

Quando soltou as cordas, acariciou meus pulsos, depositou-os sobre o sofá. As mãos vieram em minhas costas, pela bunda, abrindo-a devagar. Só então moveu o quadril para trás e tirou o pau suavemente, causando-me um estremecimento.

João ergueu-se. As mãos desceram mais por minhas coxas, pela parte detrás dos joelhos, das panturrilhas, até os tornozelos. Lá desamarrou a corda, largando-a no chão. Massageou-os ternamente. E então me pegou no colo, virando-me em seus braços, fitando os meus olhos pesados. Reparei em seu olhar intenso e meu coração deu um salto. Nunca me senti tão ligada a uma pessoa, como se realmente pertencesse a João, de corpo e alma. Sem uma palavra, beijou meus lábios, saboreou minha língua, me estreitou contra seu peito. E eu tive certeza de que o amava muito, demais, além de qualquer coisa, mais do que tudo na vida.

Depois de todo aquele sexo de enlouquecer, cuidou de mim. Tomou banho comigo, me lavou, enxugou e me deitou nua, em sua cama. Eu quase

desmaiava de tanto sono, mas me assustei um pouco quando senti uma algema de couro em meu pulso direito. Arregalei os olhos. Prendeu meus dois braços, um em cada coluna da cama, de onde saíam correntes que me davam certa liberdade. Podia baixar as mãos até a altura dos ombros, mas estava presa.

— Pra quê isso? — perguntei, ansiosa, encontrando seus olhos azuis, tão profundos e atentos em mim.

— Para que esteja pronta durante toda a noite à minha disposição. — Abriu minhas coxas para os lados e deitou-se entre elas, nu, ainda úmido do banho, seu pau semi ereto roçando minha vagina, seu peito sobre meus seios, fitando meus olhos com intensidade. — Mesmo dormindo, quando eu quiser, vou montar assim em você e comer sua bocetinha.

João deslizou as mãos em meu rosto e virou a cabeça, beijando minha boca. Despertei na hora, recebendo sua língua, entregando-me, adorando o beijo gostoso e profundo, o contato de sua pele na minha. Mesmo exausta, satisfeita demais, eu o desejava enlouquecidamente.

Quando afastou a cabeça, ele sorriu e saiu de cima

de mim, deitando ao meu lado, cobrindo-nos com o edredom.

— Durma, Ana.

Seu braço rodeou minha cintura, a mão espalmada sobre meu seio, quieto. Tentei acalmar meu coração acelerado e fechei os olhos. Mas já estava excitada. Esperei que viesse para cima de mim de novo, mas meus olhos foram fechando e acabei pegando num sono profundo.

Capítulo 8

VICIADOS

*Assim como o oceano só é belo com o luar
Assim como a canção só tem razão se se cantar
Assim como uma nuvem só acontece se chover
Assim como o poeta só é grande se sofrer
Assim como viver sem ter amor não é viver
Não há você sem mim, eu não existo sem você*

*(Eu Não Existo Sem Você — Tom Jobim /
Vinicius de Moraes)*

JOÃO PEDRO

Eu acordei de madrugada com um cheiro bom, um corpo quente e macio ao meu lado. Abri os olhos e me vi deitado sobre os cabelos de Ana no travesseiro, o perfume de morango despertando todos os meus instintos. Ergui um pouco a cabeça, observando-a com atenção, sendo invadido por várias sensações ao mesmo tempo.

Ela dormia serenamente, os traços bonitos ainda mais suaves, a pele branca contra o lençol, os lábios vermelhos entreabertos. O edredom tinha escorregado para baixo, até sua cintura, expondo os seios firmes e redondos, do tamanho perfeito para caberem nas minhas mãos. Os mamilos estavam arrepiados. Continuava algemada, de barriga para cima, uma das mãos perto do rosto, a outra sobre o próprio ombro.

Sentei na cama, correndo os dedos entre os cabelos, sentindo todo meu corpo reagir àquela visão. Era incrível a atração que despertava em mim, mais forte que qualquer outra que tive na vida. Ainda não conseguia entender bem aquilo. Mesmo depois de ter gozado duas vezes naquela noite, ainda parecia não ser o bastante. Não era só

sexo. Tudo em Ana me atraía. Como naquele momento.

Dominado pelo tesão, afastei o edredom e desci os olhos por seu corpo completamente nu. Era linda, desde os pés bem feitos e pequenos até os cabelos espalhados no travesseiro. Sem poder me controlar, me inclinei sobre ela, cheirando sua pele na curva do pescoço, espalmando a mão aberta sobre a barriga lisa. Ela continuou quietinha, mergulhada em sono profundo. Excitado, beijei seu ombro e depois a ponta do mamilo durinho. Minha mão escorregou até sua vulva lisa e macia, toda depilada para mim. Meu pau ficou como uma barra de ferro e a luxúria fez o sangue latejar em minhas veias.

Chuei o mamilo devagar, meus dedos manipulando suavemente o clitóris, acariciando-o. Ana gemeu baixinho, se mexeu, virou a cabeça. Continuei, o dedo do meio descendo entre os lábios sedosos, entrando só um pouquinho, masturbando-a enquanto dormia.

Senti seu corpo reagir, mesmo ainda sem consciência do que acontecia. Ficou úmida, abriu um pouco as pernas, arfou. Fui até o outro mamilo, sugando-o bem lentamente, mas com firmeza.

Empurrei o dedo e deslizou fácil, melado. Senti que estremecia, como se começasse a despertar. Passei a meter e tirar o dedo sem pressa, enquanto ia me deitando entre suas pernas. Ergui a cabeça, fitando seus traços contorcidos, as pálpebras tremendo, os lábios úmidos. Tirei o dedo e peguei um preservativo, pondo-o logo, ansioso para estar rodeado pela carne apertada e quente. Abri mais suas coxas e meti o pau em sua vulva pequena, que se abriu toda para recebê-lo.

Cerrei o maxilar, excitado ao extremo, deslizando dentro dela, que pareceu me puxar mais toda macia e molhadinha. Porra, era muito gostosa! Olhei-a e movi os quadris até estar todo em seu interior. Passei a comê-la lento e duro. Ana arregalou os olhos de repente e encontrou os meus, fixos nos dela. Sua primeira reação foi de mover os braços, que pararam ao se dar conta que estavam presos. Seus lábios tremeram, seu corpo ondulou e vi o prazer se espalhar em sua feições.

Enfiei ambos os braços sob seus joelhos e os ergui, abrindo-a bem, penetrando-a em movimentos cada vez mais fortes e fundos, meu pau apertado em sua bocetinha, saindo todo e mergulhando de novo, enquanto todo meu corpo enrijecia e ardia,

meus olhos a consumiam, o desejo nos envolvia violento naquela madrugada.

Começou a gemer baixinho, arrebatada, sacudindo os braços nas algemas, movendo os quadris para me receber todo. Eu estava além de qualquer controle, cada vez mais dominado pela luxúria. Passei a comê-la forte e duro, indo e vindo, gemendo rouco. Saber que estava ali, que eu poderia devorá-la daquele jeito o quanto quisesse, aumentou ainda mais minha excitação.

Deitei mais, esmagando seus seios com meu peito, metendo firme enquanto a beijava na boca cheio de lascívia, querendo-a tanto que nunca parecia ter o bastante. Ana abriu os lábios, sugou minha língua com um desejo que se emparelhava com o meu, gemendo baixinho, tremendo embaixo de mim. Enterrei meu pau todo dentro dela e parei, sentindo sua vulva apertar e latejar em volta de mim, beijando-a cada vez mais exigente, suas pernas firmemente abertas e erguidas em meus braços. Então me movi devagar, saboreando a delícia de deslizar naquela quentura toda macia. Senti que estremecia, que seu corpo começava aquelas convulsões do orgasmo e continuei, eu mesmo quase no ponto, crescendo, metendo mais

rápido e fundo.

Ana estalou, ondulou, gritou em minha boca. Bebi seus gritos, tomei seu prazer, penetrei-a com brutalidade e gozei também, ambos praticamente juntos, nossas peles coladas, nossas línguas se lambendo, meu pau fazendo parte do corpo dela.

Foi longo, quente, profundo. Me esvaí todo, até terminar. Então saboreei seus lábios, mordisquei-os, deixei que beijasse os meus, ansiosa, ainda trêmula. Soltei suas pernas e corri minhas mãos em sua pele, tão alucinado de desejo que ainda a queria mais, ainda precisava demais dela. Somente então descolei os lábios e fitei-a.

Ana abriu os olhos, lânguida, satisfeita, ainda me tendo todo dentro dela. Lambeu os lábios e murmurou disse baixinho:

— Vou ficar viciada nisso...

— Espero que sim. — Dei um sorriso meio torto, movi-me um pouco, gostando mais do que deveria daquela intimidade toda.

— Me solte, João... Quero tocar em você...

— Não. Vai continuar aí a noite toda. E cada vez que eu acordar, vou te comer. — Beijeí suavemente sua boca e saí de dentro dela. Rolei para o lado e puxei-a para mim, gostando do seu corpo junto ao

meu. — Agora durma.

— Como se eu fosse conseguir.

Apenas sorri, fechando os olhos. Ana se achegou mais e senti seus lábios macios perto da orelha. Então se acomodou e ficou quietinha. Senti-me estranhamente feliz.

ANA FLOR

Eu acordei e a primeira coisa que fiz foi procurar João na cama. Meu coração já disparava, lembranças da noite anterior e daquela madrugada retornando à minha mente, fazendo minha barriga se contorcer nervosamente. Fiquei surpresa ao notar que minhas mãos estavam livres e eu estava sozinha e nua sob o edredom, deitada de lado.

Movi-me, olhando em volta, mas não havia sinal dele. O ar-condicionado ainda estava ligado, mas a persiana erguida deixava ver o sol lá fora. Fechei os olhos por um momento, recordando algumas cenas e ficando excitada, arfando baixinho. Meu Deus, o que tinha sido tudo aquilo? Desde o modo como me olhou no Loretta, intenso e duro, parecendo furioso, como se ordenasse que viesse até ele, até aquela madrugada, tinha feito tudo o que quis comigo. E

eu deixei. Pior, eu gostei de cada minuto.

Não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. Eu, que sempre fui contida, tímida, romântica, agora me submetia a um homem que me levava amarrada em um carro seminua, morrendo de medo de ser vista daquela maneira; apanhava de chinelos na bunda, quando nem minha mãe tinha feito aquilo quando era criança; deixava me usar e prender na cama. E apesar de tudo isso, tinha orgasmos fora de série, múltiplos, e ficava ainda mais apaixonada por ele.

Eu seria uma pessoa doente? Ou entre quatro paredes era normal loucuras como aquela? Nem tinha como comparar, já que João foi meu primeiro homem. Só sabia que me sentir dominada, usada por ele, me enchia de tesão, de um gozo que superava qualquer coisa que sequer um dia imaginei.

Pensando friamente, as dúvidas surgiam. Mas era impossível ser fria com João perto de mim. Eu enlouquecia, ardia, queria mais. Mesmo assustada, com medo, almejava o que me daria, como se perdesse toda a vontade, só o visse em minha frente. Mas não podia negar que ficava confusa e temia o desconhecido, o que mais ele prepararia

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim. E também ficava arrebatada, exatamente pela expectativa, por saber que ao final estaria gozando daquele modo incontável e absurdo.

Abri os olhos e afastei o edredom, um pouco trêmula. Nua, fui ao banheiro e tomei uma chuveirada rápida. Escovei o dente, penteei o cabelo molhado e me enrolei em uma toalha, pois minha bolsa e minha roupa tinham ficado na sala. Respirei fundo, criei coragem e fui procurar João, já sentindo um misto de ansiedade e excitação só de pensar em vê-lo.

Descalça, parei na sala enorme e vazia. Uma música clássica, intercalada com sons da natureza, tocava num aparelho de som. Sobre uma das poltronas, minha roupa e minha bolsa estavam me esperando. Mas, antes que pudesse ir até elas, João veio do terraço e parou ao me ver. Meu coração deu um salto louco e caiu disparado. Todo meu ser reagiu à sua presença e me vi imobilizada por seus olhos tão azuis e sua beleza estonteante.

Descalço como eu, usava apenas uma cueca boxe preta. Seus cabelos negros estavam despenteados, cada parte do seu corpo parecendo gritar: me olhe. Mas eu não apenas olhava. Eu babava, encantada, cheia de desejo e amor.

PERIGOSAS ACHERON

João sorriu e me perdi de vez. Algum dia eu poderia fitá-lo sem me sentir daquele jeito? Completamente fora de mim?

— Até que enfim acordou, dorminhoca. Ia te chamar.

— Já... Já é tarde?

— Quase nove horas. — Estendeu-me a mão. — Venha, preparei a mesa de café da manhã pra gente aqui no terraço. Deve estar faminta.

Foi só João falar para sentir o estômago roncar. Sorri sem graça e disse, já dando alguns passos:

— Vou pegar minha roupa e...

— Fique assim. Pra quê ter o trabalho de se vestir, se daqui a pouco vou deixar você nua?

Seu tom era de brincadeira, mas seu sorriso parecia de um lobo. Senti o olhar varrer meu corpo quando me aproximei e segurei sua mão. Na mesma hora, João puxou-me entre seus braços, baixando a cabeça para fitar meus olhos. Indagou rouco:

— E meu beijo de bom dia?

Meu coração parecia socar minhas costelas. Minhas pernas estavam bambas e a respiração entrecortada. Reagia completamente a ele, embriagada, entregue. Sem me conter, deslizei as

mãos até seu pescoço, fiquei na ponta dos pés e encostei meus lábios nos dele. João me puxou para si e abriu a boca, sua língua penetrando a minha, sua mão amparando minha cabeça para melhor me beijar.

Foi delicioso. Não hesitei em retribuir, sentir seu gosto, o toque de seus lábios e língua, a sensação embriagante de começar o dia com um beijo daqueles. Na mesma hora, fiquei cheia de paixão, o corpo quente, o sangue acelerado.

João afastou-se um pouco, deu-me leves beijos e murmurou rouco:

— Bom dia, Ana.

— Bom dia — sussurrei.

Acariciou meu cabelo e deu um passo para trás. Meus olhos o correram rapidamente e fiquei corada ao ver o contorno de seu pênis grande e grosso contra a cueca preta. Ele sorriu, divertido. Mas não disse nada. Segurou minha mão e me levou ao terraço.

Era como um paraíso particular. O céu azul e límpido sobre nossas cabeças, a brisa suave, as lajotas brancas e frias sob nossos pés. À direita, em uma elevação de madeira, ficava uma espécie de deque com piscina, com vista fantástica para a praia

PERIGOSAS NACIONAIS

lá embaixo. À esquerda espreguiçadeiras cremes, plantas espalhadas e bem cuidadas, uma mesa de madeira clara e redonda, cheia de coisas deliciosas, rodeadas por cadeiras belíssimas, do mesmo material.

— Nossa, começar o dia assim... Que maravilha!
— Sorri.

João me acompanhou e puxou uma cadeira para mim, indo logo depois se acomodar em outra.

— Fique à vontade, Ana. Sirva-se.

— Obrigada.

Era muita coisa para uma pessoa só. Aquele homem lindo, maravilhoso e sexy como o demônio ali, o terraço esplêndido, o dia maravilhoso, a bela música de fundo e o café da manhã farto, cheio de coisas que eu gostava. Feliz, pus café na xícara, passei manteiga em um pãozinho e me delíciei.

João também se serviu e, por um momento, ficamos em silêncio. Mas então ele puxou assunto:

— Vai passar o dia comigo?

Fitei seus olhos azuis, sem poder deixar de sorrir. Era engraçado que até mesmo perguntando, sendo educado, ele tinha um jeito autoritário, como se desse uma ordem. Sabia que era dele mesmo. Um macho alfa em sua essência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei. É um convite?

— Pode apostar.

— Depende do que vou ganhar se ficar — eu o provoquei, sentindo-me estranhamente à vontade. João parecia se divertir e comentou:

— Talvez esteja com medo de pagar para ver.

— Medo não é bem a palavra. Não quer me dar uma dica?

— Surpresa. É sempre melhor.

Sorrimos um para o outro e me delicieei com aquele sorriso e o meu café. Lembrei das vezes que me disse que nunca ficaríamos juntos e agora estávamos ali, íntimos, seminus, mais juntos que duas pessoas poderiam ficar. Senti o desejo e a felicidade pura me bombardear, mas guardei para mim. Só queria aproveitar ao máximo.

— Então, acho que vou arriscar — falei, fitando-o.

Deus do céu, era lindo e gostoso demais! Não dava para ficar imune vendo seu rosto anguloso, seus olhos azuis, os ombros largos e o peito musculoso ali à mostra. Tinha hora que dava vontade de me beliscar para saber se era verdade.

Tomamos nosso café da manhã em um clima descontraído e ameno, conversando banalidades.

PERIGOSAS ACHERON

Perguntei sobre a sua volta ao hospital, a clínica particular, admirando a bela profissão que tinha. Depois levamos juntos as coisas da mesa para a cozinha. Estava voltando de lá para pegar as xícaras que tinham ficado no terraço, quando meu celular tocou dentro da bolsa.

Fui até a poltrona e só ao ver o número de Paola, com várias outras ligações perdidas dela, que me dei conta do modo como saí do Loretta, sem dizer nada. Sentei e atendi na hora.

— Sua louca! Quer me matar do coração? — gritou Paola.

— Desculpe, amiga. Olha, foi tanta coisa acontecendo que...

— Ana, se não fosse o Ricardo me dizer que você tinha saído com o primo do Vítor, eu teria arrancado meus cabelos! Que falta de consideração!

— Não foi isso! Querida, foi tudo muito rápido.

— Observei João levar o resto das coisas para a cozinha e murmurei: — João me arrastou para fora! Nem me deu chance de dizer nada!

— Te arrastou? Como assim?

— Ele não gostou de ver os caras dando em cima de mim — falei baixinho, de olho para ver se ele

PERIGOSAS NACIONAIS

não voltaria.

— Que isso! É ciumento assim?

— Possessivo. — Acabei sorrindo, toda satisfeita com aquilo.

— Poxa, Ana, mas podia ter ligado depois! — reclamou.

— Como? Agora é que consegui respirar!

— Cara, só falta me dizer que te fodeu sem dar descanso.

— E foi quase isso.

João voltou à sala, lindo de morrer naquela cueca, olhando pra mim de modo intenso. Fiquei com água na boca, excitada, dopada por sua beleza.

— Caralho, Ana, quer me matar de inveja?

— Não, é que... é a verdade.

Ele saiu, indo para o terraço. Acompanhei-o, reparando em sua bunda dura e bem feita, as pernas longas e musculosas. Um calor delicioso percorreu meu corpo.

Paola suspirou.

— Tá, eu te perdoo. Está aí com ele?

— Sim.

— Vem que horas?

— Não sei. Tomara que bem tarde.

Paola acabou rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá ficando uma safadinha, hein?

— Nem me diga!

— Mas deixa eu te falar, a Isabel ligou para cá ainda há pouco, preocupada. Eu menti, disse que chegamos tarde do Loretta e que você dormiu aqui. Sei não, Ana, mas acho que estava meio desconfiada. Pediu pra te chamar e disse que estava dormindo. Liga logo pra ela, ou vai aparecer aqui!

— Pode deixar, vou ligar.

— Diga que vamos sair. Vou mesmo dar uma volta agora. Pra todos os efeitos, estamos juntas na rua.

— Obrigada, Paola.

— Você tá parecendo até uma adolescente, escapulindo da mãe!

— Mas o que posso fazer? Ela vai surtar! Ainda está obcecada com Vítor.

— É mesmo.

Nos despedimos e liguei para minha mãe, que atendeu de imediato.

— Oi, mãe, desculpe não ter dito que ia dormir na Paola.

— Está virando costume agora, não é, Ana? — indagou, fria, a voz com um pingo de irritação.

— Estava muito tarde — menti, desconfortável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está voltando para casa?

— Não, saímos com o pessoal e volto mais tarde.

— Saiu? Por que não veio aqui trocar de roupa?

Eu me senti acuada. Não estava acostumada a mentir e sempre ficava incomodada quando ela me inquiria daquela maneira.

— Estávamos com pressa, mãe.

— E onde está agora?

— Vamos... Vamos tomar um chope e... almoçar fora

— gaguejei.

Minha mãe ficou quieta um instante. Então disse, desconfiada:

— Você está mentindo, Ana. O que está acontecendo?

— Que mentindo! — Forcei uma risada.

— Você está saindo com outro homem? É isso?

— Claro que não! — neguei rapidamente. — Que ideia!

— Ana...

— Mãe, quando chegar aí a gente conversa, tá?

— Não estou gostando disso!

— É como falei! Beijos! — Desliguei correndo, nervosa. Enfiei o celular na bolsa, tentando me acalmar. Só então levantei e fui em direção ao

PERIGOSAS ACHERON

terraço.

João estava de costas, os braços apoiados na amurada, olhando a praia lá embaixo.

— João...

Ele se virou, olhando-me sério. Senti um baque no peito. Conhecia aquele olhar, penetrante e concentrado, dominador. Usava-o quando me dava ordens ou me fodia. Parei de imediato.

— Se vai ficar aqui, é para ficar comigo, não pendurada ao telefone.

— Eu precisava falar com Paola. Saí ontem do Loretta daquele jeito e ela estava preocupada comigo. E minha mãe queria saber onde dormi.

Avaliou-me e relaxou um pouco. Seus olhos desceram por meu corpo, lentamente, quentes. Parei de respirar, ansiosa, sendo dominada pelo tesão. Falou, sua voz áspera:

— Tire a toalha.

Estremeci e mordi os lábios, sendo tomada pela timidez e pela luxúria. Estava um dia claro ali, João veria cada pedaço de mim. Deixou que me digladiasse interiormente, sabendo que dificilmente ele voltaria atrás. Por fim, fui sincera comigo mesma. O que eu queria? O desejo arrebatador venceu a vergonha e levei os dedos ao nó da toalha

sobre o peito. Engoli em seco,isquei ansiosa, corada. Mas abri a toalha.

— Tire-a.

Obedeci, deixando-a sobre uma espreguiçadeira.

Fiquei completamente imobilizada, meu coração desesperado, a respiração pesada, enquanto seus olhos azuis desciam por meu corpo nu. Quase sentia vontade de me esconder, tamanha timidez me atingiu. Mas ao mesmo tempo, minha pele ardia, o sangue corria rápido, todos os meus sentidos em polvorosa.

Torturou-me ao ficar em silêncio, olhando cada canto meu. Quando se aproximou, fiquei sem ar. Meu peito subia e descia arfante. Pensei que me tocaria, mas apenas se acercou de mim e me rodeou, como um tigre prestes a atacar sua presa acuada, observando-me por trás, pela frente e pelos lados. Disse baixo:

— Tenho tantos planos para você, Ana. Tem certeza que quer ficar aqui comigo?

— Sim — sussurrou e me dei conta que dizia a verdade. Era tudo o que eu queria.

— Sabe que gosto de jogar. Parto do princípio que, se é possível tirar o máximo de prazer no sexo, por que se contentar com pouco? — Segurou uma

mecha do meu cabelo, deslizando-a entre os dedos. Sua presença tão perto me entontecia. — Se ficar, concorda em se entregar totalmente a mim.

— Sim. — Que mais eu podia dizer, estonteada e excitada daquele jeito, tremendo sem que nem ao menos me tocasse?

— Não costumo trazer mulheres aqui, por isso não tenho uma sala de jogos. Se tivesse, saberia o que é ficar pendurada em cordas, enquanto uso meu chicote em você.

Ergui os olhos, apavorada. Soltou meu cabelo e me encarou daquele jeito intenso, mandão. Senti minha vagina nua latejar, creme descendo do meu interior.

— A única mulher que trouxe aqui até hoje foi Fernanda, por isso tenho apenas o básico. As coleiras na cama, uma caixa com alguns acessórios. Quando quero pegar pesado, vou à casa dela ou ao clube.

Falar em Fernanda me deixou enciumada, mas me mantive quieta. Eu o tinha visto em ação no clube com aquele chicote. E aquilo ainda me assustava muito.

— Um dia desses vai comigo ao clube, Ana. Será minha submissa lá e vai conhecer o que é realmente

bondage e submissão. Mas, por enquanto, vamos nos virar com o que temos aqui. — Meu coração disparava loucamente. Eu não queria ir naquele clube. Todavia, me sentia ainda sem coragem de dizer. Eu queria resolver uma coisa de cada vez, conforme fosse se apresentando.

Muita coisa passou por minha cabeça naquele momento. Indaguei-me por que João teria aqueles desejos diferentes. E eu? Era aquilo que eu queria? Se fosse pelo desejo e amor absurdo que sentia por ele e pelo prazer que recebia, sim, era o que eu queria. Mas se fosse pensar nele com Fernanda ou usando um chicote em mim, me enchia de medo e dúvidas.

Fitei-o e João parecia observar e saber cada pensamento que passava em minha mente. Segurou minha mão e, sem dizer mais nada, simplesmente entrou me levando atrás dele. E fui, porque queria, acima de qualquer coisa, ser dele. E que fosse igualmente meu.

Ao chegarmos na sala, paramos ao lado do sofá que ficava perto de uma janela de vidro banhada pelo sol.

— Deite-se, Ana.

Lambi os lábios e deitei, olhando-o, sem saber o

que esperar.

— Abra as pernas para o lado e segure os joelhos.

Vermelha, trêmula, obedeci. A claridade do dia me banhava em cheio. João desceu os olhos por meu corpo, até minha vulva nua e depilada, toda exposta para ele.

— Fique assim. — Foi tudo o que disse e se afastou.

Meu Deus, que loucura! Eu estava ali, submissa, querendo desesperadamente obedecê-lo, pois sabia que minha recompensa seria um prazer fenomenal, absurdo. Um prazer que nunca senti na vida, que me viciava como uma droga. Esperei com o coração na mão, ansiosa em meu limite. Até que João voltou. E trazia aquela sua caixa na mão.

JOÃO PEDRO

Deixei a caixa sobre a mesinha ao lado e tirei minha cueca, ficando nu sob os olhos bem abertos de Ana. Podia sentir a ansiedade dela de onde estava, vi que engolia em seco. Tive vontade de sorrir. Na verdade ia apenas brincar um pouco, nada que ela não suportasse. E no final de tudo, estaria gozando, querendo mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui até o sofá, entre suas pernas abertas. Meu olhar se consumiu naquela visão, tão linda e oferecida, os lábios rosados e pequenos da vulva, lisos e já úmidos, brilhando para mim. Fitava-me mordendo o lábio inferior, arfante. Sem querer, senti algo se revolver violentamente em meu interior, algo que eu não queria sentir.

Parecia que a cada minuto que passava em sua presença novas coisas me despertavam. Desejo, ciúme, sentimento de posse, carinho, vontade de ficar perto e mais desejo. Cada vez mais intenso. Naquele momento, a mesma vontade que tinha de jogar com ela, usar meus objetos de dominação, também tinha de beijá-la na boca e simplesmente fazer amor. E era isso que me preocupava mais. Coisas que nunca me fizeram falta agora pareciam importantes.

Tentei afastar aqueles pensamentos perturbadores, concentrando-me naquele momento. Peguei uma corda própria para bondage, que não machucava nem marcava a pele, e comecei. Ana manteve-se cativa, submissa, enquanto eu amarrava seu cotovelo ao seu joelho do lado esquerdo e depois o cotovelo direito ao joelho do mesmo lado. Satisfeito, deixei-a com braços e pernas

PERIGOSAS ACHERON

imobilizados, totalmente aberta para mim.

Sabia que estava excitada, o medo do desconhecido fazendo-a se entregar, assim como a lascívia. Mas, por algum motivo, eu quis alertá-la, deixar o jogo bem claro. Deslizei as mãos de seus joelhos entre suas coxas, até a virilha, sentindo-a estremecer. Fitei seus olhos e avisei:

— Lembre-se de sua palavra segura, Ana.

Seus olhos se arregalaram. Tornou-se mais ansiosa do que acalmada.

— O que vai fazer, João?

— Você vai ver.

Minha mão se espalmou em sua vulva úmida. Fui tomado pelo tesão e comecei a acariciá-la, esfregando os dedos entre seus lábios vaginais, observando sua excitação ganhar patamares grandiosos. De imediato, meus dedos ficaram melados e meti suavemente um dedo dentro dela. Quando o tirei, brilhava com seus sucos. Não pude resistir e levei o dedo à boca, cheirando-o e lambendo-o.

Eu adorava gosto de mulher. Mas o de Ana era especial, parecia mais doce que os outros, mais saboroso. Meu pau estava completamente ereto, precisando de atenção. Foi então que me afastei e a

PERIGOSAS NACIONAIS

contornei, sob seu olhar arregalado, luxurioso. Ajoelhei-me no sofá atrás de sua cabeça e ela me olhou, expondo o pescoço, entreabrindo os lábios. Era o que eu queria.

Segurei seu queixo com uma das mãos, com a outra segurei meu pau. Disse com voz áspera pelo tesão:

— Abra a boquinha.

Passei a cabeça do pau em seus lábios e Ana os abriu. Mergulhei em sua boca macia e quente até a metade e respirei fundo. Ainda segurando meu membro, passei a meter devagar, até chegar em sua garganta, e ela jogou mais a cabeça para trás, prendendo o ar para receber mais de mim, ficando com a boca cheia de água.

Larguei o pau, mas continuei com os movimentos do quadril, penetrando-a. Meu olhar varreu todo seu corpo e deslizei as mãos em seus seios, acariciando-os, beliscando os mamilos intumescidos. Ana gemeu contra meu pau, mas sugou-o, recebendo um pouco mais dentro da boca, aprendendo a controlar a respiração para chupar mais fundo. Porra, era delicioso! Eu me sentia dono dela, para fazer tudo o que eu quisesse. Tocar, beijar, bater, usar. Era toda minha.

PERIGOSAS ACHERON

Uma das mãos mantive em seu seio, torcendo o mamilo entre o polegar e o indicador, apertando-o até onde sabia que teria prazer. A outra escorreguei em sua barriga até a vulva toda abertinha e ali manipulei seu clitóris, tirando-o da capa, torcendo-o como fazia com seu mamilo. Ana estremeceu por inteiro, arfou, parou de me chupar um momento e depois voltou com mais tesão, ansiosa, puxando mais do que a metade para o fundo da garganta.

— Isso, minha menina, chupe meu pau bem obediente.

— Minha voz saiu mais grossa do que eu pretendia, tamanha a lascívia que me engolfava.

Fiquei um bom tempo naquele jogo, metendo firme entre seus lábios, beliscando um mamilo de cada vez, puxando e manipulando seu clitóris até que ficou inchado e duro. Ana tremia sem parar, gemia, chupava meu pau alucinadamente. Tentava mover o corpo, mas as cordas a imobilizavam, me deixando ditar o ritmo torturante, que era o bastante para ficar no ponto, mas sem conseguir gozar.

Larguei o clitóris, descí o dedo e senti sua vulva escorrendo, toda encharcadinha. Cheio de tesão, inclinei-me sobre ela, enterrando mais meu pau em sua boca ao me deitar ao contrário e começar a

chupar seu clitóris intumescido entre suas pernas arreganhadas. Meti na mesma hora o dedo em sua bocetinha e ela estremeceu da cabeça aos pés, tentou gritar, se engasgou.

Puxei o pau para fora até a ponta, deixei que respirasse, se acostumasse com as sensações que a atacavam e continuei a sugar o botãozinho. Sua vulva palpitava contra o dedo que metia nela, Ana arquejava e ondulava, sua boca toda molhada. Voltei a enfiar meu pau bem fundo e o sugou, mamando docemente, daquela jeitinho que me deixava doido. Quando prendi o clitóris entre os lábios e suguei, ela gritou abafado contra o meu pau, tentando se debater, fora de si.

Enfiei o dedo todo em sua vulva escaldante, então o puxei um pouco e busquei aquele ponto que toda mulher tinha dentro de si perto do osso da pélvis, escondido como uma pequena noz. Depois de anos conhecendo o corpo feminino, não era difícil saber seus locais mais erógenos e, com a prática, podia dar o prazer que merecia.

Comecei a massagear aquela semente com a ponta do dedo, sem forçar demais, mas firme. Sabia que ia gozar, estava no ponto, completamente alucinada e fervendo. Mas ia ensinar a ela um

orgasmo como nunca teve.

Manipulei seu ponto G em uma massagem paciente, cada vez mais firme. Quando por fim o pressionei do jeito que queria, Ana reagiu na hora, e puxei um pouco o pau para não engasgá-la. Gritou com a boca aberta, a cabeça jogada para trás, o corpo em convulsão. Como eu esperava, ejaculou na minha mão, tendo um gozo que a alquebrou, ainda mais por estar tão presa, tão dominada pelo que fazia com ela.

Prendi o clitóris e o lambi, olhando para sua bocetinha que convulsionava em meu dedo, os líquidos que jorravam de dentro dela, cristalinos e sem cheiro. Torturei-a até que tirou completamente meu pau da boca e começou a suplicar num fio de voz:

— Pare... Ai... Por favor... Ai...

Mas não parei. Deixei seu clitóris livre pois estava sensível demais, dolorido pelo orgasmo, mas continuei com o dedo naquele ponto. E ela reagiu como eu queria, alucinada, chorando, perdida. Forcei de novo e uma nova ejaculação aconteceu, descendo por minha mão, molhando o sofá e suas coxas. Gritou ensandecida, tão descontrolada que acabei tendo pena do seu corpo castigado por uma

série de gozos ininterruptos. Puxei o dedo e me ergui, olhando-a cheio de desejo.

Ana estava arquejante, de olhos fechados, arrasada pelos orgasmos. E eu no ponto, louco de tesão, ansioso por mais. Fui até a caixa, peguei um preservativo e o coloquei. De lá peguei um chicote curto, feito com várias tiras macias, que apenas davam ardência na pele, não machucavam realmente se bem manipulados. Não esperei que se recuperasse. De pé, ao lado dela, deslizei as fitas do chicote por seus seios e barriga.

Ela abriu os olhos pesados, arregalando-os ao ver o que eu segurava. Na mesma hora despertou, o medo brilhando em seu olhar, movendo a cabeça negativamente:

— Não, João...

— Sim, Ana.

— Por favor...

Encarei seus olhos, como a ordenar que aceitasse ou, se não, que dissesse sua palavra segura. Ela mordeu os lábios, exausta, totalmente satisfeita e alquebrada pelos orgasmos. Sabia que queria descansar, que tinha medo de sentir dor, assim como também sabia que em poucos minutos estaria ligada de novo, com a vulva latejando e querendo

mais.

Preparei-me e, quando menos esperava, bati com as cerdas macias do chicote preto de tiras em seus seios, apenas para que se desse conta deles. Ela se assustou e lágrimas pularam dos seus olhos. Abriu a boca de imediato e pensei que diria sua palavra segura, mas na hora se conteve e fechou-a, trêmula.

Fui mais firme. Bati em sua barriga e a vi estremecer, mordendo os lábios furiosamente, os olhos enormes no rosto corado, sem sair dos meus. Era uma sensação inebriante de domínio e perversão, de tesão absoluto. Meu pau doía de tão duro que estava.

E então passei a chicoteá-la sem parar, nos seios, ombros, barriga, coxas, pés. Ana gritava, tentava se contorcer, chorava. Não batia com força, só o suficiente para que sentisse as tiras avermelhando sua pele branquinha, fazendo o sangue correr mais rápido, deixando-a fora de si, tentando se equilibrar entre o medo e o prazer. Várias vezes vi nela a vontade de parar tudo, mas ao mesmo tempo também percebi que reagia aos impulsos de seu corpo e à lascívia que vinha junto com todas aquelas emoções à flor da pele.

Quando deslizei as tiras em sua vulva, arregalou

os olhos e fez que não com a cabeça. Sorri perversamente e bati com elas ali, delicadamente. Gritou, ondulou, jogou a cabeça para trás. De novo. Vi sua vulva palpitar, ainda toda molhada, inchada. Larguei a porra do chicote e fui para cima dela. Deitei sobre seu corpo, entre as pernas arreganhadas e meti com tudo em sua bocetinha, meu pau se enterrando sem dó.

— Ah! — Ana gritou.

Comendo-a com força, dentro e fundo, todo apertado pela vulva melada e latejante, eu agarrei seu cabelo na nuca e a fiz olhar para mim. E meti duro dentro dela, dizendo com firmeza:

— Diz que é minha. Diz.

— João... Ai, meu Deus... — Estava fora de si, castigada por minha dominação, pelos desejos do corpo, pela luxúria mais forte do que podia suportar.

Penetrei-a com tudo, movendo os quadris sem dó, sem controle, tomando o que eu queria. Cerrei o maxilar, exigi com os olhos, e ela capitulou rouca, entregue:

— Sou sua... Toda sua... Faça o que quiser comigo...

Fiquei louco. Devorei-a naquele sofá, com

PERIGOSAS ACHERON

brutalidade, mas também com sentimentos que giravam dentro de mim como um rodamoinho descontrolado, meu pau saindo e entrando em sua bocetinha, cada vez mais forte e rápido. Sem poder resistir, beijei sua boca com vontade, com tudo de mim, sendo bombardeado por um desejo absurdo e por uma emoção incontrolável, que mexia com meu corpo e minha alma. Ana me beijou com o mesmo desespero e gemeu contra minha língua, sua vulva engolindo meu pau e convulsionando em um novo orgasmo.

Foi meu fim. Gozei forte e intensamente, junto com ela, nosso corpos suados e colados, dançando juntos naquele sofá, nossas bocas unidas no beijo e nos gemidos, meu pau completamente enterrado dentro dela. Até que apenas as ondulações últimas continuaram, percorrendo nossa pele, enquanto eu saboreava seus com lentidão, satisfeito.

Quando afastei um pouco o rosto e a olhei, Ana estava com lágrimas nos olhos. Senti um baque por dentro e acariciei seu rosto, indagando baixo:

— O que foi?

— Eu... Não sei.

Mas sabia e eu também. Tinha sido intenso demais e Ana não estava acostumada. Eu a estava

levando em seu limite, cada vez mais. E se sentia assustada. Ainda dentro dela, falei com sinceridade:

— Eu sou assim. Esse sou eu e nunca me escondi de você. Mas se não suportar, se quiser desistir antes do prazo...

— Nunca — falou com certeza, mas as lágrimas desceram pelo canto dos seus olhos, seus lábios trêmulos.

Não entendi o alívio que me engolfou. Sabia que devia ser mais compreensivo, mas era impossível me controlar perto dela. Estava sendo o mais honesto possível. Beije suavemente seus lábios e saí de seu interior. Comecei a desamarrá-la e expliquei:

— Esse era um dos motivos de não querer me envolver com você, Ana. Você é jovem, inocente, romântica. Já passei muito dessa fase, se é que um dia fui assim. Depois que se conhece esse tipo de sexo que pratico, a pessoa fica viciada. E tenho muitos anos nas costas praticando-o. Cheguei a um ponto em que não há volta. — Terminei de desamarrá-la e então a sentei. Estava trêmula e vermelha, partes de sua pele marcadas pelas tiras, parecendo cansada, perdida.

Sem poder resistir, puxei-a para meu colo no sofá

e acariciei seu cabelo, sua face, olhando-a com carinho. Ana desabafou:

— Eu seria mentirosa se dissesse que não gostei. Não sei se entende. É que é tudo assustador e intenso demais, acho que ainda não me acostumei. E também... — Calou-se, mordeu os lábios.

— Também o quê? Está com dor?

— Não. — Olhou-me, tão confusa e ao mesmo tempo apaixonada, que senti minhas barreiras se desfazendo, me deixando exposto. — Será que isso é normal, João?

— Não sei. Talvez não, Ana. Mas quem é normal visto de perto?

— É que eu pensava que sexo era como vi nos filmes românticos, ou nos livros que li. Aquela coisa mais lenta, mais suave. E essa loucura toda... Não sei o que pensar. É melhor do que tudo que imaginei, mas...

— Te deixa perturbada.

— Sim. É muito novo. Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

Parecia indecisa, mas aguardei. Por fim indagou:

— Quando se deu conta que era um dominador? Que gostava de chicotes, de bater, de ter uma

submissa?

Fiquei imóvel, lembrando de minha infância, das festas loucas dos meus pais. Era íntimo demais, coisas que só meus tios e Vítor sabiam, mesmo assim superficialmente. A única pessoa para quem contei como eu me sentia, como me excitava, tinha sido Fernanda.

Fitei seus olhos castanho-claros, a pureza com que me fitava, o amor que eu não queria enxergar, mas que no fundo sabia que sentia por mim. Ou não estaria ali, fazendo tudo que eu queria, se entregando daquele jeito, depois de se guardar tanto. E resolvi contar parte da verdade:

— Eu me acostumei com isso desde criança. Meus pais davam festas loucas, nas quais rolava de tudo. Eu saía escondido do quarto e assistia. Acho que isso marcou meus desejos sexuais. E minha personalidade só fortaleceu mais isso, sempre tive espírito de liderança, fui dominador em qualquer relação.

Pareceu preocupada, prestando atenção.

— Mas você, quando criança foi... foi...

— Molestado? Não. — Não contei da tentativa de estupro. Nem dos detalhes das mortes de meus pais ou da culpa que até hoje me remoía de minha mãe

ter se matado. — Quando meus pais faleceram e fui morar com meus tios, tentei conter esse meu lado. Foi uma luta, Ana. Nunca me realizava plenamente. Até que conheci Fernanda e ela gostava das mesmas coisas que eu. Tinha dezessete anos. E não parei mais.

Ela me observava, pesando minhas palavras, pensativa. Meus olhos desceram por seus seios, seu corpo nu, o cheiro de sexo impregnado em nós. E então a abracei, apoiei sua cabeça em meu ombro, acariciei seu cabelo. Disse baixo:

— Ainda está em tempo de você desistir.

— Eu não posso. Eu não quero — falou baixinho também, me abraçando forte, se encaixando em meus braços.

— Eu não garanto nada, Ana. É bem possível que exija demais de você.

— Então, vamos conhecer os meus limites. — Beijou suavemente meu rosto, passou a mão em meu cabelo.

Fechei os olhos um momento, dividido. Eu a queria e ao mesmo tempo a temia. Porque nosso prazo era de um mês, quando Vítor voltaria e eu teria que encarar minhas ações e minhas culpas. Mas, com tudo aquilo, meu maior medo era de me

envolver além do que podia. Por tudo, por meu passado, minhas escolhas, por Vítor, por quem eu era e Ana também. Porque, no fundo, ela só tinha visto ainda uma parte de mim. A fera que eu era, eu tentava conter. Mas por quanto tempo?

Capítulo 9

UMA APOSTA E UMA CONSEQUÊNCIA

*Esse turu turu turu aqui dentro
Que faz turu turu quando você passa
Meu olhar decora cada movimento
Até seu sorriso me deixa sem graça
Se eu pudesse te prender,
dominar seus sentimentos,
Controlar seu passos,
ler sua agenda e pensamentos
Mas meu frágil coração
acelera o batimento e faz turu turu turu turu tu...*

(Quando Você Passa — Ricardo Moreira)

ANA FLOR

Passei o sábado com João e foi maravilhoso. Se houvesse qualquer dúvida que eu o amava (e não havia!), acabaria naquele dia. Porque me apaixonei ainda mais, como se fosse possível. Foram horas só nossas, de amor, risadas, carícias e momentos de descontração.

Tomamos banho de piscina nus, nos secamos ao sol, ficamos como Adão e Eva em nosso paraíso particular. Conversamos sobre diversos assuntos, falamos de coisas do passado, escola, família, amigos, trabalho. E parávamos de falar para nos beijar, fosse dentro da piscina quando me encostou no ladrilho e saqueou minha boca, ou quando me deitou na espreguiçadeira e simplesmente ficamos trocando carícias.

Pedi comida em um restaurante e comemos juntos. Depois conversamos mais, ouvimos música e resolvemos jogar uma partida de sinuca. Eu consegui convencê-lo a me emprestar uma camisa e prendi o cabelo em uma rabo de cavalo. Após o banho, ele também pôs uma bermuda e camisa branca. E fomos para a bela sala de jogos.

Era linda, com parede de tijolinhos, mesa de

carteado, bar, tevê na qual ele colocou em um show ao vivo, sofás brancos. Fui animada até a mesa de sinuca e João organizou as bolas na mesa, me entregando um taco e me olhando com um sorriso sedutor.

— O que vamos apostar?

— Nada. — Sorri de volta.

— Mas aí não tem graça. — E provocou: — Não disse que ninguém vence você aqui? Ou está com medo de perder?

Analisei-o. Eu era ótima, adorava jogar sinuca e treinava há anos. Mas conhecendo João, seu jeito de quem não gostava de perder e, tendo uma mesa daquelas em casa, calculei que seria um oponente de peso. E tinha medo do que ele poderia exigir se ganhasse. Confessei:

— Estou com medo, sim.

— Vai recuar?

Sorria, divertido, à vontade. Seu sorriso era estonteante, lindíssimo. Por um momento só o admirei, indecisa.

— E então, Ana?

— Vamos ver...

— Não. Eu quero apostar. — O sorriso ampliou-se. — Faça seu pedido que faço o meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco. Mas vendo-o tão divertido, solto, acabei concordando.

— Certo. Se eu ganhar, quero prender você naquelas algemas da cama. Será meu submisso.

João deu uma gargalhada. Acabei rindo também. Recostou o quadril na mesa, avaliando-me com o olhar brilhante.

— Essa é sua fantasia sexual?

— Acho que seria bem interessante.

— É? E o que faria comigo?

— Surpresa.

— Tudo bem, aceito.

Meu sorriso se ampliou. E então João completou:

— Agora faço o meu. Se eu ganhar, vai ao clube comigo hoje à noite.

Meu sorriso morreu na hora. Antes que eu negasse, João aproximou-se e ergueu meu queixo, fitando meus olhos.

— Não jogaremos lá. A não ser que você queira. Minha intenção é que possa se sentir mais à vontade com o ambiente.

— Eu não quero ir, João.

— Você não foi lá, atrás de mim? Agora vai comigo. Prometo que não faremos nada, a não ser que você me peça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas e se alguém me reconhecer e contar a Vítor?

— Vítor não tem conhecidos lá. Não se preocupe. Fui então diretamente ao que me incomodava:

— E Fernanda?

— O que tem ela? — Prestava atenção em mim, sério.

— Ela pode não gostar. E ficaria um clima estranho, já que você e ela... e você e eu...

— Fernanda é minha amiga, Ana, acima de tudo. A única coisa que pode acontecer é receber uma cantada dela. — Sorriu meio de lado. Arregalei os olhos.

— O quê?

— Mas, fique tranquila, ninguém vai mexer com você. O que me diz?

Pensei, incomodada, que realmente não queria ir. Mas se era importante para João, eu faria um esforço. Ergui o rosto e disse, atrevida:

— Vai ter que me ganhar primeiro.

— Vou ganhar.

E o jogo começou. Foi acirrado, disputado. A cada tacada, um passava à frente do outro. Eu me animava, cheia de esperança de ganhar. Quando era minha vez de jogar, João ficava me observando e

PERIGOSAS ACHERON

só isso já servia para tirar parte da minha concentração. Quando me inclinava para mirar uma bola, sentia seu olhar nas pernas nuas, na parte onde a camisa subia, nos seios soltos sob ela. Esperava que estivesse se distraindo tanto quanto eu.

Assim que terminei uma tacada, senti sua mão acariciar minha bunda. Enquanto se acercava da mesa para sua vez, João beijou suavemente a minha orelha. Mas não prolongou a carícia. Analisou as possíveis jogadas, concentrado. E não resisti à tentação. Me aproximei um pouco, rocei meu seio em seu braço, fingi observar a jogada também, fazendo uma cara de inocente. Senti seu olhar se voltar para mim. Sorri docemente para ele.

Estava na cara que sacava minha tentativa de distraí-lo e achava engraçado. Buscou a melhor posição e deu uma tacada certa, que encaçapou a bola. Então se ergueu, indicando que era a minha vez. Ao passar por mim, sussurrou em meu ouvido:

— Você me deu sorte, Ana. — E deu um tapa em minha bunda antes de se afastar.

Decidida, também analisei a melhor jogada. Enquanto isso, João abriu a geladeirinha do bar, pegou duas garrafinhas de cerveja e pôs na

bancada. Pôs também ali um potinho de manteiga, enquanto abria as duas garrafas e tomava um gole de uma, deixando a outra para mim. Olhei a manteiga, sem entender. Na mesma hora mexeu no bolso da calça, tirou uma camisinha e deixou-a ao lado do pote. Ergui os olhos e encontrei um sorriso safado nos seus lábios, os olhos parecendo me engolir viva.

Fiquei sem ar, totalmente abalada pelo significado daquilo. Seria o que eu estava pensando? Meu corpo esquentou, o coração passou a bater mais forte. E João indagou, sereno:

— Não é a sua vez de jogar?

Eu me dei conta de que estava ali parada, com o taco na mão, agora totalmente desconcentrada. Respirei fundo e tentei fingir que nada daquilo me abalara. Acenei com a cabeça e tentei prestar atenção. Mas aquela manteiga e aquele preservativo não saíam da minha cabeça. Lutei e joguei. Errando feio a bola.

Não o olhei, para não ver o sorriso de vitória que com certeza teria em seu rosto. Quando João deixou a cerveja e se aproximou, abri os três primeiros botões da camisa, afastei o tecido para o lado e me abanei, dizendo como quem não quer

nada:

— Que calor hoje, não é?

João passava giz na ponta do taco, seus olhos descendo para o decote pronunciado que deixei à mostra. Indagou preguiçosamente:

— Por que não fica nua?

Encontrei seus olhos semicerrados e encarei como um desafio. Se eu queria desequilibrá-lo, teria que ficar nua. Seria essa a mensagem? Ainda me sentia meio tímida, mas depois de ter passado o dia todo pelada com ele, sabendo que já me conhecia pelo avesso, e querendo ganhar aquele jogo, sorri devagar e concordei:

— É uma boa ideia. — Comecei a abrir os botões, sob seu olhar atento.

Quando a camisa estava toda aberta, mas sem tirá-la, indiquei a mesa de sinuca, imitando-o:

— Não é a sua vez de jogar?

— Claro. — João deixou o giz de lado. Observou as possíveis jogadas e escolheu uma. Procurei ficar em sua linha de visão. E quando se concentrava para executar a tacada, tirei a camisa e deixei-a sobre o sofá.

João parou, seus olhos se erguendo para mim. Soltei os cabelos, espalhando-os, tentando ser

natural, mas tremendo bastante. Seu olhar passeou por toda minha pele, desejo brilhou nele. Mas então baixou os olhos, fitou a bola e a acertou em cheio, mandando duas de uma vez para as caçapas.

— Ah! Que droga! — reclamei.

— Eu não disse que você está me dando sorte? — Sorriu, deixando o taco e indicando-me a mesa. — Estou ansioso para ver você jogar nua. Lembrando que, se errar a bola mais uma vez, a vitória é minha.

— É, eu sei. — Pensei em pegar a camisa de volta, mas seria admitir claramente que só fiz aquilo para distraí-lo.

De qualquer forma, sentindo o rosto pegar fogo, sem naturalidade, respirei fundo e olhei as bolas na mesa. O feitiço estava se voltando contra o feiticeiro. Em vez de desconcentrá-lo, eu é que estava nervosa, distraída por minha nudez e pela manteiga e o preservativo ainda na bancada, que atraíam meu olhar.

Busquei a melhor posição para dar a tacada. Teria que me inclinar e virei para João, que tinha se recostado no bar atrás de mim, cruzado os braços e me fitava com olhar safado e semicerrado, descendo lento por meu corpo. Estremeci, ansiosa,

um tanto envergonhada. Mas lembrei do que estava em jogo, que preferia mil vezes amarrá-lo na cama do que ir àquele clube, e tentei dar o melhor de mim.

Com firmeza, acertei a bola, que bateu na que eu queria, mas passou a poucos milímetros da caçapa e não entrou. Desanimada, larguei o taco e me volvei para João. Ele já estava na minha frente, seus olhos azuis brilhando, intensos e penetrantes, vitoriosos. Antes que eu pudesse dizer algo, me encostou na mesa, seu braço em volta da minha cintura, o outro em minhas costas com a mão firme na nuca. Mantendo-me cativa para beijar sensualmente minha boca.

Na mesma hora fui invadida pelo desejo e retribuí o beijo, minhas mãos subindo por seus braços musculosos, infiltrando-se em seu cabelo macio e denso, todo meu corpo ardendo ao sentir seu gosto e sua língua lambendo a minha.

João me segurou firme, explorou minha boca como quis, até que eu era uma massa trêmula de hormônios enlouquecidos, de sangue agitado correndo nas veias e pernas bambas. A mão subiu até meu seio nu, acariciou-o, massageou-o, enquanto a que estava na nuca me inclinava para

trás na mesa enquanto ao mesmo tempo descia a boca em minha garganta até o oco entre a clavícula, arrepiando-me toda. Gemi e ele mordiscou meu pescoço, puxando um mamilo endurecido, arrebatando-me.

Desceu mais, mordendo o ombro, lambendo o colo, chupando o outro mamilo, até que os dois recebiam sua atenção, um de sua boca e o outro de seus dedos. Minha vulva pulsou e se encheu de lubrificação quente, que escorreu lentamente de dentro dela. Quando prendeu um mamilo entre os dentes e puxou-o, uma onda pura de lascívia me fez tremular, agitada, enlouquecida.

Na mesma hora João me segurou sob as coxas e me ergueu, sentando-me na beira da mesa de sinuca e depois me deitando sobre ela, ainda sobre mim, sugando meu mamilo. Me contorci, gemi, enquanto abria bem as minhas pernas e as erguia, apoiando meus pés na ponta. Sua boca desceu do seios até minha vagina pulsante e, com a cabeça entre minhas coxas, enfiou a língua dura e úmida dentro de mim.

— Ahhhhhhhhhhhhhhh... — Meus gemidos ecoaram na sala, ainda mais quando passou a me lambeir todinha, suas duas mãos em meus seios,

torturando meus mamilos.

Foi tão delicioso que fiquei a ponto de gozar. E ao sentir isso, João parou, ergueu a cabeça e lambeu os lábios, me fazendo estremecer.

— Fique aqui — disse rouco e foi até a bancada do bar. Voltou com a cerveja, a manteiga e o preservativo, deixando-os na beira da mesa.

Eu arfava, olhando-o, meu corpo pegando fogo, no ponto. João tomou um gole de cerveja da garrafinha, fitando-me com olhar luxurioso e duro. Depositou a garrafa vazia na parte de madeira da mesa, enquanto eu continuava estendida sobre o feltro verde. Sem tirar os olhos de mim, abriu calmamente os botões de sua camisa branca e largou-a no chão. Abriu a bermuda e tirou-a, junto com a cueca. Seu pau estava enorme, grosso, com veias. Pôs nele o preservativo e então, deixando-me ainda mais agoniada, abriu o pote de manteiga.

Tremi descontrolada quando voltou a chupar minha vagina, agora no clitóris. Ondas quentes e prazerosas varreram meu corpo e enfiei as mãos em seus cabelos, abrindo mais as pernas, esfregando minha vulva escaldante e molhada em sua boca.

— Oh, João, que gostoso... — murmurei ensandecida, jogando a cabeça para trás, fechando

os olhos e me entregando. Ele passou a lambar da minha vulva até o ânus, molhando-o, excitando-me ainda mais. E quando voltou a chupar meu clitóris com firmeza, senti seu dedo oleoso rodeando meu ânus e entendi de vez para que servia a manteiga.

Meu coração batia alucinado. Ondas de prazer e desejo puro me faziam ondular. O dedo entrou em meu buraquinho, preparando-o, deixando-o todo melado de manteiga, o que facilitava muito a penetração. Logo metia o dedo todo dentro de mim, indo e vindo fundo, cada vez mais rápido. Fiquei louca. Rebolei contra sua boca e seu dedo, gemendo, ondulando. E então João meteu dois dedos, apertado, ardendo, me dilatando mais.

Sexo anal era mais dolorido e ao mesmo tempo tinha algo de pecado, de proibido, que me deixava extremamente excitada. As convulsões da minha vagina pareciam favorecer também a penetração do ânus, pois eu me sentia pulsar, abrir e fechar sem poder me controlar.

O orgasmo se formava como uma onda, mas de novo João parou, erguendo-se e sorrindo de modo cínico, desavergonhado. Seus dois dedos penetravam meu ânus sem vacilar. Beijou minha coxa e fitou-me, dizendo rascante:

— Isso é o que você ganha por tentar me provocar, Ana.

— Você... Você gostou... — Mordi os lábios, indagando-me se aquilo era um castigo. Se fosse, só me trazia recompensas.

— É, eu gostei. Nunca vou esquecer você aqui, nua, jogando sinuca. — Tirou os dedos de dentro de mim e segurou-me firme pelas pernas, puxando-me para a ponta, até que minha bunda ficasse sobre a borda de madeira, um pouco para fora da mesa. Suas mãos correram até meus tornozelos e os uniu, segurando-os juntos com apenas uma das mãos, a esquerda, com minhas pernas esticadas para cima. Então olhou para meu ânus e minha vulva, ambos expostos para ele. — Agora fique quietinha enquanto bato na sua bunda e meto meu pau no seu cuzinho cheio de manteiga.

Seu jeito pornográfico, obsceno, fez o tesão e o medo me golpearem a ponto de tremer sem controle. Espalmei as mãos na mesa, arquejei, me preparei. Mas, antes que estivesse pronta, uma palmada forte estalou em meu traseiro. Soltei um grito abafado e logo vieram outras, uma atrás da outra. Tentei mover o quadril, escapar dos tapas que queimavam, mas João me ergueu ainda mais

pelos tornozelos e bateu mais firme, em toda minha bunda, deixando-a toda quente e vermelha.

— Pare! João! — gritei e ele me olhou duramente, seus olhos azuis devassos, libidinosos, autoritários. Enfiou o polegar em meu ânus com firmeza, ordenando:

— Fique bem quietinha, Ana. Ou vai ser pior.

— Por favor... — choraminguei, com a bunda toda pegando fogo, minha vulva também escaldando, minha lubrificação escorrendo até o ânus. Mesmo me sentindo humilhada e com dor, aquele desejo ensandecido e perverso me deixava na corda bamba, assustada demais, com os nervos à flor da pele.

João tirou o dedo e deu outra bofetada. Estremeci, mas mordi os lábios, tentando aguentar. Porém, me contraía e isso só fazia os lábios inchados da minha vulva se tornarem mais sensíveis e meu clitóris espalhar sensações alucinantes em meu ventre e corpo. Outro tapa e gemi, não sei se pela dor ardida ou pela luxúria cada vez mais violenta e descontrolada.

Foi então que João se aproximou mais e forçou a cabeça do pau em meu ânus todo lubrificado e preparado. Mesmo assim, entrou doendo, ardendo,

naquela sensação que era ao mesmo tempo ruim e boa, desconcertante, diferente de tudo que eu conhecia. Penetrou devagar, até entrar tudo e suas bolas baterem em minha bunda. Deslizou até quase sair, meteu de novo. Arfei, pegando fogo, ensandecida pelo tesão absurdo e indecente. E foi assim que ele me comeu, movendo o quadril com firmeza para frente e para trás, até me acostumar com seu tamanho e grossura, indo fundo e forte

— Que gostosa... — murmurou rouco. Cada uma de suas mãos segurou um tornozelo e João abriu minhas pernas, depositando de novo meus pés na ponta. Fitou meus olhos com as pálpebras pesadas pelo tesão e continuou a comer meu ânus duramente, entrando tudo, saindo, metendo de novo. — Diga o que está sentindo, Ana.

Eu não conseguia falar, completamente arrebatada e excitada, sem poder suportar tantas sensações extraordinárias ao mesmo tempo. Os tapas tinham feito minha bunda ficar quente e cada roçar na pele parecia tornar tudo mais intenso e sensível, assim como estava toda cheia, cada terminação nervosa minha gritando atormentada pela luxúria. Quando seu polegar massageou o meu clitóris, ondulei sem controle. Ele exigiu:

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está sentindo, Ana?

— Prazer... — consegui murmurar.

— Então goze para mim — disse baixo, sua voz e seu olhar terminando de me alquebrar.

E como se tivesse realmente poder sobre mim, estalei em um orgasmo devorador, que fez minhas costas se arquearem e todo meu corpo estremecer ininterruptamente. João continuou a manipular meu botãozinho, mas se tornou mais bruto e exigente em meu ânus, comendo-o vorazmente, suas feições contorcidas pelo prazer, enquanto começava a gozar e gemer rouco.

— Ana, porra... Que delícia de cuzinho...

Desabei na mesa, exaurida pelo gozo extremo, sem conseguir fazer mais nada além de olhá-lo, hipnotizada pelo modo como parecia um selvagem, como seu rosto se tornava mais viril e duro, o maxilar quadrado, os lábios cerrados. Até que relaxou, descontraíu, arquejou quando terminou, olhando-me de maneira possessiva.

E mesmo querendo continuar a olhar para ele, meus olhos se fecharam de puro cansaço e satisfação sexual.

João me deixou em casa, combinando de vir me buscar mais tarde naquela noite. Subi até o meu

PERIGOSAS ACHERON

apartamento com um misto de cansaço e satisfação, usando a mesma blusa rosa e saia branca que tinha ido no Loretta na noite anterior. Mal entrei e fechei a porta, minha mãe veio pelo corredor, arrumada e elegante como sempre, seu olhar frio me percorrendo de cima a baixo.

Parei, corada como uma menina pega em flagrante fazendo algo errado. Senti quando sua frieza virou algo mais do que desconfiança e uma certa surpresa. Pensei se teria escrito em minha testa que passei o dia todo transando e sentindo prazer, pois disse acusadoramente:

— Você estava com um homem, Ana!

— Mãe...

— Não me venha com desculpas esfarrapadas! — Levou a mão a boca, transtornada, seus olhos nos meus. — Não acredito! Não é mais virgem! Ah, meu Deus!

— De onde está tirando essas idéias todas? — Sentia meu rosto pegando fogo, mas lutava para não desviar o olhar. — Só estou cansada! Fiquei na rua desde ontem com Paola, nós...

— Pare de mentir! Nem te reconheço mais! Pensa que sou trouxa? Fui lá no apartamento de Paola, perguntei se podia chamar você, me fiz de boba, e

acabei sabendo que não dormiu lá e que sua querida amiga tinha acabado de chegar com um homem! Onde você estava, Ana?

Seu olhar acusador, daquela maneira gelada que sempre me deixava arrasada, me sentindo um lixo, era ainda pior daquela vez. Fiquei perdida, buscando uma desculpa desesperadamente, mas sem conseguir pensar em nenhuma. Empertigada, continuou:

— Então foi por isso que se separou de Vítor tão de repente. Você conheceu outra pessoa, com esses seus sonhos ridículos de príncipe encantado! Deixou o melhor rapaz que poderia conseguir na sua vida por tolices! Quando se arrepender de tudo isso, vai ser tarde demais! — Respirou fundo, pálida, seus olhos escuros me fuzilando. — Ele queria ser seu primeiro, Ana! E agora...

— Chega, mãe! — Perdi a paciência, irritada, cansada de toda aquela cobrança e perturbação. — A vida é minha! Minha! Eu não amo Vítor, não vou me arrepender nem voltar para ele! Acabou!

— Quem é esse homem? — exigiu.

— Isso é coisa minha.

— Deve ser uma boa merda, ou não esconderia o jogo desse jeito! Meu Deus, tá com cara de puta,

Ana! Nunca pensei que me decepcionaria tanto! Quem é ele?

Suspirei, cansada. Ajeitei minha bolsa no ombro e passei por ela, disposta a não discutir mais. Todavia, minha mãe segurou meu braço e disse friamente:

— Não vou deixar você estragar sua vida desse jeito, Ana.

— Mãe, por favor. Pode me soltar?

— Depois não diga que não avisei. — E largou meu braço, com ar de repulsa.

Passei pelo corredor e entrei rápido em meu quarto, fechando a porta, me encostando nela e cerrando os olhos. Que confusão! Agora só faltava essa, minha mãe na minha cola!

JOÃO PEDRO

Quando parei o carro em frente ao prédio de Ana, ela já me esperava lá embaixo e entrou correndo, apressada, parecendo ansiosa. Olhou-me e disse logo:

— Vamos, João, minha mãe tá na minha cola.

Eu pus o carro em movimento, enquanto ela apertava o cinto. Lancei um olhar de relance,

percebendo sua aflição.

— O que houve?

— Descobriu que não passei a noite e o dia com Paola e fez uma verdadeira inquisição. Meus Deus, foi um sufoco conseguir sair! Pensei que me seguiria, mas acho que escapei antes que se desse conta. — Recostou-se no banco, suspirando, me olhando.

— E o que disse a ela?

— Não falei o nome, mas tem certeza que estou saindo com alguém. Temos que ter muito cuidado, conheço minha mãe. Nunca desiste de nada.

Fiquei quieto. Pensei que só teríamos aquele mês e que não queria que Vítor soubesse do meu caso com Ana. Precisávamos, sim, ser cuidadosos. Dirigi e ficamos em silêncio um tempo, cada um mergulhado em seus pensamentos. Ao parar o carro em um sinal, eu a fitei, reparando o quanto estava linda maquiada, com um vestido cor de vinho frente única e sandálias finas de salto alto. Não resisti, estiquei a mão e apertei sua coxa, dizendo baixo:

— Você está linda, Ana.

Ela sorriu nervosamente, lambendo os lábios, respirando fundo. Passou os olhos em minha calça

e camisa pretas, retrucando:

— E você continua lindo, como sempre.

— Obrigado.

— Deve ouvir isso todo dia, né? — Virou-se um pouco no banco, me olhando melhor. Acabei sorrindo e pus o carro em movimento de novo, concentrando-me na direção.

— Hoje você foi a primeira pessoa a me dizer.

— Claro, passou o dia todo comigo. — Sorriu também.

— Mas não seja modesto. Deve ficar cansado pelo modo que as mulheres te olham.

— Nem esquento com isso — mudei de assunto. — Está nervosa?

— Por ir ao clube? Sim. João, promete que não faremos nada lá?

— Prometo. Seremos meros expectadores.

Sabia que devia estar desconfortável. Aliás, eu já começava a me arrepender de levá-la até lá. Estava sem falar com Fernanda desde que a encontrei no corredor do hospital e sabia que devia estar chateada comigo, que precisávamos de tempo para conversar e acabar com aquele mal-estar. Eu pretendia voltar às boas com ela e ainda acostumar Ana um pouco com meu mundo. Aquela ida ao

clube poderia servir para as duas coisas.

Tentei puxar assunto, descontraí-la um pouco enquanto seguíamos até lá. Logo falávamos de futebol, de política e, sem que eu soubesse como, o assunto acabou em nossas primeiras paqueras de escola. Ana dizia:

— Eu era apaixonada pelo Marcos André no quarto ano. E ele por mim. Mandávamos cartinhas um para o outro e ficávamos sorrindo um para o outro a aula inteira. Minha mãe dizia que a cabeça dele era enorme e parecia uma draga. Sempre que ia me buscar, dizia torcendo o nariz: “Cadê aquele cabeça de draga?”. Mas eu nem ligava. Fazia desenhos de nós dois juntos e jurava que nos casaríamos. Mas aí ele saiu da escola. Anos depois, eu já estava no ensino médio, encontrei com ele e o irmão e ele disse que queria trocar uma ideia comigo. Fiquei impressionada de como era feio! — Riu, sem graça. — Aí disse que não e nunca mais nos vimos.

— Coitado do Cabeça de Draga — disse divertido.

— Coisa de criança. E você, já se apaixonou na escola?

Lembrei que, devido às loucuras dos meus pais,

nunca fui um garoto inocente. Já olhava as meninas imaginando um monte de sacanagem. Mas acabei lembrando de uma delas, que tinha sido diferente das outras.

— Tinha uma loirinha que estudou comigo quando eu tinha onze anos e me apaixonei por ela. Seu sorriso era lindo, olhos claros e era muito simpática. Sentava na cadeira à minha frente e eu ficava admirando seus cabelos compridos. Passamos a fazer os trabalhos juntos e eu gostava mesmo dela. Acho que gostava de mim também. Mas quando ficávamos mais íntimos, meus pais cismaram de viajar e me tiraram da escola. Nunca mais a vi.

— Quem diria, você apaixonado! — Ana sorriu abertamente. — Qual o nome dela?

— Erica. Erica Stefanini, se não me engano.

Dali em diante o clima entre nós ficou mais leve, descontraído, lembrando coisas amenas e agradáveis. Mas, quando chegamos em Cosme Velho e os seguranças abriram o portão do casarão do clube para meu carro passar direto, Ana ficou novamente calada.

Estacionei, saí e dei a volta para abrir a porta para ela. Ana desceu, visivelmente nervosa. Encostei-a

no carro e segurei seu rosto entre as mãos. Olhando-a nos olhos, falei baixo:

— Não é uma tortura, Ana. Vamos ficar apenas um pouco. Se estiver demais para você, saímos, ok?

— Tá. Não vai me deixar sozinha, né?

— Não, fique tranquila.

Ana estava ali por minha causa, mesmo incomodada, nervosa. Senti uma ligação forte com ela e, sem poder resistir, beijei sua boca. Foi um beijo gostoso, quente, só nosso.

Entramos. Ainda era dez da noite e o clube apenas começava a encher. Eu estava de mãos dadas com Ana, mesmo sabendo o que aquilo significaria ali. Era algo que nunca tinha acontecido. Sempre era um dominante. Entrava sozinho e, quando saía acompanhado, a mulher vinha atrás de mim. Quem me conhecia ia estranhar. Principalmente Fernanda. Mas não podia deixar Ana como uma simples submissa. Eu tinha prometido cuidar dela ali e era o que faria.

No salão tocava uma música gótica, de Ordo Rosario. Pessoas circulavam. Havia muito rosto novo ali, desconhecido, significando que convites haviam se estendido a outras pessoas, para conhecerem o clube. Como sempre, o preto, roupas

de vinil e couro, era o que predominava. Muitas pessoas me cumprimentaram, todas olhando curiosas para Ana.

Alguns dançavam, outros se espalhavam nas mesas bebendo e consumindo, outros ainda no bar. O palco estava vazio e não havia sinal de Fernanda. Eu esqueci o meu papel de dominante ali, cercado de olhares pidões de submissas. Agi como um visitante, relaxado, acompanhado. Sei que muitos poderiam estranhar, sobretudo outro Dom, que geralmente eram como reis naquele lugar. Mas nunca me importei com a opinião dos outros. Eu fazia o que tinha vontade, o que achava certo e ponto-final.

Levei Ana ao bar, onde sentamos, e pedi duas cervejas. Naquela noite o barman era Charles, que me cumprimentou e olhou para Ana, talvez tão surpreendido como os outros. Enquanto tomava um gole da minha cerveja, eu a via olhando em volta.

Até que tudo ainda estava tranquilo, como um bar comum. Não fossem as roupas, uma *Domme* sentada em uma das cadeiras mais altas, reservadas para os dominadores, com um escravo seminu aos seus pés, e uma escrava dançando com seu Dom em uma coleira, ninguém diria que era um clube de

sadomasoquismo. Mas eu sabia que mais tarde as coisas esquentariam e que, naquele momento mesmo, deviam estar rolando algumas cenas nos quartos e na masmorra.

— João, cara não te via desde que chegou da Alemanha! Como vão as coisas? — Renato, um dos donos do clube junto com Fernanda, se aproximou e veio apertar minha mão animadamente.

Era mediano, esguio, com a cabeça totalmente raspada e várias argolas na orelha. Especialista em inversão, gostava especialmente de rapazes que se vestiam ali de mulher. Havia alguns. Tinha prazer em humilhá-los, castigá-los, usando tipos variados de tortura. Era de família rica e não trabalhava em outra coisa, unicamente em administrar o clube.

— Tudo bem.

— No dia da festa cheguei bem tarde e você já tinha saído. Olá, tudo bem? — Sorriu para Ana e ergueu uma sobrancelha.

— Sub?

Ela ficou corada. Eu expliquei:

— Uma amiga que trouxe para conhecer o clube. Ana, Renato — apresentei-os.

— Olá, Ana. — Renato segurou sua mão e beijou-a, galante. — Espero que goste do nosso

ambiente.

— Ah, sim, claro.

— Mas e aí, Fernanda vai ficar feliz sabendo que você chegou.

— Ela está aqui?

— Sim, no escritório. Daqui a pouco desce.

Jogamos conversa fora e depois Renato se afastou. Começou a tocar um rock e a pista de dança encheu. Jogos de luzes se refletiram ali e, observando tudo, Ana cochichou:

— Parece até uma balada comum.

— Verdade. Quer circular?

— Tudo bem.

Terminamos a cerveja e nos levantamos. Na mesma hora Ana segurou minha mão, um tanto insegura. Lançava olhares para umas submissas a uma mesa de canto, que não tiravam os olhos da gente e comentavam baixinho. Eu as estava ignorando, mas pelo visto ser observada e alvo de fofoca a estava desconcertando.

Andamos pelo salão e fui parado várias vezes por conhecidos. Por fim, seguimos pelo corredor e eu a levei para as chamadas celas, onde ocorriam sessões que podiam ser observadas. Em uma delas, havia um rapaz jovem e nu algemado no chão, com

focinheira, de quatro. Em volta dele, sentados em sofás, mais ou menos uns sete homens, bem vestidos, a maioria empresários ricos que ninguém diria frequentar um lugar como aquele. Se revezavam em humilhar e bater no rapaz com cane e palmatórias.

Ana apertou minha mão, com olhos arregalados. Segui em diante. Em outra havia duas moças nuas em jaulas, sozinhas e quietas. Expliquei:

— Essas são as escravas da noite na masmorra. Se candidatam para as sessões de bondage e na Cruz. Ficam aqui aguardando sua vez.

Expliquei, notando o quanto tudo a impressionava. Enquanto seguíamos de mãos dadas pelo corredor, comentei:

— Tudo deve parecer absurdo para você, não é, Ana?

— Acho surpreendente. É uma espécie de teatro, de representação?

— Muito pouco. As pessoas que vem aqui vivem o BDSM. Passa a ser a realidade delas. Não é simplesmente uma brincadeira.

— Você também é assim, João?

— Não. Venho aqui pelo fato de me sentir à vontade e gostar de determinadas coisas. Posso

PERIGOSAS NACIONAIS

soltar minha fera, ser o dominante que muitas vezes preciso resguardar em minha vida lá fora. Parece complicado, mas na verdade é bem simples. Para uns, o clube é para realizar suas fantasias e taras. Para outros é a vida deles, o único mundo onde querem viver. Muitos submissos vivem com seus Dons e vivem como escravos, comem no chão, dormem aos pés da cama, vivem em coleiras. Há uma infinidade de opções.

— Entendo.

Circulamos em vários ambientes e acabamos na masmorra. Uma mulher ruiva, de óculos, estava ajoelhada no chão, ainda vestida de preto. Enquanto um dominador, um desconhecido para mim, segurava sua coleira e dava ordens. Algemada na frente, ficava quieta, apenas respondendo quando era inquirida. Nos sofás e cadeiras, pessoas se espalhavam e observavam, conversavam baixo entre si. Muitos eram frequentadores assíduos do clube, sócios, conhecidos meus. Mas não me aproximei deles.

Encostei-me na parede de pedra e pus Ana na minha frente, suas costas em meu peito, rodeando sua cintura com meus braços. Murmurei em seu ouvido:

PERIGOSAS ACHERON

— Observe. Vão começar uma sessão.

O dominador, um homem de meia idade usando terno preto, ergueu a ruiva e puxou bruscamente sua roupa. Parecia ser presa por velcros, pois saiu rapidamente. Ficou completamente nua, a pele clara e sardenta exposta a todos, as bochechas coradas. O homem disse que ela estava sendo castigada por uma falta em seu lar e entendi que formavam um casal, ou de escrava e dono, ou casados na vida particular.

Ana estava bem quieta, suas mãos sobre as minhas, seu delicioso cheiro de morango me inebriando. Vi, tão perto de nós, a Cruz de Saint Andrew em formato de X e senti um desejo absurdo de prendê-la ali, nua, para fazer com ela tudo que eu quisesse. Usar meu chicote, foder sua boca, seu ânus, sua boceta, deixá-la toda vermelha e pronta, dividida entre o prazer e a dor, mas uma dor suportável, apenas o suficiente para deixá-la mais desperta aos outros sentidos, tornando o prazer ainda mais intenso.

Meu pau endureceu na hora contra suas costas e ela me lançou um olhar de lado, mordendo o lábio inferior, os olhos bem arregalados. Fitei-os com todas as taras que passavam por minha cabeça e

disse baixo:

— Estou aqui pensando como seria fazer uma sessão com você naquela cruz.

Senti-a se contrair e arfar um pouco, olhando de imediato para a cruz e depois de volta para mim. Disse num fio de voz:

— Eu não poderia. Com todas essas pessoas me olhando. E... tenho medo.

— O medo faz parte, Ana. Teria que confiar muito em mim.

— Eu confio. Sei que pararia se eu dissesse a palavra segura. Mas acho que não teria coragem. A dor ainda me assusta muito. E as pessoas em volta também.

— E se fosse só nós dois? — Esperei, sem entender por que aquilo era tão importante. Às vezes meus desejos se tornavam uma necessidade.

— Não sei, João. Preciso pensar. Preciso de tempo.

— Tudo bem.

Não insisti. Mas a apertei contra mim, cheio de tesão e pensamentos impúblicáveis. Observamos o casal jogar, os castigos verbais, a cabeça baixa da mulher, obrigada a beijar seus sapatos e depois ser amarrada na cruz, de frente para onde estávamos.

Depois de estar com pulsos e tornozelos bem presos, o dominador começou a tortura física e psicológica. Deu tapas em seus seios até ficarem vermelhos, usou dolorosos prendedores de mamilos, bateu nela com chicote de fitas.

Depois explanou para o público como ela devia ser castigada por suas falhas e outro casal se aproximou, ambos por volta de quarenta anos. A mulher, bem vestida e maquiada, deu tapas na cara da ruiva e cuspiu nela. O homem enfiou um dedo em sua vagina, dizendo o quanto era suja. O dono observava, tomando um gole de água. Era óbvio que se excitava, assim como a ruiva submissa.

Ana parecia congelada em meus braços, seus olhos congelados na cena. Eu disse em seu ouvido:

— Eles gostam de compartilhar.

— Mas... Essas pessoas... Vão transar com ela também?

— Provavelmente. Mas só alguns. Outros preferem só assistir ou apenas causar dor.

— João, é tão... pesado. São estranhos.

— Mas é disso que gostam. Olha como a ruiva está gostando de tudo.

E era verdade. Gemia, choramingava, mas seus olhos brilhavam, seu rosto espelhava prazer em ser

submetida. Naquele momento, a mulher de meia-idade se ajoelhou aos pés dela e começou a chupar sua boceta depilada com vontade, deixando-a doida. E o homem lhe dava tapas na cara, xingando-a. O dominador se aproximou, puxando os aros em seus mamilos.

Em nosso canto na parede, escorreguei a mão direita até a coxa de Ana, o outro braço ainda firme em volta de sua cintura. Quando subi a mão por dentro da saia do vestido, ela ficou nervosa.

— Não, João.

— Quietinha. — Ao chegar na virilha, enfiei o dedo dentro da calcinha e mergulhei-o entre os lábios vaginais completamente encharcados. Sorri devagar, metendo o dedo fundo dentro dela, sentindo-a latejar. Ficou dura, trêmula, dividida. Sussurrei em seu ouvido: — Está gostando.

— Não estou... — negou, ansiosa.

— E isso é o quê? — Meti mais o dedo, que ficou todo melado.

— Eu não sei. Acho horrível o modo como a tratam, mas... Não posso evitar... — Diminuiu o tom de voz, ligeiramente arfante.

— Eu entendo, Ana. Não se sinta culpada por isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais pessoas se aproximavam de onde estávamos e a senti dura, desconfortável. Tirei o dedo devagar e ajeitei seu vestido. Relaxou visivelmente em meus braços. Beije sua orelha com carinho e depois levei meu dedo ao nariz, sentindo seu doce cheiro de mulher excitada. Não pude evitar lamber o dedo, embriagado por seu gosto, que me excitou ainda mais do que ver a ruiva sendo dominada. Ana fitou-me com olhos bem abertos, também excitada. Mas paramos ali.

O casal se afastou e o dominador voltou a bater nela com o chicote de tiras. Então, quando satisfeito, se afastou e um homem levemente obeso foi até ela, enfiando um dedo em sua vagina, masturbando-a, fazendo-a se retorcer. Era manipulada de várias formas, usada e tocada por quem quisesse. Ana prestava atenção, imobilizada.

Com o canto dos olhos vi alguém se aproximar de nós e virei para ver quem era. Fernanda, usando um colado macacão de vinil preto com zíper na frente, os seios fartos em um decote profundo, com botas de salto agulha, cabelos caindo soltos pelos ombros e olhos verdes bem maquiados, vinha olhando de Ana para mim, sua expressão inescrutável, mas seus olhos brilhando.

PERIGOSAS ACHERON

Trocamos um olhar direto, penetrante. Ana só a viu quando parou ao nosso lado e senti como se enrijeceu. Os lábios pintados de vermelho de minha amiga e amante se abriram em um sorriso predador.

— Olha só o que temos aqui. Que surpresa! Oi, meu querido. — Inclinou-se e beijou suavemente meus lábios. Ana nos olhava, rígida, afastando-se um pouco de mim. Fernanda se virou para ela, bem mais alta, sorrindo docemente. — Ana! Como vai? Lembra de mim, não é? — E beijou-a nas duas faces.

— Lembro. — Estava agora ao meu lado, visivelmente incomodada, sem saber ao certo o que fazer. Segurei sua mão, não deixando que escapasse completamente.

— Por que não me avisaram que vinham? Teria me disponibilizado para acompanhar vocês. — O sorriso não saía dos seus lábios. Eu a conhecia o suficiente para saber que não estava tão à vontade como queria aparentar, seus olhos sondando tudo, mas passeando claramente por minha mão entrelaçada na de Ana.

— Não vamos demorar — expliquei, sério.

— Ah, não diga isso! Teremos um show hoje no palco esplêndido, com um grupo de dançarinos que

veio da Espanha. — Seus olhos se voltaram para a minha acompanhante, que perto dela parecia uma menina. — Está gostando, Ana?

— É... Sim. — Era óbvio que queria ser apenas educada.

— Pensei que nos dariam o prazer de uma sessão hoje! Já viu João com as cordas e o chicote, querida?

— Vi.

— Por que não experimenta? Não vai se arrepender!

— Não, obrigada. Viemos só olhar mesmo.

— Bom, se é assim... — Deu de ombros e fitou-me.

— Precisa aparecer mais, João. Muita gente anda perguntando por você.

— Pode deixar — falei, embora soubesse que enquanto estava com Ana, seria bem difícil. — E como vão as coisas por aqui?

— Tudo tranquilo. Dispensei a Carol, devolvi sua coleira. Estou só com Adriana agora.

Adriana e Carol eram suas escravas. Trabalhavam e viviam suas vidas normalmente durante a semana, mas sábado e domingo ficavam à disposição de Fernanda em sua casa e no clube. A primeira estava

com ela há quase dois anos e a segunda há pouco mais de um. Eu já tinha transado e jogado com ambas, antes de ir para a Alemanha, junto com Fernanda. Fitei-a, indagando:

— O que houve?

— Não dava mais certo. — Parecia chateada. Devolver a coleira, no nosso mundo, era o mesmo que terminar um noivado ou um casamento. Eu nunca tinha tido uma escrava, não me prendia a relacionamentos. Mas sabia que Nanda gostava das duas.

— E como você está?

— Mal. Mas a vida segue, né? Vou procurar outra. Sabe que gosto de ter sempre duas disponíveis. — Sorriu maliciosamente para Ana. — Não quer se candidatar?

— O quê? — Ana ficou muito surpresa. Na hora fez que não com a cabeça. — Não, obrigada.

— Não sei se João contou, querida, mas costumamos nos divertir muito juntos. Temos momentos memoráveis. Você seria bem vinda, Ana.

Embora eu amasse Fernanda e estivesse ali também por ela, para fazê-la conhecer Ana e não se sentir excluída da minha vida, eu sabia o que ela

estava fazendo. Tentando mostrar sua importância em minha vida, nosso relacionamento antigo. Era óbvio uma coisa que poucas vezes vi vindo dela: estava com ciúme.

O pior é que podia notar o mesmo ciúme em Ana, o modo como olhava dela para mim, como se sentia incomodada. Em vez das duas se darem bem, ou pelo menos amigavelmente, pareciam duas gatas se rondando, prestes a se atacar. A ideia tinha sido péssima, afinal de contas. Nem Ana estava à vontade, nem Fernanda mais tranquila.

— Sim, João me contou da... amizade de vocês — Ana disse, sem sorrir ou forçar simpatia. — Mas prefiro que tudo continue como está. Infelizmente não sou tão moderna e sofisticada como vocês.

Fernanda gargalhou.

— Que gracinha! Uma jovem possessiva, não?

— Nem tanto. Ou não estaria aqui. — Olhou-me pela primeira vez com raiva, irritada. Era como se me acusasse de alguma coisa.

Fiquei surpreso. Em geral era tão doce e submissa, que nunca tinha visto aquele seu lado. Por incrível que pudesse parecer, aquilo me excitou. Tive desejo de dobrá-la, transformar aquela raiva em paixão, sobretudo em uma cama.

De repente, também não sentia mais vontade de estar ali. Queria voltar logo ao meu apartamento, passar uma noite com Ana, me fartando sexualmente com ela.

— Bem, acho que vou deixar o caszinho em paz

— Fernanda disse seca, o que me despertou. Fitei-a e vi a irritação e a mágoa em seu olhar. Por um momento, eu a tinha excluído e Nanda me conhecia bem demais para saber o que eu sentia.

— Pare de besteira, Nanda. — Tentei reverter a situação.

— É que hoje não vamos demorar mesmo. Mas nos falamos depois com mais calma.

— Já vão? — Parecia não acreditar.

— Sim. — Inclinei-me sobre ela e beijei seu rosto.

— Cuide-se.

— Sempre, querido. — Forçou um sorriso e beijou Ana na face. — Volte quando quiser. Confio em meu amigo aqui para deixar você mais... preparada.

Piscou com lascívia. Ana acenou com a cabeça, ainda muito séria.

— Boa noite. — Foi tudo o que disse.

Saímos de lá e entramos no carro sem dar uma

palavra. Enquanto eu dirigia pela estrada movimentada de sábado à noite, ela olhava pela janela. O clima no carro era bem diferente daquele descontraído no qual viemos. Lancei-lhe um olhar interessado, notando que Ana, como todo mundo, tinha crises de mau humor.

— Está com raiva ou ciúme? — indaguei, embora soubesse que eram ambos. De início não me respondeu, rígida na mesma posição. Insisti, duro: — Ana, estou falando com você.

Ela se virou devagar, lábios franzidos, um pouco pálida. Fitou-me, sendo bem direta:

— Não gostei daquela mulher. Deve achar que sou uma boba e que não entendi o joguinho dela.

— Que joguinho?

— Mostrar o quanto são íntimos e, se eu for sofisticada e submissa o bastante, posso “tentar” fazer parte da diversão de vocês. Sinceramente, pode ser sua amiga, mas é insuportável.

Acabei sorrindo, o que a irritou mais.

— Você ainda acha graça, João?

— Não sabia que era tão ciumenta.

— Não é ciúme. Só me senti... suja. Aquele local, aquela mulher sendo usada daquele jeito...

— E mesmo assim ficou excitada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei o que aconteceu comigo! Mas depois que Fernanda chegou, tudo pareceu pior! É um mundo louco!

— desabafou o que na certa vinha pensando há algum tempo.

— Não sei como um homem inteligente e culto como você pode frequentar aquele... Aquele...

— Continue — falei, sério, lançando um olhar a ela.

Ana calou-se, respirando fundo. Eu também estava irritado agora.

— Termine o que você começou.

— Estou louca por você, João, e sabe disso. Aceitei seus termos, pois era a única maneira de ter um tempo com você. Os seus jogos me assustam, mas tenho que confessar que no fundo eu gosto. Mesmo que não entenda. Mas esse clube... Nunca mais vou lá. Nem que você queira me obrigar.

— E quando eu obriguei você a ir em algum lugar? — Fui bem seco.

— Não obrigou, mas...

— Mas o quê?

— Me convenceu. E isso não vai acontecer mais. Eu estou... Estou com raiva! — desabafou, virando de novo para a janela. — Desculpe, mas quero ir

PERIGOSAS ACHERON

para casa. Por favor.

Fiquei muito irritado; com Ana, por estar se rebelando, quando eu a queria mais submissa e fazendo minhas vontades; com Fernanda, por tê-la provocado. E comigo mesmo, pela ideia sem cabimento de juntar as duas no clube, como se fosse possível uma amizade entre elas. Dirigi furioso, mas calado.

Já chegávamos perto do prédio em que eu morava na Barra, quando Ana se voltou para mim.

— Eu quero ir embora, João.

Eu a ignorei. Falou mais alto:

— Foi um dia longo e agora não sou boa companhia. Por favor, me leve para casa.

Entrei com o carro na garagem do prédio.

— João...

— Não.

— Mas... — Respirou fundo, tentando não perder o controle. — Vai me forçar a entrar, quando não quero?

— Vou. — Parei em minha vaga, soltando o cinto de segurança.

— Foto — disse, no auge da sua irritação. Era a palavra segura. Olhei-a friamente. Saí do carro e dei a volta. Quando abri a porta do seu lado,

recusou-se a tirar o cinto e disse de novo, como uma criança fazendo birra: — FOTO!

Inclinei-me e tirei seu cinto de segurança. Ela reclamou:

— Você disse que não me obrigaria a nada! Que quando eu dissesse a palavra, pararia na hora!

— Isso só serve quando estamos transando!

— Mas não quero entrar! Não quero transar com você!

— Vai fazer as duas coisas.

— Não vou! João! — gritou quando a puxei e, sem a menor cerimônia, joguei-a contra meu ombro esquerdo, batendo a porta com força. — Pare com isso! Eu não quero! Não quero!

Se debateu. Mas segui até meu elevador particular da cobertura e entrei, levando-a sem o menor esforço.

— Seu... Homem das cavernas! — Estava furiosa como nunca vi, a voz trêmula. — Me solta!

Descemos no último andar. Entrei em meu apartamento e só parei ao chegar ao lado de dentro. Coloquei-a ao chão e, antes que Ana tivesse tempo de esbravejar, eu a encostei na porta, segurei seu rosto e a beijei apaixonadamente, imobilizando-a com meu corpo, dominado por um misto de raiva e

tesão. Sabia que tentaria gritar a palavra segura para que eu não a tocassem, mas como conseguiria com minha língua dentro da boca? Eu sabia que naquele momento a força não resolveria nada Mas a sedução sim.

Lambi e chupei sua língua, deixei-a sentir o quanto mexia comigo, o quanto a desejava. E acabei realmente me perdendo em meus sentimentos e sensações, beijando-a com tudo que eu tinha, fazendo-a sentir o mesmo que eu. Foi assim que Ana capitulou e estremeceu, que parte da sua raiva e de seu ciúme virou tesão e retribuiu meu beijo, se tornando desesperada, faminta.

Devoramos a boca um do outro. Minhas mãos escorregaram por seu pescoço e colo, pressionaram seus seios. Puxei o decote para o lado, deixando os dois montes nus, massageando-os, roçando as palmas nos mamilos duros. Arquejou em minha boca e a beijei ainda mais, excitado ao extremo, meu pau duro a ponto de doer.

Foi assim que ergui ambos os seios e passei a morder seus mamilos, chupando um e depois outro, enquanto me olhava embriagada, respirando irregularmente. Chupei duramente um, erguendo seu vestido, puxando sua calcinha com tanta força

que a rasguei. Ela soltou um grito estrangulado, mas já me acariciava também, tentava abrir minha calça.

Tirei um preservativo do bolso e a ajudei. Em segundos estava com a calça aberta, a cueca abaixada e meu pau embainhado na camisinha. Segurei-a entre as coxas, com o sangue bombando fortemente dentro de mim, abrindo-a e erguendo-a, enquanto olhava-a nos olhos. Penetrei-a forte e fundo; Ana se arreganhou toda para me receber, molhada e escaldante, segurando-se em meus ombros, arfando e gritando rouca.

Entrei todo, meti tão fundo que a espremi contra a porta, dando estocadas que a fizeram ondular e estremecer, sua expressão dominada pela mais pura e intensa luxúria.

— Quer ir para casa, Ana? Diga a palavra segura agora! Diga! — incitei, furioso e descontrolado pelo tesão, metendo nela com tudo. Pingava em volta do meu pau, a bocetinha latejando, apertando.

— João... — gemeu, também descontrolada.

— Quer ir embora?

— Não... — choramingou.

— Por que não? — Acariciei seus seios com uma das mãos, sentindo os mamilos duros, empinados.

Apertei um deles, beliscando-o, enquanto a fodia vorazmente.

Não conseguia falar, confusa, embriagada pelas sensações incontrolláveis. Gemeu rouca, movendo os quadris, se esticando à beira de um orgasmo. Mas eu exigi, me enterrando todo dentro dela, parando:

— Responda!

— Porque... Porque eu te amo.

Por aquela eu não esperava. Fitei-a, chocado. Pensei que diria que era minha, que estava cheia de tesão, mas não aquilo. Embora soubesse que gostava de mim, mais até do que eu queria, receber uma declaração daquelas, cheia de emoção, fitando seus olhos puros e apaixonados, deixou-me sem ação.

Ana me abraçou, movendo a vulva quente e melada contra o meu pau, beijando minha face, toda feminina e entregue, murmurando:

— Eu te amo, João... Sou louca por você... Faço tudo o que você quiser, meu amor... Tudo...

— Porra. — Fechei os olhos, cheio de dúvidas, uma parte de mim gritando para mandá-la embora imediatamente, a outra já dominada pela luxúria e por sentimentos confusos e controversos. Quando

PERIGOSAS NACIONAIS

enfiou as mãos em meu cabelo e deslizou tão apertada em meu pau, parei de pensar. Gemi rouco e a penetrei mais e mais fundo, alucinado.

Ana gritou, tendo um orgasmo. Eu gozei na hora, forte, intenso, perdido. Ondulamos e arfamos juntos, completamente colados e agarrados, meus tremores se misturando aos dela.

E as palavras ficaram para depois.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

UM RETORNO INESPERADO

*Ah, se já perdemos a noção da hora
Se juntos já jogamos tudo fora
Me conta agora como hei de partir
Ah, se ao te conhecer
Dei pra sonhar, fiz tantos desvarios
Rompi com o mundo, queimei meus navios
Me diz pra onde é que inda posso ir*

(Eu te Amo —Tom Jobim / Chico Buarque)

JOÃO PEDRO

De manhã, acordei com o telefone tocando, insistente. Primeiro foi o telefone de casa, que irritado, tentei ignorar. Depois o celular. Parava e tocava de novo. Ana se remexeu e acordou, virando-se sonolenta. Sabia que não podia ser do hospital, pois o bip não tocou e não estava de plantão naquele domingo. Sentei e atendi o celular sem nem olhar quem era.

— O que é? — indaguei, irritado, ainda cheio de sono, esfregando o rosto.

— Cara, João, tô te ligando desde ontem! Onde você se enfiou?

Fiquei imóvel, ouvindo a voz desesperada de Vítor. Não tive coragem de olhar para Ana ao meu lado. A culpa veio mais forte, cercado pela voz do meu primo e por estar na cama com a mulher que ele amava.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei sério.

— Estou voltando hoje para o Brasil.

— Hoje? Mas não ia ficar o mês todo?

— Já resolvi os negócios da empresa. Sei que devia tirar umas férias, espairecer por aqui, mas agora tô desesperado com o que eu soube!

— O que foi?

— Isabel, a mãe da Ana, me ligou ontem à noite. Eu tinha pedido que ela me avisasse se acontecesse alguma coisa. Não vai acreditar! Ela está com outro cara! Encontrou a porra do seu príncipe encantado, por isso não quis mais ficar comigo!

Permaneci calado um momento, pesando suas palavras, seu tom de dor. Ana mexeu-se na cama e se sentou, observando-me. Desde a noite anterior estava um clima estranho entre nós. Que só piorava agora.

Corri os dedos entre os cabelos, cheio demais de remorsos para conseguir dizer algo. Vítor nunca me perdoaria se descobrisse minha traição. Que por minha causa Ana o deixou, que fui seu primeiro homem, quando era o que meu primo mais queria, e que estava apaixonada por mim. As palavras dela na noite anterior não saíam da minha cabeça: “Eu te amo”.

— João, sei que vai dizer! Que tenho que me conformar, mas não posso entregar a mulher da minha vida assim para qualquer babaca!

Eu voltei meus olhos para Ana. Estava bem acordada, cabelos espalhados pelos ombros nus, segurando o lençol embaixo dos braços, recostada

no espaldar da cama. Por um momento apenas a fitei, algo forte dentro de mim pesando, ganhando força. Algo tão assustador que nem queria pensar. Ao mesmo tempo, também senti outras coisas. O medo, por não saber lidar com os sentimentos dela. E por acabar magoando meu irmão de alma. Senti-me um verdadeiro canalha por ter deixado as coisas chegarem àquele ponto.

Seus olhos fixos nos meus pareciam ansiosos, sua postura tensa. Vítor continuou:

— Nada do que disser vai me impedir, João. Já estou no aeroporto. Não vou desistir da Ana.

— Não vou dizer nada. — Estava cansado. Sabia que teria decisões a tomar. Mas não podia obrigar meu primo a nada.

— Você soube algo dela? A viu?

Eu olhava nos olhos de Ana. A tensão me deixava duro, com raiva de mim mesmo. Tudo que falei foi:

— Vítor, quando voltar, a gente conversa.

— Sabe de algo?

— Não.

— Cara, tá chateado porque não ouvi seu conselho e vou insistir, mas eu a amo demais! Não tô comendo nem dormindo direito. Preciso ao menos tentar. Olha, vou pegar o avião agora.

Depois a gente se fala.

Assim que Vítor desligou, larguei o celular na mesinha de cabeceira. Ana disse baixo:

— Ele está voltando.

— Está.

— Por quê?

— Por sua causa.

— Não acredito. Mas assim, de repente...

— Sua mãe ligou para ele.

— O quê? — Arregalou os olhos, empalidecendo.

— Mas... Ela não podia ter feito isso! Não aguento mais minha mãe se metendo na minha vida desse jeito! Droga! Que droga!

Lembrei da noite anterior. Depois que terminamos de transar, quando a pus no chão e saí de dentro dela, só podia ouvir sua declaração de amor ecoando em meus ouvidos. Mas eu não queria ser amado. Gostar de mim, ter tesão, até se apaixonar momentaneamente eu até tolerava. Mas amor não. Amor para mim era uma doença, que deixava pessoas normais capazes das maiores loucuras.

Eu tive vontade de mandá-la embora. De terminar tudo que tivemos, antes que se tornasse incontrolável, que envolvesse outras pessoas, que

me envolvesse. Tinha decidido anos atrás que não casaria, não teria filhos, não seria nunca mais alvo de amores obsessivos. Dentro de mim um pesadelo continuava, uma lembrança da dor que senti. Do desespero que presenciei. E se havia algo na vida que me dava medo era aquilo.

Mas Ana tinha me olhado, talvez percebido o que me afligia, pois segurou meu braço e disse com emoção e sinceridade:

— Isso não muda nada, João. Nosso acordo continua o mesmo. Um mês.

— Muda tudo, Ana.

— Mas você não sabia? Eu não disse que me encantei desde que vi sua foto?

Tínhamos ido até a sala, arrumando nossas roupas. Estávamos de pé na penumbra, fitando-nos a poucos passos um do outro. Falei sério:

— Encantar, gostar, ficar. Não quero seu amor. Desde o início deixei isso claro. E agora...

— O que você quer? Que eu finja? — Estava sendo franca, sem disfarçar ou jogar. Sem se esconder.

— Eu quero que não me ame.

Ela suspirou. Balançou a cabeça.

— Não entendo você. Parece decidido a afastar

quem gosta de você de verdade. Mas está com Fernanda até hoje. Me disse que a ama. E está mais do que claro que ela também ama você.

— É amizade.

— Amigos que transam? Então é isso? Você já a ama e por isso só se envolve com outras por sexo?

— Fernanda não me cobra nada. Não me sufoca nem faz exigências. Nossa amizade é mais forte que tudo. Você não entenderia. — Passei a mão pelo cabelo, sem saber por que me explicava tanto. Era até simples. Toda vez que a coisa se complicava daquele jeito, eu pulava fora. Por que agora estava sendo tão difícil?

Fitei-a. No fundo eu não queria que ela fosse ainda. Uma parte de mim tentava me convencer que Ana não ficaria obcecada, que aceitaria o fim quando aquele mês terminasse. Podia esperar só mais um pouco. Mas outra parte estava alerta, gritando para resolver aquilo antes que fosse tarde demais.

Ana me fitava e, sem uma palavra, começou a tirar o vestido. Ficou nua, apenas usando as sandálias de salto alto, mais linda do que nunca banhada pela luz difusa que vinha de fora. Encurtou a distância entre nós e sussurrou:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos para a cama. Se prefere assim, não falo mais sobre isso, João. — E me abraçou. Quando deslizou a boca em meu queixo, até a minha, beijando-me, colando os seios em meus peito, eu a agarrei forte. E me convenci que tudo estava sob controle. Mesmo com todas as dúvidas gritando dentro de mim. E fomos para a cama.

Agora eu acordava com aquela notícia de Vítor. A voz de Ana penetrou minhas lembranças:

— O que faremos agora, João?

Naquela cama, onde eu a tive de noite e de madrugada, onde estávamos sentados agora, tomei uma decisão. Olhei-a e estranhamente me acalmei. Até senti certo alívio, como se afastasse um grande perigo de mim. Falei baixo, bem sério:

— Acabou, Ana.

Estava imobilizada. Seus olhos enormes no rosto pálido. Engoliu em seco, entendendo. Mas buscando outra solução.

— Vítor vai entender que não há mais nenhuma chance.

— Vai. Mas até lá não vou olhar na cara dele, vendo-o sofrer por você e sabendo que contribuo para esse sofrimento. Foi um erro desde o início, Ana. E a culpa foi toda minha.

PERIGOSAS ACHERON

— Que culpa? De nos desejarmos? — Inconformada, franziu o cenho, mordendo os lábios. — Não estamos cometendo pecado nenhum.

— O que você sentiria se soubesse que está transando com o homem que Paola ama? Que vai vê-la arrasada, tentando, enquanto você se farta na cama com ele? Poderia olhar nos olhos dela?

Ana ficou imobilizada, enfim entendendo. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Murmurou:

— Não é justo.

— Ana, começamos tudo errado. Ia acabar mesmo.

— Sabe que eu acho, João? Que o que eu disse ontem fez a diferença. Só esperava outra desculpa para cair fora.

— Não preciso de desculpas, mas de fatos. Não sei lidar bem com a culpa e o remorso. — Fui bem direto, sério, duro.

— Acabou.

Ela me fitou um tempo, bem séria também. Então, vi sua expressão mudar. Não chorou nem implorou. Afastou o lençol e se levantou, nua.

— Tudo bem, João. Eu entendi. — E se dirigiu à porta.

Não foi ao banheiro, nada. Simplesmente saiu do

quarto. Ergui-me também, vesti a calça da noite anterior que estava no chão e a segui. Na sala, já colocava o vestido e se sentava no sofá para calçar as sandálias.

— Ana, use o banheiro. Vou me arrumar para te levar.

Ela me ignorou um minuto, até estar pronta. Pegou sua bolsa no sofá e se levantou. Só então me encarou, tão séria e decidida que por um momento vacilei. Perdi o alívio, a certeza do que eu fazia. Só o medo continuava lá, no mesmo lugar. Medo de ter me envolvido mais do que gostaria. Desde o início ela me tocou mais do que as outras mulheres. E aquilo ainda não tinha acabado.

— Não precisa. Prefiro sair sozinha. — Ajeitou a bolsa no ombro. Por um momento, apenas nos olhamos. E a emoção brilhou nos olhos dela, uma dor tão forte que quase desisti de tudo. Mas se recuperou logo. — Não me arrependo de nada, João.

Se dirigiu à porta.

— Ana.

Mas ela não me ouviu. Apressou o passo e saiu. Quando a porta fechou, senti um baque por dentro. Não me mexi, não pensei, não fiz nada além de

sentir. O que mais me surpreendeu foi a saudade, tão rápida se infiltrando em mim. Mesmo sem querer eu soube que também ainda a queria. No entanto, tinha sido a melhor solução. A única possível.

Voltei ao quarto. E embora não estivesse mais com sono, caí na cama. Na hora fui envolvido pelo cheiro de morango e fechei os olhos.

ANA FLOR

Eu me sentia dopada. Andando pela rua da Barra vazia àquela hora da manhã de domingo, eu não sabia para onde ia. Não tinha escovado os dentes, feito xixi ou lavado o rosto. Só seguia em frente, sempre em frente. Sabendo que não tinham me dado escolha, que era obrigada a encarar uma realidade que ainda não queria.

Não chorei. Nem pensei direito. Acho que se fizesse isso não conseguiria dar mais nenhum passo e me encolheria em um canto. Olhei o mar do outro lado, senti a brisa que vinha de lá, continuei perdida em meu caminho. Foram metros, quilômetros, até perceber que não aguentaria mais. Então fiz sinal para um táxi que passava e dei o endereço de casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais tarde, lembrando daquele trajeto, não consegui me dar conta do que pensei. Só olhei pela janela, a imagem de João fixa em minha mente, como um filme parado, estagnado. Paguei ao taxista, desci, entrei em meu prédio e no meu apartamento silencioso. Agia como em piloto automático. Primeiro as coisas de mais necessidade.

Fui fazer xixi, estava apertada. Tomei um banho, escovei os dentes, penteei meu cabelo. No quarto, pus um short, uma camiseta, chinelos. Peguei uma mochila e joguei algumas roupas e objetos dentro. Nem vi direito o que. Só então saí do quarto.

Minha mãe tinha acabado de levantar. Mesmo em casa, usava um belo robe de seda vermelho, cabelo já arrumado, rosto levemente maquiado. Paramos no corredor e me olhou com aquela sua torção de boca e jeito de desagrado.

— Já vai sair de novo? Passa a noite fora e agora os dias também?

— A senhora conseguiu o que queria. Vou passar um tempo na casa de Paola. Quando precisar de alguma coisa, venho aqui pegar — falei friamente. Já ia passar por ela, mas se meteu na minha frente, sem poder esconder a surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do que está falando? Vai sair de casa?

— Casa? — Ri sem vontade. — Chama de casa esse campo de concentração? Um lugar onde sou incomodada o tempo todo e não tenho paz? Onde a senhora age pelas minhas costas e se mete na minha vida, como se tivesse esse direito?

— Ora, pare de drama! Eu só estou lutando por sua felicidade!

— Minha felicidade? Quem sabe disso sou eu. Está desesperada, pois sempre achou que devia me casar com um homem rico. Depositou todas as suas fichas nele. Só esqueceu uma coisa: perguntar o que eu queria.

— E o que sabe da vida, Ana? Passava a maior parte do seu tempo lendo aquelas baboseiras e agora...

— A vida é minha! Errando ou acertando, faço minhas escolhas — falei irritada, bem séria, encarando-a. — Sabe o que fez agora? Sentir mais raiva de Vítor! A cada vez que me empurra para ele, que tenta me forçar, eu me afasto mais!

— Ana, escute com atenção...

— Não quero ouvir mais nada. Estou saindo. E se as coisas não melhorarem aqui, se eu continuar sendo desrespeitada, sem paz, sem escolha, vou

PERIGOSAS ACHERON

alugar um apartamento para mim.

Ela não parecia acreditar. Pus a mochila no ombro e me afastei pelo corredor.

— Ana! Volte aqui, ainda não acabei de falar! Ana Flor!

Mas não a obedeci. Senti-me mais leve e liberta ao escapar de sua opressão.

— Que merda! — exclamou Paola, ainda descabelada e limpando os olhos com as pontas dos dedos. Eu a havia acordado e desabafado tudo. — Cara, vontade de dar uma surra na Isabel e no Vítor! E no João também!

— Sabe, eu até entendo como ele se sente. Tem amor pelos tios e por Vítor e uma dívida de gratidão com eles, que o acolheram e o criaram. Falou hoje uma coisa que é verdade. Se fosse algo assim entre mim e você, como eu me sentiria. Eu não poderia ser feliz fazendo você sofrer.

— É foda mesmo! Mas e você? Como fica agora?

— Sozinha. — Eu sentia algo horrível na minha garganta, como se um pedaço de osso estivesse cravado no meio dela, incomodando, dificultando engolir a saliva e respirar. O peito doía, pesado. Tentava não me entregar, não pensar em tudo aquilo ou no quanto eu sentiria falta de João. Mas

ficava cada vez mais difícil ser forte.

— Se tua mãe não fosse fofoqueira tudo poderia se ajeitar. Porcaria! Quer dizer que aquele chorão tá voltando para encher seu saco?

— O pior, Paola, é que sei que Vítor nem me ama de verdade. Só não está acostumado a tomar um fora. Maldita a hora que não segui meu coração e fiquei com ele! Merda! Mil vezes merda!

— Eita! — Paola acabou rindo. — Calma, querida. Tudo vai se resolver.

E foi então, naquele momento, que a realidade veio feroz como um balde de água gelada caindo de repente em cima de mim. Minha visão ficou turva pelas lágrimas e a dor foi tão intensa que quase me curvei. Pensar que não veria mais João, que não o abraçaria, nem beijaria ou o teria dentro de mim, tirou o meu ar. Eu ainda não estava preparada para perder o amor da minha vida.

— Ana... — Paola sussurrou, com pena.

Não aguentei mais. Enfiei o rosto entre as mãos e comecei a soluçar. Paola me abraçou forte.

— Ah, meu bem, não fica assim. Com o tempo tudo se resolve, você vai ver...

Mas não consegui parar de chorar. Porque era muita coisa contra, Vítor no caminho, a vida de

dominador de João, seu passado, Fernanda. E não bastava o meu amor para resolver tudo.

Chorei até ficar exausta, com dor de cabeça, nos braços de Paola. Eu seria forte. Mas depois. Por enquanto, só queria morrer.

JOÃO PEDRO

Meus tios ligaram perguntando se eu não queria ir buscar Vítor no aeroporto, às cinco da tarde daquele domingo. Inventei um compromisso e disse que na segunda passaria lá depois de sair do hospital. Passei o resto do dia sozinho em meu apartamento.

Tentei me distrair, ler algumas revistas médicas, assistir a um jogo, mas estava agitado demais. No final da tarde fui à praia em frente e dei um mergulho. Mas continuei do mesmo jeito, incomodado, agoniado, nervoso. Ana me perturbava além da conta. E acabei tendo que confessar a mim mesmo que estava já sentindo a falta dela.

Não foi fácil. Deitado na espreguiçadeira do terraço, olhando a noite estrelada, passado e presente se misturaram na minha mente. O que mais odiava na vida era me sentir inseguro, como

acontecia agora, longe de Ana, com o que despertava em mim. Acho que por isso eu e Fernanda nos dávamos tão bem. Com ela eu me sentia seguro. Não havia ameaça. Pelo menos nunca tinha tido.

Senti aquilo duas vezes antes, insegurança. Quando minha mãe se matou e deixou o bilhete de que não viveria sem mim. Era a culpa. De alguma forma provoquei aquilo. Fiquei perdido na época. E também aos vinte e um anos, quando Angélica também se matou. Mas essa não deixou um bilhete. Não precisou.

Fechei os olhos por um momento, atormentado. Chegava quase à beira do pânico em meus pensamentos mais íntimos sobre aquilo. Nove anos tinham se passado, mas parecia que foi ontem. A cena se repetia sem parar. Lembrando-me sempre do que o amor doentio podia causar. E que eu parecia atrair.

Conheci Angélica em uma festa de tema BDSM. Eu tinha ido com Fernanda e ela jogou com nós dois. Éramos todos jovens e até inexperientes. Foi uma noite e tanto e repetimos. Mais de uma vez.

O que me chamou a atenção nela foi a beleza fora do comum e a alegria. Animava-se com tudo.

Começava a fazer sucesso como modelo, tinha dinheiro, a vida que queria. E adorava se arriscar. Aos poucos passou a me procurar sem Fernanda. Foi uma daquelas atrações loucas. Jovens que se devoravam sexualmente. Cada vez mais. Só que foi se tornando possessiva, ciumenta, até com Fernanda. Comecei a me encher. E quando quis me obrigar a escolher entre as duas, optei por minha amiga. Deixei claro que não me forçaria a nada.

Ficou obcecada em me fazer amá-la. Mudou de táticas. Suavizou, voltou atrás. Numa noite, em que bebi demais, me levou ao seu apartamento e nem lembro, mas transamos e não usei camisinha. Ficou grávida.

Foi um susto. Meus tios ficaram chocados, eu era novo demais, fazia faculdade. Ela não tinha família. Começou a fazer pressão para casamento. Eu disse que assumiria tudo. Participaria na educação do nosso filho. Mas não casaria. O seu jeito possessivo, sempre chorando, cada vez mais chantagista e agressivo, me fazia afastar ainda mais dela. Pagava suas contas, preparava tudo para a chegada do bebê, minha tia tentava ajudar, aconselhar, a visitava sempre. Dizia que ficaria em nossa casa por um tempo quando meu filho

nascesse.

Estava com sete meses de gravidez e acabei me acostumando que seria pai. Estava ansioso com aquela chegada. Mas Angélica me tirava do sério. Toda vez que ia vê-la, acabava gritando, chorando, quebrando coisas. A empregada até saía de perto, com medo.

Uma vez, quando estávamos nos dando ainda bem, comentei que minha mãe tinha se matado e me sentia culpado. E então passou a dizer que se mataria também. Ameaçava isso cada vez mais. Exigia que dormisse com ela, que casasse, que a amasse. Foi um inferno. Era uma tortura visitá-la. Só o fazia pelo bebê. Pensava em ficar com a criança quando nascesse, pois Angélica era uma louca descontrolada.

Até que chegou aquela noite. Tinha bebido, coisa que sempre causava briga entre a gente. Ficou gritando que se mataria, que eu só queria o bebê, que quando nascesse não ligaria mais para ela. A empregada já saía de fininho quando, de repente, Angélica correu para o terraço do 19º andar. Não houve tempo de palavras, de segurá-la, de nada. Em uma crise de loucura, ou simplesmente para me afetar da única maneira que poderia, jogou-se lá de

cima. Matou a si mesma e ao meu filho inocente, que nem teve chance de nascer.

Eu nunca tirei aquela cena da cabeça. A sensação de impotência, o terror, a culpa, o desespero. Se não fosse a empregada ter assistido tudo, talvez ainda fosse incriminado como suspeito de assassinato. Dali desisti de ter filhos, de ter um relacionamento. Eu já era difícil, com meus desejos que para muitos seriam taras. Com a criação que tive. E com dois suicídios nas costas.

Demorei anos para conseguir ao menos viver sem relembrar aquilo a cada respirada. Eu mantinha em um canto, escondido. Mas odiava despertar sentimentos de posse. Terminava sempre que a mulher dava um indício daquilo. E não tinha sido difícil. Afinal de contas, nunca me apaixonei.

Agora Ana complicava tudo. A melhor coisa era realmente esquecê-la. Tinha que me manter longe dela, por Vítor e por mim mesmo. Até minha vida voltar ao normal, ao que sempre foi.

O pior era me convencer disso.

ANA FLOR

A semana foi uma tortura. Por vários motivos.

Eu praticamente me arrastei para o trabalho. Quase não dormia nem comia com saudade de João. Aquele sábado que passamos juntos em seu apartamento não saía da minha cabeça. Assim como cada sorriso ou olhar dele, sua voz, seu toque, tudo. E para piorar, minha mãe ligava, me chamava de infantil, tentava me forçar a voltar para casa.

Só para coroar, Vítor me cercou depois do expediente na porta do fórum, insistindo em conversar, tentando me convencer a sair com ele, entrar em seu carro. Fui educada, mas fria. Deixei claro que não voltaria para ele. E parti o mais rápido possível.

Na terça ele me ligou. Não atendi. Na quarta me procurou de novo e vi que me seguiu de carro até o prédio de Paola. Fingi não ver. Na quinta apareceu no restaurante em que eu almoçava no intervalo do trabalho, com chocolates e flores. Disse que me amava. Perguntou quem era o homem que conheci, se ainda estava com ele, que me aceitaria de qualquer maneira. Bem séria, expliquei que eu não tinha ninguém e falei pela milésima vez que só estava me irritando com aquela perseguição, que devia aceitar o fim e seguir com sua vida. Que se

não me deixasse em paz eu pararia de falar com ele. Vi que saiu de lá arrasado, parecendo finalmente aceitar que era o fim. Levou com ele as flores e o chocolate.

Cheguei exausta ao apartamento de Paola. Depois de um banho, caí na cama e fiquei lá, morta pra vida. Fazer Vítor sofrer me desolava, mas ele precisava aceitar, nem que fosse da pior maneira.

Já passava das oito da noite quando minha amiga entrou no quarto e acendeu a luz, fitando-me.

— Vai dizer que nada de jantar hoje de novo?

— Tô sem fome.

— Ah, chega dessa tortura, Ana! Pelo amor de Deus, levanta dessa cama!

— Me deixa, Paola.

— Levanta! Vamos jantar! Fiz sopa de abóbora com carne seca, sei que adora! E comprei uma fatia de torta pra gente dividir. Vem logo. — E já me puxou para fora das cobertas.

— Meu Deus, sempre tem alguém querendo me mandar fazer alguma coisa! — reclamei, enquanto ela me arrastava pelo braço até a cozinha, me empurrando para a cadeira. Sorriu e pôs um prato de sopa na minha frente.

— Toma tudo!

PERIGOSAS NACIONAIS

Rolei os olhos. Mas comecei a comer. Estava realmente gostosa e me animei a continuar. Satisfeita, Paola sentou em frente, atacando o seu prato.

— O que faremos amanhã? Loretta?

— Quero ficar em meu canto.

— Ana, vai ficar assim nessa fossa o resto da vida?

— Não é fossa.

— Não? Imagino se fosse! Emagreceu, está com olheiras, se arrasta por aí! Tem que reagir, menina.

— Eu sei, Paola. — Suspirei, largando a colher.

— Mas de que adianta sair? Para dar de cara com Vítor em cada lugar?

— Ele é ridículo. — Balançou a cabeça. — Vamos ao Loretta amanhã, como sempre fazemos. Amanhã a Lu vai cantar lá. Dane-se aqueles primos Valente! Se o babaca aparecer lá, derrubo uma jarra de chope na cabeça dele!

Acabamos sorrindo.

— Falo sério. É sacanagem parar sua vida por causa do criação mimado. Vamos dançar e vai voltar outra.

— Amanhã a gente vê.

No dia seguinte, saí mais cedo do trabalho, passei

PERIGOSAS ACHERON

em casa quando minha mãe não estava e peguei mais umas coisas. No apartamento de Paola, nos preparamos para sair, embora eu só quisesse ficar na cama. Tinha quase certeza de que Vítor apareceria por lá.

Ao chegarmos e nos encaminharmos à nossa mesa de sempre, lembrei de sexta-feira passada, quando João chegou ali e praticamente me arrastou para fora. Olhei em volta, rezando para que acontecesse de novo, embora soubesse que seria impossível.

Cumprimentei todo mundo e sentei. Paola já pedia cerveja pra gente. Eu mal prestava atenção, pensando como João estaria. Naquela noite teria saído com Fernanda? Ou quem sabe estivesse jogando com suas cordas e chicote no clube?

— Oi, Ana. — Ricardo chegou e veio se sentar ao meu lado, beijando meu rosto, avaliando-me com o olhar. — Tudo bem?

— Tudo. — Sorri.

— Esteve doente?

— Não.

— Bom ver você aqui. Da outra vez saiu tão de repente.

Senti sua curiosidade, o modo como me olhava.

— É, eu tinha que ir — desconversei. Não me sentia à vontade ali com ele. Tinha medo de que Vítor aparecesse de repente e fizesse escândalo. Já ia inventar uma desculpa para sair quando Ricardo disse, segurando minha mão sobre a mesa:

— Escute, Ana. Sei que as coisas não estão fáceis para você. Mas queria te dizer uma coisa. Sempre gostei da sua companhia. — Seus olhos castanhos estavam fixos nos meus e quase pus a mão em sua boca, para impedi-lo de falar. Eu não queria ouvir nada daquilo. Mas fiquei impotente, enquanto continuava: — Se pudesse me dar uma chance. Sabe que sempre fomos amigos, mas... Tô muito a fim de você.

Meu Deus, e essa agora! Delicadamente, puxei a mão que ele segurava. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Vítor se materializou ao meu lado, furioso:

— Então é esse seu amigo de merda! Eu sabia!

Tomei um susto e Ricardo na mesma hora levantou, encarando-o. Ah, não! De novo não! Perdi a paciência e me levantei também, virando para meu ex-noivo muito irritada.

— Eu não aguento mais! Suma, Vítor! Estou cansada disso!

— Não acredito que me deixou por ele! — Apontou para Ricardo, cheio de raiva. — Esse é seu amor? E você, que sempre disse que era só amizade! Como pôde fazer isso comigo, Ana?

— Fazer o quê? Tá maluco? Cansei de falar com você! Chega! Nunca mais quero que se dirija a mim, Vítor, tá escutando? — Eu estava descontrolada, toda a tensão e o sofrimento daqueles dias vindo à tona, deixando-me trêmula, cansada da mesma ladainha.

Mas pareceu nem me ouvir, dominado demais pela fúria.

— Transou com ele? — perguntou alto, fora de si.

— O quê?

— Você é um babaca! Cai fora! Não tá vendo que a Ana não quer mais saber de você? — Ricardo falou brusco atrás de mim, encarando-o.

Vários dos nossos amigos tinham se levantado. Paola veio para perto, olhando para Vítor muito irritada. Mas ele parecia só ter olhos para Ricardo, sedento de sangue.

— Vou te mostrar quem é babaca! — E partiu para cima de Ricardo. Foi rápido e o primeiro soco derrubou o rapaz em cima da mesa, sobre tulipas, entornando tudo. Desesperada, não acreditei

naquilo. Ricardo levantou furioso e o atacou. Os dois se engalfinharam e minha primeira reação de pânico foi separá-los. Mas me meti na hora errada.

No meio da confusão, Vítor acertou um soco de raspão em meu maxilar e fui arremessada de lado, tropeçando na cadeira e indo ao chão.

— Ana! — Paola gritou. Na hora os dois pararam de lutar, paralisados ao ver a cena. Muita gente tinha parado para ver a confusão. Paola e Cláudio, outro amigo meu, me ajudaram a levantar. Todo o lado direito do meu rosto parecia dormente e eu estava ligeiramente tonta. — Isso já é demais!

Paola se voltou furiosa para Vítor e avançou para ele, empurrando seu peito com as duas mãos, fazendo-o ir para trás.

— Seu desgraçado mimado! Se você aparecer mais uma vez na frente da Ana eu te mato, tá ouvindo? Qual é a tua? Tu é surdo, mudo ou só idiota mesmo, porra?

— Eu não queria... Meu Deus, a Ana... Foi sem querer!

— Olhou desesperado para Paola, que o encarava bem de perto, encurralando-o numa mesa, metendo o dedo na cara dele.

— Você nunca quer nada, não é, bebezão? Só

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe choramingar e fazer merda! Vê se cresce! Tá infernizando a vida dela! A Ana vai acabar ficando com nojo de você. Quem pode gostar de um chato sem noção assim? Puta que pariu! Vontade de arrebentar a tua cara!

Com a mão sobre o rosto dolorido, eu os olhava. Paola parecia uma fera. Vítor a encarava com cara de desespero, sem saber o que dizer, o arrependimento em pessoa. Naquela hora os seguranças do clube se aproximaram para saber da confusão e Paola apontou para Vítor e Ricardo:

— São esses dois aqui! Na briguinha de galo deles, acertaram minha amiga!

— Mas foi ele quem começou! — defendeu-se Ricardo.

No meio do bolo, os dois acabaram sendo levados para fora. Ricardo reclamava sem parar. Vítor olhou com vergonha para mim e depois para Paola. Por fim, abaixou os olhos e saiu.

Conseguiram gelo para mim e fiquei sentada segurando um lenço com gelo sobre o maxilar dolorido e um pouco inchado. Feliz mente o soco não viera em cheio. Mas eu esperava que pelo menos tivesse servido para pôr um ponto final naquela perseguição de Vítor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá tudo bem? — Paola perguntou, preocupada.

— Tudo, foi só de raspão.

— Cara, que ódio dele! Se pudesse eu matava o Vítor!

— Respirou fundo. — Vou ali buscar uma água pra você e já venho.

Concordei com a cabeça. Meus amigos me cercavam com cuidados, mas para mim a noite havia acabado. Tudo que eu queria era deitar e dormir. E esquecer tudo aquilo.

JOÃO PEDRO

Naquele sábado à noite eu fui com Fernanda ao casamento de um médico amigo nosso que trabalhava na Santa Casa. Foi em uma mansão luxuosa onde a família da noiva morava. Champanhe de melhor qualidade circulava, garçons serviam o tempo todo, os convidados se divertiam na pista de dança.

Por mais de uma vez Fernanda me chamou para dançar, mas eu estava especialmente mal-humorado naquele dia. Não era boa companhia para ninguém, nem para mim mesmo. Era uma daquelas noites em que nem deveria ter saído de casa.

PERIGOSAS ACHERON

Sentado a uma mesa, eu tomava mais champanhe do que deveria, pois ainda ia voltar dirigindo. Olhava em volta, mas na verdade meu pensamento estava longe dali. Pensava naquela semana, em como tentei evitar Vítor, mas ele insistia em ligar e desabafar, dizer o quanto estava tentando ter Ana de volta, nas vezes em que a procurava. Por fim, dei um fora nele e não voltei a dar entrada para que me procurasse. Era uma história encerrada para mim. Já passara do limite.

— João, o que você tem? — Fernanda, sentada ao meu lado, indagou, um tanto irritada. — Nem te reconheço mais!

Eu a olhei, sério, deixando a taça vazia sobre a mesa.

— Do que está falando?

— Do que estou falando? — Riu sem vontade. — Você ainda pergunta?

Não respondi. Mantive-me apenas encarando-a.

— Nem parece o cara que sempre conheci. Tá distante, diferente.

— Não diga besteira.

— Ah, é? Então me diz, por que está com essa cara? Por que o mau humor a semana toda?

— Só estou cansado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Engraçado o seu cansaço ter começado exatamente desde que mandou aquela sonsinha passear — ironizou.

— Ana não é sonsa.

— Nossa, mas que defesa rápida! Tá vendo só? Nem dá para acreditar. Só falta dizer que está a fim dela de verdade!

— Seu olhar era frio. Mas não tanto como o meu de volta. Insistiu: — É isso?

— Não quero discutir esse assunto.

— João... — Fernanda veio mais para perto, segurou o meu braço, bem séria. — Sempre fomos amigos. Agora você não me procura mais. Não me conta o que está acontecendo. Nunca mais foi ao clube sozinho. Sabe há quanto tempo não transamos? Desde que ficou com a noiva do Vítor.

— Ela não é noiva dele. E não estou entendendo tanta cobrança, Nanda. — Franzi o cenho, tentando esconder parte da minha irritação.

— Mas não é cobrança! É preocupação!

— Eu estou bem.

— Ah, está? Diz isso na minha cara?

— E por que não diria?

— Tá certo. Então, vamos sair. Não sente falta de usar o seu chicote? O seu cinto? Sabe que não sou

PERIGOSAS ACHERON

cheia de frescura, pode bater até marcar! Aposto que com a tal Florzinha mal deu uns tapinhas! E você precisa mais do que isso, amigo. Se continuasse com ela, acabaria perdendo o controle uma hora ou outra. Vi a cara dela no clube. Não suportaria. Nunca mais ia querer ver você.

Não respondi. O pior de tudo é que Fernanda devia ter razão. Eu precisava daqueles jogos, era uma parte de mim. Estranhamente, com Ana, ainda controlei parte de quem eu era. Mas uma hora ou outra viria à tona. E talvez eu a machucasse mais do que ela poderia suportar. Mais uma vez sabia que tinha sido melhor me afastar o quanto antes. Éramos de mundos e gostos bem diferentes.

Pensei em tudo que eu e Nanda fazíamos na cama. Se saísse com ela agora, perderia parte daquele mau humor, daquele incômodo que me acompanhava a semana toda. Poderia ser eu mesmo, livre de qualquer controle, nos meus momentos mais brutos, mais de dominação e dor. Fernanda se submeteria a tudo que eu quisesse, que eu precisasse. Tínhamos ido inúmeras vezes além dos nossos limites. E eu precisava daquilo.

O problema foi que não senti o desejo. Olhando-a ali, linda na minha frente, disposta a tudo, sofri um

baque ao me dar conta de que preferia até o sexo tradicional com Ana do que o sadomasoquismo que tanto me atraía com Nanda. Era confuso, além de qualquer compreensão. Até porque sentia que precisava soltar aquela fera irracional que de vez em quando surgia e me consumia por dentro. Então por que estava tão reticente? Por que nas minhas maiores fantasias me via dominando completamente Ana, mostrando a ela quem eu realmente era? Teria coragem de continuar me amando depois que a machucasse? Que me visse sem nenhuma máscara?

— E então? O que me diz? — Seus olhos verdes brilhavam de pura luxúria. — Vamos. Faço tudo o que quiser. Sabe que manda. E obedeço.

— Hoje não. — Me vi dizendo e percebi que era mesmo aquilo. Não estava com tesão. Não forçaria a barra.

Vi como empalideceu. Poucas vezes a recusei. Ela nunca se recusou a mim. Mas de alguma forma, aquela vez a magoou. Suspirei e tentei amenizar, explicando:

— Vou procurar você, Nanda. Mas não hoje. Não sou boa companhia nem para mim mesmo.

Ela nem teve tempo de retrucar. Dois amigos

nossos vieram à mesa nos cumprimentar e ficaram jogando papo fora. Fernanda sorriu, conversou, mas o tempo todo ficou rígida, sem poder me olhar.

Lembrei de Ana dizendo se eu não me dava conta de que Nanda me amava. Sim, nós nos amávamos. Mas não aquele amor romântico que atrapalhava a vida das pessoas com ciúme e causava danos. O nosso era firme, seguro, com base na amizade. No entanto, desde que passei a me relacionar com Ana, Fernanda estava diferente. O que começava a me incomodar.

Naquele momento, meu celular tocou. Quando vi um número desconhecido, pensei em ignorar. Mas, de última hora, atendi. Na mesma hora uma voz feminina irritada despejou as palavras:

— Aquele desgraçado do seu primo bateu na Ana!

— O quê? — Fiquei petrificado.

— Só vou dizer uma vez, João Pedro: Coloca aquele lunático numa camisa de força, numa jaula, onde você quiser. Se ele chegar mais uma vez perto dela, vou capá-lo! E tem mais...

— Ei, calma aí, Paola! Que porra é essa? — Levantei da mesa e me afastei, muito nervoso.

— O Vítor ficou com ciúmes do Ricardo lá no

Loretta e partiu para cima dele. Trocaram socos, a Ana foi separar e acabou tomando um na cara do Vítor. Depois o bobão saiu chorando: “Não queria fazer isso”. Ah, me poupe!

— Como ela está?

— Ficou com o soco! Não dá para voltar atrás. Qual é a dos homens da sua família, hein? Se divertem batendo em mulheres? — indagou revoltada.

Eu me senti empalidecer. É claro que Ana contaria à amiga o que tinha rolado entre a gente. E Paola também a acompanhara no clube e me vira com o chicote. Ignorei a farpada. Estava preocupado demais com Ana.

— Onde vocês estão? No Loretta?

— Tô saindo agora. Vou levá-la pro meu apartamento. Mas tô falando sério! Não me responsabilizo por meus atos se aquele espancador chegar perto! — E desligou.

Respirei fundo, ansioso, minha mente a mil imaginando-a com o rosto machucado. Voltei à mesa ainda muito nervoso, fora de mim de tanta preocupação.

— Preciso ir, aconteceu uma emergência — avisei rápido. Antes que Fernanda perguntasse o

que, me virei para André e Carlos. — Um de vocês poderia levar depois a Nanda em casa? Preciso sair correndo.

— Claro, sem problema — concordou André.

— O que houve? — Nanda franziu o cenho, sem entender.

— Depois a gente conversa. — Dei um beijo em sua cabeça, despedi-me dos amigos e me afastei rapidamente, sob o olhar duro de Fernanda.

Sabia onde era o prédio de Paola, Ana me mostrara. E sem vacilar, dirigi para lá. Estava puto com Vítor. Ele que aguardasse. Se insistisse em chegar perto de Ana de novo, eu é que arrebentaria a cara dele.

Então me dei conta de que era o roto falando do esfarrapado. Quem estivera ainda há pouco pensando exatamente em bater nela? Mesmo sendo diferente, no meu caso haveria concordância e prazer, não deixava de ser igual, no final das contas. Ao menos Vítor tinha a desculpa de que havia sido sem querer.

Cheguei rapidamente ao prédio em que Paola morava. Não podia estacionar em frente a ele e tive que deixar o carro em uma ruinha na lateral, vazia àquela hora. Bati a porta e me dirigi até o porteiro,

que do lado de dentro da entrada gradeada informou que as duas ainda não haviam chegado.

Parei na calçada, disposto a esperar. Mas não demorou muito. Logo um táxi estacionava ali e as duas desciam. Ana me viu de imediato e ficou imobilizada, seus olhos arregalados para mim. Senti meu coração disparar, tão loucamente que por um momento não tive ação.

Eu tinha esquecido o quanto era linda, com aqueles cabelos cheios, lisos e brilhantes espalhados, o vestidinho tomara que caia preto modelando o corpo bem feito, aqueles olhos de um tom caramelo brilhando para mim. E então vi o pequeno inchaço em seu maxilar direito e consegui reagir, dando uns passos em sua direção.

O táxi se afastou. Ana também reagiu, mas continuou parada na beira da calçada. Paola passou suspirando e dizendo apenas:

— Vou deixar vocês dois conversarem. — E entrou no prédio.

— João. — Não tirou os olhos dos meus, quando parei à sua frente. E nem eu dos dela. — O que faz aqui?

— Soube do que aconteceu. — Sem poder resistir, segurei seu queixo e virei seu rosto, para

PERIGOSAS NACIONAIS

ver o local mais inchado.

— Porra, o Vítor fez mais do que uma merda agora.

Tocar sua pele macia esquentou meu sangue. Tentei não demonstrar. Mas não a soltei, apenas voltei seu rosto de frente ao meu.

— Como você está?

— Chateada, com raiva. Foi só de raspão. A situação toda é que me irrita — disse baixinho. Seus olhos expressivos não escondiam nada de mim. Pude ver ali a mesma saudade que senti. Bastava estarmos perto um do outro, apenas meus dedos em seu queixo, e o desejo já nos rondava potente, quente, intenso.

Sabia que deveria soltá-la. Já tinha conferido que estava bem. Mas então Ana arfou e entreabriu os lábios e meu olhar fixou-se ali, tão vermelhos e convidativos. O tesão veio violento, congestionando minha razão, bombardeando meus instintos, fazendo o sangue aquecer, correr denso nas veias.

— João... — Ao murmurar meu nome naquele tom rouco, o mesmo que usava quando estava embaixo de mim cheia de prazer, com meu pau bem enterrado dentro dela, perdi o controle de vez.

PERIGOSAS ACHERON

Agarrei sua mão.

— Vem comigo. — E a levei até a pequena e escura rua ao lado. Destravei as portas do carro com o controle e abri a detrás. Ela não perguntou nada nem vacilou. Entrou, logo seguida por mim; eu tranquei tudo. E já a puxava esfomeado para o meu colo.

Não pensei. Não escolhi. Somente o que eu sentia por ela me dominou de um jeito que não tinha mais volta. E quando a beijei na boca, quando senti seu gosto e fui nocauteado por seu cheiro de morango, senti que voltava a viver. Foi um beijo longo e faminto, devorador, enlouquecedor.

Ana me abraçou, sentou sobre meu pau duro e dolorido, enfiou os dedos em meus cabelos. Eu puxei o vestido sem alças para baixo, até sua cintura, minhas mãos já se fechando sobre seus seios. Apertando-os, sentindo-os. Nossas bocas se saborearam apaixonadamente, seu gemido se perdeu com o meu e logo eu a fazia ajoelhar no banco ao meu lado, arrancando o vestido todo, deixando-a só com a calcinha.

Consegui descolar meus lábios dos dela para abocanhar seu seio, chupar duramente um mamilo, enquanto Ana arquejava e se movia, puxando

minha cabeça para seu peito, se oferecendo toda pra mim. Acaricieei sua bunda e comecei a descer sua calcinha, o sangue latejando pesado, o desejo voraz me deixando irracional.

Não sei como consegui me lembrar do preservativo. Mas em questão de segundos estava com a calça aberta, o pau coberto, fazendo-a se sentar de frente, montada em mim. Não pensei se estava preparada. Tão desesperado estava que a descii e, quando mergulhei naquela maciez gotejante, quente como uma fornalha, quase explodi. Joguei a cabeça para trás no banco, respirei fundo, fiquei imóvel para me controlar. Mas Ana estava tão ensandecida de desejo como eu. Tomou-me todo até o útero e passou a se mover de modo avassalador, cheia de paixão.

Agarrei forte seu cabelo e sua bunda. Grunhi e a abaixei violentamente, até que a fazia me cavalgar, me engolir e massagear apertada e quentinha, a boceta encharcada. Perdi o controle e Ana também, como se tivéssemos combinado. O orgasmo veio único para nós dois, denso e voraz, extasiante.

— Caralho... Porra... — comecei a xingar, pois fui devorado junto, meu corpo totalmente conectado ao dela, todo meu ser se revolvendo,

PERIGOSAS NACIONAIS

erguendo e explodindo.

Ana gemeu, olhou-me com olhos pesados, buscou minha boca. E enquanto resquícios do gozo nos varriam, nós nos beijamos. E o resto do mundo perdeu toda a importância.

Como lutar contra o que era mais forte que tudo?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

DECISÕES

*Se você chega perto de mim tudo é felicidade
Se você se afasta de mim só eu sei da saudade
De repente você é pra mim a paixão sem medida
Por quem eu sou capaz de fazer qualquer coisa
na vida*

*Você chegou na minha vida
Entrou de vez pelos meus sonhos
Me conquistou com seu carinho, seus abraços e
seus beijos
Me enlouqueceu de desejos*

*(Você Mexeu Com Minha Vida - Maura Motta /
Paulo Sérgio Valle)*

ANA FLOR

Os vidros estavam embaçados. Totalmente abalada e entregue, eu apertava João, sentindo o cheiro delicioso e inconfundível de sua pele e seu cabelo, meus lábios nos dele, nossas línguas vagarosas, lânguidas. Ainda o tinha dentro de mim e adorava aqueles momentos pós-gozo, quando ficávamos assim, saboreando aquele contato, em uma intimidade tão gostosa como a transa em si.

João me apertava contra ele, seus dedos massageando minha nuca entre meus cabelos, seu corpo forte e quente dominando o meu. Deslizou os lábios até meu pescoço, aspirando meu cheiro, muito quieto. Eu o sentia diferente. Parecia mais brando, mais introspectivo.

Afastei um pouco o rosto, fitando seus olhos azuis, que brilhavam ali na penumbra do carro. Uma emoção violenta me envolveu. Sem poder me controlar, acariciei seu rosto, beijei a ponta de seu nariz afilado, enfiei meus dedos em seu cabelo. Emoções quentes, intensas, únicas, me envolviam, circulavam dentro de mim. Eu o amava tanto, mas tanto, que às vezes parecia não ter espaço para tanto amor em meu interior. Extravasava sem parar.

— Senti sua falta... — murmurei, o que era apenas uma maneira de dizer que quase morri sem ele.

Ficou olhando-me, um momento, tão calado e profundo, que achei que sentia o mesmo que eu. Havia algo inconfundível e verdadeiro nos ligando e senti a esperança se ampliar, me deixando mais feliz. No entanto, João reagiu de uma maneira que foi contra o que eu esperava. Segurou-me e me fez sair de cima dele, depositando-me no banco. Não me olhou enquanto tirava o preservativo, o amarrava e deixava num canto do chão. Nem quando ajeitava a calça e a camisa do terno. Parecia fazer os movimentos demorarem de propósito. Quando me olhou de novo, pronto como se nunca tivesse estado dentro de mim, estava mais frio e controlado.

E eu continuava ali, completamente nua. Só então me dei conta que estávamos na rua. Peguei meu vestido e o coloquei às pressas. Olhei em volta e João me estendeu a calcinha na ponta do dedo. Não o olhei ao colocá-la, pois estava com medo. Sabia que algo havia mudado.

— Ana — João começou e passou a mão pelo cabelo. Reparei que sempre fazia aquilo quando

PERIGOSAS NACIONAIS

estava nervoso. Por fim, o encarei, tentando me preparar. — Eu vim aqui hoje preocupado com você. Não sei o que me deu, arrastando-a até aqui desse jeito. As coisas não mudaram. É que...

— Não precisa dizer mais nada.

Nem eu acreditava onde consegui buscar aquela aparente frieza. Por dentro eu gritava e esperneava, mas olhei-o secamente, a raiva se infiltrando em cada canto meu.

— A culpa é minha, João. Você não tem culpa de nada.

— Que culpa? O que estou dizendo é que às vezes o desejo é mais forte, mas, pensando racionalmente, é impossível esse relacionamento.

— Realmente é impossível. E agora você me convenceu disso. Pode ficar tranquilo. Cansei desses joguinhos, de ficar de um lado para outro como uma barata tonta. — Eu não vacilei, fitando-o nos olhos, erguendo o queixo. — Uma hora você quer e na outra não. Mas agora quem se cansou fui eu.

— Ana, eu só queria saber como estava, se tinha se machucado.

— Ah, é? — Ri sem vontade, vendo sua expresso fechar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Engraçado isso, vindo de um homem que me bateu com palmatória, chinelo e chicote de fitas, sem contar com a própria mão.

João ficou pálido, imóvel. Eu o queria atingir, fazê-lo sentir a mesma dor que provocava em mim. A raiva me motivava:

— Doeu muito mais do que hoje. E você quis fazer cada uma dessas coisas, ao contrário de Vítor.

— Lembro de você gozando muito, cada uma dessas vezes — falou baixo, frio.

— Pois é, e isso ainda é pior. Você seduz, envolve, faz a mulher ficar de quatro e aí manda ver, não é, João? Só que tudo isso acabou, como disse. Eu ainda não tinha aceitado totalmente, mas agora me convenci de vez. Não quero ver você nunca mais na minha frente. Cansei desses jogos. Cansei de ficar perdida nessa história. Se Vítor é tão importante assim, fique com ele. Faça bom proveito do seu primo mimado! Mas me esquece! Eu posso ser atropelada por um caminhão! Não me procure. E se por acaso nos encontrarmos, apenas me cumprimente. É o máximo que vai rolar daqui por diante! — terminei, com a respiração acelerada, o peito doendo tanto que parecia travar minha garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João parecia furioso, embora controlado. Seus olhos azuis nos meus nem piscavam.

— Não precisa esse exagero todo. Somos adultos.

— Sim, somos. Adultos que fazem escolhas. Fez as suas. E eu as minhas. Infelizmente demorei demais a tomá-las. — Abri a porta do carro. — Faça bom proveito do clube, de Fernanda, de sua vida. A partir de hoje estou inteiramente fora dela, como você quis desde o começo. Não sirvo para fodas ocasionais ou para seus jogos pesados. Adeus, João.

Ele ficou imobilizado, não disse nada. Saí do carro e bati a porta. Virei na rua que eu morava e entrei no prédio de Paola com o queixo erguido. A raiva que eu sentia era mais forte que a dor, a decepção e o desespero. Talvez por isso me controlei e não desabei, não chorei. Me sentia uma boba ridícula, que sempre caía no mesmo erro. Mas felizmente acordei para a vida. João não me faria mais de boba.

— E aí? Se entenderam? — Paola me esperava sentada no sofá, já de banho tomado e camisola.

— Foi você que o avisou? — Parei no meio da sala, olhando-a.

— Fui eu sim. O que houve?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Terminou de vez, Paola. Por favor, nunca mais ligue para o João. Nem se eu estiver morrendo!

Ela franziu o cenho, analisando-me com o olhar.

— Ana... O que houve?

— Isso que eu falei. Acabou. — Respirei fundo.

— Vou tomar um banho e me deitar. Acho que preciso de um descanso de tudo isso.

— Desculpe, não quis me meter. É que...

— Não, foi bom. Agora consigo enxergar tudo mais claramente. Não ia dar certo mesmo. Somos como água e óleo. — Aproximei-me dela e dei um beijo no alto de sua cabeça.

— Fique tranquila, estou bem. Boa noite.

— Boa noite, querida.

Depois que estava deitada entre os lençóis, sozinha na escuridão do quarto, é que a raiva se abrandou e a dor veio voraz. Chorei baixinho, sabendo que eu comeria o pão que o diabo amassou longe de João. Talvez nunca me recuperasse totalmente. Mas ia seguir em frente. E nunca mais me sentiria daquele jeito, usada.

A culpa era minha. Dei a ele aquele poder. Mas, como dei, também podia tirar. E com o tempo, aprenderia a controlar aquela dor.

Mais de uma semana se passou. A confusão no

PERIGOSAS ACHERON

Loretta tinha servido como um divisor de águas. Depois da confusão que armou, Vítor finalmente se afastou. Não me procurou mais nem me cercou. Acho que por fim entendeu que não tinha mais volta.

João sumiu. Eu pensava nele o tempo todo, sofria de saudade, chorava várias vezes escondida. Meu corpo ardia, pedia pelo dele. Mas eu lutava e seguia em frente, como uma ex-viciada em fase de desintoxicação, um dia de cada vez.

Voltei para casa e, pela primeira vez na vida, minha mãe recuou. Não sei se por fim entendeu que meu caso com Vítor não tinha mais nenhuma chance ou se ficou com medo que eu saísse de casa de vez. Não falou mais nada. Continuava com aquele seu jeito frio e esquisito, mas me deixou em paz. E segui em frente.

Trabalhei, li muito, descansei. Na sexta fui ao Loretta e ninguém me perturbou lá. Só Ricardo veio falar comigo, se desculpar pela confusão. Falei pra ele que estava tudo bem e aproveitei para deixar claro que entre nós só rolaria amizade. E assim ficamos.

Minha vida entrou em uma rotina. E a cada dia eu comemorava o fato de conseguir me manter forte,

apesar de tudo. Não admitia para ninguém, nem para Paola, mas sofria como uma condenada. Descobri que dor de amor podia até matar, pois várias vezes me senti morta longe de João. A vida parecia sem brilho, sem sentido. Morna. Nada me despertava. Mas eu continuava.

O pior eram as lembranças. Ao mesmo tempo que serviam como companheiras, me atormentavam pelo que eu não teria mais. O sorriso de João parecia encravado na minha mente. Seu cheiro impregnado em minhas narinas. Tudo dele circulava o tempo todo dentro de mim. Quase podia sentir a textura do seu cabelo. Ou o modo sensual que me olhava, com aquelas pálpebras meio pesadas, como se quisesse me devorar inteira.

Na rua, eu olhava outros homens e não achava graça em nenhum. Perto de João, pareciam garotos apagados. Comecei a ter certeza de que nunca mais conseguiria me relacionar com ninguém, mesmo depois que o tempo passasse. Passei a vida inteira esperando aquele amor e foi muito mais intenso e profundo do que imaginei. João tinha tomado conta de mim. Mesmo decidida a ficar longe, eu era dele.

JOÃO PEDRO

Eu cheguei ao clube disposto a jogar. Depois de dias e dias sem transar, desde a última vez no carro com Ana, e também de passar cada segundo do meu dia pensando nela, resolvi mudar a situação e seguir em frente, com quem eu era e do que gostava de fazer. O quanto antes eu me desse conta disso, afastaria aquela tentação que me perturbava como um fantasma.

Era sábado, noite em que Fernanda sempre estava lá. Sentada no bar conversava com um amigo, enquanto sua escrava Adriana ficava ajoelhada a seus pés, nua e cativa, esperando-a. Falavam animadamente de algo, quando me viu. Não nos falávamos há um bom tempo e seu rosto se iluminou, abrindo-se num sorriso.

— João! Que surpresa!

— Oi, Nanda. — Beije seu rosto. Cumprimentei Bruno com um aperto de mão, trocamos palavras simpáticas e olhei em volta, vendo vários conhecidos. — Está bem cheio hoje.

— É, temos vários visitantes novos. A maioria de turistas que esperam ansiosamente boas sessões na masmorra. — Seu olhar me avaliou. — Se estiver disposto, podemos dar um showzinho.

— Eu estou. — Nanda sorriu amplamente. Eu me sentia angustiado, preso, precisando de um alívio, um controle para minhas emoções tumultuadas. — Agora.

— Você manda. — Levantou-se automaticamente e na mesma hora Adriana se pôs de pé atrás dela, submissa, pronta a segui-la. — Bom, Bruno, depois continuamos nossa conversa tão agradável.

Me deu o braço e seguimos em direção à masmorra.

— Nem acredito que está de volta. Senti sua falta.

Não falei nada. Nanda continuou:

— Tem alguma preferência para hoje, meu querido?

— Não.

— Vou buscar seu chicote e suas coisas em minha sala e já volto. Enquanto isso, Adriana ficará à sua disposição.

— Beijou-me de leve os lábios e afastou-se.

Entrei na masmorra, onde pessoas começavam a circular, mas nenhuma sessão tinha se iniciado. Adriana me seguia de cabeça baixa. Quando parei perto do cavalo de pau, ela caiu de joelhos aos meus pés e beijou meus sapatos. Observei-a quieto, pensando há quanto tempo não participava daquele

mundo que fez parte de mim por toda a vida.

Ergueu os olhos para mim, sorriu e baixou-os, aguardando minhas ordens. Um vulcão parecia prestes a entrar em erupção no meu interior. Não entendi como pude me controlar por tanto tempo. Mas agora estava de volta.

Acaricieei seu cabelo macio e escuro e por um momento lembrei do cabelo de Ana, mas seu cabelo era mais cheio, com mais brilho. Parecia se envolver em meus dedos como se tivessem vida. Decidido, afastei-a da mente e ordenei à Adriana:

— Levante-se. Deite de bruços no cavalo.

A moça obedeceu na hora. O cavalo de madeira parecia um daqueles que os ginastas usam, com quatro pés. No meio, uma pequena prancha acolchoada. Depois que deitou, ficou preparada perto das algemas nos pulsos e tornozelos.

Dobrei as mangas da minha camisa preta com calma. Pessoas se aproximavam para observar, sentavam-se nos sofás em volta, bebiam. Ao fundo tocava uma música pesada, murmúrios de fundo. Concentrei-me, necessitando daquilo, sentindo-me em meu ambiente. Ali ninguém me julgava ou se horrorizava. Eu era livre.

Prendi seus tornozelos e pulsos aos pés de

madeira. Fitei seu belo corpo nu, a bunda redonda exposta para mim. Já tinha jogado com Adriana várias vezes, no clube e na casa de Fernanda. Sabia do que gostava e o quanto aguentava. Era uma submissa completa.

Naquele momento Fernanda voltou. Usava um robe preto e curto, nua por baixo. Os sapatos de salto altíssimos a deixavam quase da minha altura. Estava linda, carregando a caixa com nossos objetos, sorrindo. Eu sentia sua excitação à distância. Depositou-a em uma mesa ao lado e abriu-a, comentando jocosamente:

— Sirva-se à vontade.

Não vacilei. Peguei a palmatória de borracha preta, cheia de furinhos. Voltei para trás de Adriana. Enquanto isso, Fernanda foi para a frente dela, ergueu seu rosto e fez com que a olhasse. Sorriu, acariciando sua face. Segurei a palmatória com firmeza e bati forte na bunda gordinha.

Adriana gemeu, mas não gritou. Era adestrada demais para isso. Na mesma hora contou:

— Um. Obrigada, Senhor. — Mais uma. — Dois, obrigada, Senhor.

O sangue latejou em minha veia. A calma veio na mesma hora. Ali eu sabia o meu lugar e a sensação

de segurança me confortou. Assumi de vez meu papel de dominador, aquilo que eu fazia a vida inteira e que já era parte de mim. Bati com firmeza, várias vezes, até a moça ficar com a bunda completamente vermelha. Fiquei satisfeito ao sentir o desejo pesado que me consumia. Deixei a palmatória de lado e acariciei a pele quente. Abri e deslizei meu dedo em seu ânus e vagina. Estava toda molhada.

— Boa menina — murmurou Fernanda e beijou-a nos lábios. Então foi até a caixa, tirou o robe e ficou nua. Tinha o corpo esguio, enxuto, seios fartos e bicudos. Se cuidava muito bem. Era lindíssima. Prendeu na cintura um cinto preto com um pênis de borracha vermelho pendurado e foi para trás de sua escrava. — Vou te dar uma boa recompensa.

Abri minha calça, pus o pênis duro para fora. Segurei os cabelos escuros, ergui sua cabeça e ordenei:

— Chupe.

Na mesma hora abriu os lábios, ansiosa. Era experiente demais naquilo e me tomou todo, mesmo sendo grande e grosso. Deslizei até o fundo de sua garganta e trabalhou meu pau com perícia,

deixando-o ainda mais inchado, acomodando-o por inteiro. E passou a chupar deliciosamente.

Pensei em Ana, que era inexperiente naquele quesito e começava a se acostumar aos poucos em me ter todo dentro de sua boca. Mas sua inexperiência me excitava além da conta, porque eu via seu prazer em me chupar, seu jeitinho próprio, se entregando toda, a boquinha sempre úmida e macia. Fiquei ainda mais duro ao pensar naquilo e mais uma vez a afastei da mente, irritado. Segurei a cabeça de Adriana e comi sua boca ferozmente, até fazê-la babar meu membro inteiro, escorrendo por seu queixo.

Observei Fernanda, que penetrava sua escrava na vagina por trás com o pênis de borracha, uma expressão de deleite no rosto. Fitou-me nos olhos e sorriu e eu podia sentir sua satisfação por estarmos ali, fazendo o que tínhamos feito desde que nos conhecemos.

Mais de uma vez pensei que Nanda era perfeita para mim. A única mulher que eu ficaria para o resto da vida, pois era minha amiga, era como eu. Só que agora, tendo Ana preenchendo tanto minha mente, percebia que meus sentimentos eram diferentes por cada uma. E tive certeza de que

minha amiga nem chegava perto do que Ana despertava em mim.

Merda! De novo! Meu pensamento teimava em voltar sempre para ela, como um disco furado. O desejo em meu corpo naquele momento parecia incompleto. Faltava alguma coisa. O que só me deixava mais nervoso.

Deixei Adriana e fui até Fernanda. Enquanto ela penetrava sua escrava, segurei seu cabelo e beijei sua boca. Retribuiu na hora, naquele seu modo quente e intenso de beijar. Segurei sua nuca firmemente e belisquei o mamilo dolorosamente, do modo que gostava. Na mesma hora agarrou meu pau e me masturbou.

Descolei a boca, sério, sentimentos vorazes e contraditórios me perturbando. Ordenei a ela:

— Não pare. Vou cuidar de você.

— Tudo o que quiser, querido.

Afastei-me e pus um preservativo. As pessoas continuavam olhando, falando baixinho. Segurei a cane, que era uma espécie de cano, um dos objetos mais dolorosos do spanking. Deixava marcas na pele, que ficava lanhada e vergões vermelhos e inchados. Era o que Nanda mais gostava.

— Incline-se sobre sua escrava e empine a bunda.

— Sim, senhor. — E Nanda praticamente se deitou sobre a escrava, continuando a fodê-la.

Comecei as pancadas com a cane em sua bunda. Ela gemeu e se tornou mais feroz em meter o pênis de borracha, lambendo as costas de Adriana, oferecendo-se a mim. Fui bruto, do jeito que gostava. Outra mulher desistiria bem antes, a pele ficando empolada nos lugares da pancada, mas ela ficava ainda mais excitada. Adorava dor. Não gozava se ela não estivesse presente e, quanto maior a dor, maior era o seu prazer.

Depois que a espanquei bastante, larguei a cane e meti dois dedos dentro dela. Estava encharcada. Sem muito cuidado, levei os dedos ao seu ânus e os meti ali. Amava sexo anal e já fizera tanto, que era muito fácil penetrá-la ali. Já tinha tido até minha mão toda lá dentro, até o pulso. Dizia que era uma verdadeira cadela, cheia de orgulho.

Variamos bastante no jogo. Soltei Adriana e as duas se revezaram chupando meu pau. Depois amarrei Adriana em cordas, pendurada de cabeça para baixo. Se revezava chupando a vagina de Nanda e o meu pau, enquanto a balançava de um lado para outro. Enquanto isso, eu esfregava o vibrador preto, em forma de microfone, em sua

vagina e clitóris. Lutava para não gozar, ficava atormentada, gemia roucamente.

Depois Adriana foi amarrada na cruz, de frente para mim. Fernanda ficou chupando seus mamilos enquanto eu fodia sua vulva brutalmente e ela pedia para gozar. Por fim, teve sua permissão e gozou em volta do meu pau, puxando-me para dentro. Apesar de excitado, permaneci bem controlado. A deixamos lá amarrada e Fernanda liberou os expectadores para se divertirem com ela. Eu sabia o que queria. Que eu a ferisse e transasse com ela. E foi o que fiz.

Amarrei-a toda em uma cadeira. E peguei meu longo chicote de couro. Estalei-o no ar, olhando-a duramente. Fitava-me excitada, corada, ansiosa. Quando comecei a chicotear seu corpo, ondulou e sua expressão foi de puro deleite. O chicote lambeu sua pele na barriga, pernas, tronco. Ela erguia a bunda do assento, se oferecia, pedia por mais com o olhar. Ficou toda marcada.

Embora soubesse que era masoquista a ponto de gostar quando o couro rasgava a pele, eu sempre tinha o cuidado de não feri-la àquele ponto. Mas deixava vergões finos, que durariam alguns dias.

— Mais forte, por favor... — implorou, agoniada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui mais bruto, fazendo-a gemer, lamber os lábios. Aproximei-me mais e ordenei:

— Abra mais as coxas. — Quando obedeceu, dei um tapa firme com a mão fechada em sua vagina. Por ser um local sensível demais, doía muito. E ela adorou. Mais dois tapas e sua lubrificação escorria. Voltei a chicoteá-la, com violência. Mas por fim parei, sabendo que se deixasse por conta dela só ficaria feliz ao sair dali sangrando.

Na caixa, peguei umas bolas negras e pesadas de pompoadorismo. Voltei, ordenando:

Levante a bunda da cadeira e fique parada.

— Sim, meu Lorde. Meu Dono — murmurou, oferecendo-se, a pele cheia de riscos vermelhos causados pelo chicote, olhando-me cheia de volúpia e desejo.

Abri sua bunda e forcei a bola em seu ânus, pondo uma por uma, enquanto gemia, até estar com apenas uma para fora, que se ligava às outras. Somente então segurei a cadeira, me inclinei sobre ela e meti meu pau com força em sua vagina.

— Ah, Senhor... Ah, como adoro isso... — E ronronava enquanto eu a penetrava brutalmente, toda cheia no ânus e na vagina. — Mais, por favor, meu Senhor...

PERIGOSAS ACHERON

Uma das mãos eu apoiava no encosto da cadeira perto da sua cabeça. A outra passei a dar tapas secos e duros na sua cara, enquanto metia nela como se a estuprasse. Fernanda delirou. Enfiei então os dedos em sua boca, que chupou e lambeu sofregamente.

Eu estava no total controle de meus desejos e taras. Enquanto permanecia com o corpo excitado, fodendo-a, parte de mim continuava distante e fria. Senti que poderia transar ali a madrugada inteira sem gozar. Era estranho, pois em geral a minha fera interior vinha logo à tona com aqueles jogos com Nanda, já que ela me deixava realizar tudo o que eu queria. Naquela noite não.

Fiquei um bom tempo comendo-a. Então, passei a puxar as bolas de dentro dela e foi à loucura, sugando meu pau, gemendo rouca. Quando tirei todas, saí de sua vagina e comi seu ânus. Sabendo que precisava de mais, fechei firmemente a mão em sua garganta e apertei. Ela foi ficando vermelha, sufocando. Aliviei. Meti mais duro. Fiz várias vezes e senti que estava pronta. Quase frio, ordenei: — Goze agora.

E foi imediato. Fernanda gozou totalmente amarrada e violada, a pele lanhada, o pescoço

apertado. Quando acabou e desabou exausta na cadeira, saí de dentro dela e levantei. Pedi, rouca:

— Vem aqui gozar na minha boca, meu Senhor.

— Agora não.

Olhei em volta. Várias pessoas nos olhavam. Vi como algumas mulheres me devoravam com os olhos, sorriam, deixavam claro que eu poderia escolhê-las. Muitas eram lindas. Mas não senti vontade de jogar com nenhuma delas. Deixei Fernanda na cadeira e fui soltar Adriana, que tinha sido masturbada, chupada e espancada na cruz. Afastaram-se do caminho. Ela foi na mesma hora até Fernanda e se ajoelhou a seus pés, de cabeça baixa.

Foi uma noite longa. Joguei com ambas por horas, sem gozar. Amarrei-as, espanquei-as, fodi as duas. Algo me consumia e me fazia continuar como uma máquina, até que Adriana caiu exausta e foi liberada. Continuei com Fernanda. Na Cruz, no cavalo, pendurada, deitada no chão enquanto eu pisava em seu pescoço e fodia sua vagina com um grande vibrador. As pessoas entravam, viam, algumas pediam para participar. Fernanda pedia por mais, tão suada quanto eu, depois de vários orgasmos. Começou a se desesperar ao notar que eu

continuava sob controle.

Pedi que eu a pusesse numa coleira. Foi humilhada. Permiti que uma *domme* do clube jogasse com ela, enquanto ia tomar meu vinho. Assim como permiti que uma bela submissa de lisos cabelos castanhos chupasse o meu pau enquanto eu estava sentado numa poltrona, saboreando minha bebida.

Por um momento, imaginei que era Ana ali. Cheguei a fechar os olhos, mas era diferente. A boca, a sucção, o contato. Tudo diferente. E naquele instante, cercado na masmorra por pessoas estranhas, recebendo sexo oral de uma garota que sabia o que fazia, me dei conta de que estava mudado. Eu queria aqueles jogos. Queria aquele mundo. Mas com Ana. Em algum momento, percebi que faltava algo que eu tinha de sobra com ela: sentimento.

Fernanda veio para perto de mim, beijando meu rosto, me fazendo abrir os olhos. Estava com o olhar agoniado.

— O que quer que eu faça? Diga, João. Saia daqui!

— Empurrou furiosamente a submissa que me chupava e ela caiu no chão, afastando-se como um

cachorrinho assustado. Nanda montou em meu pau com preservativo, tomando-me todo dentro dela, movendo os quadris com volúpia. — Vem, meu Lorde. Goze dentro de mim.

Eu fiz com que me abraçasse. Ajudei seus movimentos e me concentrei. Busquei desesperadamente meu próprio prazer, mas só o consegui quando fechei os olhos e desisti de vez de lutar. Imaginei claramente Ana ali comigo. E a fodi com tudo. O orgasmo veio e me varreu. Fernanda sorriu satisfeita quando acabei, acariciando meu cabelo, beijando meus lábios.

— Que noite deliciosa! Bem-vindo de volta, querido!

Saiu de cima de mim e entendi tudo. Como eu podia ser bem-vindo de volta se nem estava ali?

Foi naquele exato instante que assumi para mim mesmo que eu amava Ana. Desabei. Dor e alívio me consumiram com a mesma intensidade. E senti muito medo.

ANA FLOR

— Ana, preciso falar com você. Por isso marquei esse encontro hoje — disse Paola, quando saí do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho na quinta-feira. Tinha dito que me esperaria do lado de fora do Fórum às cinco, pra gente tomar alguma coisa. Agora estávamos em um pequeno bistrô e parecia incomodada, sem me encarar.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei preocupada.

— Sim.

— Diga. O que foi?

Remexeu-se na cadeira. Olhou para trás de mim, ficou corada, fitou-me de novo. E então senti que alguém se aproximava.

Virei para ver quem era e dei de cara com Vítor, que parou todo sem graça ao lado da mesa. Fiquei imóvel, sem acreditar que depois de quase um mês sem o ver ele ia me perturbar de novo. Então, Paola explicou:

— Eu o convidei.

— Ah... — Consegui me recuperar, sem entender nada, e forcei um sorriso. — Oi, Vítor.

— Oi, Ana. — Sorriu envergonhado e se sentou ao nosso lado.

Olhei de um para o outro. Pareciam crianças pegas em flagrantes com alguma coisa errada. Então sorri amplamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Não acredito! Vocês... — Dei uma risada. — É sério?

— Eu ia te falar antes, mas resolvi deixar pra ter certeza primeiro — explicou Paola, tímida como nunca a vi ficar.

— Quer dizer que têm se encontrado? E você não me disse nada?

— Ana, a situação era complicada. Mas há duas semanas nos encontramos sem querer, conversamos e... é isso.

— É isso? — Não sabia se ficava feliz por eles ou chateada por não saber de nada.

Havia um grande incômodo entre nós três ali. Também, não era para menos. Há um mês Vítor me infernizava para voltar para ele. Agora estava com minha melhor amiga.

Ele me encarou, ainda muito sem graça. E começou a falar:

— Primeiro eu gostaria de me desculpar, Ana. Por tudo. Acabei entendendo que realmente não ia dar certo. Criei uma ilusão na minha cabeça. E fiquei perdido. Depois daquele soco sem querer no Loretta, fiquei arrasado, parei para pensar e aceitei.

— Que bom. Foi melhor para todo mundo.

— Eu sei. Quando encontrei Paola, ela só faltou

me bater. — Lançou um olhar à minha amiga, divertido. Ela sorriu de volta. — Mas aí... a gente já se sentia atraído. Acabou rolando. E desde então...

— Desde então estamos saindo. — Paola me encarou. — Sei que no início vai ser meio esquisito, mas espero que com o tempo tudo se resolva.

— Não há nada para resolver — falei com sinceridade, sorrindo. — Estou torcendo por vocês!

Acabou que beliscamos uns petiscos juntos. Sim, havia desconforto. Mas como Paola disse, nada que o tempo não resolveria.

Ver Vítor ali me fez pensar ainda mais em João. Há um mês eu não o encontrava. E a cada dia, em vez da saudade diminuir, só aumentava. Lembrava dele toda hora, nos momentos mais inusitados. E por vezes tinha uma vontade incontável de procurá-lo, pedir que ficasse comigo nem que fosse em segredo ou só pelo sexo. Mas sempre conseguia colocar a cabeça no lugar antes de fazer uma loucura daquelas.

Agora, com Vítor fora do caminho, a primeira coisa que pensei foi que não precisaríamos mais ficar separados. Então lembrei de outros detalhes. De que nunca quis nada sério comigo, de seu lado

dominador que ainda me assustava, de Fernanda e de que não me amava.

Tive vontade de perguntar como ele estava. Mas me controlei.

Peguei uma carona com eles, sentada no banco detrás do carro em que tantas vezes ocupei a frente. Como a vida era engraçada! Agora estava ali Paola, que sempre tinha implicado com ele. Sorri intimamente. Por isso a gente não devia reclamar das coisas. Quando menos esperava, tudo se resolvia, às vezes de maneira melhor do que havíamos pensado.

Desci em frente ao meu prédio e acenei. Quando se afastaram, agradei a Deus por eles. Mas me senti ainda mais sozinha.

— Eu avisei tantas vezes! Meu Deus! — Minha mãe estava inconformada, andando de um lado para outro da sala. Depois de um tempo se controlando, evitando se meter em minha vida, voltava a atacar.

Parada perto da porta, arrumada para sair, eu a observava. Tudo porque contei a ela que estava saindo naquela sexta para ir a um novo restaurante e que Paola estava lá me esperando com Vítor. No início, ficou radiante, achando que eu tinha voltado a vê-lo. Mas fiz questão de explicar que agora ele

PERIGOSAS NACIONAIS

estava com Paola. Só faltou ter um ataque cardíaco.

— Aquela desbocada falsa! Fingia que não gostava do rapaz para tirá-lo de você! — reclamava sem parar. — Eu te falei tanto, Ana Flor! Tantas vezes!

— Mãe, escute. Como já cansei de dizer, eu e Vítor não temos mais nada. Só contei para que a senhora entendesse de vez.

— Mas a Paola jogou sujo!

— Estão felizes, isso que importa.

— Claro que está feliz! Aposto que vai dar logo um jeito de prender o rapaz, coisa que você devia ter feito. Deixou-o pelo tal estranho e está agora sozinha. Quem vai morar naquela mansão? Quem vai ser paparicada e ter quantos carros quiser? Não me conformo!

Suspirei. Paciente, caminhei até ela e beijei seu rosto.

— Acalme-se, dona Isabel. Tô saindo, tá? Tchau.

— Ana, escute. — Segurou minha mão e me fitou nos olhos. — Se você quiser, acho que Vítor ainda volta, querida. Mostre a ele que...

— Não. Tchau, mãe.

Ficou me olhando sair, sua expressão desolada. Mas agora não se enganaria mais.

PERIGOSAS ACHERON

Fui para a casa de Paola, pois a levaria de carro. Lá no tal restaurante maravilhoso e novo na Barra, encontraríamos Vítor. Eu ainda me sentia incomodada com aquela saída, não tinha nada a ver sair com eles segurando vela. Mas parece que Vítor tinha uns amigos lá que ela não conhecia e não queria ficar como um peixe fora d'água, daí ela pediu para eu ir junto. Fiz de tudo par não ir, mas Paola não me deixou em paz até que concordei. Quando dava para ser insistente, o melhor era dizer logo sim ou a pessoa acabava doida.

Quando entrou no meu carro, linda em um vestidinho vermelho que a deixava um arraso, assoviei e ela riu toda satisfeita. Olhou minha calça colada e preta com blusinha prateada, que combinava com grandes argolas, e assoviou também. Pus o carro em movimento, insistindo:

— Nada a ver eu sair com vocês. Vítor ainda fica todo sem graça perto de mim e eu também. E vou segurar vela.

— Não vai, amiga, terão outras pessoas lá. Além do mais, se ficarem perto um do outro mais vezes, logo esquecem que foram namorados, que ele foi um babaca chato e que atrasou sua vida. Afinal, minha melhor amiga e meu namorado tem que se

dar bem.

— Que loucura! Quando eu ia imaginar uma coisa dessas. Mas agora não tem mais jeito, né? Vamos lá. Acho que é a primeira sexta-feira que não vamos ao Loretta.

— É mesmo! Estamos viciadas naquele lugar.

Acabamos rindo e falando de outras coisas.

O tal restaurante era uma cobertura de frente para o mar com pista de dança a céu aberto, um grupo maravilhoso em um palco tocando e cantando músicas nacionais e estrangeiras, decoração alegre, elegante e jovial ao mesmo tempo. Era inauguração do lugar e o dono era amigo de Vítor, por isso ele conseguiu reservar uma das melhores mesas, com vista para a pista e a banda.

Pensei que a mesa dele estaria cheia de amigos, mas só havia Vítor e um rapaz moreno muito bonito. Quando chegamos, Vítor se levantou para beijar Paola, ficou meio sem graça, sem saber como me cumprimentar, e acabou me dando um beijo rápido no rosto. Era realmente constrangedor e peguei Paola nos observando. Por mais que fingisse que era tudo normal, sabia que também ficava meio incomodada com a situação. Mas, como disse, era melhor encarar logo de vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse é meu amigo, Caio. Minha namorada Paola e nossa amiga, Ana Flor.

— Como vai, Paola? — O rapaz beijou-a e se voltou para mim. Tinha belos olhos negros e devia ter uns vinte e seis ou vinte e sete anos. Um gato. Sorriu e me beijou também na face. — É um grande prazer, Ana Flor. Nunca vi um nome combinar tanto com uma pessoa.

— Obrigada... Eu acho.

Sorri também. Nos acomodamos e logo o garçom trazia bebidas para todos. Como estava dirigindo, fiquei só no suco.

— Isso aqui é lindo! — exclamou Paola, animada.
— Mais tarde vamos nos acabar na pista, Ana!

— É claro!

— Gosta de dançar? — Caio puxou assunto, seu olhar bem interessado sondando meu rosto.

— Gosto muito.

Era simpático e logo conversávamos, nós quatro. O tempo todo eu pensava na loucura de estar ali com Vítor, vendo-o juntinho de Paola, quando há um mês podia jurar que nunca me deixaria em paz. Mas dava graças a Deus por isso.

Por um momento sonhei um pouquinho que, em vez de Caio, quem estava ali comigo era João.

PERIGOSAS ACHERON

Afinal, o maior empecilho sempre tinha sido Vítor. E agora não havia mais. Como seria maravilhoso poder ficar com ele sem nos esconder, sermos um casal de namorados. Claro, era apenas um sonho.

No entanto, enquanto a conversa rolava na mesa, eu vi João a certa distância, usando uma camisa branca que o deixava ainda mais maravilhoso. Pisquei, achando que minha vontade foi tão intensa que o materializei. Porém quando vi Fernanda ao seu lado, senti como se tomasse um soco e empalideci. Era um pesadelo.

Nervosa, com o coração disparado, vi-os se aproximando. Fui engolfada pelo ciúme, pela dor, mas acima de tudo pela saudade. Meu Deus, eu não o encontravahá um mês! Trinta dias sofrendo, pensando, chorando. Meus olhos o comeram, meu corpo todo quase entrou em combustão, fui invadida por uma miríade de sentimentos, na qual o amor absurdo que sentia por ele era maior que tudo.

João não tinha me visto. Estava ainda mais lindo, como se fosse possível. Respirei fundo e tentei me controlar, me recuperar antes que chegasse perto. Olhei desesperada para Paola e, quando me encarou, viu que havia algo errado. Antes que ela perguntasse alguma coisa, ergui os olhos

novamente e fitei os olhos azuis de João, parado ao lado da nossa mesa. Parecia muito surpreso em me ver ali.

Nem reparei em Fernanda ou no resto do mundo. Só bebi de sua visão, tão dolorida e apaixonada que senti como se levasse mil socos ao mesmo tempo, bombardeada de todos os lados. Aquela energia forte e densa que nos ligava, nos atraía como um ímã, era perturbadora. E o que me salvou de ficar lá, estatelada olhando para ele foi Vítor, que se levantou para cumprimentá-los.

João teve que se virar para falar com o primo e desviei os olhos, dando com os de Fernanda, frios, cheios de veneno e algo mais maligno, que não entendi bem o que era. Sorria para mim, mas era pura falsidade. Eu a ignorei, me concentrando em disfarçar e agir normalmente.

Fitei Paola e sua cara de culpada me fez entender que ela sabia o tempo todo que João estaria ali hoje e não me dissera nada. Entendi então por que insistira tanto que eu viesse. Me pediu desculpas com o olhar. Ah, ela ouviria muito depois!

— Nanda, bom ter você com a gente! — Vítor estava todo animado. — Sentem-se! Acho que todos aqui se conhecem, né? Lembram-se de Caio?

Estava sempre lá em casa.

— Claro. Como vai, Caio? — João apertou a mão dele. Mesmo sem olhá-lo, eu seguia seus movimentos pelo canto dos olhos. Sua voz grossa, meio rouca, fez meu corpo reagir, acender.

— Tudo bem — Caio e Fernanda se cumprimentaram. E quando João disse meu nome, não teve jeito, tive que encará-lo:

— Ana.

Como se encara o amor da sua vida, o homem que não saía nem um segundo do seu pensamento? Olhando para ele como para um estranho na rua? Sendo obrigada a fingir que era educada e estava tudo bem quando só tinha vontade de se encolher e chorar? Como se não doesse horrores vê-lo na companhia da única mulher que dizia amar?

— Oi, João, tudo bem? — Sorri e estendi o sorriso à sua acompanhante. Acenei com a cabeça: — Fernanda.

— Ana Flor! Que surpresa! — Sorriu também.

Eles se sentaram. João ficou exatamente na minha frente e eu não sabia para onde olhar, ainda mais sentindo que seus olhos estavam fixos em mim. Felizmente Caio falou comigo, solícito, e tive onde me direcionar:

— Quer mais um suco?

— Não, obrigada. Depois peço outro.

— Bom, a mesa está completa! Que tal um vinho?

— indagou Vítor, mais à vontade, seu braço em volta do ombro de Paola.

Enquanto os outros respondiam e brincavam, pensei: *que ironia a minha*. Estava na mesa com meu ex-noivo, meu ex-amante e agora Caio, que parecia estar interessado em ser alguma coisa meu. Alguém poderia estar em situação mais incômoda? E o pior, sendo obrigada a engolir Fernanda, que mantinha os olhos sobre mim como um águia.

Como João não percebia quem era aquela mulher? Para quem fugia tanto de relacionamentos, até que estava há muitos anos com ela. E isso era o que mais me magoava. Saber que devia amá-la mesmo, de verdade.

Assuntos banais rolaram na mesa. Tentei participar, mas não me ocorreu nada para dizer. João também estava calado e por duas vezes nossos olhares se encontraram. Logo os desviei, mas foi o suficiente para perceber que também não estava à vontade. E sentia que não tirava sua atenção de cima de mim.

Talvez tivesse medo que eu fizesse algo que

entregasse que fomos amantes. Na certa não queria que Vítor descobrisse, mesmo ele estando agora com Paola. Senti-me agoniada, louca para sair correndo dali.

Caio tentou puxar assunto, charmoso e envolvente, mas fui educada. Quando começou a tocar uma música lenta me chamou para dançar, mas recusei, dizendo que estava cansada demais. Na verdade, estava agoniada, nervosa, esbarrando toda hora no olhar penetrante e duro de João. Para piorar tudo, o desejo me arrebatava. Todo meu corpo reagia. Imagens de seu corpo nu devorando o meu, do seu modo de me beijar e tocar, deixavam-me trêmula. Era uma verdadeira tortura.

Fernanda deu uma gargalhada de algo que Vítor dissera, mas sentia sua atenção em mim também. Que vontade de mandar aquela loira venenosa para aquele lugar! Mas nada, nem o assunto na mesa, nem o charme de Caio, ou o controle de Fernanda conseguiram impedir que aquela energia entre mim e João se ampliasse. Éramos os mais calados. E enquanto eu tentava a todo custo não fitá-lo, sentia sua atenção concentrada em mim. Era perturbador. Nem respirar conseguia direito.

— João, que houve, cara? Tá sério! — disse

Vítor, depois que pedimos os petiscos.

— Nada. — Foi tudo o que disse, realmente sério.

— Está cansado — disse Fernanda em seu lugar, pondo a mão sobre a dele na mesa, ao lado de onde João tinha deixado suas chaves e seu celular. Olhei as mãos unidas, roendo-me de ciúme. — Tem trabalhado demais naquele hospital.

— Meu primo sempre foi assim, viciado no trabalho.

— Sorriu Vítor.

Enquanto falavam sobre o assunto, meu olhar voltou sem querer para João, como se uma força me puxasse para ele. Não piscava, fitando-me fixamente. Por um momento, não me desviei. A necessidade de ao menos devorar sua aparência me consumiu, ao mesmo tempo sentimentos avassaladores me varriam por dentro.

Foi tanto naquele olhar! O mundo acabou. Não sei se alguém falou comigo ou com ele. Estávamos concentrados um no outro e me dei conta de que não era só eu ali abalada. João também sentia. A atração forte e intensa era recíproca. Fiquei sem ar, sem chão. Assustei-me quando se levantou de repente e veio na minha direção.

— Dance comigo, Ana. — Sua voz era baixa e

dura. Fiquei sem reação, com o coração disparado. Nem tive tempo de pensar. João já segurava minha mão e me levava para a pista, em um local entre as pessoas, longe da vista dos outros.

Quando me olhou e me abraçou, sua mão se fechando sobre minha nuca e a outra espalmada em minhas costas, tremores incontrolláveis percorreram meu corpo, que incendiou na hora. Fiquei sem ar e sem voz. Tive que me segurar em seus ombros para não cair, não vacilar. O simples contato com sua pele trouxe-me lembranças de nós dois como uma avalanche.

— Você está saindo com Caio? — exigiu saber, mal controlando sua raiva.

Respirei fundo, tentando coordenar os pensamentos. Para isso me concentrei na música, que era uma que eu adorava, de Brian McKnight com Ivete Sangalo, lenta e romântica. Somente então consegui recuperar um pouco a voz.

— Isso te importa? — devolvi, enquanto nos movíamos ao som da música, nossos rostos bem próximos, nossos corpos se roçando. Tentei ser fria, mas minha voz saiu trêmula. — Pelo que vejo, está bem acompanhado.

— Ana, não me provoque. Responda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não te devo satisfações. — Me irritei. — Não somos nada um do outro.

— Está transando com ele? — Seus olhos ardiam. Sua mão apertou minha nuca, trazendo-me mais para perto. Arfei, mordi o lábio. Murmurei:

— Isso... é problema meu.

— Porra. — Parecia fora de si. Então me trouxe até que colava meu corpo ao seu e fui inebriada pelo cheiro delicioso de sua pele e o contato contra seus músculos e ângulos. Fechei os olhos, minha boca tão perto de seu pescoço que minha vontade era de mordê-lo. Segurei-o firme.

João me fez sentir sua ereção contra a barriga, completamente duro e pronto. Perdi o ar. Fui atacada por um desejo ensurdecador e o abracei mais, pois as pernas tinham virado gelatina. João aspirou forte perto da minha orelha e lembrei das vezes que disse que amava meu cheiro de morango. A mão espalmada deslizou até o fim das costas.

Meu corpo todo palpitava, ardia, se excitava. Minha calcinha ficou toda molhada. Minha pele sensível, arrepiada. Fechei os olhos, buscando desesperadamente algo para me reequilibrar. Concentrei-me na letra da música e isso só piorou. Parecia feita para descrever como eu me sentia, o

PERIGOSAS ACHERON

que só me deixava ainda mais abalada.

— Responda, Ana. Você transou com Caio? — Era impressão minha ou havia agonia em sua voz. Em meio a todo desejo, senti o ciúme também me corroer e devolvi na mesma moeda:

— E você, transou com Fernanda? Ah, que pergunta besta! Claro que sim. Então, com que direito quer se meter em minha vida?

João imobilizou minha cabeça pela nuca e me fez olhá-lo, consumindo-me com seu olhar azul penetrante, intenso, irritado.

— Sim ou não?

— Não é da sua conta.

Respirou fundo. Por um momento, achei que ia me beijar. Então, só me largou, dando um passo para trás. Podia ver que estava nervoso e me arrependi por provocá-lo. Mas só em ter esse poder, enchi-me de esperanças. João se importava. Podia jurar que estava com ciúmes.

— Vamos voltar, antes que eu faça uma besteira aqui.

E passou por mim segurando minha mão, me levando com ele.

Quando chegamos à mesa, senti alguns olhares sobre mim, mas não encarei ninguém. Peguei

minha bolsa e murmurei que ia ao banheiro.

Somente quando me tranquei dentro do reservado com vaso sanitário é que soltei o ar dos pulmões bruscamente, muito abalada, nervosa, excitada. Como poderia aguentar o resto da noite daquele jeito? Afinal de contas, o que estava havendo? João nem disfarçava que me devorava com os olhos e, agora, quase tinha me agarrado na pista de dança, parecendo enciumado.

Senti raiva e alegria. Raiva porque não tinha esse direito, se estava ali com Fernanda. E alegria, pois não era imune a mim. Estava tão abalado quanto eu.

Naquele momento, meu celular começou a tocar. Era um número desconhecido. Atendi e uma voz feminina baixa e rouca murmurou:

— Presentinho pra você. Veja. — E desligou.

Franzi o cenho, sem entender nada. Mas logo ouvi o sinal de mensagem recebida. Curiosa, vi que era um vídeo que tinha sido enviado para mim. Abri-o e fiquei imobilizada pelo que vi.

Era João no clube, jogando com uma moça morena e com Fernanda. Primeiro ele espancava a bunda da moça com uma palmatória, sua expressão fechada, concentrada, dominante. Não era como fez

comigo, controlado. Batia pra valer, deixando-a toda vermelha. Depois parava, ia para a frente dela, que o chupava. Fernanda nua, com um pênis grande e de silicone vermelho pendurado em um cinto, ia penetrar a mulher por trás.

Encostada na porta, não consegui tirar os olhos daquele sexo seco e duro, doloroso. Vi tudo o que fizeram, como ele as usou e bateu nelas com um cano, chicote, como as amarrou e fodeu. Tudo de maneira bruta. As duas gozavam e pediam mais, mas eu podia ver as marcas em seus corpos, a dor junto com o prazer. Era tudo bem diferente das vezes que jogou comigo. Então entendi que, apesar de ter ficado assustada com sua dominação, João havia se controlado das vezes que jogou comigo. Aquele ali era ele livre, como uma fera.

Não me excitei. Antes senti meus olhos se encherem de lágrimas, horrorizada e decepcionada, cheia de ciúme e raiva, por vê-lo bater e transar, por vê-lo em sua essência. A maior parte do tempo fodeu Fernanda, fez de tudo imaginável com ela, comeu-a em todos os lugares. Eles pareciam se conhecer bem, perfeitos um para o outro em sua violência. E por último o assisti gozar sentado naquela poltrona, com ela montada sobre ele,

abraçando-a forte.

Desliguei o celular e fechei os olhos, arrasada. Senti-me suja e usada, pois tudo que fez comigo parecia um aperitivo perto daquilo que acabei de ver. O que vivemos pareceu sem importância, um ato banal de um homem acostumado a transar, ser obedecido, tratar as mulheres como escravas. Aquele ali era João. E se eu continuasse com ele, era a única coisa que receberia. Sexo e violência.

Senti uma grande vontade de chorar, mas respirei fundo até me controlar. Quando consegui certo equilíbrio, saí do reservado e dei direto com Fernanda recostada na pia, esperando por mim no banheiro vazio. Ela sorriu e disse friamente:

— Gostou do filminho pornô?

Nunca senti tanto ódio na vida. Minha vontade foi a de arrancar aquele sorriso da sua cara com uns bons tapas. Mas talvez aquela louca gostasse.

— Por que me mandou isso?

— Ora, minha querida, já falei. A hora em que quiser, estamos disponíveis para você. — Seu olhar percorreu jocosamente meu corpo e lambeu os lábios. — Viu como jogamos juntos. Podemos amarrar você como fizemos com Adriana. Eu me divertiria um bocado!

Fiquei imóvel, gelada, meu coração parecendo socar meu peito. Fernanda continuou:

— João disse que você é tímida, mas bem gostosinha. Um pouco baunilha ainda, mas sou ótima em preparar escravinhas.

— Ele falou de mim?

— Não se ofenda. Somos muito íntimos. Me conta tudo. Veja bem, estamos juntos há treze anos. Não é para qualquer um, sabe? — Seu sorriso se ampliou, mas o olhar continuava o mesmo, muito frio. — Não sou ciumenta. Até gosto das garotas que ele arruma. Você, por exemplo. É uma graça. Adoraria te foder junto com ele. Mas me preocupo, Ana Flor. Me preocupo quando ficam assim, apaixonadas como você. Sofrimento na certa, querida. João é esse aí que viu no vídeo, livre, puro. Por isso volta sempre pra mim. Porque não o julgo e porque pode ser ele mesmo comigo.

— Todo esse discurso é para deixar claro o meu lugar e o seu na vida do João. Só uma pergunta, se está tão segura disso, por que se preocupar? Por que está morrendo de ciúmes? — Fui tão fria quanto ela.

— Ciúmes, eu? Não! — Riu, balançando a cabeça. — Na verdade, como falei antes, também

desejo sua companhia. Para provar, deixo aqui um convite. Que tal sair daqui hoje comigo e com João? Prometo que não vai se arrepender.

— Obrigada, mas devo recusar. — O ódio me consumia, a ponto de me dificultar a respiração, mas ergui o queixo, tentei aparentar uma calma que não sentia. — Eu teria que estar muito necessitada ou louca para transar com você e felizmente não é o caso.

— Ah, Ana... — Riu, como se eu a divertisse.

Cansada de tudo aquilo, dirigi-me à porta. Mas então senti Fernanda na minha lateral segurar meu braço com força e me virar para ela. Todo riso tinha sumido. Estava pálida, feroz, furiosa. Seus olhos malignos sem nenhum disfarce quando me ameaçou:

— Fique longe dele. João é meu.

Surpresa com a mudança, puxei o braço, furiosa também.

— Fique você longe de mim. — E saí daquele inferno.

Não tive condições de voltar à mesa. Saí do restaurante e entrei em meu carro. Lá dentro me debrucei sobre o volante e comecei a chorar convulsivamente. De dor, raiva, decepção,

desespero. Como eu podia ter me envolvido daquele jeito com um homem como João, que brincava com a violência, que tinha aquele lado assustador e que carregava aquela bruxa pela vida como uma maldição? Meu Deus, onde eu havia me enfiado?

Chorei muito. Meu celular começou a tocar e pensei em ignorá-lo, mas sabia que devia ser Paola, preocupada com minha demora. Enxuguei o rosto, respirei fundo e atendi:

— Ana, pelo amor de Deus, onde você se enfiou?

— Estou indo para casa. Não me senti muito bem, Paola.

— Mas, querida, o que...

— Não posso falar agora, estou dirigindo. Depois explico.

— Mas você está bem?

— Sim.

— Querida, desculpe. Eu sabia que João ia, mas não sabia que levaria aquela mala. Armei para que ele ficasse com ciúmes de Caio e se desse conta que...

— Depois a gente se fala, Paola.

— Tá. Jura que me liga?

— Ligo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tchau. Se cuida.

Desliguei e liguei o carro, precisando me afastar o quanto antes daquele lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

FINAL

*Eu não me acostumo sem seus beijos
E não sei viver sem seus abraços
Aprendi que pouco tempo é muito
Se estou longe dos seus braços
E por isso eu te procuro tanto
E te telefono a toda hora
Pra dizer mais uma vez "te amo"
Como estou dizendo agora*

(Como Eu te Amo — Carlos Colla / Maura Motta)

JOÃO PEDRO

— Ela disse que se sentiu mal e foi para casa — explicou Paola à mesa. Olhou acusadoramente para Fernanda. — Você a viu no banheiro?

— Não, quando cheguei lá estava vazio. — Deu de ombros, tranquila.

Eu a encarei, perturbado, pensando se Fernanda teria dito algo que fez Ana ir embora. Mas sorriu para mim, docemente. Irritado, tive certeza que sim. Na mesma hora me levantei.

— Preciso ir também.

— Mas já? — Vítor se surpreendeu. — Gente, o que está acontecendo aqui?

— João... — Fernanda se levantou. Furioso, peguei dinheiro da carteira e pus sobre a mesa.

— Para as contas do restaurante. E para seu táxi, Fernanda.

— Mas... — Arregalou os olhos, empalidecendo. — Como assim, pro táxi? João...

Sob o olhar atônito de todos, comecei a me afastar. Fernanda não se controlou, dizendo alto às minhas costas:

— Não acredito que vai atrás dela! João!

Eu a ignorei e segui em frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Há pouco mais de duas semanas, quando estive no clube com Fernanda e Adriana, eu tinha finalmente entendido por que Ana desde o primeiro momento foi tão diferente e especial. Porque eu a amava. Foi difícil me acostumar com essa ideia e depois disso continuei lutando contra meus sentimentos.

Então Vítor me disse que tinha desistido de vez dela e estava saindo com Paola. Pensei em procurar Ana. Mas continuei resistindo, pois no fundo sentia medo. Medo de quem eu era e do que gostava, medo de criar ilusões tanto pra ela quanto para mim e causar sofrimento. A vida inteira fui de um jeito. Mudar agora era praticamente impossível. E fui deixando o tempo passar, tentando lutar da maneira que eu sabia.

Saí outras vezes com Fernanda, fui ao clube, joguei pesado. Mas aquele sentimento único não me deixava aproveitar e curtir como fiz tantas vezes antes, quando me entregava ao BDSM e tinha prazeres inomináveis. E agora, ao ver Ana de repente, sem esperar, me dei conta que tudo aquilo não importava mais. Não era o que eu queria, então por que me forçava? Por que torturava a mim mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

Ainda não tinha todas as respostas. Tinha só uma: eu amava Ana de uma maneira absurda e estava sofrendo o diabo longe dela. Eu a queria para mim. E pela primeira vez quis sair da minha redoma e arriscar.

Peguei o carro e me dirigi para o apartamento dela. Por dentro eu estava muito nervoso, cheio de dúvidas e inseguranças, como um bebê que dá os primeiros passos. Mas se viver longe dela seria aquele inferno, se eu me roeria de ciúmes imaginando-a com outro homem, como aconteceu naquela noite com Caio, eu preferia arriscar tudo. E era o que ia fazer.

Desci do carro em frente ao prédio em que morava e falei com o porteiro, que interfonou para o apartamento dela. Fiquei aliviado quando me deixou subir. Assim que toquei a campainha, não foi Ana quem me atendeu, mas a mãe dela.

— João Pedro, mas que surpresa! Nem acreditei quando o porteiro avisou que era você. Entre, meu filho. — Parecia realmente surpresa, seus olhos me fitando de cima a baixo, ansiosa para agradar.

— Desculpe incomodar a essa hora, Isabel. Mas preciso falar com a Ana. — Fui para o meio de uma sala pequena, mas confortável e feminina, muito

PERIGOSAS NACIONAIS

agradável. Dava para sentir o calor de Ana ali.

— Olha, ela chegou toda estranha e se trancou no quarto. Vou chamá-la e...

— Posso ir lá falar com ela?

Isabel arregalou os olhos. E concordou na mesma hora, parecendo até animada com a situação:

— Mas é claro! É a última porta à direita do corredor.

— Obrigado.

Segui para lá, enquanto a senhora me olhava embasbacada. Parei em frente à porta e respirei fundo. Bati na madeira. A voz dela veio abafada:

— Estou deitada, mãe.

Bati de novo.

— Mãe, por favor...

— Ana, sou eu.

Silêncio. Esperei, ansioso, mão apoiada no batente. Quando não abriu nem respondeu, testei a maçaneta. A porta cedeu e entrei, fechando-a atrás de mim. Usando uma camisola de algodão cor-de-rosa, os cabelos soltos espalhados pelos ombros e com os olhos arregalados, ela estava sentada na beira da cama, iluminada apenas por um pequeno abajur. Levantou-se na hora.

— O que está fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vim conversar com você. — Não tirei os olhos dos dela. Meu coração batia loucamente. Sentia as mãos suadas.

— Não quero falar nada com você. — Recuperou-se do susto e ergueu o queixo. Tentou ser fria, mas a voz saiu tremida, magoada.

— Por que saiu do restaurante daquele jeito? — Dei uns passos para frente.

— João, eu já disse que não quero falar com você. Por favor, saia do meu quarto.

— Eu não saio até conversarmos. — Parei a um palmo de distância e Ana me olhava, apertando os lábios. Percebi a mágoa em seu olhar e respirei fundo. — Olha, me escute...

— Não quero! Quero que saia daqui! — gritou, sem que eu esperasse, expondo seu sofrimento, seus olhos cheios de lágrimas. — Será que nem aqui você respeita?

— Mas eu respeito você. Sempre fui sincero. — Ia passar por mim, mas segurei seus dois braços, nervoso, querendo que me escutasse antes que eu perdesse a coragem.

— Me larga! — Ela se debateu, irritada. Por fim parou e respirou fundo. Seus olhos encararam os meus, o queixo erguido. Dava para sentir seus

PERIGOSAS ACHERON

tremores. — O que você quer?

— Conversar — falei baixo.

— Então fale de uma vez!

Não estava sendo como eu pensara. Comecei a ficar cada vez mais ansioso, ao perceber que estava diferente, fechada, distante. Resolvi ir em partes.

— Por que foi embora do restaurante?

— Devia perguntar isso a sua amiga.

— O que Fernanda fez?

— Pode me soltar? — Sua voz raivosa me fez largar seus braços. Deu-me as costas e foi até a mesinha do computador. Pegou seu celular e se virou de novo para mim, fitando-me.

— Primeiro ela me mandou um vídeo. Depois me convidou para transar com você e ela. E então me disse que você era dela e que eu devia ficar longe. Se não me engano, foi nessa ordem.

Mantive-me imóvel, surpreso, sentindo a irritação tomar conta de mim. Tinha percebido Fernanda diferente desde que Ana entrou em minha vida. E então entendi que isso se devia por que sentiu que era importante para mim. Não havia se metido antes, pois nunca correu o risco de me perder. Mas agora havia ido longe demais.

— Que vídeo? — perguntei baixo.

— Veja você mesmo. — Ana me entregou o celular, no qual já passava o filme. Reconheci de imediato minha transa com Fernanda e Adriana no clube. Não precisei ver tudo. Desliguei, tomado pela raiva. E por outros sentimentos igualmente nefastos. Quando ergui o olhar, falei: — Eu não sabia que ela tinha filmado.

Ana pegou o celular e jogou-o na mesa.

— Esse sou eu, Ana. Foi o que fiz minha vida inteira.

— Não sentia orgulho daquilo. Pela primeira vez senti algo semelhante a vergonha. Não pelo sexo em si. Mas pela frieza e agressividade de atos totalmente sem emoção. Ainda mais depois do que tivemos juntos.

— Você dizia isso. Mas só depois que vi esse vídeo consegui compreender. — Seu olhar era de mágoa, de decepção.

O que eu temia estava acontecendo. Ana estava me vendo pela primeira vez como eu realmente era. E ficando horrorizada. O medo veio voraz e, sem poder me controlar, falei acusadoramente:

— Você disse que me amava.

Quando não respondeu, foi como tomar um soco violento. Acho que nunca pensei na possibilidade

dela não gostar mais de mim, de não me aceitar. Estava paralisado, nervoso, sem saber como agir.

— Por que não volta para Fernanda, João? Deu pra ver que vocês se dão muito bem juntos. Não entendo o que veio fazer aqui.

Aproximei-me e parei bem à sua frente, fitando-a dentro dos olhos. Indaguei baixo:

— Você me ama?

Ficou quieta, mais séria do que alguma vez a vi na vida. O terror começou a circular dentro de mim, deixando-me gelado. Esperei sua resposta, mal ousando respirar.

— Não sei — murmurou. Como não conseguia disfarçar os sentimentos, eu podia ver o quanto estava magoada, com raiva, decepcionada. — Mas o que isso importa agora, João?

— Importa para mim. — Passei os dedos entre os cabelos, com muita vontade de puxá-la para meus braços, beijá-la, fazer com que dissesse que me amava. Mas naquele momento qualquer ato desses seria pior.

— Você tem sua vida, seus desejos e Fernanda. Treze anos juntos. Vocês se amam. Acho que já entendi tudo.

— Não, Ana, não entendeu. Fernanda foi uma

amiga, uma companheira com mesmos gostos que eu, uma pessoa que me conhece pelo avesso, que sabe tudo sobre mim. Mas nunca senti por ela o que sinto por você.

Ana engoliu em seco, imobilizada, ouvindo. Tentei criar coragem e prossegui baixinho:

— Sempre foi diferente, desde a primeira vez que vi você. Eu tentei lutar, tentei recuperar minha vida de antes, mas... Senti sua falta.

Sem poder resistir, ergui a mão e acariciei sua face. Ana respirava irregularmente, seus olhos ficando marejados, muito quieta.

— E hoje percebi que não consigo mais lutar, Ana. Preciso de você.

Ela mordeu o lábio. Estava abalada, mas contida, perturbada. Balançou a cabeça.

— Não é o bastante, João.

— Olhe para mim. — Segurei seu rosto entre as mãos e senti aquele cheirinho de morango que me acompanhou cada um daqueles dias. Quando fixei seus olhos castanhos claros, percebi que estava muito perto de perdê-la de vez. O desespero foi tanto que criei coragem e, pela primeira vez na vida, disse a uma mulher: — Eu amo você.

Saiu baixo e rouco. Ficou muito quieta, me

fitando, mas tremia.

— Não ama... — murmurou.

— Amo — afirmei seguro, passando os polegares em suas faces, cheio de emoções violentas dentro de mim, mas tentando me manter controlado. — Eu te amo, Ana.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Então se afastou de mim, deu-me as costas enxugando-as, caminhando até o meio do quarto. Sua voz parecia de uma pessoa cansada:

— Sonhei tanto com o dia que me diria isso. Parecia impossível. — Quando se sentiu mais preparada, se voltou para mim e percebi que estava perdido. — Mas hoje me sinto tão magoada, tão arrasada com tudo. Aquela mulher... Fez parecer tão sujo. E o vídeo, o modo como bateu nelas e fez tudo aquilo... Meu Deus, João, isso não é pra mim...

— Você não entende, aquilo foi sexo pesado, BDSM, coisas que tanto eu quanto elas já fizemos. É diferente do que tive com você. Sabe que gostou do que fizemos, Ana. Sempre me controlei com você até onde sabia que ia aguentar.

— Eu ficava assustada e excitada, dividida, mas agora sinto outras coisas. Tenho medo que um dia não se controle. E também... Não sei o que sinto

agora. Tenho raiva, ciúme e repulsa.

— Ana... — Com o desespero crescendo dentro de mim, dei dois passos em sua direção, mas suas palavras me pararam.

— Eu não quero mais. Preciso de um tempo. Preciso esquecer a raiva que estou sentindo de você e daquela mulher. Porque nesse momento eu estou com tanto ódio, João, que minha vontade é de me afastar de tudo isso e nunca mais ver você!

— Vai ser diferente, Ana. Vou deixar de ir ao clube. Vou romper com Fernanda. Podemos conversar e...

— Não. — Sacudiu a cabeça. Embora lágrimas não parassem de surgir em seus olhos, Ana as limpava e continuava firme. — Agora, não.

Eu queria insistir. Queria agarrá-la, beijá-la, fazê-la minha, tão excitada e cheia de prazer que dissesse sim para tudo. Mas havia algo tão dolorido em tudo aquilo, tão duro de aguentar, que fiquei apenas parado, sem conseguir aceitar que estava muito perto de perdê-la. E tive ódio de mim mesmo, pois era culpa minha.

— Quando, Ana? — Foi tudo o que perguntei, uma dor estranha e pungente dilacerando o meu peito.

— Não sei. — E estava sendo sincera.

O que eu poderia fazer naquele momento além de dar o tempo que ela precisava? E mesmo assim não havia garantia de nada.

Apenas nos olhamos. Havia uma distância enorme entre nós naquele momento. Culpa e dor me consumiram. Entendi o que era sofrer por uma pessoa, como ela devia ter ficado quando terminei tudo em meu apartamento e quando deixei claro que não a queria também no carro.

— Tudo bem. Eu vou embora — finalmente falei, mas continuei travado, sem poder tirar os olhos dela.

Concordou com a cabeça, exausta. Criei coragem. Mas, antes de sair, fui até ela e a abracei, beijando seu cabelo, fechando os olhos e murmurando cheio de emoções mal contidas:

— Vou esperar você, Ana. Pelo tempo que for preciso.

E só então saí. Arrasado, querendo ficar. Mas saí.

Dirigi direto ao apartamento de Fernanda. Todos na portaria me conheciam e tinham ordens de me deixar subir direto. Quando toquei a campainha e ela atendeu, usando apenas um roupão negro, eu já estava mais do que furioso. Abriu a porta e me deu

passagem, conhecendo-me o bastante para não tentar arrumar desculpas. Me seguiu até a sala e disse logo:

— Ela te falou do vídeo.

— Por que nos filmou? Com o objetivo de mandar a Ana? — Minha voz estava gelada, mas a raiva me consumia.

— Pedi a uma amiga lá para filmar, porque gosto de rever nossas cenas. — Foi até o bar e se serviu de uma dose de uísque. — Mas também pensei nessa possibilidade. Essa garota precisava saber o que somos de verdade. Quando vi o modo que você ficou no restaurante e foi dançar com ela, peguei o número de Ana Flor no seu celular.

— Esse era um lado seu que eu não conhecia.

— Que lado, João? — Virou-se para mim com as bochechas vermelhas, os olhos brilhando de pura raiva e ciúme. Parecia irreconhecível, outra pessoa. — De uma mulher que faz tudo pelo homem que ama?

— Explique esse amor pra mim, Fernanda. — Estava bem frio, quase sem piscar.

Tomou o uísque de uma vez e bateu com o copo no tampo do bar. Seu jeito, seu olhar, a energia que vinha dela me lembrou muito outra pessoa, outra

época. Angélica. Costumava se portar daquela maneira. E então entendi o quanto fui idiota aquele tempo todo, me agarrando em uma falsa segurança com Fernanda. Parecia o tipo de mulher que nunca se tornaria obsessiva, uma amiga para toda hora e uma amante tão apaixonada e liberal quanto eu. Mas agora eu via o que foi aquele tempo todo. Uma mulher que esperou pacientemente que eu me tocassem de que era única para mim. Que sempre escondeu o amor e o ciúme, pois nunca se sentiu ameaçada.

— Preciso explicar? Sou a mulher perfeita para você, João. Desde que éramos adolescentes e ficamos juntos, eu soube disso. Sabe por que fiz Medicina? Para estudar com você, passar mais tempo em sua companhia. Dermatologista não me exigiu tanto assim e tenho passado cada vez mais tempo como administradora do clube do que como médica.

Andou pela sala, aparentemente relaxada, mas muito atenta, ligada. Então parou, observando-me mais de perto. Parecia quase orgulhosa das coisas que falava:

— Fui trabalhar no mesmo hospital que você. Te dei todas as chances para que percebesse o quanto

eu era primordial na sua vida. Fora o sexo, onde sempre fomos perfeitos. O que mais você queria, João Pedro? Aquela coisinha sem graça e baunilha? Pelo amor de Deus, não vê que essa garota não é nada perante tudo que temos? — Ficava cada vez mais nervosa, alterada. Foi se aproximando de mim, seus olhos brilhando estranhamente. — Eu só quis te proteger de sofrimentos futuros, meu Lorde. Como sempre fiz.

A fúria com que cheguei ali agora dividia espaço com outros dois sentimentos: a aversão e a pena. Fernanda parecia uma louca, fora de si. Parou em minha frente, sem disfarçar mais nada.

— Então convivi treze anos com uma estranha. Por que todo esse teatro?

— Eu sabia como você era. Se eu me declarasse, se soubesse que eu o esperava, ia cair fora, como fez com as outras.

— E agora, Fernanda?

— Eu tive que me expor! Não vê? Por sua causa. Para afastar aquela mulher que só te faria sofrer!

Todo o medo que tive desde que minha mãe se matou e que só se fortaleceu com a morte de Angélica, retornou agora. Medo de ser alvo de mais uma louca. De ser tão amado obsessivamente que

isso acabasse destruindo a vida de uma das pessoas envolvidas ou de ambas. E agora, eu temia também por Ana.

— Diga que me entende — implorou e caiu de joelhos na minha frente, abrindo o roupão e deixando-o ir ao chão, ficando nua. — Sou sua submissa perfeita. Se está com raiva, furioso, pode me castigar. Pode fazer tudo o que quiser comigo.

— Levante-se, Fernanda.

— Mas eu...

— Levante-se!

Ela obedeceu imediatamente, mas continuou nua. Fui o mais claro possível:

— Os jogos acabaram. Tudo acabou. E vou falar só uma vez, para que entenda. Sabe de toda a minha história, meus pontos fracos, como me atingir. Mas escute bem: não vou cair em chantagens emocionais. Não vou correr quando tiver uma de suas crises e me chamar. Nem transar mais com você.

— Como pode dizer isso? Somos um só, meu amigo, como gêmeos siameses. — Apesar de tudo, sorriu. — Tudo bem, entendo sua confusão agora. Mas vai passar. E quando entender que essa guria ridícula não é mulher para você, vai voltar para

mim.

Eu tinha duas opções: deixá-la acreditar naquilo, o que a faria se manter longe por um tempo, esperando pacientemente enquanto eu buscava um modo de neutralizá-la; ou bater de frente e provocar seu ódio, que poderia se voltar contra Ana ou contra si mesma, tentando me atingir com mais um suicídio.

Engoli minha raiva, minha vontade de dizer tudo o que eu pensava, minha decepção.

— Fique longe, Fernanda.

E sem mais o que poder dizer, caminhei para a porta. Antes de sair, eu a ouvi murmurar:

— Eu sei esperar, meu amor.

ANA FLOR

— Se você tivesse me falado que o seu príncipe encantado era João Pedro Valente, eu não teria insistido tanto no Vítor.

— Minha mãe comentou cinco dias depois, enquanto tomávamos o café da manhã antes de ir trabalhar. Estava sempre dizendo algo do tipo. — Um médico lindo desses e tão rico! Até que você não é nenhuma boba. E então, quando se verão

novamente?

Eu a fitei, mastigando um pedaço de pão. Às vezes era melhor ignorar minha mãe. Agora que sabia uma parte da história, Vítor foi completamente esquecido e João virou seu alvo favorito. Passou a me tratar bem, animada com minha nova oportunidade. Era de dar nos nervos.

— Vocês marcaram alguma coisa, querida?

— Não, mãe, não marcamos nada.

— Hum...

Antes que começasse com suas ideias, levantei logo, mal terminando meu café. Deixei a xícara dentro da pia e praticamente corri para escovar os dentes e passar um batom. Em minutos já tinha me despedido dela e saído de casa.

Foi mais um dia como os anteriores. Dolorido, sofrido, preenchido por lembranças, pensamentos e saudades de João.

Nunca pensei tanto em minha vida. Ao contrário do que disse a ele, sobre não saber se o amava, eu tinha certeza que sim. Amava-o demais, ficar cada segundo longe dele era uma tortura e não conseguia esquecer de sua voz murmurando que me amava. Fechava os olhos e repetia aquela cena inúmeras vezes, até conseguir acreditar. No fundo, era tudo o

que eu mais queria.

Todavia, eu ainda tinha muitas mágoas e dúvidas. Aquelas cenas do clube tinham me magoado e chocado. O ciúme que senti dele com Fernanda doía demais. E no fundo, o que eu sabia de João? Praticamente nada. Só o pouco que me dissera, que foi criado em meio às festas loucas dos pais. Talvez isso tivesse moldado a personalidade e os gostos dele. Gostos que eu não sabia se poderia dar conta.

As cenas violentas naquele clube, completamente pornográficas e secas, as chicotadas que marcavam a pele dolorosamente, os castigos, tudo ainda me assustava a ponto de pensar em correr para outro lado. Mas então lembrava daquela sábado que passei em seu apartamento, do jogo de sinuca, do seu olhar quente e agressivo, mas também cheio de paixão, do seu sorriso diabólico, das palmadas, junto com beijos deliciosos, com o prazer extraordinário e delirante que me fazia sentir, e ficava confusa. Até que percebi a diferença entre o que tivemos e aquela filmagem. Não era apenas o fato de João ter se controlado comigo. Mesmo jogando, usando aquele chicote de fitas, o chinelo ou a palmatória, foi de um jeito que, se fosse sincera comigo mesma, admitiria que gostei. Fiquei

em êxtase, além do meu limite, experimentando uma luxúria tão potente que até viciava.

Tudo aquilo poderia ter parecido até assustador em um primeiro momento, mas me dava prazer, muito. A diferença que notei foi que comigo não foi só o sexo com jogos mais brutos e dominação, como naquela filmagem. João participou com sentimentos, com preocupação, com cuidado. Seus olhares, seus sorrisos, seus beijos eram para mim. Com Fernanda e Adriana foi uma máquina, o rosto frio, como se uma outra pessoa estivesse apenas usando o corpo dele. Lembro o jeito que me cheirava, acariciava, penetrava. Era todo ele, completo. E foi isso que começou a me fazer acreditar que gostava de mim. Que poderia ter ainda uma chance pra gente, desde que realmente quiséssemos tentar.

Ainda estava magoada, com medo, com ciúme. Mas abrandava, desejava-o tanto que doía, só pensava nele. Minha vida virou um círculo vicioso de acordar, trabalhar, voltar e ir para meu quarto, só lembrar de João. Sabia que nada seria fácil. Tinha Fernanda no caminho. Tinha muito mais que não sabia sobre ele. E minha própria inexperiência. Era um mundo para vencer. Mas o meu amor nunca

diminuía. Nunca.

Naquela quarta-feira, quando cheguei ao meu apartamento, minha mãe abriu a porta toda sorridente e animada, como poucas vezes vi.

— O que houve?

— Encomenda pra você.

Quando entrei, vi sobre a mesa de centro uma orquídea linda e rara, em um vaso aquário com um cachorrinho branco de pelúcia. Ao lado, uma caixa embalada com fita, com o símbolo de uma das docerias mais caras do Rio de Janeiro. Aproximei-me devagar, meu coração disparando, sem conseguir tirar os olhos dos presentes. Atrás de mim, minha mãe estava na expectativa.

Segurei o jarro com a orquídea e de imediato me apaixonei pelo cachorrinho fofo que vinha com ela. Então deixei-a na mesa e peguei a caixa, desfazendo o laço. Era uma fatia de torta pequena e quadrada, feita de chocolate com morango. Com dedos trêmulos, abri o pequeno cartãozinho que vinha no jarro.

*Gostaria de estar aí, vendo você comer essa torta,
Ana.*

Os morangos me lembram você.

Muitas saudades.

J.P.

Lágrimas vieram em meus olhos. Não apenas pelos presentes, que eu adorara, mas por tudo. Lembrei da vez que disse que adorava me ver saborear uma torta, que ficava extremamente excitado. E também pelo que representavam: romantismo. O dominador duro e avesso a relacionamentos tentava me conquistar com flores, bichinhos e doces. O que poderia ser mais romântico que isso?

— É tudo lindo, mas esse doce vai te engordar uns dois quilos, Ana Flor — comentou minha mãe. E completou, satisfeita: — Começa assim, depois vai te dar jóias.

— Ele já me deu — murmurei, lembrando do colar e dos brincos de ouro com rubi, que guardava com todo cuidado.

— Já? Que maravilha! Então...

— O valor não importa, mãe, e sim o que significam para mim. — Uma lágrima escorreu por minha face e tentei disfarçar, muito emocionada. Fechei a caixinha da torta, peguei meus presentes e disse a ela: — Vou ao meu quarto.

— Vai ligar pra ele e agradecer, não é?

— Sim.

Fugi, antes que ficasse insistindo no assunto.

Deitei na cama, peguei o cachorrinho fofo e cheiroso e o abracei. Lágrimas desceram por meu rosto e tive uma vontade imensa de ver João, de correr para ele e me entregar totalmente, arriscar tudo, esquecer o que me fazia sofrer horrores longe dele. Senti que boa parte da minha mágoa e dos meus medos se foram, que meu amor por ele ocupou ainda mais espaço dentro de mim. Mas algo ainda me travava, dúvidas e ressentimentos, muito tendo a ver com a presença de Fernanda na vida dele.

Eu me contive. Sabia que teria que pelo menos ligar e agradecer, mas estava sem coragem de ouvir a voz dele. Era tudo muito recente ainda. Apenas quatro dias. E acabei adiando. Pelo menos até me sentir preparada. E não tão magoada ainda.

JOÃO PEDRO

Ana não tinha me ligado. Quinta-feira chegou e passou e ela não se pronunciou sobre presentes que mandei para ela. Saí do hospital cansado após um

dia de cirurgias, mas principalmente abalado por sua falta de contato. Nunca pensei que amar uma pessoa fosse tão doloroso. Comecei a entender um pouco o desespero de Vítor quando ela terminou o noivado. Era uma sensação que consumia, latejava, tomava por inteiro.

Estava quase pegando o carro e indo atrás dela. Então lembrei que precisava do seu tempo e que talvez não quisesse me ver agora. Eu tinha que aceitar e me controlar. Mas, porra, era difícil demais conter os próprios sentimentos e esperar. Muito difícil.

Resolvi passar na casa dos meus tios, pois não os via há alguns dias e porque não queria ficar sozinho. Precisava me distrair com algo e só voltar para casa quando fosse para cair na cama exausto. Ter o menor tempo possível com meus pensamentos, desejos e culpas.

Eles ficaram felizes demais com a visita e Paola estava lá com Vítor para jantar. Vê-la me fez lembrar ainda mais de Ana e, assim que tive a oportunidade de ficar perto dela, perguntei:

— Como a Ana está?

— Bem. — Fitou-me meio desconfiada, como se não soubesse qual era a minha intenção verdadeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquela sua amiga acabou conseguindo o que queria.

— Eu sei. Mas colaborei com tudo.

— Colaborou com o quê? — Vítor se aproximou trazendo vinho e taças pra gente. Ficamos quietos e ele franziu o cenho.

— Não acham que está na hora de me contarem esses segredinhos? Você teve algum rolo com a Ana, João?

Eu fitei meu primo, meu amigo, meu irmão. Tinha cansado de mentiras, de me esconder. Muito sério, expliquei:

— Eu gostei de Ana assim que a vi, Vítor.

Ficou surpreso, parado com a garrafa na mão antes de encher a taça de Paola.

— Quer dizer que foi por sua causa... — Começou, mas a namorada o interrompeu:

— Eles não tiveram nada até você estar fora da parada, querido. Aliás, João dispensou a Ana por sua causa. Não se preocupe, não foi um corno!

— Paola! — Fitou-a irritado e depois a mim. — Por que não me disse nada?

— Foi muita confusão, Vítor. Muita culpa, nossa amizade, meu passado, tudo. Mas nunca quis magoar ou trair você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ficou quieto um tempo. Depois olhou para Paola e seu semblante suavizou. Sorriu para mim:

— Disso eu tenho certeza, cara. Não se preocupe.

Foi um jantar agradável, mas todo o tempo pensei como seria melhor se Ana estivesse ali comigo. Senti um vazio estranho, que era praticamente uma tortura.

Naquele lar, onde me senti realmente amado e querido, no meio de pessoas que eu adorava, senti que parte do meu passado pesado ia ficando para trás. Sim, eu tinha começado a vida em meio a um caos. Tinha sido acostumado e apresentado a prazeres e desejos diferentes, mas também tinha sido criado a partir dos doze anos por aquela família que cuidou de mim e me incutiu valores. Eu tinha os dois lados dentro de mim e minhas próprias escolhas. Não era um refém da culpa ou do medo. Não precisava me fechar para o mundo, me limitar, fugir. E finalmente me tocar daquilo foi uma espécie de catarse.

— Você parece tão tristonho, meu bem. Aconteceu alguma coisa? — minha tia Laurinha perguntou, ao insistir em me acompanhar até o carro após o jantar, abraçada à minha cintura.

— Não, está tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? Isso está me cheirando a paixão.

— Sorriu, olhando-me com carinho.

— Não se preocupe, estou legal.

— Tem a ver com a Ana?

Encontrei seus olhos castanhos, surpreso. Ela balançou a cabeça.

— Reparei mais de uma vez o modo como se olhavam. Fiquei muito nervosa na época, imaginando meus dois meninos brigando por causa dela. Mas felizmente Vítor se recuperou e agora está com Paola. E você, João?

Nunca fui de desabafar, pedir conselhos, me abrir. Tomava minhas próprias decisões e convivia com elas. Mas acabei confessando:

— Estou esperando por ela, tia. Meti os pés pelas mãos.

— Não se preocupe. — Sorriu e acariciou meu rosto. — Ana com certeza viu o que já sabemos há muito tempo. Não vai deixar você escapar. Só se for muito boba.

Eu a abracei e por um momento fechei os olhos, sentindo-me de novo um garoto, que chegou ali desconfiado, sem saber o que era uma família de verdade. Fui conquistado aos poucos. Tentava todo dia retribuir o amor que me deram.

PERIGOSAS ACHERON

Nos despedimos com carinho e segui meu caminho.

ANA FLOR

— Ontem jantei com o João — Paola falou, enquanto almoçávamos juntas no intervalo do trabalho, naquela sexta-feira.

Eu parei com o copo de suco na boca, antes do tomar um gole. Depositei-o de novo na mesa, meu coração disparando só em ouvir o nome dele. Ela explicou:

— Vítor me levou para jantar com os pais e o João apareceu lá.

— Ah, tá...

— Perguntou por você — disse como quem não queria nada.

Ansiosa, esperei por mais. Quando não continuou, indaguei:

— Perguntou o quê?

— Como você estava. Eu disse que bem. Um pouco mal educada, sabe, do tipo que ganha presentes e nem agradece, mas bem.

— Sabe por que não liguei para ele.

— Sei. E seu castigo está funcionando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é um castigo.

— Não?

— Só não me sinto ainda preparada. — Respirei fundo.

— Mas por que está funcionando?

— Eu o achei quieto, abatido. Vítor disse que nunca viu João assim. Está igual a você. Cada um sofrendo de um lado.

— João tem a Fernanda para consolá-lo.

— Acho que não. Vítor me contou que João foi vê-la no mesmo dia que saiu daqui e rompeu com ela. Amizade, tudo.

Fiquei imóvel, olhando-a. Sentimentos violentos se revolveram dentro de mim, de alívio, esperança, como se um peso enorme fosse tirado dos meus ombros.

— É sério?

— Parece que é.

Estava nervosa, ansiosa, com o coração agitado. Paola se inclinou para a frente e segurou minha mão, fazendo-me olhá-la.

— Posso perguntar uma coisa, Ana?

— Pode.

— O que você está esperando?

— Estou com medo — murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, amiga. Mas mergulhou nessa história de cabeça. Virgem e ingênua, foi com tudo para os braços de um homem dominador, que você viu usando um chicote num clube de BDSM. Em nenhum momento vacilou ou teve medo. E agora que ele está tentando mudar por você, resolveu se esconder? Não o ama mais?

— Amo muito. Muito. — Meus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Eu sei que foi muita coisa. E aquele encosto loiro só atrapalhou. Mas por que não dá uma chance para vocês ao menos conversarem?

Foi naquele momento que entendi qual era o meu desejo: estar com João. Não aguentava mais aquela dor, aquela saudade e, só de imaginar que ele sentia o mesmo, me doía o coração. Vendo minha reação, Paola sorriu.

— Sabe se ele está hoje na clínica ou no hospital?

— Não, por quê? Vai se consultar? — Deu uma risada.

— É uma boa ideia. — Sorri também.

— Isso é mole de descobrir. Espera aí. — E ligou para Vítor. Logo eu sabia que João estava em sua clínica particular na Barra, onde atendia até às cinco horas. Animada, nervosa e tremendo, saí do

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho um pouco antes do horário e, com o endereço na mão, dirigi até lá.

Ficava no terceiro andar de um belo prédio e era um consultório elegante, bem decorado, com uma senhora de uns cinquenta anos bem apessoada e bonita como secretária. Estava vazio e, quando cheguei na sala da recepção, ela já arrumava sua bolsa, sentada à uma mesa de madeira maciça. Sorriu para mim.

— Posso ajudar?

— O doutor João Pedro ainda está aqui? — Meu estômago dava voltas de tanto nervosismo.

— Desculpe, está atendendo o último paciente. Gostaria de marcar uma consulta para outro dia?

— Não, eu... Preciso falar com ele.

— É sua paciente?

— É que... — Fiquei meio enrolada, sem saber o que dizer.

Naquele momento, a porta do consultório abriu e um senhor idoso saiu, acompanhado por João, que sorria enquanto o homem dizia alguma coisa. Meu coração quase pulou pela boca ao vê-lo. Emoções fortes, violentas, me golpearam e todo meu corpo reagiu. Não entendi como pude ficar tanto tempo longe dele.

PERIGOSAS ACHERON

Seus olhos azuis maravilhosos encontraram os meus.

Minhas pernas ficaram bambas. Eu virei uma massa pura de sensações extraordinárias, que só João despertava em mim. O amor era tanto, a paixão tão grandiosa, que chegava a doer. Ficamos imóveis, apenas nos olhando. Foi quando a secretária falou:

— Eu estava agora dizendo a esta senhorita que não há mais consultas para hoje, doutor, mas...

— Maura, todo vez que esta senhorita vier aqui, deixe-a entrar — falou devagar, seu semblante refletindo o quanto estava gostando de me ver ali, a voz meio rouca, baixa, ecoando como uma canção dentro de mim. — Oi, Ana.

— Oi, João.

— Bem, então vou lá, doutor. — O paciente estendeu a mão e os dois se despediram. O senhor saiu, sorrindo para mim e para a secretária.

— Entre. — Olhando-me fixamente, João abriu a porta para mim. Quando me aproximei, minhas pernas como gelatinas, ele avisou à secretária: — Pode ir, Maura. Eu fecho o consultório. Bom final de semana.

— Para o senhor também. E para a senhorita.

Não sei como consegui sorrir para ela. Passei na frente de João tão nervosa que nem consegui olhá-lo. E entrei em seu consultório. Era grande, espaçoso, lindo, mas mal pude olhar direito. Minha mente e todos os meus sentidos estavam preenchidos por João e me voltei, vendo-o fechar a porta e se virar para mim, lindo de morrer naquela camisa branca.

Imaginei como as pacientes deviam ficar ao entrar ali e dar com um médico como aquele. Devia ter uma fila de apaixonadas por ele. Era de parar qualquer coração. Nunca tinha visto homem mais lindo e perfeito.

Aproximou-se, fitando meus olhos. Quando parou à minha frente, eu tremia da cabeça aos pés, excitada, maravilhada, cheia de amor e saudade. Não fez perguntas. Não conversou sobre o que tinha acontecido entre nós. Quando falou, senti um arrepio percorrer lentamente minha coluna:

— O que a senhorita está sentindo? Precisa me dizer, para saber onde examinar.

— Dor — consegui murmurar, excitada demais com seu jogo.

— Onde? — Seus olhos azuis ardiam.

— Aqui. — Estendi a mão sobre meu seio

esquerdo, justamente no coração. — Não sei se tem remédio para isso.

— É engraçado. — Veio mais perto ainda, muito alto, seus ombros largos dominando meu campo visual, seu cheiro gostoso me embriagando. — Sinto a mesma dor. Saudade?

— Acho que... É um bom diagnóstico — falei baixinho.

— Tenho um tratamento para isso.

— É?

— É um tratamento longo. Não tem prazo para terminar.

— Suas mãos foram em meus cabelos, enterraram-se neles, segurando meu rosto, erguendo-o para mergulhar em meus olhos, deslizar o olhar quente até meus lábios. — Quer tentar?

— Quero.

E me beijou na boca. Morri e renasci naquele momento. Foi tanta saudade e tanta volúpia, tantos sentimentos arrebatadores, que nos agarramos arfantes, cheios de desejo e loucura, nossas línguas unidas em um beijo que contava nossa história, que descrevia nossas emoções. Seus gosto foi o paraíso.

Quando me abraçou forte, me colou em seu corpo quente e musculoso, eu soube que ali era o meu

lugar. E depois de dias penando e sofrendo, só passando pela vida, tudo ficou lindo e colorido, tudo resplandeceu e ganhou valor. Beije-o com tudo de mim, com meu amor, meu desejo, meus sentimentos todos. Eu era completamente dele. João era minha vida, meu príncipe, meu amor.

— Ana... — murmurou rouco, me sentando sobre sua grande mesa de madeira, vindo entre minhas pernas, sem deixar de me beijar, intenso e gostoso. Senti-o tremer como eu tremia. Lágrimas vieram aos meus olhos, pois as emoções eram violentas, perturbadoras. — Diga que é minh...

— Sou sua, sempre sua...

Arquejei, passando as mãos em seus cabelos, seu rosto, seu corpo, apertando-o e beijando-o todo, parecendo explodir de tanto amor.

— Que saudade... Pensei que fosse morrer... — sussurrei, enquanto João deslizava as mãos por mim, afastava a gola do meu vestido e beijava meu ombro, abria os botões.

Puxei sua camisa fora da calça. Em segundos estava sem ela e eu mordida seu peito musculoso, ficava louca com seu cheiro, enquanto meu vestido era aberto e tirado de mim. Impaciente, tirava meu sutiã, sua mão subindo entre meus cabelos nas

costas, segurando um punhado na nuca e puxando minha cabeça para trás, para poder explorar toda a garganta com seus lábios úmidos e firmes, que me deixaram toda arrepiada. A outra mão se enrolava na lateral da calcinha e a baixava pelas coxas, enquanto eu erguia um pouco o bumbum e ele a tirava, até me deixar nua ali na mesa.

Logo sua mão ia entre minhas coxas e eu estremecia da cabeça aos pés ao sentir seus dedos em minha vulva toda cremosa e latejante. Quando me penetrou com o dedo do meio, choraminguei baixinho e ele me olhou, lindo, sussurrando rouco:

— Que saudade dessa bocetinha... Saudade de você inteira, Ana. — E meteu o dedo até o fundo, tirando meu ar, fogo puro me consumindo por inteiro. Beijou minha boca, penetrando-me mais e mais, até que eu pingava e palpitava em volta de seu dedo, completamente descontrolada.

O beijo foi arrebatador, me deixou sem ar. Então puxou ainda mais a minha cabeça para trás, daquele jeito meio rude que fazia parte dele, pelo cabelo. E mordiscou meu pescoço, meu colo, meus seios. Chupou duramente um mamilo, sugando-o forte, causando-me tremores incontrolláveis. Foi para o outro, seu dedo quase me fazendo gozar, tão fundo

e firme que eu tinha virado uma massa moldável, toda dele.

— Preciso de você. Agora.

Soltou-me um momento e precisei apoiar as mãos na mesa para não cair. Pegou um preservativo na carteira e terminou de tirar a calça e a cueca. Meus olhos deslizaram em seu corpo nu de dar água na boca, até o pau grosso e longo em que colocava a camisinha. Abri as coxas, ansiando-o por ele, cheia de saudade e tesão. Quando ficou pronto, seu olhar autoritário e ardente estava no meu e me puxava para a ponta da mesa, entre minhas pernas, suas mãos firmes em meus quadris, seu corpo tomando toda minha visão.

— Vem aqui. Toma meu pau todo dentro de você, Ana.

— E então meteu em mim, firme e grosso, abrindo meus lábios vaginais encharcados e gotejantes, entrando todo. Soltei um grito rouco e o agarrei, estremecendo completamente extasiada por tanta luxúria, tanto prazer, tanta loucura. — Ah, porra... Vou te comer tanto, que nunca mais vou sair dessa bocetinha.

E me beijou na boca, colando-me nele, devorando-me com seu pau, sua boca, seu corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tinha para onde escapar, mas eu não queria fugir. Nunca mais. Queria sim ser dele para sempre. E o beijei com meu corpo e minha alma, amando-o mais do que alguém poderia amar, sendo mais feliz do que um dia fui.

João deitou-me sobre a mesa, pesando sobre mim, comendo-me vorazmente, seu pau muito grande indo e vindo em meu interior até o útero, segurando-me firme, sua boca em meu pescoço, seus gemidos roucos se confundindo com os meus.

O prazer era demais para suportar. Tinha sido muito tempo longe, muita saudade, muita dor. Não aguentei e explodi em um gozo convulsivo e João me acompanhou na hora, ambos além de qualquer raciocínio lógico, mais unidos e entregues do que duas pessoas podiam ficar.

E enquanto gozava, segurando-me entre seus braços, ele ergueu a cabeça, seus olhos pesados, seus rosto contorcido pelo prazer, fixando meus olhos, dizendo rouco e fundo:

— Eu te amo, Ana... Te amo.

— Te amo... — falei também, com lágrimas nos olhos.

E nos beijamos na boca, emocionados.

PERIGOSAS ACHERON

JOÃO PEDRO

Foi um final de semana em que morremos para o resto do mundo. Ao sairmos do meu consultório naquela sexta-feira, fomos jantar juntos e levei Ana ao meu apartamento. De lá ela não saiu mais.

Passamos o sábado juntos, recuperando todo tempo perdido, suados e arfantes na cama, no chuveiro, na cozinha, no chão da sala. Era uma fome voraz, um desejo que consumia e trazia recompensas, para se abrandar e logo arder de novo.

Eu estava louco por ela, sem entender como pude passar a vida sem aquilo. Ana tomou conta de mim como um furacão, que vem, arrasa velhas estruturas, para que novas e mais firmes sejam construídas em seu lugar. Com ela ri, amei, fui feliz, me realizei. E quis mais, sempre mais.

À noite me convenceu a sair para comemorarmos e a levei em casa para trocar de roupa e se arrumar. Isabel, a mãe dela, me recebeu radiante e fez sala enquanto Ana se afastava sorrindo.

Sáímos e dançamos. Daquela vez pude beijá-la à vontade, dançar agarradinho sem ódios ou ressentimentos nos separando, sem o peso de tantos

sentimentos contidos e doídos. Descobri um lado da vida que nunca pensei que poderia querer, mas que agora não consegui me imaginar vivendo sem.

Quando voltamos ao prédio em que eu morava e saímos do carro, ela me abraçou e beijou, aproveitando o estacionamento vazio de madrugada para acariciar meu pau sobre a calça, enquanto íamos até o elevador particular.

— Você está brincando com fogo... — murmurei em seu ouvido, excitado.

— Talvez eu queira me queimar — devolveu lasciva, com um sorriso provocante.

Entramos no elevador e Ana me surpreendeu mais uma vez ao cair de joelhos aos meus pés, abrindo minha calça. Quando as portas fecharam, ela enfiou meu pau na boca e chupou gostosamente.

— Porra, Ana... Isso, chupa meu pau...

Espalmei a mão em seu cabelo macio, enquanto o elevador subia, olhando sua boca deslizar em mim, duro como pedra.

— Sua safadinha... — O sangue latejava em minha têmpora, meu coração disparava. Ficava cada vez mais descontrolado. — Que boca macia...

Ergueu os olhos castanho-claros pra mim, cheia de desejo e emoções, cheia de amor. Quando o

elevador parou e abriu a porta, afastou os lábios e se ergueu sorrindo, lambendo-os.

— Hum... Que delícia...

E saiu na minha frente. Quando destranquei a porta do apartamento, entrou logo e escapou rindo para o meio da sala, como se soubesse que eu ia pegá-la. Já ia tirando o vestido, deixando-o cair no chão. Se virou para mim usando apenas uma pequena calcinha branca e sapatos de salto alto pretos, seus cabelos espalhados sobre os seios nus e empinados, os lábios entreabertos e úmidos por ter me chupado.

Precisei parar um pouco e respirar fundo, antes que perdesse a cabeça, como estava a ponto de acontecer. Provocante, murmurou rouca:

— Sabe o que reparei, João?

Eu me aproximei dela devagar, abrindo os primeiros botões da camisa que usava sob o paletó.

— O quê? — Meus olhos não saíam do seu corpo. O desejo era tão avassalador que meu pau doía e latejava.

— Ontem e hoje, transamos várias vezes. E nenhuma delas você usou de força comigo, me bateu ou amarrou. Não jogou, como fez das outras vezes.

— Eu sei. — Fiz de propósito. Não queria perdê-la de novo. E estava tendo prazer só de estar com ela.

— Mas nunca pedi isso. Não quero aquela coisa horrível que vi no clube. Mas não me importo se quiser me dominar. Se quiser jogar, estou aqui. — Abriu os braços, oferecendo-se docemente. — Sou sua. E sei minha palavra segura.

— Ana... — Cheguei perto, fitando-a fixamente, nervoso e excitado ao extremo. — Tem um lado meu que pode machucar você e não quero isso. Estou feliz da maneira que estamos. Não preciso mais de nada.

— Você não me machucaria. Confio em você. Se for pesado demais, eu aviso e sei que vai parar.

— Não precisa fazer isso por mim.

— É por mim também. — E beijou suavemente meus lábios. Apesar de sua aparente coragem, tremia. Caminhou devagar até o sofá e se ajoelhou no chão. Baixou os olhos, submissa, a voz baixinha: — Sou sua. Toda sua.

O tesão foi tão violento que perdi o ar. Impetuosamente fui até o sofá, sentei e puxei-a para meu colo, atravessada de braços sobre ele. E então veio aquela sensação gostosa de poder, de domínio,

que fazia parte de mim desde que comecei a observar aqueles jogos nas festas dos meus pais. Puxei sua calcinha para cima, enfiando-a em sua bunda, acariciando-a, dizendo com voz profunda:

— Quer ser minha putinha, Ana? Gosta disso? — E dei uma palmada firme em sua bunda. Ela gemeu, se esticou, ondulou. Bati de novo, deixando as marcas dos meus dedos em sua pele branquinha. — Responda!

— Adoro ser sua putinha — ronronou num fio de VOZ.

— Vai fazer tudo o que eu mandar. — Puxei a calcinha para baixo, até o meio das suas coxas e bati mais forte, um tapa que ardeu, que a fez gritar. Mais um. Desci o dedo entre sua bunda marcada até a bocetinha que brilhava cheia de creme. Sem delicadeza enfiei um dedo até o fundo e ela arranhou o sofá, estremecendo. Com a outra mão, bati de novo. Passei a dar palmadas e meter o dedo firme dentro dela, até Ana ondular e gemer sem parar, seus cabelos espalhados em seu rosto, a ponto de gozar. Só então parei.

— Por favor... — implorou agoniada.

— Levante-se.

Tremendo, ela foi se erguendo aos poucos,

dominada pela lascívia, pelo desejo em ponto de culminar. Olhou-me implorante, seu peito subindo e descendo com a respiração entrecortada.

— Tire a calcinha e vá até aquele puf — ordenei rouco, aindavestido, no sofá, fitando-a duramente.

Ela obedeceu. Ia tirar também o sapato, mas não deixei.

— Fique com eles. Abaixese ali, de frente para mim. Goze enquanto se masturba.

Engoliu em seco, um pouco tímida, vacilante. Ergui uma sobrancelha.

— Onde foi parar sua coragem de há pouco?

Foi até o puf, lambendo os lábios, nervosa e excitada. Quando apoiou o cotovelo na almofada e se abaixou com as pernas abertas, expondo a vulva toda depilada e molhada para mim, fiquei louco, meu pau babando dentro da cueca. Minha vontade foi a de deitá-la ali e fodê-la duramente. Mas a visão era deliciosa demais para desperdiçar.

Ana me olhou, seus cabelos espalhando-se sobre ela e suavemente começou a acariciar seu clitóris, arfando baixinho, a mão indo até um dos seios. Tive que conter a respiração e travar o maxilar para controlar o desejo devorador que percorreu meu corpo. Fiquei imobilizado, olhando-a sem piscar.

E ela se entregou, tocando-se, arfando, dando-me olhares quentes e cheios de luxúria. Tremia toda e enfiou o dedo do meio dentro de si mesma, até começar a gemer e gozar, tão doce e suave, tão feminina e linda, que quase tive um orgasmo também. Ondulou, estremeceu, palpitou, com lábios abertos, olhos pesados, a mulher que eu queria mais do que tudo e amava com uma loucura estarrecedora.

Quando terminou, ficou ali, recuperando-se, parecendo um pouco perdida e chocada. Eu me levantei e comecei a me despir. Olhando para mim, ergueu-se também, mal podendo ficar nos saltos. Tirou os sapatos e esperou, toda arrepiada.

Fiquei completamente nu e fui até ela. Sem uma palavra, peguei-a no colo e a levei para o quarto. Mas para que palavras, quando estava claro em meu olhar o que eu sentia? Que eu a amava e a devoraria em minha cama, até me esvair e gozar dentro dela?

ANA FLOR

Uma pessoa não poderia ser mais feliz que eu. Depois de um mês inteiro com João, eu o amava

tanto que sabia que, se o perdesse, morreria. Morreria de verdade.

Praticamente passei a morar com ele. Possessivo, não queria que ficasse longe dele, só o necessário para trabalhar. Depois me queria em seu apartamento, fazendo amor comigo, me devorando sem nenhuma reserva, sendo todo meu. Saíamos, acabamos nos tornando um casal inseparável e fizemos vários programas com Paola e Vítor.

Minha mãe o adorava. João a agradava, tratava bem, dava presentes. Eu me dava também com seus tios. Tudo parecia perfeito. Mas eu sabia que não era um mar de rosas.

Em uma noite em que estávamos na cama, após nos amarmos com volúpia, João me falou de seus pais, de como foi sua infância, em detalhes. Da morte estúpida do pai por overdose, do suicídio da mãe e me mostrou o bilhete que ela tinha deixado e ainda guardava. Eu chorei, o abracei e beijei, agarrei-o forte, sofrendo com ele.

Outra vez me falou de Angélica, fiquei horrorizada com o que fez, se matando grávida. Depois de saber tudo aquilo, eu o entendo melhor. E o amei ainda mais.

Conversamos também sobre Fernanda. Entendi

melhor como foi a relação deles e também a preocupação de João, que sabia que ela não desistiria tão fácil. Mas disse a ele que nada que fizesse poderia nos separar. Mesmo assim percebi que não estava tranquilo com aquela história, pelo contrário, estava muito alerta, preparado. E eu também fiquei.

Naquela noite, enquanto estávamos deitados no divã em seu terraço, fitando as estrelas, João disse de repente:

— Eu nunca fui tão feliz.

Deitada entre seus braços, com a cabeça em seu ombro, eu me ergui um pouco e o fitei, sorrindo. Acariciei seu rosto.

— Não é mais feliz do que eu.

— Sou.

— Duvido.

João sorriu. Virou-se um pouco para mim, olhos nos meus.

— Mas posso ser mais feliz ainda, Ana.

— Pode? Como? — Pensei que falaria alguma sacanagem e sorri.

— Case comigo.

Arregalei os olhos, paralisada um momento. Então meu coração deu um salto e disparou

PERIGOSAS NACIONAIS

loucamente.

— O quê?

— Case comigo — repetiu.

— Mas... Estamos juntos há pouco tempo...

— Não quero que fique nunca mais longe de mim. Quero você aqui comigo, Ana. Eu te amo e sei que me ama. Por que esperar?

— Eu... Eu... — gaguejei, chocada, sem poder tirar os olhos dos dele. Uma felicidade imensa me enchia, percorria cada canto do meu corpo, mas tinha medo de acreditar que era verdade.

— Diz que casa comigo — falou baixinho.

— Você tem certeza, João?

— Toda certeza do mundo.

— Eu seria a mulher mais feliz do mundo, se fosse a sua esposa. Sim! — Acabei rindo, com lágrimas nos olhos. E me joguei nos braços dele, sem parar de repetir: — Sim! Sim!

João me agarrou e me beijou na boca.

Abracei-o forte, mesmo sabendo que teríamos um mundo inteiro pela frente, problemas para enfrentar, obstáculos a vencer, estávamos juntos e nos amávamos. Esse era o nosso escudo.

Fechei os olhos, lembrei quando o vi pela primeira vez naquela foto, e o apertei forte, agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

real ali comigo.

O meu príncipe encantado. O meu João Valente.

O amor da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON